

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
Faculdade de Educação
Programa de Pós Graduação em Educação

**MODOS DE ALFABETIZAR NO GRUPO ESCOLAR CLARIMUNDO CARNEIRO -
1963 A 1973**

Vanessa Lepick

MESTRADO
2013

Vanessa Lepick

**MODOS DE ALFABETIZAR NO GRUPO ESCOLAR CLARIMUNDO CARNEIRO -
1963 A 1973**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós graduação em Educação, da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para a obtenção do título de mestre no Curso de Mestrado em Educação.

Orientadora: Prof. Dra. Sônia Maria dos Santos

**Uberlândia
2013**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

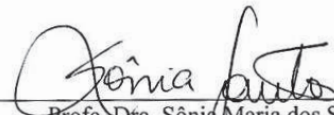
L596m Lepick, Vanessa, 1972-
2013 Modos de alfabetizar no grupo escolar Clarimundo Carneiro - 1963 a
 1973 / Vanessa Lepick. -- 2013.
 267 f. : il.

Orientadora: Sônia Maria dos Santos.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,
Programa de Pós-Graduação em Educação.
Inclui bibliografia.

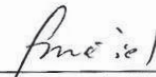
1. Educação - Teses. 2. Alfabetização - Uberlândia - Teses. 3.
Alfabetização - História oral - Teses. 4. Alfabetização - Método global -
Teses. I. Santos, Sônia Maria dos. II. Universidade Federal de Uberlândia.
Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

CDU: 37

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Sônia Maria dos Santos
Universidade Federal de Uberlândia – UFU



Profa. Dra. Francisca Izabel Pereira Maciel
Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG



Profa. Dra. Raquel Discini de Campos
Universidade Federal de Uberlândia – UFU

AGRADECIMENTOS:

À Deus por me abençoar durante todos os momentos, me capacitando e dando condições físicas, emocionais e intelectuais para a realização desta dissertação.

Ao meu marido André Luiz de Araújo Sales, por todo o incentivo, apoio e amor.

Aos meus filhos, pela compreensão e paciência quando não podia dar-lhes a atenção devida.

À toda minha família também pelo apoio e compreensão.

À minha orientadora Sônia Maria dos Santos por me acompanhar durante todo o processo de construção da pesquisa, me orientando, animando e até chamando a atenção quando necessário.

Aos professores do Programa de Pós-graduação que também fizeram parte da construção desta pesquisa, com todo o aporte teórico oferecido nas aulas.

Aos profissionais do Programa de Pós-graduação pelo apoio prestado.

Às professoras Francisca Maciel, Betânia de Oliveira Laterza Ribeiro pelas orientações prestadas na qualificação que me auxiliaram encontrar o melhor caminho para a pesquisa.

À professora Raquel Discini de Campos pela participação na banca de defesa e por suas orientações.

À minha amiga Michelle Castro Lima que contribuiu com conselhos, materiais e apoio durante esta jornada.

À Nice Léa Veloso do Rosário que desde o primeiro contato quando apresentei minha intenção de pesquisar o Grupo Escolar Clarimundo Carneiro se dispôs a me ajudar e encontrar as informações e materiais necessários para a pesquisa.

À diretora da escola que sempre esteve disposta a colaborar com a pesquisa.

Às alfabetizadoras e a diretora (Silva, Fernandes, Lobato, Ferreira e Santos) que contribuíram com suas memórias, com fontes documentais e iconográficas que me fizeram compreender melhor como eram as práticas de alfabetização do Grupo.

E a todas as pessoas que de alguma forma contribuíram com esta pesquisa.

RESUMO

Este estudo está inserido no campo da pesquisa qualitativa em educação e visa realizar uma investigação sobre os modos de alfabetizar no Grupo Escolar Clarimundo Carneiro, em Uberlândia, no período de 1963 a 1973. As questões que se colocam são: Quais eram as representações destas alfabetizadoras sobre alfabetização? Como era o processo de leitura e escrita no Grupo? Como eram realizadas as avaliações dos alunos? Quais foram os materiais didáticos utilizados nesse processo? A base teórica escolhida é a da história cultural. E a metodologia é oriunda da História oral temática e documental. Pois, a partir da História oral foi possível retomar as experiências de alfabetizadoras em sala de aula e seus modos de ensinar a língua portuguesa. Além disso, permite valorizar as vivências destas alfabetizadoras e revelar detalhes que documentos oficiais não informariam. Para tanto, entrevistamos quatro alfabetizadoras que trabalharam por pelo menos cinco anos nesta mesma função durante o período estudado. Também entrevistamos a primeira diretora que comandou o Grupo Escolar. As fontes documentais participam de maneira complementar ao estudo a partir da análise de materiais utilizados na escola pelas alfabetizadoras. Neste estudo verificamos que o Grupo Escolar Clarimundo Carneiro durante sua existência conservava os ideais dos primeiros Grupos Escolares instalados em Minas Gerais. As alfabetizadoras seguiam as orientações da diretora quanto à utilização das prescrições do Programa de Língua Pátria. O método de ensino usado na alfabetização era o mesmo determinado pelo Programa de Língua Pátria, ou seja, o Método Global de Contos. E a cartilha adotada era *As Mais Belas Histórias*, de Lúcia Casasanta. Porém para as alfabetizadoras que lecionavam para os repetentes ou que estudavam no turno da noite era permitida a utilização de outra metodologia e materiais didáticos. A forma de avaliar os alunos no Grupo era por meio de provas e as correções deviam ser coerentes e rigorosas. Verificamos ainda que as diretoras influenciavam diretamente nas práticas exercidas nas salas de alfabetização.

Palavras chaves: história oral; alfabetizadoras; diretora; método global

ABSTRACT

This study is inserted in the field of qualitative research in education and aims to conduct a research about the modes of literacy in the Grupo Escolar Clarimundo Carneiro, in Uberlândia, during 1963 to 1973. The questions that arise are: What were the representations of these literacy teachers about literacy? How was the process for reading and writing at school? How were implemented student evaluations? What were the instructional materials used in this process? The theoretical basis chosen is cultural history. And the methodology comes from thematic oral history and documental. Thus, from the oral history was possible to resume the experiences of literacy teachers in the classroom and their ways of teaching the Portuguese language. Furthermore, it allows valorizing the experiences of these literacy teachers and revealing details that would not be informed in official documents. For this, we interviewed four literacy teachers who have worked for at least five years in the same job position during the period studied. We also interviewed the first principal who led the school group. The documental sources participate in a complementary way to the study from analysis of materials used in school by literacy teachers. In this study we verified that the Clarimundo Carneiro School Group during their existence preserved the ideals of the earliest school groups installed in Minas Gerais. The literacy teachers followed the guidelines of the principal as to the use of prescriptions for the 'Programa de Língua Pátria' (National Language Program). The teaching method used in literacy was the same determined by National Language Group, in other words, the Global method. And the booklet adopted was 'As Mais Belas Histórias' of Lúcia Casasanta. However for literacy teachers who taught for repeaters or those studying in evening shift, they were allowed the use of another methodology and teaching material. The way to evaluate the students in Group was through tests and the corrections should be consistent and stringent. We also verified that the principals were influencing directly in the practices exercised in literacy classes.

Key words: oral history; literacy teachers; principal; global method

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Foto da fachada do Grupo	49
Imagem 2 - Foto do Desfile de 07 de setembro.	52
Imagem 3 - Imagem página 28 do Livro de Atas das Reuniões Pedagógicas dos anos de 1971 a 1974.	55
Imagem 4 - Imagem da página 29 do Livro de Atas das Reuniões Pedagógicas dos anos de 1971 a 1974	56
Imagem 5 - Páginas 12 do Programa de Língua Pátria (1961).....	58
Imagem 6 - Páginas 13 do Programa de Língua Pátria (1961).....	58
Imagem 7 - Foto confecção de tapetes de serragem em comemoração à Corpus Christi	60
Imagem 8 - Foto da I Jornada Pedagógica realizada no Grupo.....	61
Imagem 9 - Alunos desfilando pelo centro da cidade de Uberlândia	62
Imagem 10 - Foto retrata uma aula de demonstração na I Jornada Pedagógica.....	65
Imagem 11 - Aula de demonstração na I Jornada	65
Imagem 12 - Cartilha de Bitu capa.....	90
Imagem 13 - Cartilha de Bitu página 5	90
Imagem 14. Cartilha de Bitu página 7	90
Imagem 15 - Capa da Cartilha Caminho Suave	92
Imagem 16 - Imagem visualização interna (páginas 22 e 23) da Cartilha Caminho Suave	92
Imagem 17 - Capa do pré-livro As Mais Belas Histórias de autoria de Lúcia Casasanta. Exemplar correspondente à 78ª edição. 1966.	104
Imagem 18. - Capa do pré-livro As Mais Belas Histórias de autoria de Lúcia Casasanta. Exemplar correspondente à 5ª edição.	104
Imagem 19 (página 28) - Digitalização da parte interna do pré-livro As Mais Belas Histórias, Parte do Mestre.....	106

Imagem 20 (página 29) - Digitalização da parte interna do pré-livro As Mais Belas Histórias, Parte do Mestre.....	106
Imagem 21 (página 1) Digitalização de uma prova utilizada no período para avaliação final dos alunos de primeira série. 1962	118
Imagem 22 (página 2) Digitalização de uma prova utilizada no período para avaliação final dos alunos de primeira série. 1962	119
Imagem 23 (página 3) Digitalização de uma prova utilizada no período para avaliação final dos alunos de primeira série. 1962	120
Imagem 24 (página 4) - Digitalização de uma prova utilizada no período para avaliação final dos alunos de primeira série. 1962	121

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	5
RESUMO	6
LISTA DE IMAGENS	8
INTRODUÇÃO.....	11
 CAPÍTULO I - PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA	 13
 CAPÍTULO II - GRUPO ESCOLAR: LUGAR DE ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS...	 36
1. Os Grupos Escolares no Brasil e o Grupo Escolar Clarimundo Carneiro	40
2. Os Programas de Ensino Primário Elementar de Minas Gerais.....	57
 CAPÍTULO III - OS SUJEITOS DA PESQUISA E SUAS TRAJETÓRIAS	 67
1. SANTOS	68
2. SILVA.....	71
3. FERNANDES	74
4. LOBATO	78
5. FERREIRA	81
 CAPÍTULO IV - MODOS DE PENSAR E FAZER: PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA NO GRUPO ESCOLAR CLARIMUNDO CARNEIRO	 86
1. Concepções de Leitura e Escrita em Minas Gerais.....	86
2. Programa de Língua Pátria.....	93
2.1. Leitura.....	93
2.2. Linguagem oral.....	108
2.3. Composição	111
2.4. Ortografia.....	113
3. Avaliação das Práticas de Leitura e Escrita	115
4. Plano de Aula	123
5. Concepções de leitura e escrita da diretora do Grupo Escolar Clarimundo Carneiro e sua influência nas práticas das alfabetizadoras.....	124
 CONSIDERAÇÕES FINAIS	 132
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	135
ANEXOS.....	147

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa pertence ao campo da pesquisa qualitativa em educação, tendo como propósito realizar uma investigação sobre os modos de alfabetizar das professoras que atuaram no Grupo Escolar Clarimundo Carneiro, situado no município de Uberlândia, interior de Minas Gerais, no período de 1963 até 1973. Para tanto, procuramos investigar algumas questões como: Quais eram as representações destas alfabetizadoras sobre alfabetização? Como era o processo de leitura e escrita no Grupo? Como eram realizadas as avaliações dos alunos? Quais foram os materiais didáticos utilizados nesse processo?

Definimos como recorte temporal para investigação do objeto de estudo o período que vai de 1963, o ano da fundação do Grupo Escolar Clarimundo Carneiro até 1973, quando o grupo deixa de existir por meio do decreto nº 15.249 de 09 de fevereiro de 1973. Pois a partir desta mudança ocorreram fatos significativos que interferiram no funcionamento da instituição.

Neste estudo tivemos como objetivo a investigação das práticas de alfabetização vivenciadas no Grupo Escolar Clarimundo Carneiro no período de 1963 a 1973.

Definimos como aporte teórico para a construção do estudo a Nova História Cultural e como metodologia a História oral temática e a documental. Pois, a partir da História oral pudemos retomar as experiências de alfabetizadoras em sala de aula e seus modos de ensinar a língua portuguesa. Para tanto, entrevistamos quatro alfabetizadoras que trabalharam por pelo menos cinco anos nessa função durante o período estudado. Também entrevistamos a primeira diretora do Grupo Escolar.

Por meio da pesquisa documental pudemos analisar alguns documentos do Grupo Escolar Clarimundo Carneiro encontrados na escola, como, fotografias, documentos escolares (Livros de Atas de Reuniões Pedagógicas, Livros de Atas de Registro das Avaliações finais, Relatório contendo a descrição das dependências do Grupo e outros), materiais didáticos (cartilhas, avaliações), bem como legislações educacionais do período.

Assim, procuramos compreender como ocorria o processo de alfabetização no Grupo Escolar Clarimundo Carneiro. Portanto, no capítulo I, Percurso Metodológico da Pesquisa, buscamos mostrar o caminho percorrido para a construção do objeto de pesquisa, os

referenciais teóricos que ajudaram a compor o estudo e a metodologia aplicada para a concretização do trabalho.

No capítulo II, Grupo Escolar: Lugar de Alfabetização de Crianças, apresentamos o Grupo Escolar Clarimundo Carneiro, como lugar de alfabetização de crianças. Abordando as legislações educacionais que determinavam a organização do ensino primário no período estudado, ou seja, de 1963 a 1973. Posteriormente apresentamos um pouco da história que marcou a instituição dos grupos escolares no Brasil, em Minas Gerais e em Uberlândia. Para assim, compreendermos a história do Grupo Escolar Clarimundo Carneiro.

No capítulo III, Os Sujeitos da Pesquisa e suas Trajetórias, procuramos apresentar quem foram os sujeitos da pesquisa. Para este fim, buscamos traçar um pouco do processo de alfabetização e de formação vivenciado pelas professoras e pela diretora. Para assim, entender melhor as trajetórias profissionais.

O capítulo IV, Modos de Pensar e Fazer Práticas de Leitura e Escrita no Grupo Escolar Clarimundo Carneiro, foi dedicado à compreensão da forma de conceber o ensino de Leitura e Escrita e de realizá-los em sala de aula, no Grupo Escolar Clarimundo Carneiro. Para tanto, buscamos exibir quais eram práticas de Leitura e Escrita vivenciadas em Minas Gerais. Em seguida, fizemos uma análise das principais prescrições do Programa de Língua Pátria para verificar se as mesmas estavam de acordo com os modos de ensinar a leitura e escrita desenvolvidas pelas alfabetizadoras do Grupo. Por fim, buscamos compreender como a leitura e escrita eram concebidas pela diretora do Grupo Escolar Clarimundo Carneiro, por meio da sua narrativa. E também, como essas concepções influenciavam as práticas das alfabetizadoras em sala de aula.

Ao final deste estudo apresentaremos as considerações finais, em que relatamos as descobertas da pesquisa e as inquietações geradas que ainda podem ser investigadas em outras pesquisas. Os roteiros de entrevista e as entrevistas realizadas e outros documentos citados durante este estudo encontram-se em anexo ao final deste trabalho.

CAPITULO I - PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

Este estudo pertence ao campo da pesquisa qualitativa em educação, o qual visou realizar uma investigação sobre os modos de fazer das alfabetizadoras que atuaram no Grupo Escolar Clarimundo Carneiro, situado no município de Uberlândia, interior de Minas Gerais, no período de 1963 até 1973. As questões que se colocaram foram: Quais eram as representações destas alfabetizadoras sobre alfabetização? Como foi o processo de leitura e escrita vivenciado? Como eram realizadas as avaliações dos alunos? Quais foram os materiais didáticos utilizados neste processo?

Analisar os modos como as alfabetizadoras concebiam, organizavam e realizavam os processos de alfabetização se faz indispensável para que possamos compreender a história da alfabetização. Como afirma Moraes, “olhar os mestres, seus conhecimentos e suas práticas é o melhor caminho para compreender a escola e o movimento educacional do passado, do presente e estabelecer ações para o futuro” (2008, p.115).

O interesse em pesquisar essa temática surgiu inicialmente pela afinidade com a disciplina História da Educação do curso de Pedagogia tendo se tornado mais delineado ao realizar uma primeira pesquisa na disciplina de Princípios e Métodos da Alfabetização, cuja temática escolhida foi sobre as cartilhas utilizadas em Uberlândia em diferentes períodos da História da Educação.

Esta pesquisa foi realizada em três escolas da rede estadual de educação, situadas na região central de Uberlândia, a fim de descobrir quais foram as cartilhas de alfabetização adotadas pelas escolas na década de 1980. E, a primeira surpresa surgiu ao ouvirmos e constataremos uma narrativa comum às três escolas de que as famosas cartilhas não haviam sido aposentadas completamente, sendo em alguns casos utilizadas como material de apoio tanto nas aulas de alfabetização como nas de reforço escolar.

Apesar desta pesquisa ter iniciado com o diagnóstico de três escolas, para finalizarmos, escolhemos apenas uma, sendo escolhida a que nos pareceu inicialmente ter mais informações para esta pesquisa. A diretora da escola escolhida foi bem receptiva se dispondo a mostrar as cartilhas que a escola ainda possuía e também contar sobre sua experiência com as cartilhas que haviam sido adotadas pela escola na década de 1980, em pleno advento do construtivismo. Dentre as várias cartilhas que a escola havia adotado nesse período, uma nos chamou a atenção, “Pipoca” - Método Lúdico de Alfabetização, justamente

por anunciar em seu título a escolha de um método ou uma metodologia de trabalho, apresentando ser diferente das demais cartilhas.

Segundo Almeida (1990), autor da cartilha Pipoca, o método utilizado na construção desta é o “Método Lúdico de Alfabetização”, que “alfabetiza o aluno pela inteligência através de atividades envolventes e motivadoras”(1990, capa). Entretanto, em nossas pesquisas não foi encontrada nenhuma referência teórica a respeito deste método, conclui-se, portanto, que o título foi muito mais uma estratégia de marketing do que propriamente um novo método de alfabetização.

Ao analisar a cartilha, acreditei inicialmente que se tratava de um método misto ou eclético, por possuir na introdução de cada lição uma letra que corresponde a cada consoante, uma palavra com sua ilustração ao lado seguida de um pequeno texto. Contudo ao aprofundar o estudo dos métodos constatei que se tratava do método sintético.

O método Sintético “partia das partes para o todo”, isto é, da síntese para a análise e implicava em memorização e repetição do exercício. O objetivo deste método era que a leitura fosse ensinada, baseado na associação de letras aos seus nomes. Após reunir as letras em sílabas e conhecendo suas famílias silábicas, ensinava a ler palavras formadas com as mesmas sílabas e letras e, por fim, ensinavam-se frases isoladas ou agrupadas sem sentido (LIMA, 2011, p.46).

Segundo Araújo (1996) explicita que no próprio método misto há uma variedade de processos:

(...) método misto, baseado principalmente na silabação, visto que se encontrava, frequentemente, neles, ainda no primeiro dia de aula, a análise da palavra, seguida de exercícios de silabação. (...) Há grande variedade de métodos mistos, que se diferenciam pela duração da etapa global. Entretanto, essa metodologia não chega a constituir um novo método, pois é um verdadeiro método silábico, apenas partindo de uma etapa global (ARAÚJO, 1996, p.19-21).

Desta forma, podemos afirmar que o método escolhido pelo autor da cartilha Pipoca é o método sintético, mais especificamente silábico, visto que obedece a uma estrutura fixa que parte de partes menores para partes mais complexas da língua escrita. Neste contexto, a cartilha inicia apresentando primeiro as vogais e os encontros vocálicos que “teoricamente formam palavras”¹, para depois partir para as consoantes e por último as chamadas sílabas

¹ Sabe-se hoje, graças aos estudos de *Emília Ferreira* e *Ana Teberosky*, autoras de vários livros, dentre eles a “*Psicogênese da Língua Escrita*” que a criança não entende como palavras, aquelas que possuem menos de 3 letras.

complexas. Assim, apesar de o autor ter como proposta uma cartilha com um método lúdico de alfabetização, o que se verifica na edição analisada² é que ela está formulada dentro de uma perspectiva tradicional, de base conceitual empirista na qual as atividades propostas são mecânicas e repetitivas e, desta forma, permitem que os alunos as realizem sem a necessidade de saber ler e escrever ou de pensar sobre a escrita.

(...), as atividades das cartilhas tradicionais se relacionam a uma perspectiva empirista/associacionista de aprendizagem, que concebe a escrita como um código, que deveria ser aprendido através da memorização das letras/fonemas/sílabas, não possibilitando que os alunos reflitam sobre as características do SEA (Sistema de Escrita Alfabética). Ao mesmo tempo, pelo artificialismo dos “textos” que contêm, as cartilhas impedem que os aprendizes convivam com a linguagem própria dos gêneros escritos que circulam em nosso mundo (ALBUQUERQUE & MORAIS, 2007, p 154).

Durante a pesquisa sobre a cartilha *Pipoca*, outra situação que nos deixou com mais interesse por esta cartilha foi um contato por e-mail (2008) com o autor da cartilha, o professor Paulo Nunes de Almeida, que prontamente contribuiu com várias informações sobre a obra. Além disso, o autor sugeriu algumas questões que segundo ele seria importante investigar em um trabalho mais aprofundado sobre esta cartilha; são elas: Como era o processo de alfabetização na época de circulação da cartilha? Quais novidades trazia a Cartilha Pipoca? O que era o Método Lúdico de Alfabetização que deu origem a essa Cartilha? Por que a Cartilha fez tanto sucesso nas escolas mineiras? Qual era a base epistemológica que caracterizava a Cartilha como suporte teórico ao aprendizado da leitura e de escrita? Que estudos científicos justificam essa base teórica? Que correntes psicológicas (cognitivas e linguísticas) revolucionaram a alfabetização atual e contribuíram para a substituição da Cartilha Pipoca pela Coleção LEP³. Se esse material fosse reeditado, hoje, como seria sua aceitação e utilização?

Assim, diante deste primeiro estudo iniciado na licenciatura do curso de pedagogia, ficaram alguns questionamentos que julgamos importante esclarecer, mas que necessitam de uma pesquisa mais aprofundada, como buscar compreender em que o autor se baseava para dizer que a cartilha Pipoca - Método Lúdico de Alfabetização possuía uma metodologia diferente das demais cartilhas que circulavam na década de 1980, analisando o livro também de sua autoria Método Lúdico de Alfabetização que, segundo ele, deu origem à cartilha Pipoca. Outro questionamento que julgamos importante investigar foi qual importância

² A edição a qual tivemos acesso foi a 24ª tendo como ano de publicação 1990.

³ Coleção "Leitura, Expressão, Participação" apontada pelo próprio autor como sucessora da cartilha

atribuída às cartilhas no processo de alfabetização e, ainda, como as alfabetizadoras concebiam e se apropriavam deste material nas suas práticas em sala de aula. E a partir dessas indagações é que propusemos o projeto de pesquisa para ingresso no mestrado em educação da Universidade Federal de Uberlândia.

Entretanto, após o início da pesquisa já como aluna do mestrado, percebemos que, apesar da cartilha Pipoca - Método Lúdico de Alfabetização parecer se constituir como um objeto interessante de pesquisa, ao buscarmos as escolas e as alfabetizadoras que haviam utilizado a cartilha como aporte de alfabetização, não encontramos nenhuma escola que houvesse adotado a cartilha por um tempo significativo. Algumas escolas disseram ter utilizado a cartilha, mas por um período curto, de um ou dois anos. Diante disso, acreditamos que não se justificava manter a cartilha Pipoca como o objeto de estudo da nossa pesquisa, havendo a necessidade de fazer um ajuste no objeto.

Nesse sentido, a pesquisa foi reorientada a fim de construirmos um novo objeto de pesquisa. Como o problema anterior levantado no projeto de mestrado era compreender qual era a importância atribuídas às cartilhas no processo de alfabetização e como as alfabetizadoras concebiam e se apropriavam desse material nas suas práticas em sala de aula, procuramos partir dessas premissas para encontrar o novo foco desta pesquisa. Procuramos também encontrar um locus da pesquisa que era comum às alfabetizadoras. Dessa forma, decidimos estudar um grupo escolar que ainda não havia sido investigado nos estudos já realizados pela linha de pesquisa em História de Educação. Começamos então a verificar quais locais já haviam sido locus de pesquisas anteriores, para definirmos onde realizaríamos a nossa investigação e foi por este caminho que optamos por realizar nosso estudo no Grupo Escolar Clarimundo Carneiro, atualmente escola estadual, pois não encontramos estudos anteriores referentes a este grupo em pesquisas da área da História da Educação.

Nossa opção por este Grupo se deu também por encontramos na escola um bom acesso às informações. Pude contar com o auxílio de profissionais da escola que conhecia, possibilitando a pesquisa de documentos nos arquivos da escola, acesso a álbuns de foto, às atas de registro de avaliações de alunos, indicação de alfabetizadoras que trabalharam na escola, dentre outros. Encontramos, portanto, nesta escola, um campo fértil e aberto a esta pesquisa. Sendo assim, a partir dos primeiros contatos com as Atas dos Resultados Finais, foi possível constatar que no período em que o grupo escolar foi fundado em 1963 e chegou a

oferecer até 15 salas de alfabetização. Neste contexto, descobri que esse grupo foi importante para a cidade de Uberlândia, uma vez que pode oferecer o ensino primário para as crianças com idade de frequentar esta etapa da educação em num período de crescimento econômico, populacional e de demandas sociais, se faziam, então, necessárias mais escolas que pudessem suprir a carência, que existia na cidade, de vagas para alunos em idade escolar. O Grupo Escolar Clarimundo Carneiro oferecia uma boa estrutura física, comportando várias salas de aula e no início de suas atividades contava com trinta e sete professores de primeira a quarta séries atendendo a um total de 2096 alunos.

O recorte temporal escolhido para investigação do objeto de estudo foi definido tendo como marco inicial 1963 - o ano de sua instalação quando passa a ser chamado Grupo Escolar Clarimundo Carneiro - e o término do período foi determinado em 1973. Apesar da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, Lei 5692/71, extinguir os grupos escolares, o Grupo Escolar Clarimundo Carneiro só deixou de fato de existir no início do ano de 1973 por meio do decreto nº 15.249 de 09 de fevereiro de 1973. E é a partir desta data que de fato mudanças passam a interferir no funcionamento da instituição, sendo então denominada Escola Estadual de 1º Grau Clarimundo Carneiro. As mudanças vão bem além de uma simples troca de nome, pois seguindo as determinações da Lei 5692/71 a escola passa a oferecer vagas para alunos de 1ª a 8ª séries e, por isso, passam a conviver por um período, na mesma escola, duas diretoras, uma responsável pelo ensino de 1ª a 4ª série e a outra diretora a frente da 5ª a 8ª séries. Esse fato, segundo relatos, causava rivalidades e também passou a interferir na qualidade do ensino que até então era ministrado para os alunos de 1ª a 4ª série. Isto porque algumas professoras que faziam parte da equipe de alfabetizadoras, como possuíam diploma que permitia a atuação no fundamental II (5ª a 8ª séries), resolveram, por questões salariais, passaram a trabalhar neste segmento, desfazendo a equipe. Além disso, ainda segundo relato de Fernandes (2012), uma das alfabetizadoras entrevistadas, havia também disputas por materiais, uma vez que cada grupo achava que pertencia a seus alunos. Tudo isso corroborou para que a qualidade do ensino piorasse. Esta situação só veio a melhorar quando foi determinada apenas uma diretora para o comando da escola, havendo, assim, uma maior unidade entre os grupos.

Desta forma, definimos como objetivo geral deste estudo, investigar práticas de alfabetização vivenciadas no Grupo Escolar Clarimundo Carneiro no período de 1963 a 1973. Os específicos foram: analisar os modos de ensinar às primeiras letras as crianças no Grupo

Escolar Clarimundo Carneiro; analisar quem eram as alfabetizadoras desse período e como construíram seus saberes e práticas.

Entendemos que o estudo dos modos de pensar e fazer a alfabetização no grupo escolar tem sua particularidade sendo permeados de diversidade cultural e, portanto, acreditamos que o campo metodológico da historiografia que nos fornecerá os aportes necessários para a realização deste projeto é a Nova História Cultural. Esta escolha se deve por entender que este domínio da história tem contribuído muito com as pesquisas em história da educação, devido aos seus procedimentos e sua estrutura interdisciplinar (GATTI JR. & PESSANHA, 2005).

Definir “cultura” é algo difícil, isso devido à pluralidade e complexidade que o termo envolve. Percebemos que não existe uma unanimidade entre os autores sobre o seu significado, tendo este variado também no tempo e no espaço e de acordo com a compreensão de cada sociedade. Segundo Burke:

o termo cultura costumava-se referir às artes e às ciências. Depois, foi empregado para descrever seus equivalentes populares – música folclórica, medicina popular e assim por diante. Na última geração, a palavra passou a se referir a uma ampla gama de artefatos (imagens, ferramentas, casas e assim por diante) e práticas (conversar, ler, jogar) (2004, p.43).

Desta forma, considerando esta dificuldade de se estabelecer um conceito comum sobre “cultura”, Falcon afirma que essa problemática acaba por se estender também a definição de quais objetos culturais poderiam se constituir como a matéria-prima da história cultural e, assim, uma das maneiras utilizadas pelos historiadores do cultural para contornar as discussões sobre esta questão “foi, ou tem sido, a de pensar a história cultural como uma certa forma de abordagem do *real histórico* e, ao mesmo tempo, encarar a dimensão ou perspectiva cultural como alguma coisa que está presente na economia, na política e na sociedade como um todo” (2006, p.334).

Portanto, devido a essa multiplicidade dos objetos culturais, que podem ser estudados no âmbito da NHC, e, ainda, das diversas instâncias que fazem parte da cultura, a educação encontra seu espaço tanto como objeto a ser estudado como uma das instâncias que a permeia. Segundo Thomas (2000) “os valores educacionais de um período histórico são muito instrutivos, já que não só revelam o tipo de pessoas que são aí criadas, como também os próprios valores daquela cultura” (THOMAS, in PALHARES-BURKE, 2000, p.130).

A dificuldade em definir o termo “cultura” também ocorre ao pensar no termo “cultura escolar”, novamente devido à pluralidade de aspectos que a circundam. Conforme Julia (2001), a “cultura escolar não pode ser estudada sem a análise precisa das relações conflituosas ou pacíficas que ela mantém, a cada período de sua história, com o conjunto das culturas que lhe são contemporâneas: cultura religiosa, cultura política ou cultura popular.” Para ele “a cultura escolar como um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos” (2001, p. 10).

Para Viñao-Frago:

a cultura escolar poderia ser definida como um conjunto de aspectos institucionalizado que caracterizam a escola como uma organização que inclui as práticas e comportamentos, estilos de vida, hábitos e ritos — a história cotidiana do fazer escolar — os objetos materiais — função, uso, distribuição no espaço, materialidade física, simbolismo, introdução, tratamento, desaparecimento... —, e os modos de pensar, assim como os significados e ideias compartilhadas. [...] a cultura escolar é toda a vida escolar: todos os fatos e ideias, mentes e corpos, objetos e comportamentos, modos de pensar, dizer e fazer (1995, p.68).

Apesar de esses autores conceituarem de formas diferentes a cultura escolar, seus conceitos não se opõem e, como observam Gatti Jr. & Pessanha (2005), ambos acreditam que um dos componentes da cultura escolar, o conhecimento, tem um papel determinante das necessidades e forças sociais, incluindo as escolares.

O percurso metodológico foi concebido com o auxílio de estudos anteriores que cruzaram dados documentais com as fontes orais. Diante disso, a metodologia a ser adotada na realização deste projeto será oriunda de duas fontes históricas, a saber: a História oral e a documental. Com o auxílio da História oral foi possível retomar as experiências de alfabetizadoras em sala de aula e seus modos de ensinar a língua portuguesa.

Por meio da história oral foi possível valorizar as vivências de alfabetizadoras e assim revelar detalhes que documentos oficiais não informariam. Para Thompson (1992) nós pecamos ao valorizar somente o que está escrito; pois a história só possui verdadeiro sentido ao desvelar sua finalidade social e é através da História Oral que se faz possível evidenciar os fatos coletivos.

Enquanto os historiadores estudam os atores da história à distância, a caracterização que fazem de suas vidas, opiniões e ações sempre estará sujeita a ser descrições defeituosas, projeções da experiência e da imaginação do próprio historiador: uma forma erudita de ficção. A evidência, transformando os “objetos” de estudo em “sujeitos”, contribui

para uma história que não só é mais rica mais viva e mais comovente, mas também verdadeira (THOMPSON, 2002, p. 137).

Além disso, é importante salientar a dificuldade de encontrar materiais escolares antigos, como cartilhas, cadernos de aluno, planos de aula, tanto nas escolas como em arquivos públicos. No caso das cartilhas, muitas vezes, além de não encontrarmos exemplares disponíveis, algumas vezes nem a editora possui estes exemplares, outras vezes as editoras nem existem mais, desta forma, através da metodologia da História Oral se encontra uma das formas privilegiadas para recuperar a história destes processos de alfabetização. Assim, como nos esclarece Nunes & Carvalho:

a concepção corrente nas mais diversas instituições, em suas mais diferentes instâncias, é a valorização enfática dos documentos enquanto objetos de caráter comprobatório. (...) O valor informativo, que se refere ao uso do documento do ponto de vista científico e cultural, raramente é considerado. Essa desatenção é evidente em muitas das escolas e universidades, nos órgãos responsáveis pela regularização da vida escolar, como os Conselhos Federal e Estadual de Educação e, por que não dizer, nas nossas próprias casas, onde nossos filhos preferem colecionar revistas de videogame e figurinhas (produtos da indústria cultural), ao invés de tudo o que, de uma forma ou outra, diga respeito à sua vida escolar ou não. Parece ser, por exemplo, comum o hábito (justificado pela falta de espaço) de, ao início de cada ano letivo, as crianças (e seus pais) descartarem suas agendas, livros, redações, provas, numa demonstração de que não aprenderam, seja na escola ou em sua própria casa, a cultivar valores significativos da sua própria história de vida (2005, p.33).

A Associação Brasileira de História Oral, fundada em 1994, em seu estatuto define que “por História Oral se entende o trabalho de pesquisa que utiliza fontes orais em diferentes modalidades, independentemente da área de conhecimento na qual essa metodologia é utilizada” (Revista de História Oral, 1998, p.14).

A partir dessa breve definição procuraremos apreender as características essenciais da história oral. A história oral é entendida aqui como uma metodologia de pesquisa⁴ multidisciplinar que busca de maneira intencional e predeterminada registrar por meios eletrônicos as narrativas de pessoas que vivenciaram ou testemunharam acontecimentos históricos. Conforme nos revela Santos a:

História Oral inscreve-se em uma reflexão de natureza historiográfica na história contemporânea. É um recurso usado em estudos referentes à vida de

⁴ De acordo com FERREIRA & AMADO “é possível reduzir a três as principais posturas a respeito do status da história oral. A primeira que advoga ser a história oral uma técnica; a segunda, uma disciplina; e a terceira uma metodologia”. Para mais informações vide FERREIRA, M. & AMADO, J. In: FERREIRA & AMADO, 1998: p. xii-xiii

pessoas, grupos ou comunidades. (...) É uma história que propicia diferentes diálogos, bem como possibilita compreender a constituição de classes sociais e a tradição de gerações, contada a partir de uma multiplicidade de pontos de vistas e vivências (2007, p.192).

Desta forma, a coleta dessas fontes orais⁵ realizadas por meio de entrevistas dá voz aos atores sociais que nas tendências historiográficas tradicionais, muitas vezes, eram deixados de lado, revelando assim, suas experiências de vida e visões de mundo. De acordo com Thompson:

A história oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo. Estimula professores e alunos a se tornarem companheiros de trabalho. Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade. Ajuda os menos privilegiados, e especialmente os idosos, a conquistar dignidade e autoconfiança. Propicia o contato – e, pois, a compreensão – entre classes sociais e entre gerações. E para cada um dos historiadores e outros que partilhem das mesmas intenções, ela pode dar um sentimento de pertencer a determinado lugar e a determinada época. Em suma, contribui para formar seres humanos mais completos. Paralelamente, a história oral propõe um desafio aos mitos consagrados da história, ao juízo autoritário inerente a sua tradição. E oferece os meios para uma transformação radical no sentido social da história (1992, p.44).

Por isso, segundo Alberti, devemos entender que:

a história oral não é um fim em si mesma, e sim um meio de conhecimento. Seu emprego só se justifica no contexto de uma investigação científica, o que pressupõe sua articulação com um projeto de pesquisa previamente definido. Assim, antes mesmo de pensar em história oral, é preciso haver questões, perguntas, que justifiquem o desenvolvimento de uma investigação (2005, p.29).

Meihy (2002) entende que a história oral compreende uma série de procedimentos que tem como ponto de partida a elaboração de um projeto e tem continuidade com a seleção do grupo de pessoas que serão entrevistadas e essa escolha deve ser definida de acordo com os objetivos da pesquisa. É preciso ainda destacar que “para serem garantidas enquanto método, as entrevistas precisam ser destacadas como nervo da pesquisa e sobre ela os resultados são efetivados. Os eventuais diálogos documentais complementares devem manter os olhos nos temas emanados das entrevistas” (MEIHY & HOLANDA, 2010, p.72).

⁵ Fonte oral é mais que **história oral**. Fonte oral é o registro que guarda vestígios de manifestações da oralidade humana. Meihy, 2010, p.13).

Ainda segundo Meihy (2002), considerando que a história oral só pode ser realizada diante de uma composição mínima de três elementos combinados, que não fazem sentido se não juntos, ou seja, necessita do entrevistador; do entrevistado e da aparelhagem de som que servirá para registro dos relatos, percebe-se também mais uma de suas características que é fato de possuir tanto uma dimensão individual como coletiva, como afirma Oliveira:

A história oral recupera aspectos individuais de cada sujeito, mas ao mesmo tempo ativa uma memória coletiva, pois, à medida que cada indivíduo conta a sua história, esta se mostra envolta em um contexto sócio-histórico que deve ser considerado. Portanto, apesar de a escolha do método se justificar pelo enfoque no sujeito, a análise dos relatos leva em consideração (...) as questões sociais neles presentes (OLIVEIRA, 2005, p. 94).

Além disso, como afirma Portelli uma entrevista é

uma troca entre dois sujeitos: literalmente uma visão mútua. Uma parte não pode realmente ver a outra a menos que a outra possa vê-lo ou vê-la em troca. Os dois sujeitos, interagindo, não podem agir juntos a menos que alguma espécie de mutualidade seja estabelecida (PORTELLI, 1998, p. 9).

Como resultado das narrativas obtidas por meio das entrevistas realizadas durante a pesquisa e a partir da sua transcrição tem os documentos de história oral. Diante disso, para Meihy & Holanda:

As operações em história oral exigem reflexões sobre o estabelecimento de textos e de seus usos. Assim, parte-se do princípio de que os discursos orais são passíveis de transformação em textos escritos que se tornam testemunhais. A pluralidade desses discursos depende de tipos de captações e, assim, há variações de entrevistas que se organizam em gêneros. Sem a lógica da captação, as entrevistas de história oral se perdem em indefinições. Mais sem critérios definidores dos gêneros de história oral não é possível definir caminhos de elaboração, guarda/arquivamento, trato de estabelecimento de textos e análises eventuais. Assim, é importante detalhar cada etapa dos procedimentos, em particular os momentos de aquisição das entrevistas e suas possíveis projeções analíticas (MEIHY & HOLANDA, 2010, p.12).

Diante do que nos expõe Meihy acima, verifica-se a importância da definição do gênero de história oral com a qual se vai trabalhar a fim de definir os caminhos para elaboração das entrevistas de acordo com o tema do objeto de estudo, e, portanto, discorreremos a seguir sobre a definição das características dos gêneros de história oral.

Segundo Meihy & Holanda (2010) “se considerada como espécie, as entrevistas em história oral sugerem gêneros que se distinguem fundamentalmente”, sendo estes, a história oral de vida, que constituem longas narrativas sobre o processo vivencial de uma pessoa” a história oral temática que “visa abordar objetivamente um assunto” e a tradição oral que “trata

de processos do passado transmitidos oralmente e que se apoiam na imitação dos mitos”. “Sem a consideração especificada do modo de condução das entrevistas, qualquer projeto de história oral fica comprometido”. E ainda considera que “um dos pontos basilares da distinção entre história oral e entrevistas convencionais reside exatamente na especificação dos critérios de captação das narrativas segundo os termos estabelecidos nos projetos” (2010, p.33).

Sendo assim, percebe-se a necessidade de conhecer melhor estes três gêneros de entrevistas e suas características específicas, para orientar a forma de condução dos projetos de pesquisa em história oral.

A história oral de vida, de acordo com Meihy, é o gênero da história oral que consiste na “narrativa do conjunto de experiências de uma pessoa” havendo o interesse por sua trajetória de vida desde a infância até o momento atual. Como o sujeito primordial dessa modalidade de história oral é o próprio entrevistado, ele deve possuir uma maior liberdade para discorrer sobre sua experiência pessoal, tendo “espaço para que sua história seja encadeada segundo suas vontades e condições”. Sendo assim, o entrevistador deve interferir o mínimo possível na fala do depoente, atuando como estimulador, mas nunca adotando uma posição de confrontador (2002, p.130-131).

Meihy ainda esclarece que o alvo principal das histórias orais de vida deve ser a experiência do narrador, pois o interesse não reside na busca pela verdade, mas na versão sobre a moral existencial. Portanto, a história oral de vida do depoente deve ser o retrato oficial do que por ele é relatado, decidindo soberanamente revelar ou ocultar casos, situações e pessoas (2002, p.131-132). Segundo Fonseca:

pela história de vida, um mundo de vivências, de contradições e de projetos que não vingaram pode chegar até nós, não como realmente existiu, mas como foi experienciado e como, hoje, é visto retrospectivamente. Aqui, não interessa a noção de comprovação ou de objetividade dos fatos e, sim, de significação e representação (2002, p.40).

A história oral de vida tem em seu cerne um caráter mais subjetivo, visto que não tem uma dependência de comprovação dos fatos, portanto, “supõe-se que haja também um roteiro menos factual e mais vinculado a outras alternativas – que salientam, por exemplo, as narrativas pessoais feitas por meio de impressões, sentimentos, sonhos. O que significa que não precisa necessariamente seguir um caminho de obediência estrita à continuidade material dos fatos” (MEIHY, 2002, p.131-132).

Por se tratar da história de vida, do conjunto de experiências vividas por uma pessoa, esse tipo de gênero de entrevistas requer muitas horas de gravação que, provavelmente,

deverão ser realizadas em vários encontros. Requer paciência por parte do entrevistador e respeito pelos valores e visão de mundo que estão sendo expressados.

Há uma variação da história oral de vida também conhecida com narrativa biográfica. De acordo com Meihy o que a diferencia é justamente a mudança de enfoque do sentido moral ou contemplativo pelo alinhamento dos fatos, troca-se o subjetivismo por um objetivismo. Assim, nesta modalidade existe uma preocupação maior com o desenvolvimento de um roteiro cronológico baseado nos fatos e acontecimentos importantes vivenciados pela pessoa. Datas, lugares, indicações de pessoas são motivos de atenção na reconstituição biográfica. Desta forma, a postura do entrevistador passa a ser mais presente e ativa, mas ainda deixando claro que o papel principal é do narrador (2002, p.133-135). De acordo com Aberti:

Nas entrevistas de história de vida, o estudo da biografia do entrevistado deve ser mais aprofundado, uma vez que é a trajetória de vida do sujeito que constitui o objeto daquela entrevista. Conhecer-la, portanto, no momento da elaboração do roteiro, é essencial para cobrir exhaustivamente todos os acontecimentos e as experiências do depoente. Para isso, será necessário (...) estudar seu currículo, procurar dados a seu respeito em arquivos públicos e privados, em periódicos e nos livros que eventualmente mencionem sua atuação no campo em que se especializou. Além disso, se o entrevistado escreveu artigos ou outros trabalhos, convém analisá-los, inteirando-se do conteúdo e de suas opiniões que poderão ser cotejadas com o ponto de vista emitido durante a entrevista (ALBERTI, 2002. p.90).

É possível ainda, segundo Meihy, trabalhar, além das narrativas biográficas, com outras variações de história oral de vida como fragmentos narrativos das histórias de vida de outrem; histórias de vida de família e histórias de vida de espécies sociais que englobam profissão, gênero, classe e etnia (1996, p.135).

De acordo com Alberti, as entrevistas temáticas são aquelas que versam prioritariamente sobre a participação do entrevistado no tema escolhido. A escolha de entrevistas temáticas é adequada para o caso de temas que têm estatuto relativamente definido na trajetória de vida dos depoentes, como, um período determinado cronologicamente, uma função desempenhada ou o envolvimento e a experiência em acontecimentos ou conjunturas específicas. Neste caso o tema pode ser de alguma forma “extraído” da trajetória de vida mais ampla e tornar-se o centro e objeto das entrevistas. (2002, p.32).

De acordo com Vansina:

uma sociedade oral reconhece a fala não apenas como um meio de comunicação diária, mas, também, como um meio de preservação da sabedoria dos ancestrais, venerada no que poderíamos chamar elocuições-

chaves, isto é, a tradição oral. A tradição pode ser definida, de fato, como um testemunho transmitido verbalmente de uma geração para outra (VANSINA, 1982, p. 157).

De acordo com Meihy & Holanda (2010) a tradição oral é “a mais difícil, intrincada e bonita forma de expressão da história oral”. Essa forma de pesquisa não se restringe a realização de entrevista, “trabalha com o pressuposto do reconhecimento do outro em suas possibilidades mais dilatadas”. Para isso um dos segredos da tradição oral consiste em “viver junto ao grupo, estabelecer condições de apreensão dos fenômenos de maneira a favorecer a melhor tradução possível do universo mítico do segmento” (2010, p.40-41).

Segundo Fonseca:

para as pesquisas em tradição oral, o grupo tem mais importância que o indivíduo em si, pois faz parte desta tradição tudo aquilo que o coletivo considera importante para o funcionamento e a existência naquela sociedade. Os mitos e as explicações do mundo, as festas, os ritos, os costumes, e os hábitos domésticos integram este conjunto de tradições que é transmitido pela memória oral. Isso exige do pesquisador uma participação, uma observação da vida do grupo que extrapola os limites das habituais entrevistas (1997, p.39).

Desta forma, são ainda considerados aspectos importantes aos estudos das tradições orais “as explicações sobre a origem dos povos; crenças referentes às razões vitais do grupo e ao sentido da existência humana, enquanto experiência que imita a vida, e o comportamento, bem como o destino de deuses, semideuses, heróis e personagens malditos, fantásticos e “históricos”. Além disso, outros temas que também são de interesse da tradição oral são: o “calendário, as festividades, os rituais de passagem, as cerimônias cíclicas, as motivações abstratas de tragédias eventuais e doenças endêmicas ou epidêmicas” (MEIHY, 2010, p.40-41).

Esta modalidade de história oral pode ser um instrumento importante de reconstrução histórica em sociedades ágrafas, visto que não possuem uma história escrita e são ricas em depósitos de tradições orais. Devido ao seu caráter auxiliar, a reconstrução histórica desses grupos é também reconhecida como história oral instrumental. Entretanto, esse gênero de trabalho não se restringe somente as sociedades ágrafas, visto que a exposição de um grupo à dominação de outros permite que as tradições dos dominados se adaptem de maneira a criar mecanismos de sobrevivência (MEIHY, 2002, p.149).

Segundo Freitas (2002), há que se considerar, também, que essas sociedades divergem entre si e dos valores e costumes ocidentais, na concepção de tempo, espaço e causalidade. O

tempo, por exemplo, pode ser contado, tendo-se como referência unidades baseadas em atividades humanas, por dinastias, reinos, gerações ou famílias.

Para realizar uma pesquisa com tradição oral, o pesquisador precisa se preparar anteriormente buscando as informações necessárias para a elaboração do projeto, visto que esta modalidade da história oral exige um conhecimento profundo tanto da situação específica investigada como do conjunto mitológico a partir do qual a comunidade organiza sua visão de mundo. É preciso ainda considerar que este é um trabalho lento e seus resultados são ainda menos imediatos que os demais (MEIHY, 2002, p.149).

Em relação a realização das entrevistas, conforme nos explica Meihy (2002), precisam abarcar pessoas que sejam depositárias das tradições. “Todo agrupamento humano – familiar ou não – tem alguém, quase sempre entre os mais velhos, que guarda a síntese da história do grupo. Tal pessoa é sempre indicada para ser entrevistada. A partir dela, outras pessoas, de gerações posteriores ou segmentos diferentes tanto em termos culturais como sociais, devem também ser envolvidas” (MEIHY, 2002, p.151).

Segundo Meihy (2002), as entrevistas em história oral temática têm um caráter mais objetivo e, diferentemente, do que ocorre na história oral de vida, os aspectos da vida do depoente só interessam na medida em que contribuam com temática central. Nesta forma de abordagem o entrevistador tem um papel mais ativo e pode apresentar outras opiniões contrárias e discuti-las com o depoente, a fim de elucidar uma versão contestada do fato. Além disso, ao realizar a seleção dos entrevistados deve-se buscar pessoas que presenciaram um acontecimento ou pelo menos tenham uma visão discutível ou contestatória (p.145-146).

Segundo Freitas (2002), como a característica dos depoimentos não abrange toda a vida dos depoentes, é possível realizar uma quantidade mais numerosa de entrevistas, resultando em um volume maior de informações permitindo comparações, verificação de divergências e evidências de uma memória coletiva (2002, p.22).

Para Meihy & Holanda (2010) “A existência de um foco central que justifica o ato da entrevista em um projeto, recorta e conduz a possíveis maiores objetividades. Por lógico reconhece-se que objetividade absoluta não existe, mas há recursos capazes de limitar devaneios e variações.” Um desses recursos é o uso do questionário que é uma peça fundamental para aquisição de detalhes procurados, sendo assim, deve ser formulado com cuidado. Além disso, o entrevistador “deve ser preparado antes com instruções sobre o

assunto abordado. Quanto mais informações se têm, previamente, mais interessantes e profundas podem ser suas questões” (2010, p.38).

Ainda de acordo com Meihy & Holanda (2010), “em geral, a história oral temática é usada como metodologia ou técnica e, dado o foco temático precisado no projeto, torna-se um meio de busca de esclarecimentos de situações conflitantes, polêmicas, contraditórias” (2010, p.38-39).

Por fim, cabe salientar que esses gêneros da história oral podem também ser combinados visando atender melhor a finalidade do projeto proposto, assim há trabalhos que unem história temática e história de vida, bem como os de tradição oral e história de vida. Conforme Meihy (2002), “há projetos temáticos que combinam algo de história de vida, visando o enquadramento de dados objetivos do depoente com informações colhidas. Tem sido muito apreciada porque a informação, mesclando situações vivenciais, ganha mais vivacidade e sugere características do narrador” (2002, p.148).

Existe, hoje, uma grande quantidade de trabalhos produzidos a partir da metodologia da história oral, e nesse momento procuraremos apontar algumas dissertações e teses defendidas no estado de Minas Gerais que se utilizaram desta metodologia para a construção de seus trabalhos e que pesquisam a temática da História da Alfabetização.

Assim, podemos destacar dissertações de mestrado que utilizaram e fizeram uso em suas pesquisas da história oral apresentadas ao Programa de Pós-graduação em Educação, Mestrado, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia. O primeiro trabalho que citamos é o de Osmar Ribeiro de Araújo, de 2005, cujo título é **Modos de leitura de alfabetizadoras: história, memória e representação**, que busca elucidar questões referentes aos modos de ler de alfabetizadoras da rede municipal de ensino de Uberlândia. Para isso realizou entrevistas com cinco alfabetizadoras, que atuam nas séries iniciais do Ensino Fundamental de escolas urbanas e rurais, a fim de desvelar e compreender suas histórias de leitoras, bem como o trabalho que realizam com a leitura em sala de aula.

Em 2006, Edite da Glória Amorim Guimarães, defendeu a dissertação intitulada **Histórias de alfabetizadores: vida, memória e profissão**. Tendo como objetivo desvelar e compreender suas histórias de alfabetizadores, isto é, como cada um se alfabetizou, realizou sua formação inicial e continuada, bem como a metodologia utilizada na prática de alfabetizar. A pesquisa foi construída por meio da *história oral de vida* de quatro alfabetizadores de escolas públicas, estaduais e municipais, urbanas e rurais.

A terceira dissertação é de autoria de Andréia Demétrio Jorge Moraes. **História e Ofício de Alfabetizadoras: Ituiutaba 1931 – 1961**, apresentada em 2008, que busca elucidar questões referentes aos saberes e práticas de alfabetizadora do município de Ituiutaba/ MG, durante o período de 1931 – 1961, usando a metodologia da *história oral temática* através de entrevistas realizadas com três alfabetizadoras, que atuaram nas séries iniciais em escolas públicas, urbanas e rurais.

Ainda no ano de 2008, destaca-se a dissertação **Educação de Jovens e Adultos: as ações do MOBRAL no Município de Patos de Minas/MG (1970-1980)**, de autoria de Leni Rodrigues Coelho. Sua pesquisa teve como objetivo “analisar as ideias, a implantação e as práticas pedagógicas do Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), em Patos de Minas/MG, entre 1970 e 1980”. Utilizou como fontes para o estudo os documentos oficiais, a *história oral temática* (o gênero utilizado não mencionado pela autora), colhendo depoimentos de ex-supervisora de área, ex-professoras e ex-alunos.

Localizamos também a dissertação de Tatiane Batista Macedo, defendida em 2009, cujo título é **História de Formação de Alfabetizadoras: A disciplina Didática da Linguagem no Magistério – 1971 a 1985**. O objetivo do seu estudo foi “analisar a formação de alfabetizadoras no curso de Magistério por meio da disciplina Didática da Linguagem no período entre 1971 e 1985, pesquisando também os conteúdos e metodologias de ensino estudados na disciplina e as metodologias utilizadas pelas professoras formadoras em suas aulas”. Para tanto buscou analisar a legislação referente ao curso de Magistério e às disciplinas do curso, diários de classe e por meio da história oral temática analisar os depoimentos das professoras que ministraram aulas da disciplina Didática da Linguagem.

Mais recentemente, em 2011, temos uma dissertação e uma tese defendidas na área de História da Alfabetização. A dissertação de Michelle Castro Lima, intitulada, **História de alfabetizadoras Uberlandenses: modos de fazer no Grupo Escolar Bom Jesus – 1955 a 1971**, na qual se investigou quais foram as práticas das alfabetizadoras no período de 1955 a 1971, qual era o método de ensino adotado e quais eram as representações das alfabetizadoras e dos alunos sobre o processo de ensino-aprendizagem da leitura e escrita. Para realização de seu estudo utilizou as fontes orais, iconográficas e impressas. Sendo que em relação às fontes orais colheu os depoimentos de cinco alfabetizadoras que trabalharam no Grupo e no período estudado.

Ainda no ano de 2011, destacamos a tese **História da alfabetização de Ituiutaba: vivências no Grupo Escolar Governador Clóvis Salgado - 1957-1971**, de autoria de Tania Rezende Silvestre Cunha, na qual se realizou um estudo que buscava analisar a partir da implementação de políticas educativas relativas à organização do Ensino Primário, as propostas do ensino da língua materna determinadas no Programa de Ensino de Minas Gerais e a apropriação dessas propostas pelas alfabetizadoras e diretora entrevistadas no período de 1957 a 1971. Para tanto procurou-se analisar livretos, cartilhas, leis e atas e, por meio da metodologia da história oral temática realizou-se entrevistas com duas alfabetizadoras, uma diretora e duas alunas do Grupo a fim de buscar entender quais foram as práticas vivenciadas por elas no período estudado.

Buscamos realizar um pequeno levantamento de dissertações e teses produzidas em Minas Gerais, tendo como foco a História da Alfabetização e usando a metodologia da História Oral. Entretanto, apenas em nossa linha de pesquisa, História e Historiografia, no programa de Pós Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia, encontramos estudos com essas características pré-definidas. Além disso, praticamente a totalidade dos estudos localizados, foram orientados pela professora Sônia Maria dos Santos. Somente a dissertação **Educação de Jovens e Adultos: as ações do MOBRAL no Município de Patos de Minas/MG (1970-1980)** foi orientada por outro professor, José Carlos Souza Araújo.

Priorizamos neste levantamento as pesquisas da História da Alfabetização que também utilizaram como metodologia a História Oral, como já dissemos anteriormente. Contudo, na dissertação de mestrado de Vanessa Ferreira Silva Arantes, defendida em 2012, no Programa de Mestrado em Educação da Universidade de Uberaba (UNIUBE), cujo título é **História da Alfabetização no Triângulo Mineiro: As Especificidades de Canápolis-MG - 1966-1971**, pode-se verificar um levantamento mais completo de bibliografias na área da História da Alfabetização.

Após abordar este estudo sobre a História Oral, percebemos que o gênero que mais se adequa ao nosso estudo é o da História Oral temática, visto que a história oral temática busca compreender e analisar um determinado fato ou tema e para isso, estrutura as entrevistas que serão realizadas com pessoas que de alguma forma estiveram envolvidas com o assunto em questão.

Sendo assim num primeiro momento realizamos a busca pelas alfabetizadoras que trabalharam no período definido (1963-1973) no Grupo Escolar Clarimundo Carneiro. As entrevistas foram realizadas no modelo semi-estruturada, por ser mais flexível, bem como permitir mais espontaneidade as entrevistadas, de forma que elas pudessem participar da construção de novas hipóteses para esta pesquisa.

Ao se trabalhar com a coleta dos depoimentos e as narrativas, por meio da realização das entrevistas orais, é preciso estar sempre atento ao fato de estar documentando uma versão de acontecimentos ocorridos no passado. Assim como nos revela Santos:

A subjetividade é imperiosa: de quem fala, de quem pergunta e registra e de quem interpreta, mas indissociável da cultura, uma vez que os indivíduos interpretam o passado a partir do presente, ancorando-se na experiência cultural coletiva de um determinado tempo e de um determinado lugar (2001, p.10).

Após a realização das entrevistas, fizemos a transcrição do depoimento e o submetemos às entrevistadas permitindo que elas tivessem acesso à sua narrativa e autorizassem a sua utilização no trabalho, para então realizar a análise contextualizada e histórica da entrevista.

Assim como afirmado anteriormente, a metodologia também abarca a pesquisa documental buscando cartilhas, jornais, fotografias, documentos escolares, materiais didáticos, bem como legislações educacionais do período estudado e quaisquer outras fontes que possam auxiliar neste estudo. De acordo com Bloch:

Seria uma grande ilusão imaginar que a cada problema histórico corresponde um tipo único de documentos, específico para tal emprego. Quanto mais a pesquisa, ao contrário, se esforça por atingir os fatos profundos, menos lhe é permitido esperar a luz a não ser dos raios convergentes de testemunhos muito diversos em sua natureza. Que historiador das religiões se contentaria em compilar tratados de teologia ou coletâneas de hinos? Ele sabe muito bem que as imagens pintadas ou esculpidas nas paredes dos santuários, a disposição e o mobiliário dos túmulos têm tanto a lhe dizer sobre as crenças e as sensibilidades mortas quanto muitos escritos (2001, p.80).

Entretanto, ao praticar a pesquisa documental, assim também como a metodologia da História Oral, temos de ter em mente que as fontes precisam sempre receber um tratamento especial, ou seja, não podem ser utilizadas ingenuamente, visto que sempre carregam consigo significados que vão além da sua simples materialidade. Desta maneira, Le Goff (2003) nos esclarece que “o documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado” muito mais do que isso, o documento “é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de

forças que aí detinham o poder. Só a análise do documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-lo, e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, com pleno conhecimento de causa” (p.535-536). Além disso,

A intervenção do historiador que escolhe o documento, extraindo-o do conjunto de dados do passado, preferindo-o a outros, atribuindo-lhe um valor de testemunho que, pelo menos em parte, depende da sua própria situação na sociedade da sua época e da sua organização mental, insere-se numa situação inicial que é ainda menos “neutra” do que a sua intervenção. O documento não é inócuo. É, antes de mais nada, o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio. O documento é uma coisa que fica, que dura, e o testemunho, o ensinamento (para evocar a etimologia) que ele traz devem ser em primeiro lugar analisados desmistificando-lhe o seu significado aparente. O documento é monumento. (...) No limite, não existe um documento-verdade. Todo o documento é mentira. Cabe ao historiador não fazer o papel de ingênuo. (...) É preciso começar por desmontar, demolir esta montagem, desestruturar esta construção e analisar as condições de produção dos documentos-monumentos (2003, p.538).

Como argumenta Silva, é preciso se considerar que os documentos encontrados nos arquivos escolares fazem parte da própria cultura escolar, sendo assim, é preciso o cuidado de analisá-los considerando esse contexto:

A escola constrói uma cultura própria, relacionada também ao contexto sócio-cultural mais amplo, ou seja, é constituída de elementos da escrita, da religiosidade, das rupturas e seguimentos existentes nas relações sociais. As práticas escolares assimilam a cultura escrita, e em processo de reapropriação traduzem as práticas gestuais para os escritos, formando um ciclo de ações e reações; transformações e permanências. O cotidiano da escola é registrado principalmente pela escrita, escrita que corresponde a duas vertentes: uma que é fruto das relações pedagógicas (alfabetiza, ensina, abre portas para o mundo letrado, registra conteúdos, provas, etc.); e a outra como resultado de práticas administrativas (que também controla, registra, prova, mas em âmbito diferente) (2004, p.20) .

Portanto, qualquer que seja o documento que se deseja utilizar como fonte, precisa primeiro, ser submetido a análise para então ser incorporado na pesquisa. Desta forma, buscamos nos jornais do período estudado algo importante que poderia revelar qualquer notícia sobre o Grupo Escolar Clarimundo Carneiro, essa busca realizou-se no arquivo público municipal de Uberlândia. Como explicita Campos:

March Bloch, Michel de Certeau, Jacques Le Goff e outros mestres da nossa oficina contemporânea demonstraram que é preciso estar atentos às intenções de quem produziu os jornais, à sua função num dado grupo social, aos pontos de vista explícitos e implícitos nos argumentos dos que escrevem,

fotografam, desenham, pintam, diagramam e finalmente leem não apenas esses artefatos culturais, mas qualquer tipo de fonte (CAMPOS, 2012, p.59).

Para a construção do roteiro de entrevistas seguimos o sugerido por Thompson:

A melhor maneira de dar início ao trabalho pode ser mediante ao uso de entrevistas exploratórias, mapeando o campo e colhendo ideias e informações. Com a ajuda destas, pode-se definir o problema e localizar algumas das fontes para resolvê-lo. Do mesmo modo que a “entrevista piloto” de um grande levantamento, uma entrevista de coleta de informações genéricas no início de um projeto local pode ser uma etapa muito útil (2002, p. 254).

Portanto, o primeiro passo para organização do roteiro de entrevistas e para a seleção das alfabetizadoras que participariam do projeto foi a realização de uma “entrevista piloto” realizada com Rosário, secretária da escola. Ela nos recebeu muito bem e se dispôs a oferecer qualquer esclarecimento de que pudéssemos precisar. As informações passadas por ela foram de grande valia, pois ela foi também uma das professoras do Grupo Escolar Clarimundo Carneiro, tendo iniciado sua carreira neste estabelecimento no ano de 1969. Hoje, já está aposentada nesta função e, é também, filha de Oliveira, uma das primeiras professoras alfabetizadoras que atuaram na escola desde a sua fundação, também já aposentada. A senhora Oliveira não pôde ser uma das alfabetizadoras selecionadas para as entrevistas devido a problemas de saúde que acarretaram-lhe dificuldades acentuada de memória. Entretanto, mesmo não tendo sido possível realizar uma entrevista mais sistematizada com essa senhora, ainda assim pudemos visitá-la com a presença da filha e, mesmo com essas dificuldades de memória, numa conversa informal ela nos revelou várias informações sobre sua prática como alfabetizadora que nos ajudaram a compor o roteiro para as entrevistas futuras.

O contato com Rosário foi muito produtivo, pois além de nos auxiliar com nossos questionamentos iniciais sobre a escola, sobre o período em que foi grupo escolar, de nos ajudar na localização de alfabetizadoras que trabalharam no período determinado para a pesquisa, ainda nos permitiu, também, com o consentimento da diretora, que pudéssemos reproduzir documentos da escola referentes às atas de avaliação de todo o período estudado. Nestas atas é possível verificar a quantidade de salas de alfabetização que a escola possuía em cada ano escolar, além de mostrar o nome de cada professora alfabetizadora, o nome dos alunos, as notas e as frequências dos mesmos. Assim como também nos cedeu para reprodução fotos da escola desde a sua inauguração.

Em todas as ocasiões em que havia alguma dúvida, Rosário esteve pronta para nos ajudar seja com informações, ou com documentos do Grupo, como foi o caso dos Livros de

Atas de Reuniões Pedagógicas de todo o período de funcionamento do Grupo Escolar, que encontramos nos arquivos da escola. Rosário demonstrou ter uma ligação afetiva com a escola, isso devido à sua trajetória de vida, pois ainda era adolescente e morava próximo ao Grupo quando inaugurou e sua mãe foi trabalhar no mesmo. E depois de formada no Curso Normal, também foi trabalhar no Grupo até se aposentar. Depois ainda prestou um novo concurso e foi trabalhar na parte administrativa, sendo hoje a secretária responsável pela escola. Assim, viu muitas transformações ocorrerem nesta instituição escolar, inclusive o descarte de materiais e documentos que faziam parte da história da escola.

Esse descarte de materiais que constituem a história da instituição escolar e que deveriam ser preservados, não apenas guardados, foi discutido por Peixoto (2001) em seu texto *Memória em Minas Gerais: entre o descarte a Preservação*. Assim, de acordo com a autora:

As escolas preservam, às vezes, o próprio prédio e alguns móveis antigos (em geral de gabinetes e não de sala de aula) e muito pouco ou quase nada em termos de documentos escritos. Materiais pedagógicos tais como livros adotados, diários de classe, planos de aula, cartazes de leitura, atas de reunião etc. variavam entre inexistentes na escola - por serem vistos como material superado, “traste velho” – ou encontravam-se em péssimo estado de conservação. Esse material tem ficado em porões mal-condicionados, sujeitos a todo o tipo de intempéries, apresentando alto e rápido nível de deterioração. As instituições escolares não têm, de uma maneira geral, preocupação com esse material com história. A falta de local adequado nos estabelecimentos, a ausência de funcionários especializados para a organização de papéis, propiciam a conceituação de “papel velho”, seguido de descarte prematuro. (...) Na ânsia de modernização, as escolas, por sua vez, tendem a abrir mão, sem nenhum critério, de documentos preciosos sobre seu passado (PEIXOTO, p. 195 in: SBHE, 2001).

Assim, a própria Rosário lamenta pelos preciosos documentos e artefatos da escola que foram descartados, por ordens superiores. Porém, apesar das condições precárias de armazenamento, como descrito por Peixoto, ela tem se esforçado para preservar o que ainda havia guardado sobre a história da escola. E, graças a esse cuidado, ainda pudemos ter acesso a materiais valiosos para a pesquisa, como as Atas das Reuniões Pedagógicas e as fotografias do Grupo.

Contudo, apesar da riqueza que estas fotos puderam representar para o trabalho, infelizmente, não possuíam nenhum dado registrado, como de data, nomes, fotógrafo e outros. Desta forma, procuramos levar essas fotografias nas entrevistas realizadas acreditando que as entrevistadas pudessem lembrar-se de algum detalhe. As informações que pudemos levantar

sobre esses registros fotográficos estão sendo organizadas para entregarmos à escola, buscando assim, contribuir com a preservação de sua memória.

As atas de avaliação, documentos da escola e fotografias foram encontrados e copiados do acervo da escola. Portanto, ao utilizar as diversas fontes encontradas na construção deste estudo, temos a consciência de que não podemos utilizá-las de maneira ingênua, sem antes submetê-las a uma análise crítica, assim, como uma nos demonstra Prost “um fato nada mais é que o resultado de um raciocínio a partir de vestígios, segundo as regras críticas”, e sendo assim:

observamos que a crítica dos depoimentos orais e a das fotografias ou filmes não diferem da crítica histórica clássica. Trata-se do mesmo, método, aplicado a outra documentação que, às vezes, utiliza saberes específicos – por exemplo, um conhecimento preciso das condições de filmagem, em determinada época. Mas é, fundamentalmente, um modo de operar semelhante ao do medievalista diante de seus documentos, O método crítico é (..) o único apropriado à história (PROST, 2008, p. 64).

A seleção dos sujeitos para pesquisa foi definida pelos seguintes critérios: ter sido professora alfabetizadora no Grupo Escolar Clarimundo Carneiro, no período de 1963 a 1973 e ter atuado por pelo menos 5 anos na mesma função.

De acordo com Tardif:

O tempo não é, definitivamente, somente um meio – no sentido de um “meio marinho” ou “aéreo” – no qual estão imersos o trabalho, o trabalhador e seus saberes; também não é unicamente um dado objetivo caracterizado, por exemplo, pela duração administrativa das horas ou dos anos de trabalho. É também um dado subjetivo, no sentido de que contribui poderosamente para modelar a identidade do trabalhador. É apenas ao cabo de um certo tempo – tempo da vida profissional, tempo da carreira – que o eu pessoal, em contato com o universo do trabalho, vai pouco a pouco se transformando e torna-se um eu profissional. A própria noção de experiência, que está no cerne do eu profissional dos professores e de sua representação do saber ensinar, remete ao tempo, concebido como um processo de aquisição de um certo domínio do trabalho e de um certo conhecimento de si mesmo (2000, p.239).

Esta questão do tempo de atuação como professora alfabetizadora foi definido como essencial na busca dos sujeitos por entender que para que pudéssemos conhecer as práticas de alfabetização seria necessário que as professoras realmente tivessem atuado por mais tempo nesta etapa escolar e não apenas temporariamente.

Procuramos neste capítulo mostrar o caminho percorrido para a construção do objeto de pesquisa, os referenciais teóricos que ajudaram a compor o estudo e a metodologia aplicada para a concretização do trabalho.

Buscaremos no próximo capítulo apresentar o Grupo Escolar Clarimundo Carneiro, como lugar de alfabetização de crianças. Para tanto, abordaremos quais foram as legislações educacionais que determinavam a organização do ensino primário no período estudado, ou seja, de 1963 a 1973. Faremos também um retrospecto sobre a história que marcou a instituição dos grupos escolares no Brasil, em Minas Gerais e em Uberlândia. Para enfim tratar da história do Grupo Escolar Clarimundo Carneiro.

CAPÍTULO II - GRUPO ESCOLAR: LUGAR DE ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS

Neste capítulo apresentaremos o Grupo Escolar Clarimundo Carneiro e nele buscamos compreender como este era estruturado e quais eram os ideais difundidos nesse Grupo. Para tanto, antes de falarmos propriamente do Grupo Escolar estudado, faremos um pequeno retrospecto sobre a história que marcou a instituição dos grupos escolares no Brasil, em Minas Gerais e em Uberlândia. Após conhecermos a história do Grupo Escolar Clarimundo Carneiro, falaremos sobre as legislações educacionais que organizaram e determinaram os conteúdos que deviam fazer parte do ensino primário no período estudado, ou seja, de 1963 a 1973, para ao final apresentar como eram os Programas de Ensino Primário Elementar do Estado de Minas Gerais e como eles influenciavam as práticas das professoras.

Para compreendermos as concepções de alfabetização reveladas pela diretora do Grupo Escolar Clarimundo Carneiro, bem como as práticas das alfabetizadoras que fazem parte deste estudo, foi necessário buscar entender o que ocorria no Brasil e mais propriamente em Minas Gerais e, conseqüentemente, em Uberlândia. Desta forma, se faz necessário compreender as legislações educacionais do período. Portanto, foi necessário mapear questões relevantes que contribuíram para entendermos a educação primária do período estudado.

Apesar do período definido neste estudo iniciar em 1963, julgamos necessário retroceder à 1946, visto que neste ano ocorrem duas propostas importantes para o ensino primário, a publicação do Decreto-Lei n. 8.529, de 2 de janeiro de 1946, Lei Orgânica do Ensino Primário, que traça as diretrizes para o ensino primário em todo o país. E a promulgação da Constituição Federal de 1946.

Segundo Romanelli (1998) sobre o Decreto-Lei n. 8.529, trata-se da primeira iniciativa concreta do Governo Federal para organizar o Ensino Primário no país.

O ensino primário, até então, praticamente não recebera qualquer atenção do Governo Central estando os sistemas de ensino ainda ligados à administração dos Estados e, portanto, sujeito a condição destes para legislar e inovar. Não havia diretrizes lançadas pelo Governo Central para esse nível de ensino e isso era uma tradição que estava ligada à nossa herança colonial (ROMANELLI, 1992, p. 160).

Esta lei, conforme Ignácio (2010, p.144) fazia parte de um “conjunto de Decretos-Lei elaborados por uma comissão de “notáveis” presidida por Gustavo Capanema”⁶ Além disso, de acordo com Romanelli, esse decreto é promulgado logo após queda de Getúlio Vargas, podendo verificar em seu texto um certo grau de abertura do novo regime⁷. Conforme Veiga (2007), esta legislação estabeleceu as diretrizes gerais para esse nível de ensino e:

determinou a gratuidade e obrigatoriedade de frequência para o ensino primário e inovou ao estabelecer a necessidade de planejamento educacional. Também regulamentou a aplicação dos recursos do Fundo Nacional de Ensino Primário, criado em 1942 e oriundo do recolhimento de impostos estaduais e municipais (VEIGA, 2007, p.282).

Assim, a educação primária ficou dividida em fundamental e supletiva. A primeira se destinava às crianças de 7 a 12 anos, tendo a duração de 4 anos para o curso elementar e mais um ano para o curso complementar que seria também preparatório para o exame de admissão ao ginásio. Em relação ao curso primário supletivo, este teria a duração de dois anos. Conforme Zotti(2006),

por imposição do mercado de trabalho, atendia a necessidade de fornecer educação aos adolescentes e adultos que não haviam recebido esse nível de ensino em idade adequada. Esse mercado passou a exigir um trabalhador minimamente alfabetizado e detentor de alguns conhecimentos práticos [...] Em suma, o desenvolvimento industrial desencadeou discussões e ações do Estado em torno da educação, pois uma formação mínima para a classe trabalhadora passa a fazer-se necessária conforme os interesses burgueses (ZOTTI, 2006, p. 13).

A afirmação de Zotti (2006) mostra que o mercado de trabalho cresceu juntamente com o desenvolvimento econômico do país, o qual necessitava cada vez mais de mão-de-obra qualificada havendo a necessidade de promover mais acesso à educação. Aliás, como afirma Saviani (2007), a propagação da necessidade de universalização de uma escola pública e gratuita já era defendida há décadas, como se pode observar no texto do “Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova⁸”.

⁶ Ver lembrete sobre as “Leis” Orgânicas do Ensino em http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/glossario/verb_c_leis_organicas_do_ensino.htm

⁷ Estado Novo foi a forma chamada pelo regime implantado com o golpe de novembro de 1937 (1937-1975), na segunda fase do Getúlio Vargas caracterizado pelo autoritarismo, pela centralização do poder, nacionalismo e anticomunismo. Para ver mais PANDOLFI Dulce (org.). REPENSANDO o Estado Novo.: Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getulio Vargas, 1999. 345 p.

⁸ Texto original disponível em http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/edicoes/22e/doc1_22e.pdf e para saber mais sobre os antecedentes e repercussões ver SAVIANI, Demerval. História das idéias pedagógicas no Brasil. Campinas: Autores Associados, 2007. 473p

Na hierarquia dos problemas nacionais, nenhum sobreleva em importância e gravidade ao da educação. Nem mesmo os de caráter econômico lhe podem disputar a primazia nos planos de reconstrução nacional. Pois, se a evolução orgânica do sistema cultural de um país depende de suas condições econômicas, é impossível desenvolver as forças econômicas ou de produção, sem o preparo intensivo das forças culturais e o desenvolvimento das aptidões à invenção e à iniciativa que são os fatores fundamentais do acréscimo de riqueza de uma sociedade. [...] Em nosso regime político, o Estado não poderá, de certo, impedir que, graças à organização de escolas privadas de tipos diferentes, as classes mais privilegiadas assegurem a seus filhos uma educação de classe determinada; mas está no dever indeclinável de não admitir, dentro do sistema escolar do Estado, quaisquer classes ou escolas, a que só tenha acesso uma minoria, por um privilégio exclusivamente econômico. Afastada a idéia do monopólio da educação pelo Estado num país, em que o Estado, pela sua situação financeira não está ainda em condições de assumir a sua responsabilidade exclusiva, e em que, portanto, se torna necessário estimular, sob sua vigilância as instituições privadas idôneas, a "escola única" se entenderá, entre nós, não como "uma conscrição precoce", arrolando, da escola infantil à universidade, todos os brasileiros, e submetendo-os durante o maior tempo possível a uma formação idêntica, para ramificações posteriores em vista de destinos diversos, mas antes como a escola oficial, única, em que todas as crianças, de 7 a 15, todas ao menos que, nessa idade, sejam confiadas pelos pais à escola pública, tenham uma educação comum, igual para todos (MANIFESTO, 1932, p.1).

Desta forma, após esse primeiro Decreto que traça os princípios e diretrizes do Ensino Primário, ainda no ano de 1946, houve uma nova constituição que estabelecia à União o poder de legislar sobre as diretrizes e bases da educação brasileira. Portanto, os caminhos do Ensino Primário no Brasil serão então definidos pela primeira Lei de Diretrizes e Base - Lei 4024/61 que fixará as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Contudo, apesar dos trabalhos de elaboração da LDB terem sido iniciados logo em seguida à promulgação da Constituição de 1946 sua publicação só veio a se concretizar treze anos depois, em vinte de dezembro de 1961.

É, portanto, sob a égide da LDB - Lei 4024/61 que o Grupo Escolar Clarimundo Carneiro foi concebido, sendo assim, importante que compreendamos o que foi consubstanciado nessa lei máxima da educação vigente no período estudado.

De acordo com Veiga (2007), a Lei 4024 de 1961 manteve a autonomia administrativa dos estados em relação ao ensino primário e ao ensino normal deixando a única padronização determinada quanto à duração dos mesmos. Essa lei Também estabeleceu parâmetros para todo território nacional e assegurou que a educação fosse um direito de todos. Entretanto, a União não era obrigada a promover educação para todos. Outro fator importante nesta LDB é

que manteve-se a estrutura do ensino primário definida na Lei n. 8.529/1946, ou seja, duração de quatro ou seis anos, caso se optasse pela iniciação técnica.

De acordo com Zotti (2006), os objetivos do ensino primário são apresentados de maneira bem mais sintética que na Lei 8.529/1946, como se pode observar no texto do Art.25 da Lei 4024 de 1961 que diz: “O ensino primário tem por fim o desenvolvimento do raciocínio e das atividades de expressão da criança, e a sua integração no meio físico e social” (BRASIL, 1961, p.5). Além disso, no que diz respeito à prescrição das orientações curriculares para o ensino primário, a nova LDB foi bem mais flexível que as leis anteriores mantendo praticamente a mesma estrutura da Lei Orgânica de 1946. Assim, “a determinação do currículo e dos programas das escolas cabia a cada estado ou Distrito Federal, a fim de atender às peculiaridades e necessidades de cada região” (ZOTTI, 2006, p.14). Desta forma, cabe verificar quais foram as determinações sobre currículo do ensino primário definidos no Estado de Minas Gerais.

Algumas dessas determinações são encontradas na Lei 2.610 publicada em 08 de janeiro de 1962 que continha o Código do Ensino Primário⁹ no qual são traçados os princípios e diretrizes deste grau de ensino em Minas. No Art. 65, o código define que “O ensino obedecerá à orientação e programa baseados em pesquisas e estudos de caráter objetivo processados por órgãos técnicos”. Assim, podemos verificar a importância dos Programas do Ensino Primário Elementar¹⁰, elaborados pela Secretaria da Educação do Estado de Minas Gerais (SEE/MG), que cumpriam o papel de orientar as práticas pedagógicas dos professores do Ensino Primário Elementar. Portanto, procuraremos verificar quais eram as prescrições do Programa de Língua Pátria em relação ao ensino da leitura e da escrita para a primeira série primária e, se essas “prescrições” foram aplicadas e como foram aplicadas no Grupo Escolar Clarimundo Carneiro pelas alfabetizadoras entrevistadas. Antes, porém, foi necessário localizar as condições de instalação desse Grupo, a situação política e econômica de Uberlândia, bem como mapear as concepções de leitura e escrita que circulavam no período em Minas Gerais. (MINAS GERAIS, LEI 2610/1962)

⁹ Texto original disponível em <http://www.almg.gov.br/consulte/legislacao/completa/completa-nova-min.html?tipo=LEI&num=2610&comp=&ano=1962&texto=original#texto>

¹⁰ Para ver mais sobre os Programas do Ensino Primário Elementar ver LIMA, Michelle Castro. História de alfabetizadoras Uberlandenses: modos de fazer no Grupo Escolar Bom Jesus – 1955 a 1971. 2011. 170 f. Dissertação(Mestrado)-Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2011.

1. Os Grupos Escolares no Brasil e o Grupo Escolar Clarimundo Carneiro

Com a instituição da República no Brasil a partir de 1889, verificam-se mudanças significativas no país, como a “ampliação da industrialização e urbanização, do desenvolvimento das ciências técnicas, diversidade na composição social da população brasileira, além do rápido crescimento” (VEIGA, 2006, p. 237). Desta forma, se fazia necessário que houvessem mudanças também no cenário educacional. Assim, “é, no regime republicano que a escolarização no Brasil se consolida, atinge parte das camadas populares e se afirma como vetor de homogeneização cultural da nação” (VEIGA, 2006, p. 237-238).

Entretanto, essa expansão da escolarização não foi algo que ocorreu rapidamente e de maneira uniforme pelo território brasileiro. De acordo com Veiga (2006), nas primeiras décadas da república o governo federal se responsabilizou apenas pelo ensino superior, delegando às secretarias do Interior de cada estado a autonomia na organização dos demais níveis de ensino. Segundo Saviani:

O novo regime não assumiu a instrução pública como uma questão de responsabilidade do governo central, o que foi legitimado na primeira Constituição republicana. Ao estipular, no artigo 35, que incumbe ao Congresso Nacional, ainda que não privativamente, ‘criar instituições de ensino superior e secundário nos Estados’ (inciso 3º) e ‘promover a instrução secundária no Distrito Federal’ (inciso 4º), a Constituição, embora omissa quanto à responsabilidade sobre o ensino primário, delega aos estados competência para legislar e prover esse nível de ensino. Assim, foram os estados que tiveram de enfrentar a questão da difusão da instrução mediante a disseminação das escolas primárias (SAVIANI, 2007, p.171).

Ainda conforme Saviani, em 1890 foi instituída a reforma dos ensinos primário e secundário (Decreto n. 981 de 8 de novembro) por Benjamin Constant destinada ao Distrito Federal, mas que poderia ter servido de modelo para a organização dos ensinos nos demais estados. Contudo, essa reforma foi amplamente criticada outros modelos pedagógicos surgiram. Segundo Souza (2008):

Nos anos que se seguiram à proclamação da República, em vários estados brasileiros, os governos estaduais buscaram implementar reformas da instrução pública, visando a instruir um moderno aparelho de ensino para a promoção da educação popular. De modo geral, os dispositivos legais incorporaram os princípios liberais de educação, estabelecendo a obrigatoriedade e a gratuidade do ensino primário, o caráter laico da educação e fixando o compromisso formal do poder público em ampliar as oportunidades educacionais mediante a multiplicação das escolas e a elevação do número de matrículas (SOUZA, 2008, p. 37).

Portanto, diante da necessidade dos estados enfrentarem a questão da difusão da instrução, o estado que saiu na frente desse processo foi o de São Paulo iniciando suas reformas na educação ainda em 1890. (SAVIANI, 2007, p.171)

Segundo Veiga, em 1893, Caetano de Campos, governador do estado de São Paulo, instituiu um moderno “modelo de organização do ensino primário que aos poucos se disseminou pelo Brasil e só foi substituído em 1971: o grupo escolar”. Esse novo modelo tinha como inovações básicas “a organização das classes em séries, cada série numa sala, um professor para cada série, organização das séries em etapas sucessivas e grupos de quatro ou cinco séries reunidas no mesmo prédio”. Além disso, “um grupo escolar deveria ainda ter funcionários com funções específicas, tais como porteiro e diretor” (2006, p. 242).

Sendo assim, de acordo com Souza (2004), os republicanos implantaram no estado de São Paulo ainda no final do século XIX “um sistema público de ensino considerado moderno, cujos princípios, instituições e organização administrativa e pedagógica serviram de modelo e motivaram a reorganização do ensino público em vários estados brasileiros.”. Além disso, para que fosse possível a construção desse novo “aparelho de ensino”,

[...]os republicanos paulistas incorporaram boa parte dos elementos implicados na modernização educacional em voga, em circulação nos países considerados civilizados, valendo-se, também, das experiências acumuladas no país durante o Império e das iniciativas implementadas no final desse período” (SOUZA, 2004, p.112 e 115).

Os grupos escolares foram grandes representantes desses ideais republicanos e tinham como característica a organização do ensino graduado, assim:

A escola primária graduada pressupunha o agrupamento dos alunos mediante classificação pelo nível de conhecimento, o edifício escolar dividido em várias salas de aula, a divisão do trabalho docente, a ordenação do conhecimento em programas distribuídos em séries, o emprego do ensino simultâneo, o estabelecimento da jornada escolar e a correspondência entre classe, sala de aula e série. Esse modelo escolar em circulação considerado moderno e o mais adequado para a universalização do ensino primário foi adotado no estado de São Paulo em 1893, no contexto da reforma da instrução pública calcada na formação de professores (reforma da Escola Normal) e criação da Escola-Modelo), na renovação dos métodos de ensino (emprego do método intuitivo) e na difusão da escola primária (criação de escolas de diferentes tipos – escolas isoladas, escolas reunidas, escolas noturnas e grupos escolares – e a expansão de vagas), instituindo-se como a escola modelar, símbolo do regime republicano e dos ideais de progresso e civilização (SOUZA & FARIA FILHO, 2006, p.27).

Além disso, Souza (2008) ainda nos lembra de que “a crença no poder da escola, tornou-se uma representação amplamente disseminada e compartilhada na sociedade

brasileira”. E, desta forma, a escola primária passa a ser responsabilizada por uma carga imensa de novas expectativas e finalidades. Visto que, “cabia a ela moldar o caráter das crianças, futuros trabalhadores do país, incutindo-lhes especialmente valores e virtudes morais, normas de civilidade, amor ao trabalho, o respeito pelos superiores, o apreço pela pontualidade, pela ordem e pelo asseio”. Assim, como também devia colaborar na importante “obra de consolidação da nação brasileira, veiculando valores cívico-patrióticos, por meio dos quais cultivaria nas novas gerações o amor à pátria” (2008, p. 37-38). Essa última função, pode ser observada nas falas da alfabetizadora Silva (2011) ao pedir que ficasse registrado a importância que deveria ser dada às datas cívicas. “Todas as datas cívicas eram homenageadas, por exemplo, 21 de abril, 07 de setembro, 15 de novembro” (Silva, 2011).

Entretanto, apesar dessa nova maneira de organização do ensino primário implementada no estado de São Paulo, na forma de grupos escolares, ter servido de modelo para a reforma da instrução pública em vários estados brasileiros, sua implantação ocorreu em momentos diferentes e sem uma uniformidade nos diversos estados brasileiros. De acordo com Veiga:

embora estruturados mais ou menos da mesma forma – com prédios e equipamentos específicos, seriação, direção e inspeção centralizadas. Surgiram primeiro nas grandes cidades e durante algum tempo conviveram com as escolas isoladas ou singulares (escolas com uma classe multisseriada e um único professor) e escolas reunidas (reunião das classes das escolas singulares em um mesmo prédio, organização seriada ou em duas classes com duas séries, a escola funciona sob a direção de uma pessoa que acumula a função de professor e diretor) (2006, p. 243).

Conforme Gonçalves Neto & Carvalho, no Estado de Minas Gerais, em 3 de agosto de 1892, foi sancionada a lei nº 41, que “dá nova organização à instrução pública do estado de Minas Gerais” foram determinadas as bases da educação e se configurou como “uma lei ambiciosa em seus propósitos, enciclopédica em suas prescrições, reticente quanto à obrigatoriedade do ensino, insegura quanto aos recursos necessários ao financiamento, mas buscando conjugar o estabelecido na lei maior do país e a crença liberal no poder transformador e regenerador da educação”. Entretanto, o maior obstáculo à execução da mesma repousava na falta de recursos do estado. “o que levou à responsabilização não apenas dos estados, mas também dos municípios no que concerne à instrução pública” (GONÇALVES NETO & CARVALHO, 2005, p.273). Ainda segundo Veiga, coexistiam “escolas urbanas, distritais e rurais com currículos diferenciados e enciclopédicos, mas normalmente se ensinava apenas o básico: ler, escrever e fazer contas. Um único professor

regia as quatro séries em que se dividia o ensino” (2006, p. 246). Sobre esta questão Silva fala sobre o início da sua escolarização:

Quando era menina tinha vontade de estudar, mas era difícil porque eu morava na fazenda. No primeiro dia de aula, quando eu fui à escola pela primeira vez, não sabia pegar no lápis, a professora escreveu no meu caderno a, e, i, o, u. Eu pedi a ela que me ensinasse. Ela disse: “Faça a lição, senão a professora te põe de castigo.” Chorei muito, o tempo todo. Apanhei de minha mãe e não voltei mais a aula. (2011).

Os primeiros grupos escolares do estado de Minas Gerais foram instalados em Belo Horizonte após 1906 “como afirmação do moderno em educação em substituição ao passado imperial ultrapassado representado pelas escolas isoladas” (SOUZA & FARIA FILHO 2006, p.26). De acordo com Araújo (2006), o marco cronológico da implantação destes primeiros grupos escolares é a Lei nº 439 de 28/09/1906 e o decreto nº 1.960 de 16/12/1906 esse regulamentava a instrução Primária e Normal a lei visa à reforma do ensino primário e normal ambas do estado de Minas Gerais:

Aos 22 dias de Presidência do Estado de Minas Gerais, João Pinheiro sanciona a Lei nº 439 de 28/09/1906. Seu artigo 1º expressava o tripé spenceriano: “[...] que a escola seja um instituto 219 de educação intellectual, moral e physica”. Prevvia o seu artigo 3º que o ensino primário é gratuito e obrigatório, e ministrado em escolas isoladas, grupos escolares e escolas-modelo anexas às escolas normais. O inciso II do artigo 6º dispunha que ao Governo caberia “organizar o programma escolar, adoptando um methodo simples, pratico e intuitivo”. O seu artigo 10º previa que “nos logares onde forem organizados os grupos escolares [...], poderá o Governo supprimir tantas escolas isoladas quantas as de que constarem os respectivos grupos [...]”. O seu artigo 14º reza que “os alumnos pobres que mais se distinguirem no curso primario pela intelligencia, bom procedimento e assidua applicação, terão a protecção do Governo para serem admittidos gratuitamente, quer no Gymnasio Mineiro, quer nos gymnasios equiparados”. Em seu artigo 22º, afirmava que o Governo buscava meios para que os edificios fossem apropriados à escola, e estas providas “de livros didacticos, mobilia e todo o material de ensino pratico e intuitivo” (ARAÚJO, 2006, p.247).

Assim, como houve muitas diferenças no ritmo de expansão e na forma de organização do ensino público primário nos estados brasileiros, estabelecendo segundo Souza (2008, p.47) “diferenças nas condições materiais das escolas, nos tipos de instituições educativas (grupos, escolas isoladas e reunidas) e no ensino ministrado, tendo em vista a localização das escolas (na zona urbana ou rural, no centro ou na periferia das grandes cidades)”, o mesmo também pode ser percebido no estado de Minas Gerais. Conforme nos relata Faria Filho (1997, p.91):

num esforço de superar o atraso representado pelas escolas isoladas, Belo Horizonte, capital do Estado, cidade projetada e construída para dar visibilidade à “modernidade” republicana, passa a ser privilegiada em termos de construção e/ou organização de grupos escolares. Neste processo, ao que tudo indica, outras cidades eram preteridas em suas reivindicações por grupos escolares.

Segundo Faria Filho (2000), a criação dos grupos escolares não se restringia somente a pretensão de realizar a organização do ensino, mas de “reinventar” a escola, de forma que se tornasse uma escola que contribuísse significativamente com:

“os projetos de homogeneização cultural e política da sociedade (e dos sujeitos sociais), pretendidos pelas elites mineiras”. Desta forma, “reinventar a escola significava, dentre outras coisas, organizar o ensino, suas metodologias e conteúdos; formar controlar e fiscalizar a professora; adequar espaços e tempos de ensino; repensar a relação das crianças, famílias com a própria cidade (FARIA FILHO, 2000, p.31).

Para que se possa compreender melhor a história da implantação dos grupos escolares em Uberlândia, é interessante ter em mente que esta cidade é considerada hoje a maior cidade da região do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba e uma das mais importantes do estado de Minas Gerais. Uberlândia carrega as marcas dos ideais republicanos em sua origem, pois torna-se município em 31 de agosto de 1888, sob o nome de Uberabinha, pouco antes da Proclamação da República. Mas “como a efetivação de sua organização municipal já se dará sob o novo governo, em 1891, podemos compreendê-la como uma “autêntica” cidade republicana, pois passa a contar politicamente junto com a República”(GONÇALVES NETO & CARVALHO, 2005, p267).

Desta forma, os ideais republicanos que colocam a educação como algo de grande importância para o desenvolvimento da nação já se fazem sentir desde a sua primeira legislatura instalada em sete de março de 1892, na qual verifica-se a proposição e aprovação do primeiro ato voltado para a educação:

tomando a palavra o Sinr. Arlindo Teixeira leu e mandou a meza uma proposta authorizando a Câmara a prover interinamente a aula primaria do sexo masculino desta cidade e occorrer as despesas pela cobrança da Taxa escollar cobrada com a denominação emposto de capitação. Posta em discussão e não havendo quem pedisse a palavra posta a votos foi aprovada (UBERABINHA, 1892, apud GONÇALVES NETO, 2010, p. 202).

Assim, como nos afirma Gonçalves Neto (2002, p.202) desde sua seção inaugural, o município já demonstrava que a educação estava entre suas prioridades e seus vereadores,

sem discussão, assumem de antemão a responsabilidade pela criação e pela manutenção de escolas. E em suas seções seguintes procuram tomar outras providências:

elaborando legislação específica para a instrução, criando escolas, nomeando professores, etc., estabelecendo, inclusive, uma taxa escolar que deveria custear os gastos com a instrução pública. Esse zelo se justifica por diversos motivos, como o entusiasmo característico do início da organização do novo município; a condição anterior de distrito, que o colocara em segundo plano nas prioridades do município de Uberaba, ao qual era subordinado; à presença de uma demanda reprimida por instrução, tanto pela falta de escolas, quanto pelo estímulo à instrução gerado pela propaganda republicana; e pela crença que os vereadores demonstravam no poder regenerador e formador da educação, demonstrado em suas manifestações. No entanto, em pouco tempo, premido pelas dificuldades financeiras, Uberabinha vê-se impossibilitado de dar continuidade a essa expansão escolar, ocorrendo estagnação e, posteriormente, suspensão e fechamento de diversas escolas (GONÇALVES NETO, 2002, p.207).

Inácio Filho, Gatti Jr & Gatti (2006) relatam que antes mesmo da constituição de Uberabinha como município já havia uma inquietação em relação à educação, tanto que, a primeira escola primária de Uberlândia foi instalada por Felizberto Alves Carrejo na sua própria residência, local chamado de "Povoado dos Carrejos", no ano de 1835. “A partir de então se iniciou a expansão escolar com a fundação da primeira escola provincial pública do distrito de São Pedro de Uberabinha que foi instalada, em 1860, pelos professores Antônio Maximiano Ferreira Pinto e D. Honorata Cândida de Paiva Pinto” (GATTI & FILHO 2007, p.5).

Contudo, até a década de 1940, a exemplo do que ocorria no Triângulo Mineiro, o ensino privado despontava com primazia em relação ao ensino público. De acordo com Gatti & Inácio Filho, “além de o ensino privado ter chegado primeiramente, ele se destaca também por estar vinculado a um sistema de ensino confessional” (2007, p.5).

O primeiro grupo escolar de Uberabinha foi criado segundo o decreto nº 3200, em 20 de julho de 1911 e instalado no dia 1º de fevereiro de 1915 em uma grande solenidade, recebendo o nome de Grupo Escolar Júlio Bueno Brandão, tendo sido dirigido por Honório Guimarães no período de 1915 a 1920 (GATTI & INÁCIO FILHO 2007, p.6).

De acordo com Carvalho (2002), o prédio do grupo possuía um estilo neoclássico, muito confortável para a época, sendo a melhor construção da cidade naquele momento.

Em maio de 1911 realizou-se na cidade de Uberlândia uma grande exposição agropecuária. Nessa exposição foram apresentados os principais produtos da lavoura do município de Uberlândia. À essa época era Presidente do Estado de Minas Gerais o Sr. Júlio Bueno Brandão, que veio ao município para inaugurar a referida exposição. Na noite de sua chegada foi-lhe oferecido um

grande banquete organizado pela Câmara Municipal. Até então não havia na cidade um grupo escolar, existindo apenas escolas isoladas que funcionavam em pequenas casas, impróprias para receberem um número mais expressivo de alunos; as autoridades uberlandeses pediram ao Sr. Presidente do Estado que contemplasse a cidade com a criação de um grupo escolar. Júlio Bueno Brandão prometeu, então, que mandaria construir um prédio para abrigar o grupo escolar e criaria o estabelecimento de ensino que tanta falta fazia à comunidade do município. Assim começou a construção do edifício, que foi concluído no final de 1914, estando na Presidência do Estado de Minas Gerais à época o Sr. Defim Moreira da Costa Ribeiro, sucessor de Bueno Brandão. Deste modo, o grupo foi instalado e começou a funcionar no dia 1 de fevereiro de 1915, recebendo o nome de Grupo Escolar Júlio Bueno Brandão, em homenagem ao Presidente que o criou (CARVALHO & INÁCIO FILHO, 2002, p. 2).

Silva afirma que é interessante observar que “desde 1835, quando Felisberto Alves Carrejo instalou a primeira escola no município, até 1914, quando se construiu o primeiro Grupo Escolar, jamais tivemos um prédio apropriado para ser escola. Era tudo improvisado. No século XIX, as escolas funcionavam em salas de residências, mal acomodadas, sem água, sem instalações sanitárias, sem esgoto, sem nada”. Porém, já nas primeiras décadas do século XX, os prédios escolares melhoraram. Passaram a ser mais amplos, saíram da Cidade Velha, subiram para a parte nova da cidade, com construções mais arejadas, modernas, embora continuassem a abrigar alunos de séries diferenciadas na mesma sala, e a manter as separações por sexo (SILVA, 2003, p. 8).

Ainda segundo Silva, até o ano de 1929, quando a cidade passa a adotar o nome que tem hoje, Uberlândia, instalaram-se nove escolas primárias, sendo que apenas uma destas era oficial, o Grupo Escolar Júlio Bueno Brandão¹¹, o restante pertencia à iniciativa particular (Externato Carvalho, Externato Carvalho de Brito, Escola Ruy Barbosa, Escola Amor às Letras, Externato Violeta, Instituto Fundamental, Escola São Vicente e Externato Spencer). Somente em 1932, dezessete anos depois da instalação do primeiro grupo escolar que surge mais um Grupo Escolar na cidade, o Minas Gerais, que passa a adotar depois de alguns anos o nome para Dr. Duarte¹². E, em 1946, é criado o Grupo Escolar Coronel Carneiro¹³.

De acordo com Almeida (1992), no início da década de 1950, Uberlândia é uma cidade com características de crescimento acentuado e expressiva arrecadação tributária. E

¹¹ Ver CARVALHO, Luciana Beatriz de Oliveira Bar. A configuração do Grupo Escolar Júlio Bueno Brandão no contexto republicano (Uberabinha-MG 1911 – 1930). 2002

¹² BORGES NETTO, M. ; SANTOS, S. M. . Grupo Dr. Duarte Pimentel de Ulhoa: memória, história, linguagem e cidadania (1930-1960), 2008.

¹³ Ver LIMA, Sandra Cristina Fagundes. HISTÓRIA DO GRUPO ESCOLAR CORONEL CARNEIRO, UBERLÂNDIA-MG (1946 – 1971). 2010

com o advento da construção da Capital Federal, Uberlândia passou a ter uma posição geográfica estratégica devido a ser uma região urbanizada de passagem de Brasília a São Paulo e Rio de Janeiro. E, também, devido à posição geográfica de Uberlândia foram constituídas várias atividades que serviam de apoio à construção de Brasília.

Ainda segundo Almeida, houve também neste período o desenvolvimento da industrialização, “fazendo eco à política desenvolvimentista de JK¹⁴, facilitada pelo projeto local de constituição de uma estrutura industrial que integrava a produção rural ao processamento urbano”.

Conforme relata Soares(1995) a partir desse momento, a cidade impulsionada pelas transformações que ocorrem pelo país, expande-se cada vez mais, mas não sem problemas sociais. Existiam problemas habitacionais, de saneamento, de transporte público, segurança e o sistema de saúde era bastante deficitário.

Seu núcleo central expande-se, englobando áreas circunvizinhas, e outros embriões de núcleos comerciais, com lojas de atendimento emergencial, são iniciados nos bairros mais populosos da cidade, gerando melhoramentos na infraestrutura dessas áreas e em sua estética. Entretanto, essas transformações não atingiram a população residente nos bairros mais afastados da área central, denominados, até aquele momento de vilas ou subúrbios, tais como: Martins, Operário, Roosevelt, Osvaldo, Tubalina e Saraiva. [...]Nesses bairros, persistia o problema da falta de água para abastecer a população; as ruas transformavam-se em verdadeiros lamaçais no tempo das chuvas; a iluminação pública era muito precária; os terrenos vazios viravam depósitos de lixo e entulhos ; o traçado urbano não obedecia a critérios técnicos, assim como a arquitetura de suas habitações(SOARES, 1995, p.130-131).

Desta forma, concomitantemente à expansão das atividades econômicas na cidade, observou-se um crescimento populacional, passando de 56.000 habitantes em 1950, para 70.000, em 1958. (ALMEIDA, 1992, p.30). De acordo com Teixeira (1972), segundo as estatísticas divulgadas pelo IBGE, em 1962, Uberlândia possuía 99.000 habitantes. O Triângulo Mineiro apresentava um dos maiores índices de desenvolvimento agro-pecuário do Estado, sendo Uberlândia então uma das cidades mais importantes da região. Além disso, o município dispunha de noventa escolas primárias, nove escolas de nível médio, uma escola vocacional para a indústria e cinco escolas de nível superior (TEIXEIRA, 1970)

Segundo Almeida (1992), o sistema educacional de Uberlândia até 1959 era de responsabilidade do Estado de Minas Gerais e formado basicamente pelo ensino primário,

¹⁴ Governo Juscelino Kubitschek de Oliveira (1956 e 1961).

contando com cinco Grupos Escolares e uma escola pública (Colégio Estadual de Uberlândia) na qual funcionava os níveis de ensino ginásial, colegial e magistério para a escola primária. Sob a responsabilidade do governo municipal havia também algumas escolas primárias.

De acordo com Ribeiro (2010), entre as décadas de 1960 a 1970 quase duplica o seu tamanho demograficamente. Desta forma, Almeida (1992) relata que com o crescimento populacional houve também a necessidade de ampliação dos serviços urbanos, e dentre eles, a oferta de mais vagas para atender às crianças em idade de cursar o ensino primário. Assim, dentro desse cenário, outros grupos são instalados como: Grupo Escolar Bom Jesus¹⁵ (1955), Grupo Escolar Joaquim Saraiva¹⁶ (1963), Grupo Escolar Clarimundo Carneiro (1963) e Grupo Escolar Alice Paes¹⁷ (1965).

O grupo escolar Clarimundo Carneiro teve origem em 03 de fevereiro de 1963, com a denominação de Escolas Reunidas da Avenida Fernando Vilela, conforme informação encontrada no Projeto Político Pedagógico da Escola. Sendo transformada em grupo escolar por meio do decreto 6.942¹⁸ de 19/04/1963, publicado no Minas Gerais (diário oficial) em 24/04/1963 tendo a frente do governo do Estado de Minas Gerais o Sr. José Magalhães Pinto, o Governador do Estado, e o Sr. José de Faria Tavares como Secretário de Educação. Desta forma, ao ser transformado em grupo escolar, mudou também de nome passando a ser denominado de Grupo Escolar Clarimundo Carneiro. Este nome foi dado ao grupo escolar em homenagem a Clarimundo Carneiro (1879-1961)¹⁹, doador do terreno onde o grupo foi construído. Clarimundo Carneiro foi o proprietário das terras onde atualmente se localizam alguns bairros importantes na história da cidade (Bairro Osvaldo Rezende, Bairro Martins, Higino Guerra, dentre outros), local conhecido como terra dos Carneiros (TEIXEIRA, 1970).

Sobre a constituição de grupos escolares, deixando no passado as escolas isoladas, Faria Filho afirma:

¹⁵ Ver LIMA, Michelle Castro. História de alfabetizadoras Uberlandenses: modos de fazer no Grupo Escolar Bom Jesus – 1955 a 1971. 2011.

¹⁶ CASTRO, Luciete Diniz. REESCREVENDO A HISTÓRIA: Grupo Escola Joaquim Saraiva (1963-1980). 2005.

¹⁷ ROCHA, Angélica Pinho Martins Grupo escolar professora Alice Paes: trajetória dos egressos e currículo escolar (Uberlândia- Minas Gerais 1965-1971). 2012.

¹⁸ Transforma em Grupo Escolar com a denominação de “Clarimundo Carneiro”, as Escolas Reunidas da Avenida Fernando Vilela, na cidade de Uberlândia. O Governador do Estado de Minas Gerais, usando da atribuição que lhe confere o artigo 12, itens I e II, e de acordo com o disposto no artigo 32, ambos da Lei nº 2.610, de 8 de janeiro de 1962, (Código do Ensino Primário), DECRETA: Art. 1º - Ficam transformadas em Grupo Escolar com a denominação de “Clarimundo Carneiro”, as Escolas Reunidas da Avenida Fernando Vilela, na cidade de Uberlândia. (MINAS GERAIS, Lei nº 2.610, de 8 de janeiro de 1962).

¹⁹ Para saber mais sobre Clarimundo Carneiro ver TEIXEIRA, Tito. Bandeirantes e Pioneiros do Brasil Central: História da criação do município de Uberlândia. 1970.

A representação dos grupos escolares, construída tendo como uma de suas bases a produção das escolas isoladas como um símbolo de um passado que devia ser ultrapassado, quando não esquecido, buscava moldar as práticas, os ritos, os símbolos escolares, produzindo e expressando, no mesmo movimento, uma nova identidade para os profissionais que se ocupavam da instrução primária(FARIA FILHO, 2000, p.31).

Assim, o Grupo Escolar Clarimundo Carneiro foi instalado à Avenida Fernando Vilela nº 1383, bairro Osvaldo Resende, onde hoje funciona a Escola Estadual Clarimundo Carneiro, visto que a partir de 09 de fevereiro de 1973, com o decreto nº 15.249²⁰ a escola deixa esta configuração de grupo, atendendo ao que já estava definido na Lei de Diretrizes e Bases (LDB) - Lei nº. 5.692 /71 que extingue os grupos escolares.

A criação do ensino de 1º grau em 1971, pela integração do primário ao ginásio, consagrou a extensão da escolarização da escolaridade obrigatória no país. A implantação do 1º grau, destinado à formação da criança e do pré-adolescente, deu-se a partir da eliminação dos exames de admissão e da ampliação (indiscriminada) das séries nos grupos escolares, aproveitando a rede física instalada e ajustando a estrutura administrativa e pedagógica. Uma nova nomenclatura se impôs com a eliminação de denominações usuais na época, como escola isolada, grupo escolar, ginásio e equivalentes (SOUZA in: SAVIANI, 2004).



Imagem 1 - Foto pertencente ao acervo do Grupo Escolar Clarimundo Carneiro que retrata a fachada do Grupo. Pode-se observar na foto meninas com livros na mão e trajadas possivelmente com o uniforme do Grupo (saia azul na altura do joelho e camisa branca). Sem data.

²⁰ Para saber mais sobre o decreto nº 15.249 – vide site da Assembleia de Minas:

<<http://www.almg.gov.br/consulte/legislacao/completa/completa.html?tipo=DEC&num=15249&comp=&ano=1973>>

Como podemos observar na foto acima, diferentemente dos primeiros grupos escolares construídos em Minas Gerais, ainda no início da República, com arquitetura suntuosa, o Grupo Escolar Clarimundo Carneiro²¹, assim como vários outros grupos escolares estabelecidos no mesmo período, apresentava outro modelo de construção, no estilo modernista, condizente com a arquitetura escolar vigente no período de sua instalação. De acordo com Azevedo (2002, p.36), desde a década de 1930 a arquitetura escolar começa a apresentar mudanças, revelando um “retorno às tendências arquitetônicas da Europa do primeiro pós-guerra, abandonando a valorização das tradições locais do passado e fomentando ideais de ensino essencialmente modernizadores como a sua vertente arquitetônica”. E esta tendência, se mantém nas décadas seguintes.

O repertório formal modernista adotado nessas edificações compactua com a política educacional idealizada por Anísio Teixeira - a escola pública racional modulada e com espaço otimizado de baixo custo e de amplo atendimento à sociedade “urbano-industrial emergente comportando combinações de sólidos geométricos de linhas puras, sem rebuscamentos e ornamentações, abandonam a simetria bilateral e introduzem os quebra-sóis como solução de sombreamento. A utilização de materiais como o vidro e o ferro, assim como o domínio da técnica do concreto armado aplicado nas marquises e coberturas planas, denunciam os avanços de uma produção industrial, e marcam a era do “maquinismo” na adoção de uma arquitetura massificada que pudesse resolver os problemas sociais decorrentes do processo de industrialização, dentre os quais, oferecer escolas e moradias populares. A linguagem morfológica da arquitetura moderna continua sendo adotada na construção de prédios escolares, acompanhando as tendências dominantes do período, durante as décadas de 40/50. Na expectativa de conseguir acompanhar o crescimento da demanda de salas de aula - exigido pelas metas das políticas educacionais vigentes, cresce a tentativa de solucionar a problemática a partir da normatização, racionalização e padronização projetiva e construtiva(AZEVEDO, 2002,p.37).

Segundo Faria Filho & Vidal, a mudança arquitetônica disseminada principalmente nas décadas de 1950 e 1960, refletem mudanças econômicas, políticas, pedagógicas e sociais.

As crescentes simplicidade e economia nas construções escolares propostas, seja para a cidade, seja para o campo, disseminadas mais amplamente sobretudo nos anos 50 e 60, indicavam que se alteravam as concepções acerca dos espaços escolares e, portanto, do lugar da escola no meio social brasileiro. Em lugar da suntuosidade exibida no início da República, a luta pela democratização da escola fazia-se sentir em prédios funcionalistas, tecnicamente projetados para uma educação rápida e eficiente, com lugares específicos para acolher maquinário, como mimeógrafo, e propiciar um controle do corpo docente através de mecanismos administrativos cada vez mais capilares, e nas soluções mais rústicas, que associavam ensino formal à

²¹ Em anexo um relatório da estrutura física do Grupo Escolar Clarimundo Carneiro

casa do professor, nas zonas rurais. Os tempos escolares também progressivamente se dilatavam, seja verticalmente (duração do curso), seja horizontalmente (na grade de horário e na permanência do aluno (a) na escola). Entretanto, apesar de experiências isoladas, as crianças ficavam na escola primária por aproximadamente 5 horas diárias, durante 5 anos. A extensão do ensino fundamental para 8 anos só se daria, de fato, a partir da década de 1970, com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases 5.692/1971 e com a extinção dos grupos escolares (FARIA FILHO & VIDAL, 2000, p.31-32).

Entretanto, é preciso ressaltar que o prédio do Grupo Escolar Clarimundo Carneiro era grande com muitas salas e bastante espaço físico, como relata Santos, diretora que esteve à frente do Grupo no início de suas atividades:

A estrutura física do Grupo era enorme, tinha corredores largos, subindo a escada e virando à direita, tinha um saguão com uma área imensa. Tinha vários sanitários lá em cima, com chuveiros e sanitários, separados. Lá no fundo havia uma biblioteca enorme, do lado esquerdo tinha a cantina, também muito grande, do lado direito tinha uma enfermaria. Nessa enfermaria tinha cama e uma farmacinha com remédios de urgência, para cuidar dos meninos caso adoecessem. Tinha até um gabinete odontológico. Era uma escola nova e muito alegre(SANTOS, 2012).

Contudo, a estrutura física do Grupo Escolar Clarimundo Carneiro foi se modificando com o tempo. Foram transformados vários espaços em salas de aula para atender cada vez mais alunos. Quanto a isso, Santos desabafa:

Mas com o passar dos anos foram modificando a estrutura da escola para fazer mais salas de aula. Eu sou contra isso! Sou contra até hoje. Eu acho que a escola tem de ser um ambiente alegre, de bem-estar. Um local onde você entra e vê alegria, vê luz, vê bem-estar. Não esses lugares abafados, com aqueles biombos, paredes provisórias inadequadas, aquilo não faz parte da estrutura do prédio, por isso eu sou contra (SANTOS, 2012)!

Como dito anteriormente, o Grupo Escolar Clarimundo Carneiro iniciou suas atividades em 1963, ou seja, durante o governo João Goulart (1961-1964), ainda num período de relativa abertura política. Porém, no ano seguinte à sua inauguração, em 1964 ocorreu o Golpe Militar que trouxe novamente ao Brasil um governo autoritário, marcado pelo controle da sociedade civil e violência de suas ações. Conforme afirma Germano:

No Brasil, a partir de 1964, o Estado caracteriza-se pelo elevado grau de autoritarismo e violência. Além disso, pela manutenção de uma aparência democrático-representativa, uma vez que o Congresso não foi fechado definitivamente (embora tenha sido mutilado) e o Judiciário continuou a funcionar, ainda que como apêndice do Executivo. O autoritarismo traduz-se, igualmente, pela tentativa de controlar e sufocar amplos setores da sociedade civil, intervindo em sindicatos, reprimindo e fechando instituições representativas de

trabalhadores e estudantes, extinguindo partidos políticos, bem como pela exclusão do setor popular e dos seus aliados da arena política (2000, p. 55).

Sendo assim, após o primeiro ano de funcionamento, a partir de 1964 até a sua extinção em 1973, o Grupo Escolar Clarimundo Carneiro funcionou e, portanto, carregou as marcas da interferência do Governo Militar em suas atividades como poderemos observar no decorrer deste texto.



Imagem 2 -Foto pertencente ao arquivo do Grupo Escolar Clarimundo Carneiro – Desfile de 07 de setembro.

A difusão de valores cívico-patrióticos que já era apregoada desde a constituição dos primeiros grupos escolares também fazia parte das práticas educacionais exigidas durante os governos militares. A frase da faixa “Brasil, cresceremos para você”, traduz essa concepção de formar o futuro cidadão, dentro do espírito de civismo e patriotismo. Além desses valores podemos observar também outros como: ordem, disciplina, organização e controle (do modo de andar e de trajar). Essa preocupação em difundir os valores do civismo nas instituições educacionais era uma das metas dos governos militares principalmente após 1964. Conforme Abreu (2008):

Além dos instrumentos policiais de repressão, o governo militar lançou mão de artifícios de propaganda e marketing na imprensa escrita e falada. Cartazes enaltecendo o patriotismo, desfiles cívicos e o culto aos heróis retornaram ao dia a dia do brasileiro com força (ABREU, 2008, p.31).

Assim, percebemos que o Grupo Escolar Clarimundo Carneiro, também acreditava no poder didático-pedagógico da ordem e da disciplina, visto que eram tidas como fatores necessários à aprendizagem e à formação do cidadão como podemos observar em algumas das falas das alfabetizadoras:

Graças a Deus, eu conseguia manter uma disciplina excepcional. Uma disciplina dosada no amor, baseada na confiança e no diálogo. Além disto, eu me preocupava em transmitir para os alunos o valor e a importância da aquisição de hábitos, atitudes e habilidades, pois, a conduta e a postura corretas devem pautar a vida do cidadão digno e honesto. Disciplina faz parte deste contexto (LOBATO, 2012).

Mas isso também, os bons hábitos a gente tinha que ensinar. Na primeira semana você não conseguia ensinar quase nada era só trabalhar bons hábitos. Quando você quiser falar com a tia você levanta a mão, não levanta da carteira e vem aqui senão vira bagunça e nossa sala não é de bagunça. Ensina que ponta de lápis não se joga ao chão, papel é no lixo e não é toda hora que se vai ao lixo, deixa juntar um montinho e na hora em que a tia não estiver falando você vai, porque você tem de prestar atenção em tudo que eu falo. Porque se menino não estiver prestando atenção ele não aprende, enquanto você olhar para a sala e tiver um menino mexendo disperso para lá e para cá, eu dizia: - olha eu não vou falar nada porque tem um menininho que ainda não está prestando atenção. Às vezes a gente nem fala quem, o menino desconfia e já olha. Os bons hábitos têm de ser colocados de início senão você não consegue uma sala limpa, você não consegue que eles fiquem sentados, todos querem levantar, querem andar. Tem a hora de conversar, depois a gente conversa, na hora de ensinar é silêncio e mais uma vez se tiver que falar e estiver com bagunça não se aprende nada. (FERREIRA, 2012).

Agora um ponto muito interessante para a criança aprender a ler é que tudo que você falar, ela tem de estar prestando atenção em você. A sala tem de estar em silêncio absoluto, se um começa lá a conversar a gente diz: - Espera aí, você não está prestando atenção, deixa os outros prestarem atenção e você também vai prestar atenção! Agora é boquinha fechada e é só o olho aqui na tia, e o ouvido em tudo o que eu vou falar. – No final eles aprenderam porque ficaram quietos. É como uma conversa numa sala, se você esta prestando atenção na conversa você sabe tudo da conversa, agora se você desvia a atenção perde o rumo, não consegue pegar o barco andando (FERREIRA, 2012).

Enquanto era só o primário, a gente não tinha este problema (disciplina) dentro da escola. Você via as filas certinhas, parecia militar mesmo. Nós podíamos até sair da sala e ir lá para secretaria e voltar que os meninos não levantavam do lugar. Eu podia sair e deixá-los trabalhando. Eu falava: -Eu já volto e na hora em que vocês terminarem, vocês debruçam na carteira. Na

hora de ir embora você deixava tantos minutos para organizar a sala. - Agora guardem os objetos, guardaram? Passem a mãozinha para ver se tem algum objeto debaixo da carteira, se vocês não deixaram nada. Então, até dar o sinal a gente contava uma história, ou mandava um ir lá a frente cantar alguma coisa, ou recitar uma poesia. Dava o sinal e a gente formava a fila e ia embora (FERNANDES, 2012).

É importante ressaltar que a mudança na configuração escolar de Grupo Escolar Clarimundo Carneiro para Escola Estadual, para atender as novas exigências da LDB 5692/71, passando a atender também os alunos de quinta a oitava séries, trouxe mudanças que afetaram a qualidade do ensino de primeira a quarta série como relata Fernandes:

Mudou muito. O primário começou a ter uma decadência, pois ficaram menos salas de primário. E as professoras que tinham qualquer curso superior foram para quinta a oitava série. E também houve muitos transtornos. Mesmo relacionado entre as diretoras, porque tinham uma realidade diferente. A Neide trabalhava muito para conservar a escola e a que trabalhava com as séries de quinta a oitava não tinha o mesmo cuidado. Porque os professores e alunos de quinta a oitava se sentiam donos da escola e coisa e tal. Assim, mudou muito, muito mesmo. Houve muita divergência, porque a Edna falava assim, isto aqui não é do primário, é da quinta a oitava. E a Neide sempre foi muito exigente com a aprendizagem e quando aconteceu a mudança, muitas das nossas professoras que estavam acostumadas a trabalhar de primeira a quarta série, foram trabalhar com as turmas de quinta a oitava e veio gente nova. E quando a Neide assumiu a direção geral, porque a outra saiu, aí melhorou e houve mais entrosamento. Mas antes houve muita coisa desagradável, por exemplo, na secretaria tinha gente para atender os alunos de quinta a oitava e tinha outros para atender de primeiro a quarta, tudo errado. Não teve unicidade, não teve porque a Edna trouxe as meninas de lá (Osvaldo Rezende) e teve de juntar com as da nossa escola. E a escrita, as pastas, as coisas dos alunos estão tudo naquele fichário lá, e os nossos foram para lá, e a Neide toda vida foi muito ciumenta do serviço dela, foi muito difícil esta etapa, foram uns dois anos que não foram anos muito agradáveis (FERNANDES, 2012).

As duas imagens a seguir correspondem ao registro da primeira reunião ocorrida na escola, no dia 20 de fevereiro de 1973, após a publicação do decreto nº 15.249 (09/02/1973), na qual foram tratados os seguintes temas: esclarecimentos sobre a descentralização do Colégio Estadual de Uberlândia; “o primeiro contato do pessoal pertencente ao antigo primário e antigo ginásio” e, a sondagem para a indicação do diretor geral da instituição.

× Aos vinte dias do mês de fevereiro, às vinte horas, na sala anexo da Escola Estadual de Primeiro Grau "Clarimundo Carneiro", antigo Grupo Escolar "Clarimundo Carneiro", reuniram-se as professoras do supra citado estabelecimento e do Colégio Estadual Anexo "Oswaldo Rezende", sob a orientação do diretor geral das antigas classes anexas de nossa cidade, digníssimo Senhor João Paulino e com a presença de membros da seção técnica da vigésima sexta Delegacia Regional do Ensino, a fim de oferecerem sugestões relativas à eleição da nova diretoria da referida escola. Houve, em primeiro lugar, a apresentação do professor João Paulino e dos membros da seção técnica, feita pela atual diretora, dona Rêide Fernandes Carvalho. Começou a palavra o professor João Paulino, que se referiu às vantagens e também às desvantagens do decreto do governador, que descentralizou o Colégio Estadual, que devido ao crescimento excessivo vinha prejudicando a parte administrativa e pedagógica. As classes anexas, integrando-se - antigo primário e antigo ginásio - formaram uma unidade. Os dois principais objetivos da reunião, foram: primeiro contato do pessoal pertencente ao antigo primário e antigo ginásio, e o segundo a sondagem para a indicação do diretor geral, sondagem não decisória mas consultória, porém importante, se tomarmos como princípio, que a democracia, (não digo) a liberdade, é limitada. Nem sempre a democracia segue a maioria. A sondagem deveria ser feita através de uma ficha na qual se poderia citar quatro opções. Em seguida foi lido o decreto 15.249, de nove de fevereiro de um mil, novecentos e setenta e três. O critério para indicação do candidato à direção deverá possuir o curso completo de Filosofia em qualquer de suas áreas, desde que os mesmos terão cinco anos para se habilitar. A professora Lídia Alina Machado, pediu que fosse consignado em ata um esclarecimento

Imagem 3 – Imagem digitalizada da página 28verso do Livro de Atas das Reuniões Pedagógicas dos anos de 1971 a 1974. Esta ata trata da primeira reunião da Escola Estadual de 1º Grau Clarimundo Carneiro, na qual se explica as mudanças com a nova designação da escola.

a respeito de uma reportagem publicada no jornal "Correio de Uberlândia", de dezesseis de fevereiro, e no jornal "O Triângulo", do dia dezessete do mesmo mês e que estabelece entre outras coisas: "os cargos de Diretor e Secretário dos Estabelecimentos "Escola Estadual de Primeiro Grau Ignácio Paes Lemes", "Escola Estadual Antônio Luís Bastos", "Escola Estadual Primeiro Grau Clarimundo Carneiro", Escola Estadual Primeiro Grau Treze de maio" e Escola Estadual 1º grau Honório Guimarães", serão criados através de lei, já que esses cargos não existem legalmente até agora no Estado." A pergunta formulada pela referida professora foi: "se existe a resolução do Sr. Secretário de Estado da Educação, posterior ao dia dez do corrente mês, efetuando as medidas a que se refere o artigo primeiro do Decreto número 15.249, de nove de fevereiro de 1973, ou um ofício do governador autorizando tais medidas. Portanto, a eleição a ser realizada hoje, não poderá produzir efeitos legais. O que foi esclarecido pelo digno professor João Paulino, que o artigo 1º entregue aos jornais e escritos por uma comissão, razão de serem iguais. Continuando, afirmou o ilustre professor, que os cargos de diretor e outros mais, ainda com a Reforma, continuam a ser da "confiança" do governo. Afirmou, mais uma vez, que a eleição a ser realizada, para escolha da Diretoria, não tem caráter legal, porque antecipa a Resolução do Secretário de Estado da Educação, e não obedece o estatuído na Lei 2.610. Valerá apenas como sugestão. Os nomes apresentados pela assembleia foram os seguintes; por ordem de escolha: Edile Moreira Manoel, com 38 votos; Edna Marques, 17 votos; Ana Maria de Oliveira e Maracy de Freitas Negretto com 10 votos; Lídio José com 9 votos; Maria Olímpia Ruas e Eleni Artiga, 5 votos; Carmem Lúcia, 4 votos; Maria José Guimarães e Neila Soares, 3 votos; Nidia Lury, zero voto. Todos aqueles cujos nomes foram apresentados como candidato e que, aceitando a indicação, deverão apresentar na 26ª Delegacia Regional da Ensino, seu "currículum vitae", o que foi feito pela professora Edile Moreira Manoel. Nada mais havendo a tratar, lavrei a presente ata, que após ser lida e aprovada, será datada e assinada por mim e pelos presentes.

Uberlândia, 20 de fevereiro de 1973

Delma Vieira Reis

Elina Lima Andreani

Rui Fernandes Carvalho

João Paulo

Lamira Mamuri Ferreira

Imagem 4 - Imagem digitalizada da página 29 do Livro de Atas das Reuniões Pedagógicas dos anos de 1971 a 1974. Esta é a segunda página da ata que registra a primeira reunião da Escola Estadual de 1º Grau Clarimundo Carneiro, na qual se explica as mudanças com a nova designação da escola.

Na ata supracitada, também podemos observar a presença do regime militar principalmente quando é abordado um dos temas principais da reunião, ou seja, a sondagem para a indicação do diretor geral. Segundo o registro da ata, diz-se que o segundo objetivo principal da reunião foi “a sondagem não decisória, mas consultória, porém importante, se tomarmos como princípio, que a democracia, (não digo) a liberdade é limitada. Nem sempre é democracia seguir a maioria”. Assim, podemos perceber como até o cuidado com as palavras usadas eram importantes no que era registrado. Quando a palavra democracia é mencionada, logo a seguir é corrigida. Além disso, a correção é seguida por uma explicação quando é dito “nem sempre é democracia seguir a maioria”, ou seja, justifica-se que a ação consultória já possui o valor em si, pois nem sempre o melhor é o que o grupo decidia (ATAS DAS REUNIÕES, 1973, p.28verso e 29).

Além disso, como podemos conferir na ata, o nome indicado como mais votado nesta sondagem é o de Édila Moreira Manosso, 38 votos, votação bem acima da segunda colocada que recebeu 17 votos. Entretanto, não foi esta a escolhida para assumir a direção do Grupo, que continuou a cargo da diretora que já estava em exercício, ou seja, Neide Fernandes Carvalho. Concordamos assim, com a afirmação de Abreu (2008) sobre a forma como o Estado se revestia sob uma “máscara democrática”, quando permitia que o grupo pudesse sugerir o nome que desejavam para a direção, mas na realidade não seguiam sua indicação.

Ao longo dos primeiros anos do regime, os militares exerceram a dominação direta sobre a sociedade civil e grupos subalternos. A hegemonia foi forjada a partir da escola, de propagandas e da coerção. A manutenção do regime visava, essencialmente, a construir uma mentalidade geral de que os militares não dominavam a sociedade, mas dirigiam todo o país para o desenvolvimento e progresso tão desejado por todos, esforçando-se para que o Estado mantivesse uma “máscara democrática”. Assim, o desenvolvimento parecia se dar de modo “natural” e para todos (ABREU, 2008, p.19).

2. Os Programas de Ensino Primário Elementar de Minas Gerais

O exemplar a que tivemos acesso deste Programa consta como a terceira edição, datado de 1961, contudo, ao final de sua Introdução, podemos verificar que o Programa é assinado pelo Secretário da Educação, Sr. Odilon Behrens, em 27 de março de 1953, o que sugere que esta seja a data da publicação da primeira edição.

Os Programas de Ensino vinham no formato de um único livro contendo 305 páginas, no qual havia uma Introdução que, como dito anteriormente, era assinada pelo Secretário da Educação, seguida por uma apresentação da Comissão Organizadora e, logo após, dividido pelos Programas específicos de cada disciplina que faziam parte do currículo do Ensino Primário Elementar, ou seja, Língua Pátria; Aritmética e Geometria; Geografia, História do Brasil, Moral e Civismo; História do Brasil; Ciências Naturais, Higiene e Puericultura; Desenho e trabalhos Manuais; Música Escolar e Educação Física. No Programa de cada disciplina primeiramente havia a apresentação por temas que deviam ser contemplados no ensino com uma orientação geral sobre o mesmo e, em seguida, as orientações específicas de como deveria ser trabalhado em cada série. Como se pode observar na imagem abaixo das páginas 11 e 12 do referido Programa.

LÍNGUA PÁTRIA

I — LEITURA

No ensino de leitura, como no de qualquer outra disciplina, o professor não deve perder de vista os objetivos que lhes são próprios. Entre os de leitura, salientam-se particularmente:

- o enriquecimento de experiências;
- a formação de interesse profundo pela leitura;
- a formação de hábitos, atitudes e habilidades de leitura oral e silenciosa.

Para atender a tais objetivos, está o programa dividido em períodos, que correspondem às fases de aprendizado da leitura.

Cada período tem objetivos, método, material e atividades próprias.

Em pouco tempo de trabalho, o professor chega a perceber as peculiaridades de cada período, a natural dependência de um a outro e sabe quando encurtá-los ou ampliá-los, visando aos objetivos propostos. Deve, pois, ter diante de si, a orientá-lo, os objetivos do período em que se acha, não avançando para o seguinte enquanto não tiver a certeza de o ter realizado amplamente.

Os períodos são: o *preparatório*, que, como o nome indica, visa a preparar a criança para aprender o sentido ou o pensamento dos símbolos impressos, compete ao Jardim de Infância ou à parte da primeira série; o *período intelectual*, que visa à formação de hábitos, atitudes e habilidades comuns a todas as situações de leitura, cabe à primeira série; o *período de treino intensivo* do grupo de hábitos, atitudes e habilidades, formados na primeira série, deve corresponder à segunda série; o *período de expansão de gostos e de interesses*, bem como o de desenvolvimento de maior capacidade de interpretação e formação de hábitos específicos, deve coincidir com a terceira série; finalmente, o *período de aperfeiçoamento dos processos* fundamentais da leitura e dos hábitos de estudo deve corresponder à quarta série.

Ao professor que se orientou pelos objetivos propostos, compete responder satisfatoriamente as seguintes questões, no término do curso primário:

- Revelam as crianças vivo interesse pela leitura?
- Criou a escola motivos imperiosos de leitura, que obriguem as crianças a ler depois de deixá-la?
- Expandiram-se os interesses no sentido previsto pela finalidade educativa da escola?
- Manifestaram-se interesses bem evoluídos, através de preferências por melhores leituras?

— 12 —

— Em que sentido a leitura contribuiu para o enriquecimento das experiências das crianças?

— Tocaram as crianças os principais ramos do pensamento humano, através das leituras realizadas?

— Conhecem as fontes de determinada experiência e sabem buscar conhecimentos na fonte exata?

— Têm, bem formados, hábitos peculiares à leitura das várias matérias do programa?

— Sabem fazer uso do dicionário e de outras obras de referência?

— Podem resolver uma dificuldade, valendo-se dos livros da biblioteca?

— Sabem manejar os livros sem estragá-los?

— Sabem fazer uma ficha e tomar uma nota?

— Têm um caderno de bons pensamentos, de notas de leituras ou de poesias?

PRIMEIRA SÉRIE

Apresenta-se de particular importância o ensino de leitura na primeira série, porque, aí, se desenvolvem os principais aspectos do processo de ler, que podem ser comparados, aproveitando-se uma imagem feliz de Buswell, às armações de ferro e cimento dos arranha-céus.

Os períodos preparatório e inicial devem ser plenamente desenvolvidos, se o professor se orientar pelos objetivos próprios a cada um e procurar harmonizar os melhores métodos com o material adequado.

PERÍODO PREPARATÓRIO

Objetivos:

- Preparar a criança para aprender a ler, através de um treino adequado de pensamento e linguagem;
- despertar interesse pela leitura e por aprender a ler;
- fazer a criança revelar-se em todos os aspectos — físico, moral, intelectual e social — para se lhe facilitar a classificação e o agrupamento.

Atividades.

1. Atividades para enriquecer as experiências da criança e desenvolver a capacidade de pensar:

- a) Excursões a lugares de maior interesse, como padarias, fábricas de macarrão, de gelo, serrarias e serralherias, hortas, mercados, feiras, etc.;
- b) observação e trato de animais e plantas;
- c) histórias narradas e lidas pelo professor;
- d) histórias apresentadas em teatro de fantoches;
- e) leitura de poesias pelo professor.

2. Atividades para desenvolver principalmente a linguagem:

- a) Histórias dramatizadas;

Imagem 5 e 6 - Primeiras páginas do Programa de Língua Pátria (1961)

De acordo com Behrens (1953, in: SEE/MG, 1961), os programas de ensino visavam formar um certo modelo de cidadão que fosse seguidor das leis, tivesse valores de família e

saúde e participasse das atividades sociais como se pode verificar abaixo sobre o conteúdo do Programa:

enfeixam assuntos que a experiência aconselha como favoráveis à consecução dos objetivos que orientam à ação educativa da escola primária, assim expressos: desenvolver no indivíduo o senso de liberdade sob a autoridade da lei, num regime de respeito aos valores eternos, leva-lo a participar da vida coletiva animado dos sentimentos de fraternidade humana, proporcionar-lhe a formação de hábitos de refletir sobre os conhecimentos adquiridos e de aplicá-los no planejamento e realização de atividades úteis ao seu desenvolvimentos; incutir²² neles hábitos de saúde e de vida familiar (SEE/MG, 1961, p. 3).

Conforme afirma Souza (2004), a educação primária teve uma identidade institucional, principalmente nos Grupos Escolares, baseada nos ideais de civilização do povo pela escola, sendo assim sobre os pressupostos da educação integral, se fazia necessário incutir os valores cívico-patrióticos. Assim, podemos também constatar na afirmação de Behrens (1953 in: SEE/MG, 1961) direcionada aos professores sobre qual era o perfil que se esperava destes profissionais que, na sua grande maioria, eram mulheres:

Depositário de honesta consciência cristã, o professor saberá fazer dos programas da escola primária o seu verdadeiro manual para o estudo meditado, planejando do trabalho, debate com os colegas e vivência, com os alunos, das experiências, fatos, princípios, normas, que sugere como meio de desenvolver a educação do indivíduo em seus aspectos mais amplos e mais significativos, visando à felicidade própria e à prosperidade da vida nacional (SEE/MG, 1961, p.6).

Nesta declaração de Behrens (1953 in: SEE/MG, 1961) podemos ainda observar alguns aspectos que marcaram a educação primária do período, como o fato da religiosidade não se caracterizar como um problema nas instituições públicas de ensino. Podendo ser observada a presença da Igreja através de seus representantes em eventos e solenidades realizadas pelas instituições escolares. O que pode ser percebido nas falas das alfabetizadoras e nas fotos presentes no arquivo do Grupo.

²² Grifo nosso.



Imagem 7 - Foto pertencente ao arquivo do Grupo Escolar Clarimundo Carneiro que retrata a participação do Grupo na confecção de tapetes de serragem em comemoração à Corpus Christi. O local da foto é a Av. Rio Branco, próximo ao centro da cidade.



Imagem 8 - Foto pertencente ao arquivo do Grupo Escolar Clarimundo Carneiro na qual o Monsenhor Afonso (em pé) participa da mesa de autoridades da I Jornada Pedagógica realizada no Grupo.

Fernandes (2012) ao ver as fotos lembra sobre a presença da Igreja Católica na escola “tinha até missa dentro da escola” (2012, p.33). Lobato (2012) e Santos (2012) reconhecem e relatam que a foto é da abertura da I Jornada Pedagógica que ocorreu no Grupo e que o religioso na foto abaixo se trata do Monsenhor Afonso. Encontramos ainda no Livro de Atas de Reuniões Pedagógicas, a menção a um curso de catequese que seria realizado nas dependências do Grupo, com duração de uma semana e que ficaria a critério das professoras participar ou não (LIVRO DE ATAS, 1966. p. 13).

Sobre a participação nas comemorações de Corpus Christi, foi relatado em uma das entrevistas, que o Grupo era convidado todos os anos para participar das festividades. E todos os anos as professoras, os alunos e os pais de alunos, que desejavam, compareciam para realizar a confecção de tapetes de serragem na rua para a passagem da procissão de Corpus Christi.

Desta forma, podemos identificar que a igreja ainda atuava de alguma forma na educação mineira, mas especificamente no Grupo Escolar Clarimundo Carneiro.

Outro aspecto importante para Behrens (1953 in: SEE/MG, 1961) diz respeito a atribuição que se esperava dos professores em transmitir valores de moralidade, civismo, para

o bom desenvolvimento e progresso do país. Esse aspecto também pode ser observado nas narrativas das alfabetizadoras e em imagens encontradas nos álbuns do Grupo.

Fernandes (2012) ao narrar sobre a forma como trabalhava a disciplina de Moral e Civismo afirma que o fazia por meio da comemoração das datas cívicas.

Geralmente nessas datas a gente ia para o palco e então tinha uma comemoração. Também nas nossas aulas, todo mês tantas salas iam comemorar uma data, por exemplo, um dia era a minha sala, no outro não. Cada um, por exemplo, punha dois meninos para ir lá falar uma quadrinha, alguma coisa sobre aquela data e trabalhar. [...] Fora que toda segunda feira cantava o hino nacional, o hino da bandeira e depois é que a gente ia para a sala. Hoje eles não trabalham mais sobre isto, que é dia do soldado, dia da bandeira (2012, p.19).

A importância dada às datas de comemoração cívicas é lembrada pela alfabetizadora Silva (2012) que, durante a entrevista, solicitou que a fosse anotado algo que considerava importante “Coloca aí que todas as datas cívicas eram homenageadas” (SILVA, 2012).



Imagem 9 - Alunos do Grupo Escolar Clarimundo Carneiro, uniformizados, desfilando pelo centro da cidade de Uberlândia, segundo relatos provavelmente no dia 31/08, aniversário de Uberlândia, ostentando uma faixa com os seguintes dizeres: UNAMO-NOS PARA FAZER DE UBERLÂNDIA O SÍMBOLO DO ESFORÇO DE TODOS. Foto do acervo do Grupo, sem data. No verso da foto consta o nome da empresa que fez o registro fotográfico: Potyguara – Fotos e Reportagens.

A foto acima retrata a participação dos alunos do Grupo Escolar Clarimundo Carneiro no desfile do aniversário da cidade de Uberlândia. A participação nos desfiles tanto do

aniversário da cidade como do dia sete de setembro, foram relatadas nas entrevistas como fazendo parte dos costumes do Grupo. Também encontramos nas atas menção à participação nestes eventos cívicos como nos exemplos a seguir:

Desfile no dia 31 – Saída às 8:h. Os grupos que desfilarem estarão dispensados dos trabalhos do dia 1º de setembro(ATAS DAS REUNIÕES, 1966, p.17)

De acordo com a Delegacia de Ensino e a pedido do Sr. Prefeito Dr. Renato de Freitas, os grupos mais centrais teriam que desfilarem no dia 31 de agosto, dia do aniversário da cidade e para isso a senhora diretora pediu sugestões das professoras(ATAS DAS REUNIÕES, 1967, p.42).

Sobre a participação em desfiles cívicos, Oliveira argumenta que essa prática era uma forma do Estado promover o culto ao civismo e moldar a formação do cidadão.

As práticas dos desfiles cívicos e como eles aconteciam [foram] um instrumento do Estado para a efetivação do processo de elaboração do culto ao civismo, com o propósito de contribuir para a formação do homem integrado. O controle sobre a escola e sobre seu currículo era fundamental para evitar qualquer subversão contra o governo do Brasil(2013, p.6).

Além disso, em praticamente todas as atas, se encontra as orientações sobre a Hora Cívica, na qual existia a prática de cantar o hino nacional, realizar o hasteamento da bandeiras, palestras sobre temas cívicos e apresentações de alunos. Desta forma, podemos verificar o quanto os valores de civismo eram propagados no grupo.

Ainda no Programa de Ensino encontramos prescrições à Secretaria da Educação do Estado de Minas Gerais para a boa condução do trabalho. Com relação à essa responsabilidade, Behrens diz que:

Competirá à Secretaria afastar embaraços e suprir deficiências, para melhor atendimento e aplicação dos programas, realizando cursos especializados e divulgando processos de ensino, além de outras medidas que assegurem à escola condições normais e adequadas ao trabalho (SEEMG, 1961, p.6).

Sobre essa afirmação, podemos constatar que houve iniciativas para disseminar o conteúdo do Programa de Ensino, visto que no Grupo ocorreu a I Jornada Pedagógica, provavelmente no ano de 1967, quando Santos já estava dirigindo a Delegacia Regional de Ensino. Essa Jornada Pedagógica segundo Santos (2012), foi planejada pela Delegacia Regional de Ensino e realizada no Grupo Escolar Clarimundo Carneiro justamente porque o Grupo possuía um bom espaço físico para contemplar esse evento. Nessa jornada foram ministradas aulas de demonstração sobre a aplicação do Método Global, método este

contemplado e priorizado no Programa de Ensino. Lobato (2012) vendo as fotos do Grupo aponta algumas fotos referentes à Jornada e comenta:

Foi a primeira Jornada Pedagógica realizada em Uberlândia. Este evento foi voltado para a alfabetização e, também, atividades inerentes a outros conteúdos do Programa de Ensino da 1ª série. Foi realizada em uma semana. O foco desta jornada foi a aplicação do Método Global (Lobato, 2012).

Essas aulas aconteciam da seguinte maneira, algumas alfabetizadoras foram escolhidas para ministrar aulas demonstrando como funcionava cada fase do Método e as alfabetizadoras que participaram da jornada assistiam às demonstrações. As aulas podiam ocorrer com a presença de alunos na sala de aula, ou apenas das alfabetizadoras ouvintes. Para participar da Jornada, vieram alfabetizadoras de todas as regiões abrangidas pela Delegacia Regional de Ensino de Uberlândia (DRE). Depois as alfabetizadoras, que participaram como ouvintes da Jornada, deveriam fazer papel de multiplicadoras em seus municípios. De acordo com Lobato:

Primeiro teve a participação de professores altamente qualificados em um curso promovido pela SEE/MG em Belo Horizonte, onde receberam orientações didático-pedagógicas, de conteúdos que seriam repassados às treze professoras alfabetizadoras escolhidas para darem aulas demonstrativas às professoras participantes pertencentes aos municípios jurisdicionados à DRE de Uberlândia. As treze professoras escolhidas aplicavam o Método Global e eram advindas de diversas escolas da rede estadual de Uberlândia. Os participantes da Jornada Pedagógica eram distribuídos em treze salas de aula para assistirem às aulas demonstrativas ministradas pelas alfabetizadoras aos seus respectivos alunos. Depois, as alfabetizadoras dos diversos municípios da jurisdição que assistiram às aulas demonstrativas seriam elementos multiplicadores em seus municípios ou escolas. A Jornada Pedagógica contou com a participação de supervisoras da SEE que acompanhavam e orientavam os trabalhos realizados no decorrer das atividades desenvolvidas durante a Jornada Pedagógica (2012, p.6).

A imagem a seguir apresenta uma das aulas de demonstração ministrada pela alfabetizadora Lobato sobre a aplicação do método global de contos. As crianças presentes na sala de aula eram alunos da professora Lobato e apesar da foto não mostrar havia outros professores assistindo à essa aula. Os cartazes aficcionados na parede eram utilizados pelas alfabetizadoras para trabalhar o método global com o pré-livro *As Mais Belas Histórias* de Lúcia Casasanta. Contudo, esses cartazes não faziam parte do material do professor do pré-livro *As Mais Belas Histórias*, eram produzidos na escola ou encomendados para utilizar nas aulas.

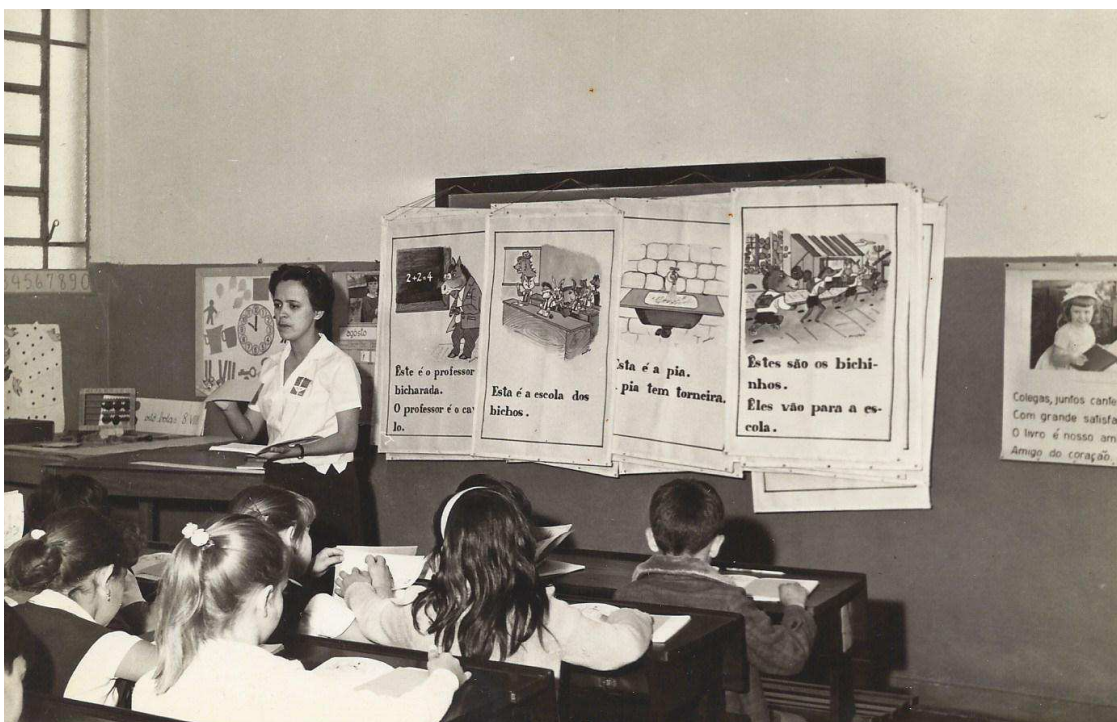


Imagem 10 - Foto retrata uma aula de demonstração sobre a aplicação d Método Global de Contos ocorrida na I Jornada Pedagógica. Arquivo da Escola Estadual Clarimundo Carneiro ²³



Imagem 11 - Aula de demonstração na I Jornada Pedagógica - Foto do acervo da alfabetizara Lobato²⁴

²³ Aula de demonstração sobre a aplicação do Método Global de Contos ocorrida na I Jornada Pedagógica organizada pela Delegacia Regional de Ensino no ano de 1967. Pode-se observar na camisa da alfabetizadora Lobato que esta possui um crachá da Jornada Pedagógica.

Contudo, apesar de terem ocorrido cursos que difundiam o Método Global, que constava como Método de Ensino no programa de Língua Pátria, segundo os relatos das alfabetizadoras e da diretora, os Programas de Ensino não eram entregues a todos os professores, e sim às escolas que deveriam deixá-lo disponível para consulta. Segundo Lobato (2012), os Grupos “recebiam o Programa de Ensino e os professores tinham livre acesso ao mesmo”. Santos (2012) também confirma essa disponibilidade ao afirmar que “os professores usavam o Programa de ensino da escola”.

Podemos inferir que o Programa de ensino foi muito utilizado pelas alfabetizadoras entrevistadas e o mesmo sempre ficou disponível para elas. E para entender como esse programa influenciou suas práticas no próximo capítulo iremos analisar as práticas das alfabetizadoras e suas concepções de leitura e escrita.

Buscamos neste capítulo fazer um breve retrospecto das legislações educacionais que organizaram e determinaram os conteúdos do ensino primário, em âmbito nacional, desde a promulgação do Decreto-Lei n. 8.529 de 1946, Lei Orgânica do Ensino Primário, que traça as diretrizes para o ensino primário em todo o país até a publicação da primeira LDB, Lei 4024 de 1961 que manteve a autonomia administrativa dos estados em relação ao ensino primário e ao ensino normal. Para tratar em seguida da legislação do Estado de Minas Gerais sobre o ensino primário que foi determinado pela Lei 2.610 publicada em 08 de janeiro de 1962 que continha o Código do Ensino Primário.

Diante disso, verificamos algumas das prescrições definidas no Programa do Ensino Primário Elementar de Minas Gerais e com estas prescrições afetavam as práticas escolares no Grupo Clarimundo Carneiro.

Posteriormente realizamos um breve levantamento do início dos Grupos Escolares no Brasil e em Uberlândia, para compreender sobre que bases o Grupo Escolar Clarimundo Carneiro foi fundado e como iniciou suas atividades até finalizá-las no início do ano de 1973.

No próximo capítulo apresentaremos as alfabetizadoras que fazem parte deste estudo e a primeira diretora do Grupo Escolar Clarimundo Carneiro, para buscarmos compreender quem são os sujeitos da pesquisa e quais foram suas trajetórias educacionais e profissionais.

²⁴ Aula de demonstração sobre a aplicação do Método Global de Contos ocorrida na I Jornada Pedagógica ministrada pela professora Stella Maria de Assis Paiva no dia 07 de agosto de 1967. Nesta foto também é possível observar os crachá da Jornada Pedagógica nas camisas de algumas professoras.

CAPITULO III - OS SUJEITOS DA PESQUISA E SUAS TRAJETÓRIAS:

Para compreendermos as questões a que nos propusemos responder nesse estudo se faz necessário apresentar os sujeitos participantes da pesquisa percorrendo sobre suas trajetórias profissionais e também pessoais, pois tanto o ingresso na carreira de professora como a forma de exercer essa profissão estão imbricadas com as escolhas pessoais, com as influências da família e da sociedade, principalmente nesse período estudado, em que as mulheres não tinham muitas opções na escolha de uma carreira profissional. Desta forma, como nos relata Tardif:

pode-se constatar que os diversos saberes dos professores estão longe de serem todos produzidos diretamente por eles, que vários deles são de um certo modo “exteriores” ao ofício de ensinar, pois provêm de lugares sociais anteriores à carreira propriamente dita ou fora do trabalho cotidiano. (...) alguns provêm da família do professor, da escola que o formou e de sua cultura pessoal; outros vêm das universidades; outros são decorrentes da instituição ou do estabelecimento de ensino (...); outros, ainda, provêm dos pares, dos cursos de reciclagem etc. Nesse sentido, o saber profissional está, de um certo modo, na confluência entre várias fontes de saberes provenientes da história de vida individual, da sociedade, da instituição escolar, dos outros atores educativos, dos lugares de formação etc (2000, p.215).

Nesse sentido iremos relatar um pouco da trajetória pessoal e profissional de Santos (2012), primeira diretora do Grupo Escolar Clarimundo Carneiro entre 1963 a 1973 e a trajetória de quatro alfabetizadoras que atuaram nesse Grupo durante esse período; Silva (2011); Fernandes (2012); Lobato (2012) e Ferreira (2012). Inicialmente optei por relatar a forma como foram conduzidas as entrevistas e a importância disso para iniciar os diálogos, permitindo que houvesse um clima agradável e tranquilo durante toda a entrevista. Antes de iniciarmos propriamente as perguntas que eu precisava fazer, novamente explicava sobre o trabalho, o porquê havia escolhido o Grupo Escolar Clarimundo Carneiro e o critério utilizado para a escolha dos sujeitos da pesquisa e, em seguida, pedia-lhes permissão para mostrar os álbuns de fotos do período do Grupo, que me foi emprestado pela escola para que eu tivesse a oportunidade de mostrar às minhas entrevistadas como ferramenta para reavivar a memória. Todas as entrevistadas se mostraram emocionadas ao ver ou rever as fotos e foram me contando sobre o Grupo, pessoas que passaram por lá e até mesmo sobre seus modos de dar aulas. Outro material, que procurei levar, foram as cópias das atas de avaliações realizadas na escola. Nessas atas elas podiam ver seus nomes e de alunos e outras professoras que

trabalharam com elas, o que lhes rendia também bons relatos. Levei também um material impresso com a imagem e dados de várias cartilhas antigas e o pré-livro, livro de atividades e livro do mestre da cartilha *As Mais Belas Histórias*, de Lúcia Casasanta. Nesse momento, com exceção de Santos, que não trabalhou especificamente com essa cartilha, todas as outras alfabetizadoras e também a diretora explicaram-me como funcionava o material e como gostavam de ter trabalhado com este.

1. Santos

Iniciaremos nossa apresentação dos sujeitos da pesquisa por Santos, diretora que esteve à frente do Grupo Escolar Clarimundo Carneiro desde a sua inauguração em 1963 até junho de 1966, quando foi convidada a assumir a Delegacia Regional de Ensino de Uberlândia. Além disso, após sua exoneração do cargo de Delegada de Ensino, visto que era um cargo político, voltou a exercer o cargo de diretora do Grupo em 1972 até se aposentar.

Eu saí em Dezembro de 1971 da Delegacia Regional de Ensino. Era período de férias. Quando as aulas iniciaram tive que me apresentar ao Grupo Escolar Clarimundo Carneiro, por ser diretora concursada. Fiquei lá até me aposentar em Agosto de 1972 (SANTOS, 2012).

Santos, é solteira, pertencente a uma família numerosa, com doze irmãos e irmãs, alguns já falecidos, nasceu em uma fazenda localizada em Martinésia, distrito do município de Uberlândia. Atualmente está aposentada e mora com uma irmã.

Descobri Santos, com o auxílio da alfabetizadora Lobato que fazia parte do grupo selecionado para este estudo. Lobato mantém o contato e amizade com Santos desde a época que trabalharam juntas pela primeira vez. Assim, após Lobato conversar com Santos sobre essa pesquisa, ela aceitou, apesar da cautela e do cuidado, em receber a pesquisadora, conseguimos iniciar nosso dialogo. A cautela, segundo ela, se devia principalmente à sua idade avançada e aos problemas de saúde pelos quais estava passando, pois devido a estes fatos, não tinha certeza se sua memória seria confiável, no sentido de contribuir e lembrar das informações que seriam importantes para essa pesquisa e, sendo assim, talvez pudesse passar uma informação equivocada ou não tão de acordo com o que tinha acontecido no período dessa pesquisa. A alfabetizadora Lobato auxiliou bastante para que essa pesquisa tivesse êxito, informando inclusive o telefone pessoal de Santos e foi assim que essa pesquisadora fez o primeiro contato, no qual foi explicado, o tema e o objetivo deste estudo e como sua narrativa sobre sua experiência no Grupo escolar seria importante para a pesquisa. A princípio

Santos se dispôs a conhecer a pesquisa e os objetivos desde que o primeiro encontro não fosse gravado. Não foi um percurso fácil a cada telefonema, a narradora informava sobre o seu estado de saúde e em algumas vezes pensamos em desistir, mas aos poucos entre um telefonema e outro mesmo afirmando, que não estava em condições de receber a pesquisadora e que, assim que se sentisse melhor, avisaria para que pudéssemos remarcar a tão esperada entrevista. Assim que Santos sentiu-se em condições de conceder a entrevista, essa foi agendada e realizada. Ao ser recebida por Santos, iniciamos nosso dialogo buscando convencê-la da sua importância que seu relato possuía para a construção desse estudo. Buscamos informá-la sobre a necessidade que a academia e os pesquisadores de forma geral têm para investigar os modos de fazer e pensar os processos de alfabetização no período deste estudo, e que para nós era importante ouvir suas narrativas das memórias vivenciadas sobre o Grupo Escolar Clarimundo Carneiro e como ocorria a alfabetização nesse local.

Conseguimos a entrevista de Santos e de outras alfabetizadoras explicando às mesmas todo o processo da pesquisa. Foi possível constatar uma preocupação comum a várias entrevistadas, principalmente as que já tinham mais idade, de que suas memórias poderiam falhar, principalmente algumas questões importantes da vida que costumamos preservar²⁵, e que mesmo os possíveis esquecimentos, também fazem parte da memória e têm valor na História Oral. Foi explicado também que toda narrativa seria transcrita e só depois de sua leitura e aprovação é que a história poderia ser analisada neste estudo. Uma informação importante, aos entrevistados foi a de que poucos documentos restaram da história do Grupo Escolar Clarimundo Carneiro e de suas alfabetizadoras.

Portanto, os depoimentos orais são preciosos para a construção dessa história e os depoimentos, em especial, o de SANTOS como diretora que esteve a frente da implantação do Grupo, com certeza seria de grande valia nessa construção.

A entrevista foi longa. Sendo assim, após a entrevista foi realizada a transcrição e encaminhada à narradora Santos para sua aprovação, contudo boa parte do que foi lembrado na entrevista foi suprimido, ou corrigido, pela autora, sem, contudo, mudar a essência da narrativa. Esse tipo de modificação, apesar de causar frustração ao pesquisador como foi nosso caso, é direito do narrador fazer todas as correções, suprimir, aumentar, ou deletar algo confidencial.

²⁵ Ver Thompson, A voz do passado, 3.ed, 1998, p.153

A formação inicial de Santos ocorreu em uma escola localizada na fazenda onde morava, ela revela que foi alfabetizada informalmente, visto que naquela época a criança só podia ingressar na escola com sete anos completos e como ela ainda não havia completado essa idade, mas tinha muita vontade de aprender a ler e escrever, acompanhava suas irmãs mais velhas que já estavam na escola, sentando na porta da sala e ficava horas escutando os ensinamentos do professor. “O professor era bravo e não me deixava entrar, mas, lá da porta eu assistia suas aulas. Foi assim que aprendi a ler” (SANTOS, 2012).

Apesar de não ter frequentado de maneira formal a escola da fazenda, ela lembrou que a escola era multisseriada, e que utilizava nas aulas de alfabetização a Cartilha da Infância, do chamado A E I O U, cujo método de ensino era o Sintético, usava-se a Silabação.

Assim, com oito anos de idade, após o falecimento de seu pai, mudou-se para o município de Uberlândia com sua mãe e seus irmãos e irmãs e foi estudar no Grupo Escolar Júlio Bueno Brandão. Coincidentemente, o nome de sua primeira professora neste Grupo era o mesmo nome que o seu, chamava-se Carmelita Cupertino.

Santos, narra que de acordo com sua percepção, acredita que o professor da fazenda, não possuía formação para exercer a docência, apesar de ser muito capacitado. Já a professora do Grupo tinha a impressão de ser normalista. “Eram todas de classe socioeconômica melhor. A única coisa que a mulher podia fazer naquele período era ser professora” (SANTOS, 2012).

Neste contexto, a carreira do magistério, nem sempre era uma escolha, mas, às vezes, a única opção de trabalho para as mulheres. Antes de se tornar diretora no Grupo Escolar Clarimundo Carneiro, Santos atuou por dezenove anos, como docente, na maior parte deste tempo como professora da 4ª série primária, na escola municipal “Nossa Senhora do Carmo”, que segundo ela, mais tarde se transformou no Grupo Escolar Bom Jesus. Quando a escola passou a se chamar Grupo Escolar Bom Jesus, ela já não estava mais em sala de aula, exercendo então o cargo de vice-diretora. Entretanto, a primeira turma para a qual lecionou foi uma turma de 1ª série e utilizou como instrumento de alfabetização a Cartilha da Infância, que tinha como base o Método Silábico, método esse que, além de ter sido o que vivenciou em seu aprendizado na infância, também era o ensinado no Curso Normal.

Santos, já havia terminado o Curso Normal quando iniciou sua carreira no magistério, tendo cursado o mesmo no Colégio Nossa Senhora das Lágrimas²⁶. Após essa primeira formação no Curso Normal e após exercer por vários anos a profissão docente, ingressou no Curso de Orientação Educacional e Administração Escolar, ministrado no Instituto de Educação de Minas Gerais (IEMG), em Belo Horizonte, que teve duração de dois anos. Para participar deste curso recebia uma bolsa de estudos do Estado de Minas Gerais, visto que para frequentar este curso era necessário residir em Belo Horizonte. Foi justamente neste curso que conheceu o Método Global, tendo sido aluna inclusive de Lucia Casasanta, precursora do Método Global de Contos e autora da cartilha *As mais Belas Histórias*. Quando terminou o curso, 1961, e retornou à Uberlândia, foi trabalhar no agrupamento, que depois se tornou Delegacia Regional de Ensino²⁷ onde ficou até junho de 1962, quando surgiu a oportunidade de dirigir o Grupo Escolar Seis de Junho. Assim, ao assumir o Grupo ela pensou: “se lá (IEMG) foi tão bom, agora que estou com uma escola em minhas mãos eu vou trabalhar com o Método Global” (SANTOS, 2012).

Entretanto, Santos ficou pouco tempo à frente do Grupo Escolar Seis de Junho, visto que foi convidada pela Dona Antonieta Silva, responsável pelo agrupamento, para assumir o novo Grupo que seria inaugurado, o Grupo Escolar Clarimundo Carneiro. Ao receber o convite, Santos disse que aceitaria com a condição de levar para esse novo Grupo algumas das professoras que faziam parte de sua equipe, como a professora Edir Lobato, Delma e outras. Além disso, também seguiu com ela para o Grupo, Marlene Cruz, que era sua vice-diretora no Grupo Escolar Seis de Junho e passou a sê-lo também no Grupo Escolar Clarimundo Carneiro. Desta forma, com essas professoras, que já trabalhavam anteriormente com a Dona Carmelita, e mais algumas outras que foram encaminhadas para lá, se formou a equipe a qual começou a lecionar no Grupo Escolar Clarimundo Carneiro sob a direção de Santos.

2. Silva

A primeira alfabetizadora a ser entrevistada foi a alfabetizadora Silva, nascida em seis de novembro de 1922, na zona rural de Uberlândia, é viúva, mãe de um filho residente em outro estado. Atualmente é aposentada e mora com uma senhora que considera como uma

²⁶ Para saber mais sobre a história do Colégio Nossa Senhora do Carmo ver RAMOS, Lucélia Carlos. **Uma História da Educação Feminina em Uberlândia: o Cotidiano e as Representações Sociais do Colégio Nossa Senhora das Lágrimas (1930-1940)**. PPGED/FACED/UFU, 2003. Dissertação (mestrado).

²⁷ Instalada oficialmente em 22/12/1965, através de publicação “Minas Gerais” de 14/12/1965- página 12 - conforme termos da Portaria no. 68/SEE.

filha adotiva, pois já está com ela a mais de 50 anos. Foi professora alfabetizadora durante a maior parte de sua carreira, segundo ela só trabalhou com outras séries em quatro anos não consecutivos, o restante do tempo esteve com as salas de alfabetização. Já possuía vários anos de experiência como professora quando foi trabalhar no Grupo Escolar Clarimundo Carneiro, no qual trabalhou até se aposentar.

Rosário, secretária da escola, foi quem me indicou a alfabetizadora Silva e como não possuía seu telefone, mas sabia o local onde morava, me acompanhou até a casa dela afim de que pudéssemos estabelecer o primeiro contato. A senhora Silva nos recebeu muito bem, e pude explicar do que se tratava meu projeto de pesquisa, como seria realizado e solicitar que ela nos concedesse uma entrevista. Nesse primeiro encontro ela já nos relatou várias informações sobre seu ofício de alfabetizadora e como ainda não era uma entrevista oficial não foi gravada, mas foi registrada no caderno de campo.

Pode ocorrer que, na conversa preliminar, o entrevistado se entusiasme pelo assunto e pela oportunidade de dar seu testemunho, discorra sobre suas experiências passadas. Nesse caso convém tomar nota de suas opiniões e de seus relatos, para retomá-los mais tarde, ao longo da entrevista propriamente dita, quando o recurso do gravador permitir o registro de seu discurso. As informações que o entrevistado fornece no primeiro contato com os pesquisadores também constituem, portanto, dados para a elaboração do roteiro inicial (ALBERTI, 2004, p.88).

A entrevista foi marcada para a semana seguinte e teve uma duração de aproximadamente 3 horas. Durante a realização da entrevista, eu mostrei a ela fotos emprestadas pela Escola Estadual Clarimundo Carneiro, do período em que ainda era Grupo Escolar, além da reprodução de atas de avaliação dos alunos, nas quais constavam o nome das professoras, o número da sala, o nome dos alunos, assim como o registro de suas notas e frequência nas aulas. Apresentei esses registros com intuito de estimular a sua memória, reconhecer pessoas com as quais trabalhou e / ou alunos com os quais conviveu e até suscitar informações não previstas no roteiro de entrevista.

Como dito anteriormente, os relatos colhidos na primeira visita, apesar de não gravados foram registrados no caderno de campo assim como algumas informações importantes não foram repetidas com tantos detalhes na entrevista propriamente dita, foram incorporadas às falas de Silva. Talvez esse fato de possuir registros importantes escritos, mas

não gravados se deve a minha inexperiência da entrevistadora, considerando que foi minha primeira entrevista formal.

Sobre sua formação inicial, Silva nos conta que:

Quando era menina tinha vontade de estudar, mas era difícil porque eu morava na fazenda. No primeiro dia de aula, quando eu fui à escola pela primeira vez, não sabia pegar no lápis, a professora escreveu no meu caderno a, e, i, o, u. Eu pedi a ela que me ensinasse. Ela disse: “Faça a lição, senão a professora te põe de castigo.” Chorei muito, o tempo todo. Apanhei de minha mãe e não voltei mais a aula. [...] Porque lá não tinha professor, tinha aqueles professores da escola antiga, com aquelas letras manuscritas dando aulas daquele jeito que está aqui. A gente sentava e o professor andando (SILVA, 2011).

Depois dessa primeira experiência frustrada, Silva se mudou com a família para a zona urbana de Uberlândia e voltou a estudar. A escola se chamava Externato Santa Luzia e sua professora se chamava Olga Silva. De acordo com ela, sua professora tinha habilitação para lecionar.

Sobre sua atuação no magistério, Silva relata que quando começou a trabalhar já estava formada no final do Curso Normal.

Em 1944 me formei pela escola normal de Uberlândia, escola normal de Uberlândia, o diretor era José Inácio de Sousa. Em 1947 fui nomeada professora municipal e lecionei alguns anos, mais ou menos uns oito anos. Em 1949 fiz o curso de formação de professor ou professora (SILVA, 2011).

Depois desse período foi nomeada professora no Estado. Segundo ela, quem fez essas nomeações foi o prefeito de Uberlândia, que transferiu alguns professores do município para o Estado. A primeira escola em que trabalhou foi a Bom Jesus, que pelo que indica a data de sua formatura, ainda não era Grupo Escolar. Segundo Silva, depois do Bom Jesus, que para ela ficava longe de sua residência, por isso pediu transferência para a escola Padre José de Anchieta que, segundo ela ficava situada à Av. Rio Branco, porém não encontrei nenhum registro em outras pesquisas dessa escola.

Depois da escola Padre José De Anchieta, ela foi transferida para a escola municipal Joana D’arc e de lá foi nomeada como professora Estadual para o Grupo Escolar Clarimundo Carneiro. Silva disse que teria trabalhado mais ou menos uns oito anos antes de ser nomeada para o Grupo, mas como ela diz ter começado a trabalhar como professora municipal no ano de 1947, sem ter parado de trabalhar em período algum, segundo minhas contas seriam dezesseis anos de experiência anterior.

Só de prefeitura eu tinha oito anos, eu não sei, não fui pra outra escola. Eu sei que eu fiquei viúva dia 7 de fevereiro de 1947 e, no mesmo ano, no mesmo mês de fevereiro, eu fui à prefeitura, levei meu diploma de professora de escola normal e fui nomeada professora da prefeitura. O Jerônimo Arantes é que era o secretário de educação daquela época da prefeitura. (SILVA, 2011).

Perguntei a Silva, como se deu a escolha pela docência e ela respondeu que sempre quis ser professora. “Desde menina eu queria ser professora. Desde menina eu tinha vocação para ser professora”. Entretanto, ser alfabetizadora não foi uma escolha, visto que quem definiu em que série ela iria trabalhar foi a diretora.

“A diretora que orientava para qual classe a professora iria, que orientava, ou que dava a classe. Você vai lecionar primeira série, sua classe é primeiro ano repetente, ou primeiro ano novato, porque eu lecionei muitos anos no primeiro ano novato. Lecionei quase uns quinze anos alfabetização. Fui alfabetizadora muitos anos.” (SILVA, 2011).

Conforme relata Silva, trabalhou pouco tempo com outras séries, “duas vezes na segunda série, uma vez na terceira e uma vez na quarta. Eu ensinei até a quarta série. Você vê a dificuldade, menina, você dava o globo terrestre, montava o globo, você vê que dificuldade, nem é bom pensar”. O restante do tempo esteve em classes de alfabetização. “Eu gostava da alfabetização”.

3. Fernandes

A terceira entrevista foi realizada com a alfabetizadora Fernandes e o primeiro contato com ela ocorreu por intermédio de Rosário, que marcou uma visita a esta professora afim de que eu pudesse apresentar-lhe os objetivos da pesquisa e desta forma pedir que participasse do estudo. Fernandes nos recebeu muito bem e se dispôs de pronto a participar já deixando agendando a entrevista para a semana seguinte. Na semana seguinte, apresentei-me à entrevistada e conversamos por cerca de 3 horas. Após a transcrição da entrevista, marcamos um novo encontro para apresentar-lhe o texto e colher a assinatura do termo de cessão. Fernandes assinou o termo de cessão sem pedir alteração alguma na sua transcrição.

Fernandes nasceu em Martinésia, distrito de Uberlândia, no dia 11 de agosto de 1938, é viúva, mãe de quatro filhos e mora sozinha. Apesar de ter tido uma perna amputada devido às consequências de um problema de saúde. Mesmo sendo cadeirante ainda é uma pessoa ativa, cuida de sua casa, viaja com outras aposentadas e participa de oficinas na Igreja onde frequenta.

Fernandes relata que trabalhou como alfabetizadora durante toda sua vida profissional.

Sua formação inicial se deu em uma escola rural localizada em uma fazenda, próxima à Martinésia, pois morava em outra fazenda pertencente a seu pai que ficava nos arredores. “Era numa casa, com uma mesa bem grande, então colocava uns bancos e eram todas as séries misturadas: a primeira, a segunda a terceira e a quarta série, tudo junto. Então o professor te mandava escrever uma coisa e depois ia lá tomava a lição”. A cartilha utilizada nessa escola era a Cartilha da Infância que “começava mesmo pelo “A, E, I, O, U”. A maior dificuldade que eu tive foi para unir o “A” mais o “T”, formando “AT”. Erra um horror, agora você imagina quantos anos eu tinha, era “petitinha””.

Segundo Fernandes, o professor dessa escola se chamava Jovino, nome que guardou bem na memória, apesar de não recordar do sobrenome. Mas, na realidade, a primeira professora se chamada Divina Machado e morava em um sítio próximo à fazenda onde morava. “O Seu Jovino era em outro lugar, a casa já era própria para escola, era um barracão, tinha as carteiras e tinha o quadro, lá onde era a Divina ela não tinha o quadro”. Ela conta que o professor Jovino foi enviado pela prefeitura para dar aulas naquela localidade, mas que essa escola ficava mais distante de onde morava.

Fernandes acredita que o professor Jovino devia ser leigo, “naquele tempo não tinha muito professor formado, quando eu comecei também era leiga, não tinha ninguém formado, essa era uma realidade”. Segundo seu relato, até mesmo no Grupo Escolar Clarimundo havia professoras leigas, “com o tempo elas foram fazer o Normal, o Magistério”.

Fernandes conta que utilizava como material para o aprendizado na escola rural a lousa com giz, cada aluno tinha a sua lousa e o caderno usava-se pouco. O aprendizado era dificultado pelo fato de ser uma escola multiseriada.

Não tinha sequência. A gente também entrou mais tarde e também não tinha sequência. Eles largavam a escola, passava um tempo e não queriam mais ficar (os professores), não tinha muita sequência. Meus irmãos vieram, prestaram a admissão e já foram para a quinta série. Eu tenho dois irmãos homens e os dois fizeram isso, porque eles eram mais velhos. Eu não lembro se faltava muito (para completar o primário), não sei porque nós tivemos que voltar para o primeiro ano, eu e minha irmã mais nova, aí nós fomos caminhando juntas (FERNANDES, 2012).

Outro professor do qual se recorda, quando ainda morava na fazenda, era um professor chamado de “Senhor Branquinho”, “o nome dele mesmo eu não lembro, ele era chamado assim porque ele era bem claro”. O Sr. Branquinho foi seu professor depois do Sr. Jovino, mas por pouco tempo, pois foi nessa época (1949) que mudou com seus pais para Uberlândia.

Ela já estava com onze anos de idade e para iniciar os estudos no Grupo Escolar Dr. Duarte precisou fazer antes um teste de nivelamento. Esse teste “era para ver o que eu sabia e o que eu não sabia”. Ela conta ainda que “já lia e escrevia, mas não sabia, por exemplo, compor uma frase. Daí eu fiquei no primeiro ano novamente, fui até o final do ano e depois eu já fui para a segunda, terceira e quarta-série”. Depois de completar a quarta série, ela diz que precisou fazer o teste de admissão, “a gente prestava uma prova para saber se a gente podia passar para a quinta-série”.

Como Fernandes havia narrado, ela começou a lecionar quando tinha uns dezessete para dezoito anos de idade, antes mesmo de começar o Curso Normal.

Eu estava fazendo a sétima série e sempre gostei de lecionar. Sempre gostei de criança e tinha a necessidade também. Naquele tempo ninguém trabalhava em loja, ninguém trabalhava em comércio. Meu pai quebrou e, por isso, nós tivemos que trabalhar cedo. Como ele tinha muita influência política nós conseguimos trabalhar, lecionar, mas não tinha o Normal, não tinha nada. [...] A escola era a que começamos a lecionar era lá nas Tabocas, nas Escolas Conjuntas do Bom Jesus (FERNANDES, 2012)

Foi possível constatar, pela narrativa de Fernandes, que a escolha pela carreira docente se deu pela necessidade econômica, mas também porque era a profissão que era possível seguir, porque na época, como ela relata, não havia outras possibilidades. Além disso, o fato de ser mulher, gostar de criança já desencadeava a ideia de que poderia ser professora.

Fernandes foi alfabetizadora desde o início de sua carreira docente e, por não ter nenhuma formação para atuar na área, recorria à memória e experiência de quando foi alfabetizada, utilizando-se, inclusive, do mesmo método, ou seja, o Silábico. “Desde o comecinho, não tinha nada, dava aula de relembrar o que tinha acontecido comigo no Dr. Duarte (Grupo Escolar) quando eu fui aluna”. Contava também com as orientações da diretora, que eram passadas nas reuniões que ocorriam aos sábados.

Todo o sábado tinha reunião com a diretora, que nem sempre foi a Nilza, porque eu te falei que ela saiu, mas ela ia lá explicar o que a gente ia dar. E você tinha de seguir o Programa, porque exigiam da gente seguir o Programa de ensino. E como a gente se interessava e precisava trabalhar, a gente chegava lá e aplicava. [...] E a inspetora ia ver como a gente estava fazendo, porque senão você não ficava (FERNANDES, 2012).

Fernandes fez o Curso Normal na Escola Estadual Brasil Central, mesmo local onde cursou a oitava série, “porque só tinha o Normal no Colégio Brasil Central e no colégio das irmãs, que era o Colégio Nossa Senhora e a contabilidade só lá no Liceu”. Mais tarde foi

cursar, no período noturno, a faculdade de Supervisão na Associação Brasil Central de Educação e Cultura (ABRACEC)²⁸.

A gente fazia o Normal depois da oitava série, porque quem não ia fazer o normal ia fazer contabilidade. Só existiam esses dois cursos, o normal ou contabilidade, não tinha esse terceiro colegial para depois prestar vestibular. Depois de muitos anos é que veio pedagogia, veio supervisão, foi bem depois. (FERNANDES, 2012).

De acordo com Fernandes, apesar de ter cursado a faculdade de Supervisão, ela atuou pouco tempo na área, tendo ocorrido parte dessa experiência na Escola Estadual Clarimundo Carneiro.

Eu prestei concurso para Supervisão e como tinha poucas vagas para Uberlândia, prestei para Campina Verde porque lá tinha mais vagas. Eu pedi para lá porque eu estava a pouco tempo de aposentar. Pedi minha remoção, logo aposentei no primeiro cargo e fiquei só no segundo cargo. Eu trabalhei como supervisora um ano e pouco. Aconteceu o seguinte, eu já tinha a faculdade de supervisão, e a Neide (Neide Fernandes – irmã e diretora) me colocou para trabalhar na supervisão, só que ela me colocou em uma sala vaga porque ela não achou que alguém fosse pedir remoção para a Escola Estadual Clarimundo Carneiro, mas uma pessoa pediu remoção para lá e, como esse cargo era vago, eu tive que sair, a Nice Léa Veloso do Rosário ficou como supervisora e eu tive de voltar para a sala de aula (FERNANDES, 2012).

Conforme Fernandes já havia mencionado, sua primeira experiência docente foi nas Escolas Conjuntas do Bom Jesus, quando ainda estava estudando, mas era apenas contratada. Quando terminou o Curso Normal prestou uma prova, foi aprovada e nomeada professora para o Grupo Escolar Dr. Duarte local em que trabalhou por mais ou menos nove anos. Depois que sua irmã, Neide Fernandes, assumiu à direção do Grupo Escolar Clarimundo Carneiro, como havia vaga disponível no Grupo pediu sua transferência, pois morava nas imediações. Um de seus filhos, que já estava em idade escolar, foi estudar no Grupo.

Durante a maior parte da sua carreira docente trabalhou em sala de aula, como alfabetizadora. Quando se aposentou do primeiro cargo precisou mudar para o período noturno, pois o marido estava acometido de enfisema pulmonar e precisava ficar com ele, pois não podia pagar alguém e como os filhos já estavam adultos, à noite podiam ficar com o pai. Assim, foi trabalhar com alfabetização de jovens e adultos na Escola Estadual Osvaldo Resende, onde então se aposentou.

²⁸ Instituição particular de ensino (1924 -1989). Para saber mais sobre esta instituição ver, cf. OLIVEIRA, Antoniette Camargo de. A (Re)construção da história do ensino em Uberlândia: Associação Brasil Central (ABRACEC). Boletim CDHIS (Centro de Documentação e Pesquisa em História da Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 9(17):5-6, 2º semestre/96

À noite não tinham crianças, só de doze ou treze anos para frente, não tinham menores que isto. Quando eu tinha dois cargos, em um cargo eu ficava na sala, eu fui eventual, mas foi muito pouco tempo que eu trabalhei em secretaria. Eu acho que todo este tempo que eu trabalhei, eu devo ter trabalhado uns seis ou sete anos só em secretaria. Eu nunca gostei de ficar em secretaria, não gostava. Eu nunca quis ser diretora, quando a Carmelita foi para a delegacia ela convidou a Neide, a Nilce, a Nelsi, que eram da minha turma, a Vanda, todas da minha família, então todas elas foram dirigir uma escola, eu não quis, só eu que não quis ser diretora. Para ser professora tem que gostar. Porque sempre tinha as dificuldades. (FERNANDES, 2012).

Houve também um período em que trabalhou com turmas de sétima e oitava série como professora de Educação Para o Lar, disciplina na qual ensinava “tudo que era relacionada a uma casa, por exemplo, a gente via a parte de higiene, a parte de alimentação”.

Fernandes relata que trabalhou mais de trinta anos na carreira docente, porque tinha dois cargos e quando ia se aposentar pelo primeiro cargo, já com trinta anos de profissão, entrou em vigor a Emenda Constitucional nº 20, de 15 de dezembro de 1998, lei que permitia ao professor se aposentar com vinte e cinco anos de sala de aula e , assim, ela pode passar os cinco anos a mais que tinha para o outro cargo e depois de mais cinco anos se aposentou também no segundo cargo.

4. Lobato

Lobato foi a terceira alfabetizadora que entrevistei. Nasceu dia 26 de novembro de 1942, em Uberlândia. É solteira e conta que seu estado civil, não se deve a uma escolha ou por dedicação à profissão, mas a um sentimento de amor e gratidão aos meus pais adotivos que a criaram.

Adotivos não, pois me criaram com todo amor, sacrifício, carinho e dedicação. Eu perdi minha mãe biológica, Maria, com oito dias de vida e com quinze eu vim para companhia deles, mamãe Nina e papai Quinca, pessoas maravilhosas! Nasci muito doente e eles não esmoreceram... lutaram para que hoje eu estivesse aqui. [...] Concluindo, quero dizer que minha dedicação foi tanta, que eu não soube administrar minha própria vida. Perdi algumas oportunidades. Podia muito bem ter conciliado as duas coisas, mas não me arrependo de forma alguma (LOBATO, 2012).

Lobato, apesar de aposentada desde 1992, continua ainda muito ativa e até hoje é procurada para ministrar cursos e palestras. Diferente das alfabetizadoras até então entrevistadas, não fui acompanhada por Rosário para apresentar os objetivos desta pesquisa, pois nenhuma das pessoas consultadas na escola tinha seu telefone ou endereço. O que consegui foi uma indicação, novamente de Rosário, sobre a possível localização de sua

residência, mas não sabia exatamente em que número ficava. Fui até o local indicado e perguntei para uma pessoa que possuía um comércio nas redondezas e esta me disse qual era a casa. Mesmo insegura, fui e expliquei o que era o estudo, o que estava fazendo e perguntei se ela poderia me conceder a entrevista. Como era de se esperar fui muito bem recebida e mesmo nesse primeiro encontro Lobato fez questão de me contar muitas histórias sobre sua trajetória no Grupo Escolar Clarimundo Carneiro. Agendamos a entrevista para a semana seguinte.

Assim, no dia marcado ocorreu a tão desejada entrevista, a mesma teve duração de mais ou menos umas três horas e rendeu um bom resultado. Após a transcrição, entreguei-lhe o texto impresso, e Lobato pediu um tempo para que pudesse ler com calma. Depois que Lobato leu e fez as correções que julgava necessárias, marcou um novo horário e me explicou o porquê de cada correção. Como as correções foram realizadas no papel, necessitavam ser novamente revistas e digitadas. Notei que em alguns trechos os quais eu julgava importante foram excluídos e tentei negociar a inclusão novamente à transcrição. Ela pediu que acrescentasse e levasse novamente para ser revisto e assim foi feito. Desta maneira, ela permitiu que certos trechos da sua história permanecessem, mas com novas correções e assim chegamos à versão final da transcrição.

Sobre sua alfabetização, Lobato contou que seu pai, que era um homem simples, quase sem estudo, foi quem lhe ensinou as primeiras lições.

papai comprou a Cartilha da Infância antes de eu ir para a escola e, em casa, começou a me ensinar. Até hoje me lembro... meu pai fazia um buraquinho em uma folha de papel e neste buraquinho deixava aparecer uma letra ou uma sílaba e perguntava: minha filha, o que está escrito aqui? Na verdade comecei a ser alfabetizada por um professor nato, meu pai, embora ele tivesse pouca instrução. Mas, minha primeira professora também exerceu uma grande influência e eu tenho dela melhor recordação possível.(LOBATO, 2012).

Depois desse princípio de alfabetização, Lobato estudou no Colégio Nossa Senhora das Lágrimas onde permaneceu desde o jardim da infância até o final do Curso Normal. Ela explicou que esse era um colégio particular e sua família era humilde e não teria recursos financeiros para arcar com as mensalidades. Contudo, sua irmã de criação, Maria de Lourdes, era Missionária de Jesus Crucificado e o colégio pertencia à essa Congregação, por isso, conseguiu para ela uma bolsa de estudo integral durante todo o período em que estudou. “Minha formação acadêmica, religiosa e moral foram obtidas nesta Casa de Ensino, ressaltando que os princípios religiosos, espirituais e morais básicos tiveram como alicerce e suporte minha família” (LOBATO, 2012).

Lobato lembrou que foi alfabetizada pelo Método Silábico. “Irmã Luiza, minha professora trabalhava usando sílabas e o material didático se baseava na silabação”. Coincidentemente a cartilha usada no Colégio era a mesma que seu pai havia comprado anteriormente, ou seja, a Cartilha da Infância. Conta ainda que tem boas recordações dessa professora. “Era jovem, muito bonita e exigente, porém muito querida por seus aluninhos. Aliás, pela minha vida, na maioria das vezes, só passaram e ainda passam, pessoas maravilhosas e exigentes. Isto é ótimo!” (LOBATO, 2012).

De acordo com Lobato, o Colégio Nossa Senhora das Lágrimas, onde estudou, era “excelente”, era uma escola grande e possuía uma ótima estrutura física, tinha “muitas salas de aula, biblioteca bem equipada, laboratório, dois pátios enormes, quadras para jogo de voleibol e basquetebol, sala para jogo de ping-pong, sala de recepção, sala para diretoria e secretaria, muitos banheiros e bastante bebedouros”. E o material que era usado nas aulas não diferia do que usamos atualmente em nossas escolas, ou seja, “caderno comum, caderno de desenho, lápis, borracha, apontador de lápis, lápis de cor, tesourinha sem ponta aguda e outros que se faziam necessários no decorrer do ano letivo” (LOBATO, 2012).

Lobato revela que desde o início da sua vida profissional já havia terminado o Curso Normal, e, portanto, já possuía habilitação para atuar no magistério. Como já havia dito anteriormente, ela estudou no Curso Normal no mesmo colégio em que começou ainda na infância, ou seja, Colégio Nossa Senhora das Lágrimas. Posteriormente, quando já estava em exercício da profissão docente, fez a faculdade de Pedagogia com licenciatura plena e habilitação em Supervisão Escolar, Administração Escolar e Magistério, tendo se formado no ano de 1965.

Sobre a escolha da profissão docente, Lobato narrou que essa foi a escolha possível a se fazer, pois as opções de cursos técnicos que haviam disponíveis naquela época, eram o Normal e o de Contabilidade. Como ela tinha uma preferência pela área das humanas, optou pelo Curso Normal. Entretanto, fez questão de dizer que desde que começou o curso se encantou com a área da Educação.

Além dessa formação, Lobato relata ter participado de um curso para a aplicação do Método Global na UFMG, no qual teve aulas com Lúcia Casasanta, a autora do livro “*As Mais Belas Histórias*”.

Desta forma, o ingresso à carreira docente de Lobato ocorreu logo após a conclusão do Curso Normal. Na época em questão (1962) ainda não havia a Delegacia Regional de Ensino

em Uberlândia, portanto, era esse agrupamento que recebia os candidatos a carreira docente para fazer o encaminhamento para as devidas escolas do município. Assim, foi solicitar uma vaga de professora junto à Dona Antonieta Silva, responsável o agrupamento²⁹ e foi encaminhada para trabalhar na Tenda São Jorge, tendo tido ali uma passagem rápida, seguindo logo após para o Grupo Escolar Seis de Junho, local em que Santos era diretora e foi justamente ela quem definiu que Lobato atuaria na alfabetização de crianças. Lobato disse: “fui trabalhar com dona Carmelita Vieira dos Santos e ela escolheu-me como alfabetizadora. Foi uma benção de Deus!”

Lobato relatou que no ano seguinte (1963), houve um concurso para professor do qual participou e foi aprovada. No Grupo Escolar Seis de Junho, trabalhou somente no ano de 1962, sendo que no ano seguinte, 1963, foi chamada por Santos para trabalhar no Grupo Escolar Clarimundo Carneiro que estava então iniciando suas atividades e no qual permaneceu até 1967, quando foi trabalhar a convite de Santos na DRE (Delegacia Regional de Ensino) e onde ficou até 1999, até se aposentar. Nos dois Grupos trabalhou com Santos e como alfabetizadora. Trabalhou também, no período de 1966 a 1969, no Grupo Escolar Bueno Brandão, no ensino médio e no Colégio Inconfidência (privado) no curso Normal como docente e como supervisora pedagógica. De 1978 a 1979 nas Faculdades Integradas do Triângulo, como docente no Curso de Serviço Social. Essa foi resumidamente a carreira profissional de Lobato até se aposentar. Contudo, até hoje é convidada para consultorias e para ministrar cursos e palestras.

5. Ferreira

Ferreira foi à quarta alfabetizadora que entrevistei. As pessoas com quem falei na Escola E. Clarimundo Carneiro não tinham o endereço e nem o telefone de Ferreira, mas me passaram uma informação que me permitiu localizá-la, contaram-me que ela trabalhou muitos anos e talvez ainda trabalhasse na secretaria da Escola Estadual Afonso Arinos. Telefonei para essa escola, expliquei o porquê queria falar com ela e me passaram o telefone de sua residência.

Assim, de posse do número de telefone da residência de Ferreira liguei para lá e quem me atendeu foi seu marido, não pude falar com ela, pois estava viajando. Voltei a ligar na

²⁹ Na época ainda não havia a Delegacia Regional de Ensino em Uberlândia, portanto, era esse agrupamento que recebia os candidatos a carreira docente para fazer o encaminhamento para as devidas escolas do município.

semana seguinte e ela já havia voltado, expliquei-lhe sobre minha pesquisa, disse que gostaria de entrevistá-la e ela concordou, contudo disse que seu marido estava passando por problemas sérios de saúde e que naqueles dias não poderia me atender, pediu que eu retornasse a ligação na semana seguinte para tentarmos agendar uma data. Voltei a ligar na semana seguinte, falei com seu filho e ele me contou que seu pai havia sido operado e que Ferreira estava ficando com ele no hospital. Esperei mais alguns dias e liguei novamente, dessa vez infelizmente a notícia foi ainda pior, pois o marido de Ferreira havia falecido e ela havia viajado para passar alguns dias na casa de sua filha em Ribeirão Preto. Depois de vários desencontros, finalmente, conseguimos nos falar e, mesmo com a perda recente do marido ela se dispôs a me receber e, assim, agendamos nossa entrevista.

No dia da entrevista, Ferreira estava com um casal de netos pequenos e pediu a uma de suas filhas que cuidasse dos dois para realizarmos a entrevista. Procuramos um local mais tranquilo e iniciamos a entrevista. Contudo, chegou um momento em que precisamos interromper a entrevista, pois as crianças estavam muito agitadas e Ferreira já não estava conseguindo se concentrar. Fiquei então de ligar na semana seguinte para agendarmos um novo horário, mas novamente tivemos alguns desencontros, mas enfim conseguimos marcar a segunda entrevista. Começamos então a segunda entrevista. Como da primeira vez já havia levado os álbuns, as fotos das cartilhas, as cópias das atas de avaliação e a cartilha “As mais belas Histórias” de Lúcia Casasanta (pré-livro, livro do mestre e livro de atividades), como já relatei no início deste capítulo, resolvi não levar novamente. Porém, me arrependi dessa decisão, pois Ferreira, em vários momentos, sentia falta de manusear o material para contar detalhes de como era trabalhado. Mesmo assim, a segunda entrevista foi muito proveitosa.

Resolvemos retomar a partir das suas práticas para ensinar os alunos a ler e escrever, por isso, algumas questões podem parecer repetitivas para quem resolver ler a transcrição em anexo, mas preferimos fazê-lo assim, pois houve um espaço de tempo significativo entre uma entrevista e outra e, portanto achamos que seria mais produtivo retomar a entrevista a partir deste ponto.

Ferreira nasceu em Uberlândia, no dia treze de julho de 1943, é viúva e mãe de três filhos (as). Ela conta na entrevista que naquela ocasião era a primeira vez que se dizia viúva, entretanto, apesar da dor da perda que era visível, mostrou-se bem disposta durante a entrevista.

Sobre sua formação inicial, Ferreira conta que foi seu pai que a alfabetizou, quando tinha seis ou sete anos de idade, pois, morava na fazenda com sua família e para estudar precisariam mudar para a cidade, mas essa mudança estava difícil de acontecer. Portanto, seu pai resolveu alfabetizar a ela e ao seu irmão mais velho. “Ele (pai) estudou só até a oitava série, mas assim, não tinha nada de didática, nada de pedagogia nele, não tinha nada. Você precisa aprender. E eu, às vezes, estava com sono queria deitar, dormir, ele chegava e chamava a gente”.

Assim, Ferreira rememora lembrando que depois que o pai retornava do trabalho “rústico” e ia ensiná-los com luz de lamparina, pois não havia eletricidade. O pai dela usava a Cartilha da Infância para ensinar-lhes a ler e escrever, mas, a princípio, não contava com muito animo por parte de Ferreira.

Ele chegava e a gente tinha de estudar, eu e meu irmão. Meu irmão veio primeiro para morar com minha avó e eu fiquei. Eu ficava brava, eu não queria aprender a ler, ficava com preguiça. Mas um dia eu falei assim, não tem jeito, eu vou ter de aprender a ler senão meu pai não vai me dar sossego. Aí eu me embrenhei naquilo e sabe o que ele falou para mim? Que eu aprendi a ler em vinte dias. Pode uma coisa dessas? Eu acreditava nisso porque era meu pai falando aquilo para mim. Ele falava que eu aprendi a ler em vinte dias. E aí eu comecei a gostar, e ele deixava lição para mim para eu fazer durante o dia, porque à noite ele chegava. E era ler, escrever e tudo. Depois eu vim para a cidade estudar, eu estudei em uma escola que chamava Externato São José, que era da mãe do Homero Santos (FERREIRA, 2012).

Perguntei a Ferreira se o pai dela, apesar do pouco estudo, era uma pessoa que gostava de ler, se possuía livros e ela respondeu que não, que seu pai não gostava de ler, disse que quem gostava muito de livros era o seu avô, pai dele, que ela nem chegou a conhecer. Mas, mesmo com pouco estudo, segundo ela, seu pai a ensinava a ler “direitinho”.

Ele seguia a lição: “A, E, I, O, U”, aí eu fazia o “A, E, I, O, U”. Depois começava “BA, BE, BI, BO, BU”, as letras do alfabeto “A, B, C, D...”. Depois vinha o CA, CO, CU, era só isto que o C exige, senão era CE. Depois “DA, DE, DI, DO, DU”, aprendi tudo isso aqui. Depois quando era para eu aprender a ler ele falava assim: você vai aprender agora um coisinha lá do DA, “DA, DE, DI, DO, DU”, o “DA” com o “DO” forma “DADO”. Então foi juntando as silabazinhas daqui com as dali. E ele tinha uns livrinhos lá, e eu gostava de pegar aqueles livros. Livros que apareciam, que alguém que dava. Eu pensava assim, este aqui é da família do “LA”, “LA, LE, LI, LO, LU”, então, “LE” com “I” forma “LEI”, e aqui o “TA”, do “TA, TE, TI, TO, TU”, “LEI TU”, e depois tinha o “RA”, de “RA, RE, RI, RO, RU”, “LE I

TU RA” daí eu juntava aquelas sílabas do alfabeto, e assim eu aprendi a ler (FERREIRA, 2012).

Quando finalmente pode se mudar para a cidade, Ferreira foi morar na casa da avó e foi estudar no Externato São José. “Como eu cheguei e já lia, eu entrei na segunda série. Meu pai chegou e falou: ela já sabe ler e sabe fazer as quatro operações”.

E matemática eu aprendi assim, 1, 2, 3, 4... depois meu pai dizia, agora você vai somar, o que é somar, é juntar. Ele falava você tem uma laranja, se juntar com outra laranja quantas que dão? Duas laranjas. Ele dava esses exemplos de fazenda. Ou vamos colher ovos hoje, neste ninho aqui tem dois ovos e neste outro também tem dois, quantos ovos nós vamos levar para casa? Essas experiências da vida (FERREIRA, 2012).

Entretanto, apesar dos ensinamentos do seu pai, Ferreira revela que teve dificuldades ao cursar a segunda série.

Eu achei muito difícil à segunda série porque quando você faz a primeira série em escola, você aprende um monte de coisas, e eu aprendi o grosso. Eu não sabia, por exemplo, separar o “Ç” com “CE”, estas dificuldades que acontecem ainda, por isso para mim foi mais difícil. Porque meu pai não tinha esta experiência para me passar.(FERREIRA, 2012).

Depois de sua formação inicial, Ferreira diz que foi cursar o Normal no Colégio Nossa Senhora das Lágrimas e, assim, no ano seguinte após ter se formado começou a trabalhar no Grupo Escolar Clarimundo Carneiro. Sempre turmas de primeira série, ou seja, alfabetizando. No primeiro ano recebeu uma turma de primeira série de alunos repetentes.

Eu peguei uma vez uma primeira série que os meninos já sabiam ler, mas tudo com defeito, com erros demais, não sabiam nem conversar, respondiam tudo errado, escreviam os números espelhados... Consertar é muito pior do que começar com meninos que não sabem nada (FERREIRA, 2012).

Desta maneira, Ferreira trabalhou no Grupo Escolar Clarimundo Carneiro, no período de 1965 à 1970, sempre na primeira série e, portanto, como alfabetizadora, quando resolveu deixar a escola para se casar, pois após o casamento mudaria para a cidade de São Paulo. Disse que no período em que morou fora sentia saudades da sala de aula. “Eu achei ruim, eu achei. Eu fui morar em São Paulo e vi aquela vida doida de lá, depois mudei para Goiânia, mas também não mexi com isto (docência), quando eu voltei para cá (Uberlândia) é que eu voltei para escola de novo. Mas eu tinha saudades”.

Quando retornou à Uberlândia, foi convidada para substituir uma professora na Escola Estadual Enéas Guimarães, mas foi por menos de um ano. Depois dessa experiência foi a convite da diretora da Escola Estadual Afonso Arinos trabalhar na secretaria.

É porque a Diretora lá, a Rosa, ela era minha amiga de infância, e ela me perguntou: Célia você quer trabalhar na secretaria comigo, me ajudar? Aí eu fui, e nunca mais pensei em dar aula, acabei gostando, mas não foi por falta de gostar de sala de aula. Mas quando eu voltei os meninos já eram muito levados, acho que eu não tinha vontade nenhuma de voltar pra sala de aula (FERREIRA, 2012).

Assim, Ferreira continuou a trabalhar na área da educação, mas não mais em sala de aula. Trabalhou na Escola Estadual Afonso Arinos na secretaria da escola, até se aposentar.

Outro fato importante a ser comentado aqui, é que, como dito no capítulo I, a seleção das alfabetizadoras que participariam deste estudo, foi definida pelos seguintes critérios: ter sido professora alfabetizadora no Grupo Escolar Clarimundo Carneiro, no período de 1963 a 1973 e ter atuado por pelo menos cinco anos na mesma função. Desta forma, havia mais uma alfabetizadora que cumpria esses requisitos e, portanto, também a convidei a conceder-me uma entrevista para este trabalho. Entretanto, essa alfabetizadora se recusou a dar entrevista, disse que desde que aposentou fez questão de nunca mais passar na porta da escola e não gosta nem de conversar sobre esse assunto. Disse que enquanto esteve trabalhando, procurou cumprir todos os seus deveres, mas que teve algumas decepções, não se sentiu reconhecida e como já está aposentada, seu dever com a educação já está finalizado. Diante do exposto por essa alfabetizadora, disse que respeitava sua decisão e procurei não insistir mais no assunto. Para minha alegria, esse foi um caso isolado, visto que todas as outras pessoas procuradas sempre estiveram dispostas a me ajudar com as informações necessárias, com materiais e, com as entrevistas, o que permitiu que esse trabalho fosse concluído.

No próximo capítulo falaremos sobre as concepções de alfabetização da diretora do Grupo e dos modos de fazer para ensinar a ler e escrever das alfabetizadoras.

CAPÍTULO IV - MODOS DE PENSAR E FAZER PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA NO GRUPO ESCOLAR CLARIMUNDO CARNEIRO

No capítulo anterior procuramos conhecer os sujeitos da pesquisa, conhecer sua trajetória escolar, sua formação para o trabalho e também sua trajetória profissional.

Neste capítulo procuramos compreender e analisar os modos de pensar e fazer práticas de leitura e escrita no Grupo Escolar Clarimundo Carneiro, para tanto, foi necessário elencar as práticas de Leitura e Escrita vivenciadas em Minas Gerais cujo objetivo foi analisar as concepções de leitura e escrita da diretora do Grupo Escolar Clarimundo Carneiro reveladas na sua narrativa e sua influência nas práticas das alfabetizadoras. E, por fim fizemos uma análise sobre as principais prescrições do Programa de Língua Pátria e se os mesmos estavam de acordo com as práticas de ensino da leitura e escrita desenvolvidas pelas alfabetizadoras do Grupo

1. Concepções de Leitura e Escrita em Minas Gerais

Neste tópico vamos evidenciar quais eram as concepções de leitura e escrita que circulavam no Estado de Minas Gerais na década de 1960 a fim de compreender os processos de alfabetização que se faziam presentes nas escolas. Segundo Cagliari, a alfabetização teve início com a invenção do sistema de escrita. Para ele:

ao inventar o sistema de escrita, o sábio inventou também como decifrar a escrita para a leitura... as regras estavam embutidas dentro do próprio sistema de escrita e precisaram ser explicitadas, quando aprender a ler virou matéria de escola (2002, p.12).

Desta forma, como elucida Cagliari, desde que a escrita foi inventada sempre houve uma forma de compreender o que ali estava grafado. Entretanto, com a expansão do sistema de escrita torna-se mais difícil à decifração do código gráfico. Isto, porque, diante do grande aumento da quantidade de informações necessárias para que alguém soubesse ler e escrever, foi necessário “abandonar o sistema de símbolos para representar coisas e usar cada vez mais símbolos que representassem sons da fala, como por exemplo, as sílabas”. Desta forma, “o longo processo de invenção da escrita, incluiu a invenção de regras de alfabetização, ou seja,

as regras que permitem ao leitor decifrar o que está escrito e saber como o sistema de escrita funciona”(2002, p.14).

Podemos então afirmar, da estipulação dessas regras de alfabetização, surgem os métodos e, que estes métodos têm embutidos uma concepção de como se dá o aprendizado da leitura e da escrita pelas crianças. De acordo com Frade, “a história nos permite situar a discussão dos métodos no período em que são formados os sistemas escolares ocidentais e, sobretudo, quando a escola passa a ter de criar estratégias para ensinar a todos, num mesmo espaço e tempo”(2007, p.22).

Frade afirma ainda que existem fundamentalmente dois grupos de métodos: “os que elegem sub-unidades da língua e que focalizam aspectos relacionados às correspondências fonográficas, ou seja, o eixo da decifração e os métodos que priorizam a compreensão”. Apesar dos dois grupos de métodos possuírem como conteúdo o ensino da escrita, apresentam variações em pelo menos duas características importantes: “a) quanto ao procedimento mental, ou ponto de partida do ensino que se daria das partes para o todo nos métodos sintéticos e do todo para as partes nos métodos analíticos; b) quanto ao conteúdo da alfabetização que ensinam” (2007, p.22).

Segundo Santos, o método sintético tem sua base epistemológica no empirismo. O ensino é gradual e cumulativo, baseando-se nos critérios de complexidade dos adultos. Este método tem sua origem ainda na Antiguidade havendo a predominância de seu uso até por volta do século XVIII(2008, p.1).

Frade explica que o grupo dos métodos sintéticos compreende três tipos: o *método alfabético* que tem como unidade a letra; o *método fônico* que usa como unidade o fonema e o *método silábico* que como unidade adota a sílaba. Desta forma, o que define cada um são os “princípios organizativos diferenciados que privilegiam a decoração de sinais gráficos e as correspondências fonográficas” (2007, p.22).

Sobre o grupo dos métodos analíticos, Frade explana que estes métodos partem do todo para as partes e também, buscaram acabar com o princípio da decifração, atuando na compreensão, assim, “defenderam a inteireza do fenômeno da língua e dos processos de percepção infantil”. O grupo de métodos analíticos formado pelos seguintes tipos: o *método global de contos*; o *método de sentencição*³⁰; *método da frase* e o *método da palavra* (palavração). Desta forma, todos estes métodos partem de uma unidade maior para uma

³⁰ Frade diz que os métodos de sentencição e o método da frase são similares.

unidade menor, ou seja, utilizam como unidade de análise. Desta forma, todos estes métodos partem de uma unidade maior para uma unidade menor, ou seja, utilizam como unidade de análise:

“a palavra, a frase e o texto e supõem que se baseando no reconhecimento global como estratégia inicial, os aprendizes podem realizar posteriormente um processo de análise de unidades que dependendo?? do método vão do texto à frase, da frase à palavra, da palavra à sílaba” (FRADE, 2007, p.26).

Ainda segundo Frade, apesar de haver alusão aos métodos analíticos no Brasil desde o século XIX, é na década de 1930, que estes aparecem mais fortemente com a denominação de “método global de contos ou de historietas”. O método global de contos toma como ponto de partida o texto. (2007, p.26). De acordo com Maciel:

o Método Global de Contos estimula o aluno, inicialmente, a se expressar oralmente, isto porque o conto deve fazer parte da experiência vivenciada pelo aluno. A linguagem assume um caráter significativo de comunicação, levando o aluno a perceber as relações entre a escrita e a fala, além de favorecer uma estratégia de globalização, de totalidade do texto (MACIEL, 2001, p.121).

Em Minas Gerais, de acordo com Maciel (2000), é possível demarcar 1927 como o ano de legalização da adoção do Método Global, a partir da Reforma do Ensino Primário e da Escola Normal³¹ (Reforma Francisco Campos), embora já houvesse menção sobre o emprego deste método já ocorresse pelo menos há duas décadas. Assim, como revela Maciel:

as discussões sobre o método global ganharam destaque entre os escolanovistas, que combatiam os métodos intuitivos empregados na alfabetização. Os princípios científicos embasados na gestalt - aprende-se melhor quando se tem uma visão do todo - juntamente com as pesquisas metodológicas desenvolvidas nos EUA, vão balizar a difusão do método global em Minas. Diferentemente de como ocorreu no Estado de São Paulo, em que houve um intenso debate público, reproduzido na imprensa entre professores-autores de cartilhas defensores do método sintético versus defensores do método analítico ou global, a adoção do método global, em Minas veio através da Reforma (MACIEL, 2000, p.150).

Apesar de o Método Global ter feito parte das prescrições das Instruções e Programas do Ensino Primário do Estado de Minas Gerais (Decreto N.8094, de 22/12/1927) podemos dizer que o Método Sintético não foi completamente abolido das práticas de alfabetização realizadas nas instituições de ensino do Estado, ou porque os professores não se sentiam preparados para usar o método global ou porque não acreditavam na sua eficácia. A

³¹ Ver mais em OLIVEIRA, Pâmela Faria. Ações modernizadoras em Minas Gerais: a reforma educacional Francisco Campos (1926–30). 2011. 127 f. Dissertação (Mestrado em Educação) — Faculdade de Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia.

resistência de pais e professores quanto à adoção do método global pode ser verificada na fala de Maciel:

a nova metodologia para a alfabetização (método global) voltada para o interesse das crianças, baseada nos princípios da psicologia e da biologia infantil; a extensão da carga horária para a leitura, os cursos de capacitação para as professoras não eram elementos suficientes para se obter sucesso com a Reforma. O governo se via diante de muita resistência. Muitos professores estavam insatisfeitos, os pais também reclamavam. Os professores reclamavam falta de preparo na formação teórico-prática para levar adiante a nova proposta para alfabetizar; de tempo para preparar os jogos pedagógicos, de material adequado, de um material didático segundo os pressupostos do método global para a aprendizagem da leitura e da escrita (2000, p.150).

Essa afirmação de que o Método Sintético não deixou de fazer parte dos processos de alfabetização em Minas Gerais, pode ser verificada nos relatos das alfabetizadoras entrevistadas que afirmam terem sido alfabetizadas pelo Método Silábico. Lobato (2012) narra, que “se não me engano, fui alfabetizada pelo Método Silábico. Irmã Luiza, minha professora trabalhava usando sílabas e o material didático se baseava na silabação”. E, conforme Santos (2012) revelou, no Curso Normal aprendia-se o Método Silábico, foi no Curso de Administração Escolar, ministrado no Instituto de Educação de Minas Gerais (IEMG), em Belo Horizonte, que aprendeu a trabalhar com o Método Global. Segundo Ferreira:

A primeira vez eu pensei: será que eu vou dar conta disso, pois eu não conhecia o método (Global), saí do Normal (curso) e, no mesmo ano, que terminei fui trabalhar na escola. E no Normal a gente não aprende isso (Método Global), eu aprendi tudo isso com a D. Carmelita. A gente aprendia métodos de relacionamentos com os meninos, filosofia com os meninos, mas um método para alfabetizar eu aprendi mesmo foi na escola com a D. Carmelita, eu devo tudo a ela, o que eu aprendi, o que eu passei para os meninos foi ela quem me ensinou, e eu achei que eu desenvolvi tudo direitinho. Tive muitas falhas, ninguém é perfeito, mas eu acho que eu consegui muita coisa (FERREIRA, 2012).

Neste contexto, o uso de dois métodos, o Silábico e o Método Global de Contos, foi constatado nas narrativas das alfabetizadoras do Grupo Escolar Clarimundo Carneiro. Apesar de haver a orientação da diretora para o uso do Método Global de Ensino (Analítico), conforme o que era especificado no Programa de Língua Pátria, havia alfabetizadoras que não se adaptaram a este método e, portanto, trabalharam com o Método Silábico (Sintético), havendo assim, a adoção de cartilhas diferentes para a mesma série. Entretanto, mesmo as alfabetizadoras que usavam o método silábico, recebiam orientação da diretora para suas

práticas de alfabetização. Esta convivência dos dois métodos pode ser observada também nos apontamentos de Lima o estudo realizado no Grupo Escola Bom Jesus, de Uberlândia/MG no período de 1955 a 1971 no qual tratava das práticas vivenciadas por algumas das alfabetizadoras que lá trabalharam:

Todos os indícios encontrados nos levavam a acreditar que o método global teria sido utilizado em sua totalidade no Grupo Escolar Bom Jesus por todas as alfabetizadoras, porém nas suas narrativas identificamos que, na prática, elas utilizavam o método silábico ou alfabético (LIMA, 2011, p,115).

Pudemos encontrar também, no Livro de Atas das Reuniões Pedagógicas do ano de 1963 a 1965, a definição das cartilhas que foram adotadas para o ano de 1964.

Material didático: 1º novato: Pré-livro – “As mais belas histórias”. 1º ano repetente: “Cartilha do Bitu”. 1º ano noturno: “Cartilha do Bitu”. 2º novato: Pré-livro – “As mais belas histórias”. 2º ano repetente e noturno: “Brasília”. 3º novato: Pré-livro – “As mais belas histórias”. 3º ano repetente e noturno: “Brasília”³². 4º Ano diurno: – “Meu livro de leitura” – Editora Ozon. 4º noturno: “Brasília”(LIVRO DE ATAS DE REUNIÕES PEDAGÓGICAS, 1964, p,22verso).

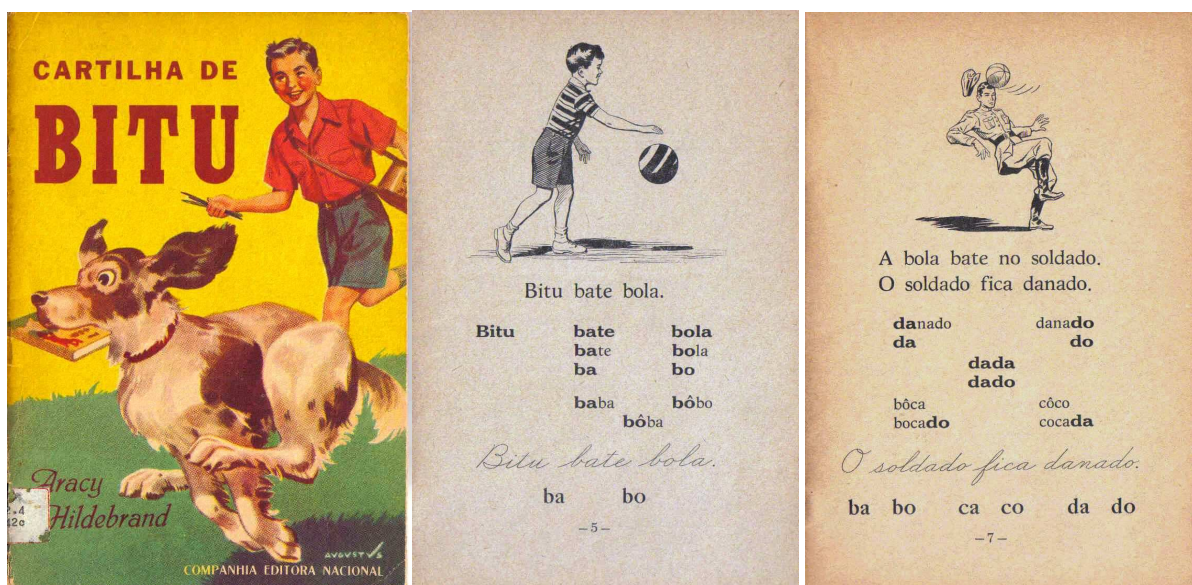


Imagem 12 (capa), 13(página 5) e 14(página 6). Cartilha de Bitu³³, autor: Aracy Hildebrand, 6. ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1955, 63 p.

³² Brasília. Autoria de Daisy Brescia-1964. Publicado por Livraria Francisco Alves. Não encontramos artigos sobre esta cartilha. Mais informações ver Acervo Histórico do Livro Escolar – AHLE – disponível em: <http://acervohistoricodolivroescolar.blogspot.com.br/2010/12/serie-graduada-brasilia.html>

³³ Para saber mais sobre a Cartilha do Bitu ver a dissertação de mestrado de Elis Beatriz de Lima Falcão. História do ensino da leitura no Espírito Santo (1946-1960). Dissertação de mestrado acadêmico. PPGE/UFES, 2010

Encontramos também, no livro de Atas das Reuniões Pedagógicas do ano de 1965 a 1967, outra referência às cartilhas que foram adotadas para alunos novatos e repetentes no ano de 1966:

1º novato: Pré-livro – As mais belas histórias. 2º ano novato: Pré-livro – As mais belas histórias. 2º ano repetente: “Meu Coração”³⁴. 3º novato: As mais belas histórias. repetente: “Meu Coração”. 4º Ano novato – As mais belas histórias. 4º repetente: “Meu Coração”(LIVRO DE ATAS DE REUNIÕES PEDAGÓGICAS, 1966, p.6verso).

Como podemos perceber na citação acima, não há menção de outra cartilha para a primeira série que não seja *As Mais Belas Histórias*. Entretanto, não significa que neste ano não foi adotada uma cartilha do método sintético para a primeira série de alunos repetentes.

Além dessas duas atas não encontramos novamente a especificação de qual cartilha seria adotada durante os outros anos. Além disso, as alfabetizadoras Silva e Fernandes relataram o uso da cartilha Caminho Suave³⁵.

Usei a Sodré³⁶ e a Caminho Suave(SILVA, 2011, p.3).

O método da cartilha Caminho Suave é a silabação, quase igual à Cartilha da Infância, só que mais um pouquinho evoluído. No início mesmo, tanto da Edir e isto ela vai te falar, e todas nós. A primeira coisa que a gente fazia era desenvolver a coordenação motora. Isto independente de ser uma sala iniciante ou não, era coordenação motora, porque o iniciante chegava sem saber nada. Hoje, as crianças já chegam um pouco melhor, por causa da educação infantil, naquele tempo não existia isto não, o menino, às vezes, até furava o caderninho de tanto apagar e fazer uma letrinha. E depois, por exemplo, a minha turma que era dos maiores, a gente começava com as sílabas para poder juntar e formar palavras, porque eles já tinham um conhecimento anterior. Foi quando veio o Método Global e logo que eu amadureci mais, eu fui introduzir e fazia a mesma coisa do iniciante. (FERNANDES, 2012).

³⁴ Cartilha Meu Coração de autoria de Alaide Lisboa De Oliveira. Editora Companhia Nacional. Não encontramos estudos sobre esta cartilha.

³⁵ Para saber mais sobre a Cartilha Caminho Suave ver MACIEL, Francisca Izabel Pereira & SANTOS, Sonia Maria. O CAMINHO SUAVE NO COTIDIANO DAS PROFESSORAS ALFABETIZADORAS. In: Educação e Filosofia. Vol. 26. Número especial. Universidade Federal de Uberlândia, Faculdade de Educação, Instituto de Filosofia, Programa de Pós Graduação em Educação e Programa de Pós Graduação em Filosofia. 2012, p.323).

³⁶ Para saber mais sobre a Cartilha Sodré ver CAMPOS, Dulcinéia. As práticas de alfabetização no Espírito Santo na década de 1950. In: REUNIÃO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO – ANPEd, 25., 2009, Caxambu. Anais... Caxambu: ANPEd, 2009. p. 1-18.

Maciel e Santos (2013), também pesquisaram sobre o uso da Cartilha Caminho Suave no estado de Minas Gerais, entre as décadas de 1950 a 1990 e constataram que esta cartilha também fez parte de práticas de alfabetização, mesmo havendo determinações oficiais para o uso do método global desde a Reforma do Ensino em 1906 até a década de 1970. De acordo com as autoras:

Não queremos generalizar as ideias contidas nos depoimentos colhidos e apresentados neste trabalho, mas é preciso considerar as coincidências, no caso das táticas das professoras, em adotar o Caminho Suave, em detrimento das orientações oficiais de ensinar a ler e escrever, que prescrevia que se alfabetizassem as crianças usando o método analítico e não o método sintético, como pregava o Caminho Suave (MACIEL E SANTOS, 2012, p.323).

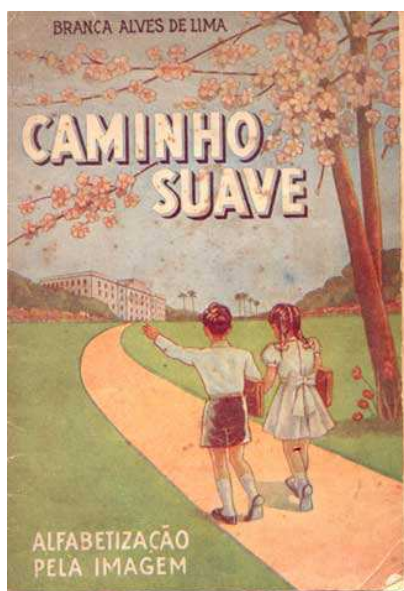


Imagem 15. Capa da Cartilha Caminho Suave: 1º Livro Alfabetização Pela Imagem, Branca Alves de Lima, 1965, 68ª Edição. São Paulo: Edição do autor.

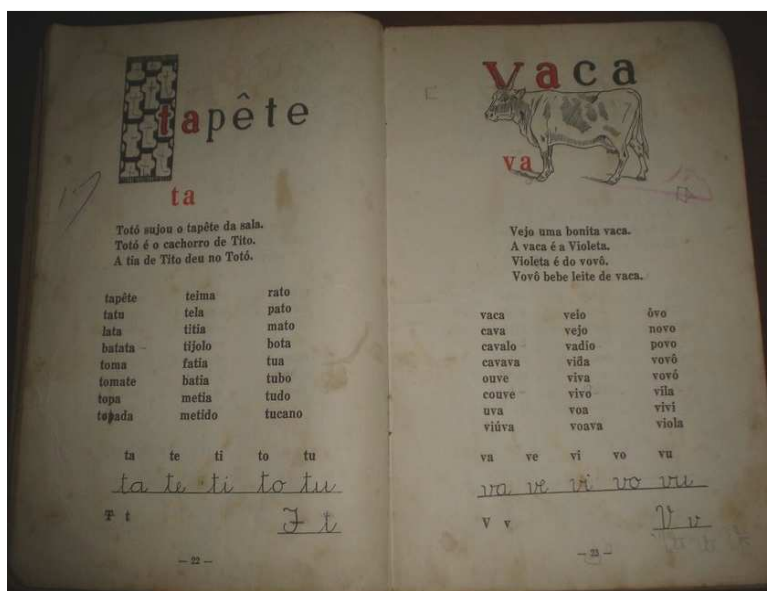


Imagem 16. Imagem visualização interna da Cartilha Caminho Suave: 1º Livro Alfabetização Pela Imagem, páginas 22 e 23

Podemos concluir, diante das evidências apresentadas, que a utilização do método sintético, também fez parte das práticas de alfabetização em Minas Gerais, no período estudado.

2. Programa de Língua Pátria

O Programa de Língua Pátria fazia parte do conjunto de Programas do Ensino Primário Elementar (3ª edição, 1961) e foi elaborado pela professora Lúcia Casasanta. Este programa compreendia as seguintes temáticas: Leitura; Linguagem Oral; Composição; Gramática Funcional (conteúdo específico para terceira série); Ortografia e Escrita. Neste texto decidimos seguir a mesma ordem ao falar sobre as práticas das alfabetizadoras do Grupo Escolar Clarimundo Carneiro relatadas nas entrevistas e também descritas nos Livros de Atas das Reuniões Pedagógicas.

2.1 Leitura

Conforme o Programa de Ensino os objetivos do ensino da leitura eram: “o enriquecimento de experiências; a formação de interesse profundo pela leitura; a formação de hábitos, atitudes e habilidades de leitura oral e silenciosa”. E para que fosse possível alcançar tais objetivos o programa foi dividido em períodos correspondentes às fases de aprendizado da leitura, sendo estes: o período preparatório (primeira série); período inicial (primeira série); período de treino intensivo (segunda série); período de expansão de gostos e de interesses (terceira série) e período de aperfeiçoamento (quarta série) (SEE/MG, 1961, p.11).

O *Período preparatório*, segundo o Programa de Língua Pátria, “visa a preparar a criança para aprender o sentido ou pensamento dos símbolos impressos, compete ao Jardim da Infância ou à parte da primeira série”. Os objetivos desse período eram:

preparar a criança para aprender a ler, através de um treino adequado de pensamento e linguagem; despertar interesse pela leitura e por aprender a ler; fazer a criança revelar-se em todos os aspectos – físico, moral, intelectual e social – para se lhe facilitar a classificação e o agrupamento (SEE/MG, 1961, p.12).

De acordo com as alfabetizadoras entrevistadas, tanto as que trabalhavam com o método Silábico, como as que trabalhavam com o Método Global de Contos, sempre no início do ano letivo os primeiros dias de aula eram dedicados às atividades do período preparatório. Normalmente esse período preparatório durava uns quinze dias, porém não existia uma quantidade determinada de dias, isso variava de sala para sala, dependendo do desempenho mostrado pelas crianças. Nesse período além de atividades de coordenação motora, havia também a aplicação de testes classificatórios como os Testes ABC, de Lourenço Filho e o

teste da figura humana, de Florence Goodenough, para que se pudesse fazer uma classificação de acordo com o nível de desenvolvimento dos alunos.

A primeira coisa que a gente fazia era desenvolver a coordenação motora. Isto independente de ser uma sala iniciante ou não, era coordenação motora, porque o iniciante chegava sem saber nada (FERNANDES, 2012).

Quando iniciei, os alunos novatos da 1ª série eram selecionados através do teste “ABC”, de Lourenço Filho. Este teste era aplicado individualmente em cada criança, antes do início das aulas. Este teste foi usado bem quando eu comecei, depois parece que ele caiu, mas fazia com a criança e era individual. Era muito interessante. Até, eu me lembro de uma vez, eu nunca me esqueço deste aluno, a gente aplicando o teste e tinha palavras difíceis de serem pronunciadas e eles teriam que repetir aquilo que você falava. Era um dos itens do teste, aí tinha uma palavra lá que era: PINDAMONHANGABA. Complicado para eles, PINDAMONHANGABA. Então quando chegou nesta hora, a gente falava com mais ênfase a palavra, P I N D A M O N H A N G A B A e, o menino assim, com a carinha mais bonitinha do mundo, bochechudo, sardentinho, disse – PINDAGOIABADA. Isto me marcou. Eu achei interessante, ele não deu conta de falar aquela palavra, mas ele rimou certinho, PINDAGOIABADA. Ele foi inteligente, ele não ficou titubeando não, ele falou – PINDAGOIABADA (LOBATO, 2012).

Fala tudo sobre o período preparatório, a gente tinha que estimular muito coordenação motora dos meninos. Tinha o caderninho, então nós cantávamos, por exemplo, a música do caracol "Lá vai o caracol sempre andando devagar... lá no fim há de chegar" eu esqueci este trecho, então todo movimento a gente fazia uma musiquinha. Então tinha o caderninho de movimentos como o de vai e vem, o novelinho e, a gente cantava todas aquelas musiquinhas para movimentar as mãos deles, treinar a coordenação motora. E mesmo só com a coordenação motora que eles tinham a gente escrevia todos os dias lá no quadro aquela abertura: Uberlândia, o nome da escola, no começo a gente punha só o nome da escola e o nome da cidade. Eles copiavam lá tudo torto, tudo errado, mas todo dia a gente punha aquele cabeçalho, chamava cabeçalho. E os meninos iam se desenvolvendo mesmo ali, mas depois para a gente começar a aprender a ler, antes de entrar no livro (FERREIRA, 2012).

As orientações acerca das atividades que deveriam ocorrer no Período Preparatório eram também explicitadas pela diretora em reunião com as professoras da primeira série primária e registradas no Livro de Atas das Reuniões Pedagógicas como podemos observar a seguir:

Ata da reunião de professoras, em doze de março de mil novecentos e sessenta e três. Às quatorze horas do dia doze de março do ano de mil novecentos e sessenta e três, realizou-se a primeira reunião de professoras das Escolas Reunidas da Avenida Fernando Vilela, em sua sede. A reunião foi presidida pela diretora técnica Carmelita Vieira dos Santos e contou apenas com a presença das professoras de primeira série. Iniciando a senhora diretora cumprimentou as senhoras professoras desejando-lhes felicidades para o ano letivo. Disse que espera contar com a amizade e colaboração de todas, pois só assim poderá fazer uma boa administração, e que em qualquer dúvida surgida ela estará disposta a ajudá-las. Assuntos abordados – 1º A professora, principalmente a de primeiro ano, deve ser carinhosa, para conquistar a amizade das crianças. Não aplicar castigos, pois, muitas vezes, uma criança indisciplinada é apenas uma criança desajustada. A criança que não possui em seu lar carinho, amor e segurança, que é maltratada, que sofre castigos amígdos, que presencia desentendimento entre os pais, que alimenta mal, etc; vive revoltada contra tudo. Torna-se má, inquieta, derrotista, amargurada, teimosa, etc. Está sempre pronta a se vingar nos outros daquilo que sua sorte lhe negou. Portanto, qualquer castigo, na escola, será inútil, só servirá para tornar a criança humilhada e ainda mais revoltada. Se a criança sente falta de um lar feliz, se passa necessidades, se é maltratada, deve a professora, compensar esses males, dando-lhe afeto e compreensão na escola. Deve chamar a si a criança para que consiga o seu principal objetivo que é ensinar. (LIVRO DE ATAS DE REUNIÕES PEDAGÓGICAS, 1963, p. 1).

Como podemos observar esta foi a primeira Ata de Reunião do estabelecimento de ensino, que como já dito no capítulo II, iniciou suas atividades sob o nome de Escolas Reunidas da Avenida Fernando Vilela. Nesta ata é possível encontrar vários aspectos da forma como se pretendia conduzir o ensino no Grupo. Após os cumprimentos, a diretora fala como as professoras devem tratar seus alunos, com carinho e sem castigos. Isso não significava que as professoras não deveriam cuidar do comportamento dos alunos, pelo contrário, segundo a análise das Atas das Reuniões Pedagógicas do Grupo, o controle da disciplina dos alunos era visto como essencial. E em praticamente todas as atas do período há menção sobre a necessidade das professoras exigirem que os alunos se comportassem. Inclusive a hora do recreio era vigiada.

D. Dina (diretora substituta), avisou sobre a **vigilância** antes e após as aulas e também no recreio, abordando o assunto do acontecimento na hora do recreio na parte da manhã e da tarde, que foram feridas duas crianças sendo levadas à “Santa Casa” e obrigadas a dar pontos. Disse ainda que, a correria no recreio fôsse acabada. Sugeriu ainda às professoras que, antes do recreio fôsse escrito no quadro: “**Está expressamente proibida** a correria na hora do recreio” e “brincadeiras de roda”. **Obrigou** as crianças a copiarem o que está escrito, principalmente da manhã, e assim poderá evitar males

maiores. As providências tem que ser tomadas com **rigor**, para ser mantida a **ordem** (ATAS DAS REUNIÕES, 1968, p.10verso).³⁷

Notamos pela fala da diretora palavras importantes que traduzem a preocupação no Grupo com a disciplina e a ordem como as que grifamos na transcrição de parte da ata de reunião. Estas palavras e frase indicam a expressão de um comando autoritário, necessário para manutenção da ordem. Além disso, fica claro que a diretora tem esta atitude autoritária e acredita que também os professores a tenham sobre seus alunos, ou seja, o professor é a autoridade máxima na sala, assim com ela é a autoridade máxima na escola. Entretanto, é preciso lembrar que a diretora esteve à frente da escola num período em que o governo também tinha estas características de autoritarismo e dominação sobre o povo. Segundo Ferreira:

Tomando como referência o período da ditadura civil-militar no Brasil, sabe-se que, nesse contexto, a política educacional foi coerente com os pressupostos do regime, inclusive através da nomeação de diretores de escolas para “cargo de confiança”. O reflexo dessas ações, do ponto de vista formal, foi a construção de um ambiente escolar onde eram valorizados o poder e a autoridade exercidos unilateralmente, enfatizando relações de subordinação e hipervalorização da racionalização do trabalho, com tendência a “retirar ou, ao menos, diminuir nas pessoas a faculdade de pensar e decidir sobre seu trabalho” (FERREIRA, 2012, p.3).

Além disso, concordamos com Alonso (1976) ao afirmar que a função do administrador escolar também precisa ser contextualizada de acordo com as concepções educacionais vigentes:

A forma pela qual é percebida a função do administrador escolar varia de acordo com as concepções educacionais vigentes, as expectativas individuais e sociais relativamente à ação da escola, o papel do professor e ainda conforme a tradição, isto é, os modos comuns pelos quais aquela ação é exercida (ALONSO, 1976, p. 130).

Em outro trecho do livro de atas podemos observar que a diretora também recebia orientações de como conduzir a escola:

D. Dina (diretora substituta), avisou-nos, que a Delegacia reclamou sobre os meninos assentados com meninas. As professoras não devem deixar em hipótese alguma menino assentado com menina, e que a diretoria não se responsabiliza por professoras que baterem em seus

³⁷ Grifo nosso.

alunos, que elas devem aguentar as consequências de seus atos (ATAS DAS REUNIÕES, 1969, p.50verso).

Podemos perceber que quando chamada a atenção por algum fato ocorrido na escola, a diretora repassava para as professoras na forma de ordem a ser cumprida. Além disso, é possível observar também que se tentava combater os castigos físicos na escola. As recomendações para que as professoras não praticassem castigos físicos esteve sempre presente nas atas do grupo. Segundo as orientações repassadas às professoras, elas deveriam ser rígidas, porém carinhosas. Não deveriam gritar com seus alunos, mas manter a disciplina.

A professora deverá falar baixo, ser severa, exigente, porém compreensiva, a fim de obter bons resultados. (...) Ao chamar a atenção do aluno pela terceira vez, e ele ainda se mostrar rebelde aos conselhos dados, manda-lo logo a diretoria para não prejudicar a classe. Quanto menos mandar alunos à diretoria melhor para a professora. Não tocar as mãos nos meninos, pois não são nossos filhos, e precisamos ser superiores e não igualarmos em suas fraquezas (ATAS DAS REUNIÕES, 1970, p.72).

Conforme Souza(2004) na Reforma do Ensino efetuada no ano de 1925, em Minas Gerais, começava a ser demonstrada a preocupação da escola enquanto mecanismo de ordenamento social. Assim:

A importância da implantação de mecanismos disciplinares, que substituíssem os já desgastados e criticados recursos punitivos como os castigos físicos e as humilhações, deu lugar a propostas inovadoras. As reformas mineiras, conjugavam as muitas e, por vezes, opostas, teorias relacionadas ao movimento escolanovista às características e aspirações dos reformistas no Estado (SOUZA, 2004, p.138).

Assim, acreditava-se que a professora teria condições de resolver as questões disciplinares sem que para isso tivesse que recorrer a punições físicas ou de humilhação dos alunos. Para Souza:

Uma voz branda, suave e natural, um olhar determinado, um auto-controle sobre seus sentimentos e atitudes criariam um ambiente ideal para uma disciplina sem excessos. Assemelhada à mãe, a professora deveria tratar seus alunos com carinho e dedicação, demonstrando afeto e atenção quando os corrigisse. (SOUZA, 2004, p.143).

Percebe-se, portanto, que este era o comportamento esperado das professoras do grupo, uma professora que tivesse domínio do comportamento de seus alunos, sem com isso recorrer a qualquer tipo de violência, física ou moral.

a) Normas de disciplina e comportamento - Precisamos estudar um meio de fazer nossas crianças comportarem. Fazer a campanha do silêncio. Cuidar melhor do material escolar, conservando as carteiras, as paredes e o chão limpos. Cada professora deve acompanhar sua classe, quer seja na entrada, quer na saída. Mandar fazer fila dez minutos antes. Há muita perda de tempo. A classe que entra por último perde vinte minutos de aula. Desenvolver boas atitudes ensinando a criança boas maneiras como: pedindo licença, esperando sua vez, pedindo desculpas, falando baixo. b) Castigo – Não podemos deixar nossos alunos de castigo todos os dias. Não é justo que a criança fique de castigo porque não tem uma boa alimentação. Ela se torna um retardado pedagógico. A diretora sente-se constrangida mandando recados, pedindo silêncio. Não gosto absolutamente, disse-nos ela. A professora não deve deixar a porta da sala fechada. c) Atitude da professora com o aluno – Observá-lo melhor, procurando conhecer as razões de suas peraltices. Não gritar com a criança. Devemos agir de maneira que a criança nos respeite sem precisar de gritos. Meninos problemas. A atitude da professora influi muito, quer para cativar quer para se antipatizar. Houve um problema em uma classe que fez com que a professora se retirasse. Não há mérito em querer só os bons (ATAS DAS REUNIÕES, 1963, p.6-7).

Além disso, as atas citadas são de anos diferentes, nos quais a diretora do Grupo também era outra, entretanto, verifica-se que o que se esperava das professoras era o auto-controle emocional e o mesmo posicionamento diante de seus alunos.

Na segunda parte da primeira reunião realizada com as professoras da primeira série, a diretora passa a explicitar quais as atividades que devem ser realizadas no Período Preparatório.

Assuntos Pedagógicos – 2º Em seguida a senhora diretora falou sobre o “Período Preparatório” que visa a formação na criança de bons hábitos, atitudes e habilidades comuns a todas as situações de leitura. Para isso a professora deve levar a criança a revelar-se em todos os aspectos: físico, moral, social, intelectual, através de atividades como: a) Excursões a lugares de maior interesse, como à sala da diretora para conhecê-la e saber suas funções, à outras salas de aula para ver algo de especial, às sanitárias, à Cantina e outras dependências do Grupo. Observar diferentes edifícios e como funcionam o correio, padarias, sapatarias, serrarias, etc. Estas excursões devem ser feitas se possível diariamente após o recreio. O espírito da criança deve ser preparado com antecedência para estas excursões. Após esta atividade deve a professora provocar a linguagem oral da criança sobre o observado. Desenhar cenas vistas na excursão. b) Histórias lidas ou contadas pelo professor. As crianças poderão desenhar também cenas da história ouvida. Sugestões: Bonequinha Preta – Bonequinho Doce – Pituchinha – Os três porquinhos – Dona Baratinha – A galinha ruiva –

Os três ursos – O Elefante Elmer – Irmãos Bichanos, etc. c) Dramatizações – Dramatizar espontaneamente cenas de histórias lidas ou contadas pela professora. Imitar o padeiro, o leiteiro, o açougueiro, a lavadeira, etc. d) Leitura de poesias pela professora. Memorização de algumas pelas crianças. e) São também atividades para integrar a criança na vida da classe e criar situações para desenvolvimento da linguagem: 1 – Responsabilidade por pequenas obrigações como organização diária do Calendário da classe. 2 – Cuidado com plantinhas ou vasos da classe. 3 - Trato de algum animal. 4 – Registro pelas próprias crianças, de seus nomes nas folhas de frequência. f) Leitura incidental – Apresentação de fichas de ação. Exemplos: Boa tarde – Tirem o lápis – Tirem o caderno – Levantem o dedo, etc. g) Recomposição de histórias, à vista de gravuras. h) Exercícios para desenvolver a discriminação auditiva, sugestões: Rimas. i) Exercícios para desenvolver o raciocínio: Adivinhações. j) Exercícios para desenvolver a atenção: histórias com interferência, sugestões: a) O Castelo Amarelo de Malba Tahan. b) O gato polícia. Período Preparatório – Escrita – Nas primeiras semanas de aula a criança deve trabalhar com papel sem pauta. A professora deve insistir na posição correta da criança ao sentar-se, na posição do caderno na carteira e na maneira da criança segurar o lápis. Atividades sugeridas para desenvolver a coordenação motora: a) Exercícios ritmados contando ou cantando algo. As crianças declamam a quadrinha, em voz alta, fazendo movimentos com o braço no ar; repetir o mesmo exercício traçando o desenho no caderno de acordo com a quadrinha. b) Traçado de linhas acompanhando labirintos. c) Traçado de figuras acompanhando pontinhos. d) Cópia de figuras simples. e) Dobraduras. A criança só poderá iniciar os exercícios de escrita quando estiver pegando bem o lápis. Muitas situações úteis, práticas, envolvendo escrita, são oportunas, como: escrever o próprio nome, nome dos colegas, da professora, do Grupo; escrever títulos de histórias contadas, para acompanhar ilustrações. As crianças sentem um grande desejo de escrever alguma coisa abaixo de seus próprios desenhos. Para isso elas contam com a ajuda da professora que, compreende a importância de satisfazer suas necessidades orienta-as na escrita de palavras sugestivas, nomes de personagens ou mesmo de um título para seus desenhos. A senhora diretora disse que as atividades do período preparatório devem ser variadas e curtas. A sala de aula deve ser acolhedora e atraente. Na sala de aula deve haver prateleira, onde serão colocados vasilhinhos, coleção de livros para serem manuseadas pelas crianças, coleção de lindas gravuras para recomposição de histórias, Cartazes: Aniversariantes do mês, frequência, Calendário, etc. (...) (LIVRO DE ATAS DE REUNIÕES PEDAGÓGICAS, 1963, p. 2).

Todas as atividades relatadas pela diretora na ata são as mesmas listadas para o Período Preparatório no Programa da Língua Pátria na temática Leitura e também na Escrita.

Assim, nos relatos das alfabetizadoras sobre o Período Preparatório, podemos perceber que elas falam sobre algumas atividades prescritas no programa que realizavam neste período. Além disso, podemos observar como, no Grupo, o Programa de Ensino era considerado como uma instrução legal a ser seguida.

Assim, após o *Período Preparatório*, o Programa de Língua Pátria, dentro da temática Leitura, seguia para o *Período Inicial*, que “visa à formação de hábitos, atitudes e habilidades comuns a todas as situações de leitura”(SEE/MG, 1961, p.12) e cabia à primeira série. Ainda de acordo com o Programa, os objetivos deste período eram:

Manter vivo o desejo de ler e a atitude fundamental para com a leitura, através de todo o aprendizado; treinar a capacidade de apreender o sentido de material simples, com facilidade e relativa rapidez; desenvolver a habilidade para a leitura oral de material simples, à primeira vista; desenvolver a capacidade de ler silenciosamente e de, pela ação, por palavras próprias ou por qualquer outra forma de expressão, como desenho, modelagem, interpretar o que leu; treinar a capacidade de ler por unidades de pensamento e não palavra por palavra (SEE/MG, 1961, p.12).

Segundo o Programa de Ensino de Minas Gerais, esse período constava de duas fases bem características: a do Pré-Livro ou cartilha e a do Livro. A Fase do Pré-Livro tinha os seguintes objetivos:

Formar os hábitos e habilidades fundamentais do processo de ler; manter a atitude fundamental para com a leitura, através de todas as fases do método; formar um vocabulário visual de oitenta a cem palavras; habilitar a criança a ler por unidades de pensamento e não palavra por palavra; formar movimentos oculares corretos; desenvolver a capacidade de formar e ler palavras novas, independentemente do auxílio de qualquer pessoa (SEE/MG, 1961, p.14).

Para o cumprimento desses objetivos, havia uma recomendação importante quanto ao método a ser aplicado nas práticas de alfabetização.

Nesta fase, a questão fundamental é a escolha do método pelo qual se vai ensinar a ler. Impõe-se acentuar que os métodos não são igualmente bons para desenvolver e formar grupos de hábitos, atitudes e habilidades que constituem o processo de ler. Por outro lado, o método pelo qual se aprende a ler marca de modo definitivo o processo de ler, além de influir consideravelmente no aprendizado da composição e da ortografia. As melhores correntes pedagógicas apontam, em nossos dias, como preferível, o método global, porque: a) forma o complexo processo de ler, nos seus aspectos fundamentais de uma só vez e não por partes; b) desenvolve o hábito de ler em

unidades de pensamento e não palavra por palavra; c) dá e mantém a atitude fundamental para com a leitura, o que garante o desenvolvimento normal do processo de ler; d) favorece a rapidez do reconhecimento das palavras que depende, em grande parte, a interpretação da leitura; e) favorece a formação dos movimentos oculares corretos, dirigidos pelo pensamentos e não pelas palavras; f) favorece melhor e mais rapidamente do que qualquer outro método a independência do aluno no reconhecimento de palavras (SEE/MG, 1961, p.15).

Faz-se importante aqui apresentar a narrativa de Silva, que foi a primeira alfabetizadora a ser entrevistada, ela comentou sobre o Programa de Ensino, mas esse assunto não foi explorado, pois ainda não fazia parte do roteiro da entrevista, tendo sido modificado após a análise desta primeira entrevista. Além de Silva, Ferreira afirma que não lembrava de detalhes do Programa. “Do programa mesmo eu não me lembro, mas eu sei que a gente seguia o programa, todo mundo tinha que seguir”(FERREIRA, 2012). As alfabetizadoras, bem como Santos, a diretora, afirmaram que o programa não indicava o método, apenas o conteúdo que deveria ser trabalhado.

(Programa) Não falava o método, só falava o que você tinha de trabalhar. Por exemplo, para poder passar do primeiro ano para o segundo ele tinha que saber ler corretamente, ele tinha que ter um bom raciocínio, porque senão não passava. Por isto que o ensino era muito rígido. Tinha menino que ficava três anos na primeira série, porque se ele não era bem trabalhado para ele ter um bom desenvolvimento, um bom raciocínio. Ele não dava conta de fazer a prova, é igual vestibular hoje, o aluno chega lá e recebe o caderninho e além de tudo ficavam uma ou duas na sua sala te ajudando (FERNANDES, 2012).

O Programa de Ensino não estipulava qual método deveria ser aplicado (LOBATO, 2012).

O Programa de Ensino não determinava uma forma, um método lógico específico. As professoras é quem deveriam ter o conhecimento da metodologia (SANTOS, 2012).

Entretanto, embora as entrevistadas não soubessem ou não lembrassem, verificamos claramente que havia prescrição no período estudado que as alfabetizadoras deveriam utilizar o Método Global como sendo o mais adequado para alfabetizar as crianças mineiras. E que o Programa da Língua Pátria não especificava era qual cartilha ou pré-livro deveria ser utilizado

no processo. No caso do Grupo Escolar Clarimundo Carneiro, houve desde o início a escolha pelo Pré-livro *As Mais Belas Histórias*³⁸, de Lúcia Casasanta³⁹.

Nós trabalhamos com o livro “As Mais Belas Histórias” que contava a história dos Três Porquinhos. A autora desse livro é a Lúcia Monteiro Casasanta (LOBATO, 2012).

E a gente usava a cartilha dos três porquinhos (*As mais Belas Histórias*), e no dia de entregar o livrinho para eles tinha festa e a gente dizia: hoje vocês vão ganhar o primeiro livrinho, olhem a capa como ele é bonitinho. A gente apresentava o livro, a capa do livro, quem escreveu o livro, aqui a gente falava o nome dela, ela era viva, Lúcia Casasanta. Ela era viva e a gente já usava o livro dela, Os Três Porquinhos. E era muito interessante, apesar de ser simples, simples, a primeira lição era assim: Era uma vez, era uma vez os três porquinhos, só isso. E a gente trabalhava esta primeira folha muito (FERREIRA, 2012).

Não, porque geralmente as cartilhas, nós trabalhamos com uma cartilha, não me lembro do nome, mas foi antes da cartilha dos três porquinhos (*As Mais Belas Histórias*), e eu fiz as leituras suplementares delas, inclusive eu paguei para fazer os desenhos relacionados com a leitura, sempre assim, porque você vê, “os três porquinhos” não tem nada para ver para fazer uma composição. Geralmente era uma paisagem, um brinquedo, um lugar que tivesse um menino brincando de alguma coisa. Primeiro tinham aqueles álbuns, uns folhetos grandes que vinham da secretaria mesmo, eles já mandavam os desenhos (FERNANDES, 2012).

Portanto, como já dito, a Fase do Pré-livro, do Período Inicial, descreve a aplicação do Método Global, contando com a Fase da História ou do Conto; Fase da Decomposição da História em Sentenças; Fase das Porções de Sentido; Fase da Decomposição das Sentenças em Palavras e Fase da “Decomposição das Palavras em Sílabas” e Recomposição de Novas Palavras com essas Sílabas.

Esse método é dividido em cinco fases que devem ser trabalhadas uma a uma, de acordo com o amadurecimento dos alunos. Faz-se necessário tomar muito cuidado para não queimar nenhuma etapa. Cada fase deve ser vencida, para posteriormente introduzir a fase seguinte e assim sucessivamente. As fases são: Fase do Conto, Fase da Sentencição, Fase da Porção de Sentido, Fase da Palavração e Fase

³⁸ Para saber mais sobre o pré-livro *As Mais Belas Histórias* LIMA, Michelle Castro. História de alfabetizadoras Uberlandenses: modos de fazer no Grupo Escolar Bom Jesus – 1955 a 1971. 2011. 170 f. Dissertação(Mestrado)-Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2011.

³⁹ Para saber mais sobre Lúcia Casasanta ver MACIEL, Francisca Izabel Pereira. Lúcia Casasanta e o método global de contos. Uma contribuição à história da alfabetização em Minas Gerais. FAE/UFMG, 2001. (Tese de doutorado)

da Silabação. Após o Período Preparatório iniciava-se a aplicação do Método Global. Cada aluno possuía o seu pré-livro, mas este ficava com a professora e era entregue separadamente, fase por fase, conforme o avanço do aprendizado dos alunos. Isto para despertar maior interesse nas crianças, bem como despertar expectativas e a sensação de novidade. A primeira atividade era a entrega da capa do pré-livro, que era explorada ao máximo. Ressaltávamos o nome do pré-livro, sua autora e outros detalhes. Fazíamos então a entrega solene da capa do pré-livro, envolvendo o pessoal da diretoria e outros profissionais da escola, quando possível. O pré-livro era composto de cartazes miniaturas (Fase do Conto) e de fichas referentes às Fases da Sentenciação até a Fase da Silabação, para serem trabalhados no momento oportuno. Os alunos recebiam quatro envelopes vazios – um para cada fase e um de cada vez – onde seriam guardadas as fichas após a execução das atividades por eles. A entrega era feita de acordo com a etapa executada. O material da professora era o mesmo pré-livro, em tamanho maior: em forma de cartaz na Fase do Conto, ou em forma de fichas nas demais fases. Antes da apresentação do primeiro cartaz pela professora eram trabalhadas com enorme intensidade as Leituras Suplementares. Aí então era apresentado e explorado o primeiro cartaz pela professora e entregue aos alunos o correspondente cartaz em miniatura para ser anexado ao pré-livro. Várias atividades eram executadas pelas crianças a partir do momento em que já conseguiam memorizar o conteúdo como: colorir o cartaz miniatura, cópia do cartaz, dramatização, mímica e outras atividades inspiradas na criatividade da professora. Esta técnica era aplicada na introdução dos demais cartazes (LOBATO, 2012).

No Método Global, a gente trabalhava com fases, que são cinco fases: o conto, onde a gente contava a história dos Três Porquinhos. Depois vinha a sentencição, por exemplo, “Era uma vez os Três Porquinhos”, uma sentença. Depois vinha à porção do sentido, para o menino entender direitinho o que ele estava escrevendo, porque não adianta ele escrever “bobamente”. E na palavrção você já chegava à palavra. Tinha a palavrção e depois a silabação, então, por exemplo, a palavra “lata”, para passar para sílaba era “la” “ta”, e aí depois trabalhava as palavras todas (FERREIRA, 2012).

Portanto, a cartilha adotada no Grupo para aplicação do Método Global, como relatado pela diretora e pelas alfabetizadoras, foi o pré-livro *As Mais Belas Histórias*, de Lúcia Casasanta, que como pudemos observar, foi também a responsável pela elaboração do Programa de Língua Pátria. Desta forma, também foi possível verificar que muitas das prescrições no Programa da Língua Pátria estão também expressas no Pré-livro *As Mais Belas Histórias, Parte do Mestre*, que como nome indica, contém as orientações para o professor utilizar corretamente o Método Global de Contos expresso na Cartilha.



Imagem 17. Capa do pré-livro *As Mais Belas Histórias* de autoria de Lúcia Casasanta. Exemplar correspondente à 78ª edição. 1966.

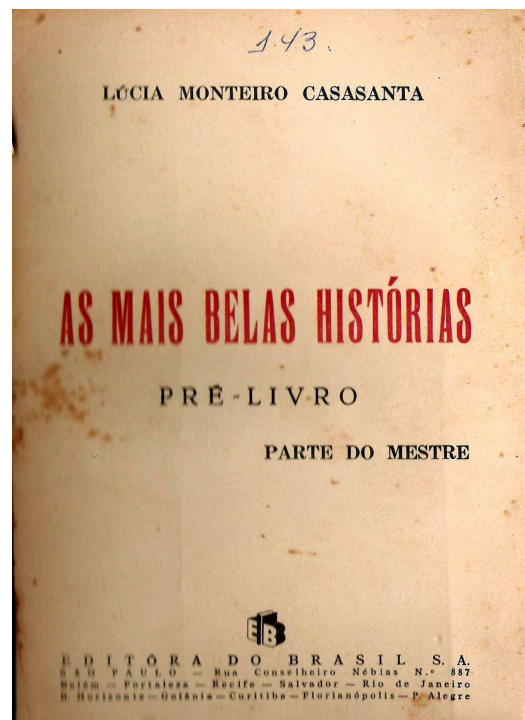


Imagem 18. Capa do pré-livro *As Mais Belas Histórias* de autoria de Lúcia Casasanta. Exemplar correspondente à 5ª edição. Sem data.

Nem todas as alfabetizadoras do Grupo, como dito anteriormente, utilizaram o Método Global para alfabetizar os alunos. Entretanto, das alfabetizadoras entrevistadas, apenas uma, Silva, permaneceu durante todo o tempo em que trabalhou no Grupo Escolar Clarimundo Carneiro utilizando o Método Silábico. Além disso, as alfabetizadoras que trabalhavam com o Método Silábico, estavam a cargo das salas dos alunos repetentes. A outra alfabetizadora, Fernandes, relatou que a princípio trabalhou com o Método Silábico, entretanto, após participar de cursos e Jornadas pedagógicas, decidiu utilizar o Método Global, mas conta que no começo misturava os dois métodos. “Trabalhei o método, mas daí eu misturava, um método com outro” (FERNANDES, 2012).

Depois destas jornadas pedagógicas, nós passamos a usar o Método Global. Primeiro para nós foi uma mudança grande, mas se para nós era assim, imagine para os meninos. Como eu te falei, quando a gente começou era Caminho Suave, A, E, I, O, U, o método que veio com muitas tradições, depois veio o Método Global. Mas a gente não acreditava que os meninos iam aprender daquela forma, nós não tínhamos uma segurança para transmitir e, depois, como os meninos, da minha turma, da Erondina, da dona Geny, eram meninos que principalmente, não tinham ninguém em casa que pudesse ajudar, nem

livros disponíveis. Mas depois que a gente pegou o método, que viu que ele podia alfabetizar, foi muito bom. Mas até que a gente teve uma segurança, não foi fácil. Falo também por mim, porque eu falava, meu Deus do Céu, começar já com o todo aqui, uma frase completa (FERNANDES, 2012).

Outras atividades propostas na Fase do Pré-livro do Programa de Língua Pátria, e, também, verificadas nas orientações do pré-livro *As Mais Belas Histórias, Parte do Mestre*, também foram relatadas, por exemplo, as *Atividades com cartões relâmpago*: “a) Expor diariamente fichas relâmpagos das palavras constantes do material básico e do suplementar, que a criança já conhece; b) expor fichas com sentenças conhecidas da classe para treinar a vista a perceber grupos cada vez maiores de palavras” (SEE/MG, 1961, p.20).

Também tinha as Fichas Relâmpago, você já ouviu falar? Funcionava assim, faz de conta que aqui estava assim: Eles fugiram, fugiram, então eu falava: - Olhem aqui rapidinho, o que estava escrito? As Fichas Relâmpago a gente mostrava e escondia, mas quem estava bem atento falava: Eles fugiram. E eu respondia: isso, vocês querem ver como era isso mesmo que está escrito, olhem aqui. Eram muitas fichas, a gente trabalhava com um material imenso, muito variado mesmo (FERREIRA, 2012).

Outra atividade era a apresentação de Fichas Relâmpago, na qual a professora usando o seu material mostrava a ficha de maneira rápida e os alunos liam a frase e depois escreviam no caderno. Também fazíamos ditado e outros (LOBATO, 2012).

Entretanto, a diretora e as alfabetizadoras se referiram à uma atividade que não foi possível encontrar registro com o mesmo nome nem no Programa da Língua Pátria e nem no pré-livro *As Mais Belas Histórias, Parte do Mestre*, trata-se das Leituras Suplementares descritas assim pelas entrevistadas:

As leituras Suplementares contribuíam para o aprendizado e a fixação dos cartazes que compunham o pré-livro, ajudavam a enriquecer o vocabulário e aguçar a criatividade do educando e possibilitava uma leitura contínua, dando uma visão do todo, não permitindo a fragmentação no ato de ler. As leituras Suplementares eram constituídas de cartazes confeccionados por nós, alfabetizadoras. Estas leituras auxiliavam no aprendizado de cada cartaz do pré-livro em suas cinco fases. Consistiam na elaboração de histórias baseadas no conteúdo de cada cartaz. Vou exemplificar: O conteúdo do primeiro cartaz era:

Era uma vez...

Era uma vez...

três porquinhos.

Fazíamos cartazes ilustrados assim:
Era uma vez...
Era uma vez...
três gatinhos.
ou
Era uma vez...
Era uma vez...
três ratinhos.
Quanto mais cartazes elaborados, melhor (LOBATO, 2012).

A Leitura suplementar deveria ser explorada diariamente, várias vezes. Era indispensável, pois auxiliava muitíssimo no processo de aprendizagem e consistia em: Leitura e escrita de cartaz com historietas referentes a cada cartaz do pré-livro; leitura e escrita de historietas não referentes ao pré-livro, de acordo com o vocabulário da criança; interpretação e/ou leitura de gravuras com sentido completo e incompleto. O aluno inventa uma história sobre a gravura, você a escreve no quadro e os meninos a copiavam, poderia ainda fazer um ilustrar e pedir para os alunos lerem a história (SANTOS, 2012).

No pré-livro *As Mais Belas Histórias, Parte do Mestre* foi possível encontrar algo com descrição semelhante, a narrativa de Santos, mas sem a nomenclatura usada no Grupo, no item *Material Suplementar*, como se pode observar na figura abaixo:

Ler uma segunda vez, motivando. Exemplo:
Professor: — Vou ler outra vez, para que Vocês leiam, em seguida, de maneira como li, que é a maneira como o porquinho falou.
Ouvir a leitura de alguma criança. Fazer ler em primeiro lugar as que forem capazes de ler melhor.
Ouvir outras mais interessadas.
Indagar da classe, se quem leu, o fez exatamente com as mesmas palavras do porquinho.
Corrigir a leitura da criança, lendo a sentença inteira, quando houver omissão ou troca de palavras.
Pantomima da lição.
Consiste em a criança imitar a atitude do porquinho e repetir as suas palavras.
Motivar a repetição da leitura do primeiro cartaz.
Professor: — Vamos ler a história desde o princípio.
Pede a várias crianças que leia o primeiro, e, em seguida, o segundo cartaz.
Entrega da capa do livrinho.
Entrega a capa do livrinho, onde a criança prende as duas miniaturas dos dois primeiros cartazes. Comentário da gravura da capa e do colorido que deram às miniaturas.
Observação: Para algumas classes, os passos — apresentação do cartaz, sua leitura pelo professor, leitura pela classe e sua decoração — realizam-se no mesmo dia entre as atividades dos dois períodos de aula de leitura. Para outras classes, três ou mais serão necessários, envolvendo os dois períodos de leitura.
Continuação da apresentação dos cartazes.
Decorados os dois primeiros cartazes, não quer dizer que a fase do conto esteja vencida. Muitos outros serão apresentados até que se revelem os sintomas es-

perados para se dar início às atividades próprias da “fase da sentencição”. É grave erro decompor o primeiro cartaz logo depois de decorado. É certo que a maturidade para o desenvolvimento da fase da sentencição só vai ser notada depois da apresentação do quinto ou sexto cartaz.

Material suplementar: Usar o mais possível, um material suplementar abundante. Exemplo: Aproveitando gravuras de um gato ou de um cão, ou de outros animais ou de crianças, repetir a porção: “Eu sou o”, (fazendo-se seguir o nome, de acordo com a gravura).

Debaixo de uma gravura representando uma casa, seja de animal ou de pessoa, escrever: “Esta casa é minha” ou em outra circunstância, “Esta casa é da boneca”.

Aproveitar o próprio desenho da criança, etiquetando-o com uma frase tirada da leitura. Exemplo: Debaixo de uma casa, a própria criança pode escrever: “Esta é a casa de Palhaço” ou “A casa de Palhaço é de palha”, etc. Poderão também fazer em argila os porquinhos, colorindo-os ou vestindo-os de acordo com as gravuras do cartaz e etiquetá-los.

Motivação para escrita: Pedir que cada criança desenhase sua casa e escreva embaixo: “Esta casa é minha”.

Apresentação do 3.º cartaz.

A professora deve, mais ou menos, seguir os mesmos passos, sem tornar-se rotineira, fazendo as adaptações que o conteúdo do cartaz sugerir. Exemplo:

1º) Abrir o cartaz.

Conversar sobre a gravura, chamando o porquinho pelo seu nome, isto é, Palito.

2º) **Fazer um comentário sobre a gravura:** a casinha e o material de que é feita, comparando um porquinho com o outro, assim como as duas casinhas. Associar o nome de Palhaço a palha e de Palito a pau, etc.

No Programa de Língua Pátria, o item *Material Suplementar*, mas a descrição deste é apenas de materiais, não havendo instruções de como devem ser utilizados: “Ordens escritas em fichas de cartolina pelo professor; fichas contendo material para ser interpretado em pantomimas; gravuras para uso, à medida que se tornarem necessárias na classe” (SEE/MG, 1961, p.15).

O Programa de Língua Pátria explica que mesmo depois de vencida a Fase do Pré-livro o ensino de leitura ainda não terá chegado ao fim, visto que entrará em cena a sua nova fase, ou seja, a Fase do Livro. Nesta fase as atividades principais devem “girar em torno do livro adotado e de livros suplementares da biblioteca da classe” e também “devem ser conduzidas em classe atividades várias em que apareçam, com frequência, palavras, porções de sentido e sentenças do pré-livro ou cartilha”. Os objetivos desta fase são,

desenvolver o interesse em ler nos livros; manter a atitude fundamental para com a leitura; treinar os processo de ler material simples e variado; desenvolver a capacidade de ler oralmente para um grupo; treinar a capacidade de ler silenciosamente e inteligentemente; treinar a capacidade de ler em unidades maiores de pensamento (SEE/MG, 1961, p.23).

Sobre o treino da leitura, Ferreira narra que:

A gente pegava os livrinhos (na biblioteca do Grupo) e dava um para cada um e falava agora vocês vão começar a ler, mas não é alto para mim não, vocês vão ler baixinho, só com os olhos, com a boca agora não pode ler. A gente ensinava todas as regras de leitura para os meninos, porque o menino não pode aprender a ler mexendo com a boca, só quando estava lendo alto “ba-ta-ta”(silabando), mas na hora em que você vai ler onde está escrito “batata”, ele lê só com os olhos. No começo eles faziam assim, “ba-ta-ta”, mas depois que já leram que é batata a primeira vez, eles deveriam ler só “batata” (sem silabar). E a gente dava tempo para eles estudarem depois chamava: fulano você já deu conta de ler o livrinho? Então lê para mim, vem aqui na frente (FERREIRA, 2012).

Nós (professoras) fazíamos um vasto material, cartazes, gravuras, etc., Com esse material nós inventávamos histórias, dramatizávamos, fazíamos mímica, inventávamos mil coisas para eles (alunos) fazerem. (LOBATO, 2012).

Sobre esta fase as alfabetizadoras narram que após o término do pré-livro, havia outras histórias exploradas. Trabalhavam com livro de poesias, com notícias de jornal, e outros. Um exemplo de atividades da Fase de Leitura recomendada no Programa é a descrita na página 27, número 5, “Comentários das leituras em casa”, descrita da seguinte forma: “as leituras em

casa devem ser estimuladas de todas as maneiras. O professor deve comentá-las vivamente com as crianças, exaltar o interesse de uma ou outra leitura, etc” (SEE/MG, 1961, p.27).

Quando a gente pedia para ler em casa e o menino trazia um pedacinho de jornal, às vezes, era contando alguma coisa como houve um baile na cidade, e eles chegavam contando: - tia eu li aqui (jornal) que houve um baile na cidade -e eu dizia: é mesmo, eu fiquei sabendo. Quero ver amanhã quem vai ler uma coisa interessante, é para trazer para mim. E, no dia seguinte, ferviam de coisas, mas daquelas crianças que as mães ajudavam, porque tinham muitas mães que não ajudavam (FERREIRA, 2012).

Outra recomendação constante da diretora sobre as práticas de leitura diz respeito a forma como deveria ser feita:

Não deve dar leitura e nem fazer perguntas em côro. A professora deverá seguir todos os passos que o ensino da leitura exige. As respostas deverão ser individuais. Falará um de cada vez (LIVRO DE ATAS DE REUNIÕES PEDAGÓGICAS, 1963, p. 5)

Leitura – Observando a aula de leitura, a diretora notou respostas em côro. Isto gera indisciplina (LIVRO DE ATAS DE REUNIÕES PEDAGÓGICAS, 1963, p. 7).

Assim, mais uma vez se verifica que a disciplina era considerada uma condição fundamental para o aprendizado no Grupo.

2.2 Linguagem Oral

A segunda temática tratada no Programa da Língua Pátria é *Linguagem Oral*, sobre a qual ressaltam a existência de três aspectos que devem ser considerados no desenvolvimento da linguagem na escola primária, sendo estes: o *evolutivo*, “que se caracteriza por depender do desenvolvimento do pensamento, não tendo a instrução nenhum efeito sobre ele”; o *instrutivo*, que “visa a formação do hábito, da forma certa, o que, por sua vez, impõe condições (maturação do espírito da criança e repetição sistemática até conseguir-se o automatismo)” e o *correlativo*, que segundo programa, “quando o meio da criança é bom, e sobretudo, quando se lhe dá a assistência necessária, é insignificante” (SEE/MG, 1961, p.45).

Os objetivos gerais dessa temática eram:

Desenvolver a capacidade de pensar sobre fatos que ocorrem no meio e os adquiridos nas várias disciplinas do programa; enriquecer a experiência da criança; dar-lhe desembaraço para expor idéias com clareza; desenvolver um vocabulário vívido; desenvolver a estrutura da frase para facilitar a exposição clara do pensamento; desenvolver a

capacidade lógica na exposição de uma série de idéias; formar a consciência linguística para garantir à criança continuidade no desenvolvimento da linguagem depois de deixar a escola; desenvolver a capacidade de usar a linguagem como meio eficiente de participação na vida da comunidade; desenvolver a habilidade de articular e pronunciar com clareza todas as palavras de seu vocabulário; desenvolver a capacidade de apresentar oralmente conclusões de várias leituras realizadas sobre um mesmo ponto e os principais argumentos que as fundamentam” (SEE/MG, 1961, p.46).

Segundo as especificações, na primeira série “o *aspecto evolutivo* da linguagem deve ser o mais focalizado” e “três tipos de atividades devem ser empregadas” (SEE/MG, 1961, p.48):

- 1º: Atividades que visam ao enriquecimento de experiências: excursões indicadas pelos interesses da classe; histórias narradas pelo professor; gravuras do terceiro tipo; atividades com plantas e animais como: jardinagem, viveiros, aquários, etc; histórias lidas pelo professor; poesias;

Neste primeiro grupo de atividades podemos destacar algumas práticas encontradas nos relatos das alfabetizadoras como:

No decorrer da aplicação do Método Global, outras atividades eram desenvolvidas como: histórias infantis, poesias, comemoração de datas cívicas e festivas, excursões, colorir desenhos, mímicas, jornal falado, fantoches e outras. (LOBATO, 2012).

A excursão era uma atividade realizada com os alunos, após a elaboração de um planejamento direcionado. Por exemplo, fazíamos visita às diversas dependências da escola como: biblioteca, diretoria, secretaria, cantina, pátio, quadra esportiva e outros locais. O objetivo primordial dessa atividade era o de proporcionar aos alunos um conhecimento geral de seu ambiente escolar e as atribuições conferidas a cada profissional. A partir desse conhecimento adquirido, através da excursão, as crianças teriam, de forma consciente, condições de amar, respeitar e dar o real valor e importância não só à escola, mas também aos funcionários no exercício de suas funções específicas. (LOBATO, 2012).

Nós usávamos em sala livro de poesia. O livro se chamava *As mais belas poesias*. Essas poesias aqui (mostrando o livro), a maioria delas era usada para, “o menino que vai para a escola” “mãezinha adeus, vou para a escola e volto à tardinha”. Você deve até observar aí, o professor atual deve trabalhar muito dando poesias para que os alunos se interessem por poesia porque é uma ideia que está ficando apagada atualmente. O professor deve dar muita poesia (SILVA, 2011, p.14).

- 2º: Atividades que visavam desenvolver a capacidade de pensar: Atividades baseadas no desenvolvimento de um plano para quaisquer atividades da classe; dramatização de histórias; leituras de gravuras com sentido completo ou do primeiro tipo; ler gravuras; leituras de histórias mudas; gravuras de sentido incompleto; organização de pequenos projetos; realização de tabuleiro de areia; pantomimas.

Neste segundo grupo de atividades destacaremos outras como:

A gente dramatizava, inventava uma história parecida com a do livro. Tirava o lobo e os Porquinhos e falava, por exemplo, era uma vez, era uma vez, três pintinhos. A gente inventava outro tipo de história. Falava para os alunos: quem quer vir aqui na frente contar uma historinha diferente? Um dizia: era uma vez, era uma vez, três gatinhos. Então eu dizia: muito bem. [...] No final do ano ficavam aqueles meninos que apresentavam teatro, cantavam, dançavam, desinibiam durante o tempo, porque a gente trabalhava realmente com eles, os meninos eram diferentes, as pessoas eram diferentes (FERREIRA, 2012).

Eu fiz microfone de madeira que usávamos para fazer um jornal falado. Eu dizia para os alunos: Atenção! Agora é a hora do jornal falado. Quem vai ser o repórter? Quem é que quer contar o que fez ou o que viu de diferente hoje? Nós vamos contar em rede nacional. E a gente brincava com eles assim (LOBATO, 2012).

- 3º: Atividades que visavam desenvolver o treino da linguagem espontânea: Conversa sobre assuntos que interessam à criança; palestras do primeiro tipo; reprodução de histórias.

Aqui também neste grupo de atividades destacamos a narrativa de Lobato contando sobre uma das formas que trabalhava com gravuras:

Explorando ao máximo a gravura. Exemplos: eu perguntava: o que vocês estão vendo nesta gravura? Um dizia: estou vendo uma casa no campo - outro falava: -Ah! Tem uma grama verdinha e bonita na frente - outro dizia - tem uma árvore grande. Então, nós já vimos a casa, vimos a grama, vimos a árvore, será que tem mais alguma coisa? - O sol está bonito ali. Você também pode falar assim: Atenção, vocês vão olhar bem esta gravura agora, e vão pensar aí nas suas cabecinhas uma historinha. E aí eles vão inventar sozinhos. Quem quer vir contar a sua história (LOBATO, 2012).

2.3 Composição

A terceira temática explorada era a Composição que, de acordo com o Programa da Língua Pátria, “vai habilitar a criança a apresentar por escrito o pensamento”. Assim, para o aprendizado da Composição é “essencial que o professor faça dela uma forma de expressão escrita do aluno e que procure seguir o que a natureza da língua impõe: treino constante impulsionado por um motivo real de comunicação”. Portanto, “a criança não deve escrever sem motivo, assim como não fala a não ser pela necessidade de responder às solicitações do meio”.

Conforme o Programa, como cada série do primário devia ser considerada como uma fase do desenvolvimento da composição, na primeira série se tem como propósito fazer com que a criança seja iniciada na expressão escrita, assim Os objetivos da Composição na primeira série eram:

Formar na criança a atitude de considerar a linguagem escrita como meio de comunicação; interessá-la pelos trabalhos de composição; iniciá-la na expressão sincera de seus pensamentos; treiná-la no encadeamento lógico das ideias nos vários tipos de composição; habituá-la a apresentar composições em boa caligrafia e ortografia; habituar a criança a escrever cartas, bilhetes, de acordo com as necessidades de sua classe; Ensinar o uso do ponto final, interrogação e exclamação; formar o hábito de fazer concordância entre o sujeito e o predicado nos casos mais comuns (SEE/MG, 1961, p.71).

Todas as alfabetizadoras entrevistadas afirmam que faziam uso constante das atividades de composição como podemos constatar nas narrativas abaixo:

às vezes a gente punha muitos cartazes, fora do método mesmo, um cartaz bonito com uma menina de chapéu e a gente pregava lá (sala de aula) e dizia: - Era uma vez uma menina, ela tinha um lindo chapéu! Assim eles podiam aprender outro tipo de coisa também. É para estimular o menino a fazer redação. No final (do ano letivo) a gente punha umas frases bonitas como: “Hoje o céu está lindo, lindo. Olha o céu como está azul, como a grama esta verde, verde, verde...”. Era composição, hoje é redaçãozinha. No final (ano letivo), você precisa ver quantos meninos faziam composição bonitinha. Eles punham lá: - Era uma vez, dois pontinhos, porque no final eles faziam as pontuações todas. Eu achava aquilo um milagre, era tão bonitinho. Tinha uns alunos que colocavam: “O olho de Lala era azul, azul”, ficavam lindas! Eram curtinhas, mas tinha o comezinho, o meiozinho e logo o fim. Por exemplo: “Ela foi passear na fazenda, colheu muitas flores e o dia foi lindo!”, terminou, era pequenininha, umas três ou quatro linhas (FERREIRA, 2012).

eu mostrava uma gravura e dizia para eles - Vamos agora fazer uma história olhando para aquela gravura. Vocês vão contar uma história sobre aquela gravura. Só que esta história tem um nome, então vamos colocar um nome na história (LOBATO, 2012).

a professora apresentava à classe uma gravura colorida, por exemplo, uma menina, um menino e um cachorrinho, e dizia: - Que lindo! O que vocês estão vendo? Como se chama a menina? Como se chama o menino? E o cachorrinho? E assim deixava que a classe, que cada aluno interpretasse sua ideia. Ideia que a gente fala, interpretava a sua... eu pus ideia, depois você vê lá o que que deve colocar. Agora vocês vão escrever sobre essa gravura. Agora aqui a professora ajudava. A professora trabalhava com a gravura, cada um interpretava a sua ideia, a professora também ajudava, ajudava a criar, ajudava na interpretação do aluno, ajudava a classe na interpretação da gravura (SILVA, 2011).

A composição, antigamente, era bem trabalhada. A gente fazia sentenças bonitas. A gente trabalhava aquela sentença bonita tipo "um raio de sol brilhava", "as árvores com as folhas verdes" dava aquela imaginação com um título para eles escrever sobre aquilo. [...] Tinha com gravuras e também com a imaginação. Fazia assim, olha vocês foram passear em um lugar, então é para vocês lembrarem o que vocês viram lá, como que estava o sol, como estava a água e depois você recolhia as melhores e levava para a secretaria para fazer um mural. [...] Às vezes das histórias que a gente contava, por exemplo, "o Bonequinho Doce", "a Bonequinha Preta", "Joãozinho e Maria", a gente sempre contava história e pegava uma das gravuras que tinha, dava mais sugestão e colocava lá na frente. [...] Eu pedia para eles olhar se era dia ou se era noite; o que é que tinha ali. A gente ia conduzindo para ter dez ou doze linhas, para ele poderem fazer. E saiam muito bonitas. Nossa escola ganhou muito concurso de composição, porque tinha concursos. (FERNANDES, 2012).

Nas atas das Reuniões Pedagógicas também encontramos recomendações a respeito do uso de Composições em sala de aula.

Composições – Não estão sendo corrigidas nem dadas diariamente em todas as classes. A composição deve ser dada diariamente e levada para corrigir em casa. Não pode ser corrigida em classe! Ao fazer as correções, atacar um erro de cada vez, sempre dando um exercício para verificação. Há professoras displicentes! Não podemos prejudicar as crianças. Tudo devemos fazer para educá-las (ATAS DAS REUNIÕES, 1963, p.11).

Língua Pátria – a diretora falou bastante sobre composição. Esta pode ser: Prática e Criadora. A composição prática pode surgir de uma necessidade social. A criança vai escrever com um objetivo definido.

Esta composição deve ser iniciada diretamente no assunto. Exemplos de composição prática: carta, bilhete, resumo, relatório, recibo, etc. A composição criadora é aquela em que a criança precisa sentir para criar. A composição criadora é a experiência pessoal, é a manifestação espontânea. Para uma boa composição é necessário boa motivação a fim de despertar a emoção da criança. As histórias inventadas, os diálogos, as dramatizações, são composições criadoras. Depois de tudo isto concluímos que não há composição só prática, nem só criadora. Esta diferença é mais para efeito de processo de ensino. (ATAS DAS REUNIÕES, 1965, p.42verso e 43).

Composição diária. No primeiro ano a criança só dará conta de fazer as suas composições sozinhas de setembro em diante. Nessa época é necessário dar duas composições por dia em uma classe e outra em casa. Preparar bem, motivando e orientando com cuidado. Não é necessário corrigir todas, mas, sim ler da classe inteira e anotar os erros e dar as palavras erradas em ditado, em sentenças, com o fim da criança fixar a grafia da mesma corretamente. Quanto a correção da composição é necessário observar o conteúdo e corrigir de acordo com as técnicas enviadas pela Delegacia Regional de Ensino (ATAS DAS REUNIÕES, 1969, p.41verso e 42).

Verifica-se que além de prescritas no Programa de Língua Pátria o uso das Composições era considerado uma prática importante para a alfabetização e continuava mantendo essa importância para as outras séries.

A quarta temática descrita no Programa da Língua Pátria foi sobre a Gramática Funcional, porém este conteúdo era exclusivo da terceira série primária, portanto não abordaremos esta temática (SEE/MG, 1961, p.105).

2.4 Ortografia

Segundo o Programa da Língua Pátria, a ortografia era uma “matéria preponderantemente instrumental”, sendo assim, a “lei básica de seu aprendizado” baseava-se na repetição, contudo, a repetição só fazia sentido se certas condições fossem respeitadas tais como: “repetição atenta; a palavra escolhida deveria pertencer rigorosamente ao vocabulário oral das crianças”, pois o sentido da palavra é fator mais poderoso de fixação dessa, isto é, de sua formação motora”.

Ainda de acordo com o Programa, para a primeira série, havia duas fases do ensino de ortografia: a primeira orientada pelo método de ensino da leitura, sendo chamada *fase do método baseado na percepção visual*, pelo caráter global do ensino de leitura. E a segunda *fase do método baseado na natureza das palavras*, que se caracteriza pelo fato do método de

ensino se orientar pela natureza das palavras e, começa a partir do momento em que os alunos já adquiriram na leitura a condição de compor e decompor palavras (SEE/MG, 1961, p.106).

A *fase do método baseado na percepção visual* contempla as seguintes atividades: “treino de ortografia baseada na percepção visual; controle dos resultados; atividades de articulação de palavras”. Podemos observar nas falas das entrevistadas relatos da aplicação desse tipo de atividade como (SEE/MG, 1961, p.106):

Às vezes também quando a gente estava treinando certas palavras, passava uma palavra ou uma sentença relâmpago. Então vocês vão escrever agora, só assim, uma sentença ou uma palavra, mostrava a ficha e guardava (FERNANDES, 2012).

E a *fase do método baseado na natureza das palavras* contempla as seguintes atividades: treinar a representação exata dos sons (natureza auditiva); atividades com palavras de natureza visual. Sobre esta fase também encontramos atividades descritas pelas professoras como:

Você está estudando, por exemplo, palavra com dois “s” (natureza visual) você não vai por fixo, crucifixo que são das últimas, das últimas lições de ortografia que a gente ensina. Não é só a ortografia mais difícil, o treino ortográfico mais difícil é esse aí, tem que ser de palavras conhecidas. Treino ortográfico, palavra treinada, exemplo, xícara, xarope, você não vai por palavra com “ch”, você tem que por palavra com o mesmo som de xícara para eles não confundirem (natureza auditiva) (SILVA, 2011, p.11).

Os treinos ortográficos a gente fazia muito no quadro, por exemplo, vamos escrever "casa", eles já tinham aprendido a ler casa, para escrever casa tem de dar estas voltinhas para fazer o "a" o "s", sem tirar o lápis do papel, tem que ser tudo grudadinho, depois quando iam fazer outra palavra é que pulava o lápis, porque aí eles escreviam uma frase inteirinha com as letrinhas grudadinhas uma na outra, só quando ia mudar de palavra é que dava um espaçozinho. E assim eles iam aprendendo. O treino ortográfico, depois que a gente acabava de ensinar a escrever uma palavra a gente dizia: agora vocês vão tampar com a mãozinha e vão escrever embaixo, para ver se você aprenderam. E, eles escreviam embaixo, quase todos olhavam, porque não tinham jeito, mas aí eles já estavam aprendendo e iam fixando. Porque com o treino ortográfico eles têm que fixar para ver como é que é que se escreve, por exemplo, "criança" tem "ç" então a gente dizia: - então vamos escrever tudo direitinho, não pode esquecer deste pedacinho aqui embaixo, é uma cobrinha. A gente usava as expressões da gente, não sei se podia, mas sei que no final eles davam conta. E o treino ortográfico quando tinha palavras difíceis, por exemplo, as começadas por "tra", ou "bra", precisavam ser bem treinadas mesmo.

A gente treinava e depois pedia para eles escreverem, era um treino que eles tinham que fazer bem. Se a palavra fosse mais difícil a gente manda escrever umas duas vezes, apesar de que era errado mandar escrever muitas vezes para baixo, mas umas duas vezes é bom para fixar (FERREIRA, 2012).

Encontramos também referência ao ensino de ortografia registrado nas atas das reuniões pedagógica como:

Ensino de ortografia: Treinar palavras de natureza visual e auditiva. Visar com insistência c e s (inicial das palavras). Uso do m antes do p e b. c antes de e e i. Acentuação geral desde o 1º ano. (ATAS DAS REUNIÕES, 1964, p.26verso).

A última temática que fazia parte do Programa de Língua Pátria analisado foi a da *Escrita*. Assim, de acordo com as orientações contidas a finalidade principal do ensino da escrita na primeira série era o de “desenvolver a coordenação motora, estabelecer movimentos e os ritmos desses movimentos”. Para tanto, o início das aulas precisava ser com “exercícios preparatórios no quadro para facilitar o movimento amplo e assegurar o movimento do braço”. Outra recomendação era a de que era possível associar os exercícios de escrita às aulas de leitura. Os alunos deveriam no início copiar as frases e sentenças imitando o movimento da alfabetizadora (SEE/MG, 1961, p.122).

Sobre a temática da escrita observamos nas narrativas das alfabetizadoras algumas questões importantes tais como, a de Ferreira que afirma que até a letra de seus alunos pareciam com a sua. “A letra dos meus meninos era igual minha letra, porque olhavam a minha letra, copiavam a minha letra do quadro, observavam como eu fazia a minha letra, então a letra era igualzinha a minha”.

3. Avaliação das Práticas de Leitura e Escrita

As práticas de leitura e escrita eram avaliadas no Grupo Escolar Clarimundo Carneiro, por meio de provas elaboradas pelas alfabetizadoras, com a supervisão da diretora, mas também por avaliações externas que eram enviadas pela Secretaria de Educação de Minas Gerais e, como narraram as alfabetizadoras, elas ficavam muito preocupadas, pois afirmam que não faziam ideia do que constaria nestas provas, pois vinham lacradas e só podiam ser abertas no momento da aplicação.

As provinhas mensais era a gente que fazia, mas mostrava para a diretora. Tinha que passar pela diretora porque se estivesse muito pesado ela diminuía e se estivesse muito fraquinha ele aumentava. E as notas das provas a gente passava para o boletim. Todo mês a gente fazia provinha e mandava as notas para as mães, e a mãe tinha de assinar. Era muito trabalho, a gente trabalhava muito corrigindo essas provas, e ainda tinha que passar notas para esses boletins. Geralmente a gente levava tudo para casa porque na sala de aula era para trabalhar com os meninos, e a gente não podia ficar perdendo tempo ali. (FERREIRA, 2012).

As avaliações mensais eram realizadas através de aplicação de provas e eram dadas notas de 0 a 10. Para as avaliações das atividades diárias, eu usava um critério diferente: colocava “V” (visto) nos exercícios de casa e nos realizados em sala de aula para os alunos que não correspondiam ao desejado, e o estimulava a melhorar para atingir o 10. Para o aluno que correspondia ao que foi solicitado eu dava a nota 10. Este também era incentivado a continuar fazendo da melhor forma possível. Porque eu acredito, que usando esse critério eu não o rotulava aquele menino que não conseguiu fazer como se esperava, não o colocava em uma situação de humilhação diante do que conseguiu o 10 (dez). E com o aluno que conseguiu o dez também houve justiça, valorizando-o pelo cumprimento de tudo que foi pedido. Então para aquele que ganhou um visto eu dizia: - Olha meu filho, hoje você não ganhou dez, mas você sabe por quê? Você já percebeu que seu caderninho não está bonitinho, a sua letra é muito melhor do que essa aqui. Você vai melhorar porque eu quero te dar o dez, só que agora você não fez por merecer, mas você vai trabalhar nisto e vai ganhar o seu dez (LOBATO, 2012).

as provas vinham de Belo Horizonte, não era você que elaborava, e nós não tínhamos conhecimento do que ia cair na prova. Eu acho que não era só para a nossa cidade. As provas eram para Belo Horizonte, para todo lugar, inclusive vinha coisa que nossos alunos não conheciam porque não era da realidade deles, não era (FERNANDES).

Sobre a correção das provas há várias menções nas atas de reuniões pedagógicas como por exemplo:

Correção – Cada regente corrigirá as provas de sua classe, mas, é preciso que ela seja criteriosa, justa e conscienciosa. Se houver reclamações de pais haverá então sindicância na correção da regente ficando a mesma sujeita às consequências que advirem se for constatado o seu erro (ATAS DAS REUNIÕES, 1969, p.54verso).

Portanto, além de haver uma preocupação em avaliar os alunos por meio de provas constantes, havia também a preocupação de que a professora não prejudicasse ou beneficiasse algum aluno, cobrando-se, portanto, uma avaliação criteriosa e justa de cada professora.

Além dessas provas mensais e das provas finais enviadas pela SEE/MG, outra prática comum de avaliação dos alunos na primeira série do primário, era o teste de leitura que era feito pela diretora e era utilizado para verificar se o aluno sabia ler correntemente.

era só no final do ano. Para ir do primeiro ano para o segundo, eles tinham que ler. Eles pegavam um determinado livro lá, não era o que você usava em sala de aula não. Era escolhido na hora e eles liam. E ele ia interpretar o que ele falou, procurar algumas palavras lá, e era assim que funcionava o exame de leitura. (FERNANDES, 2012).

Ela (diretora) fazia um exame de leitura e dava um ditadinho de umas dez palavras para ver se os alunos estavam preparados. (FERNANDES, 2012).

Desciam para sala (da diretora) uns dois, três meninos e um já ia fazendo o teste. Ela (diretora) falava: leia aqui para mim. Mas como o menino já tinha dado uma ensaiadinha, ele lia direitinho. E interpretava, porque tinha que interpretar. **(E eles não tinham medo de fazer este teste com a diretora?)** Não tinham nada, nada. A gente falava: olha, você aprendeu a ler tão bonitinho que a diretora vai adorar ver você ler. Ela vai te dar o livrinho para você ler primeiro para você treinar e não gaguejar. Você ensaia bonitinho, ela vai te dar um tempo. Depois você mostra para ela que você sabe ler, que você aprendeu a ler, porque você é inteligente, você é bom nisso. O menino era tão incentivado, a gente incentivava tanto o menino que ele lia bonitinho. E tinha que fazer o teste de leitura para passar para a segunda série. Hoje não, hoje tem menino na quarta série que não sabe ler. A secretaria de educação fala que não pode reprovar menino, vai passando menino sem saber nada. Tem menino que vai fazer vestibular que não sabe escrever. Eu lembro que eu e a Edir falávamos que este método (global) é bom demais (FERREIRA, 2012).

No entanto, podemos constatar na narrativa de Ferreira, que por meio dos testes de leitura, não era somente o aluno avaliado, mas também o trabalho realizado pela alfabetizadora: “Tinha o teste de leitura lá e os meninos iam à sala da diretora ler. Era ali que mostrava que o menino já sabia ler. Era ali que mostrava o trabalho da gente, se o menino leu, então você ensinou direito” (FERREIRA, 2012).

Essa prática foi conservada, por vários anos, mesmo mudando de diretora no Grupo Escolar, essa prática da diretora avaliar o teste de leitura dos alunos ainda se manteve por longos anos, pois, como revelou Ferreira “a Neide (diretora) falou assim: eu vou começar

exame de leitura, a sua sala já esta preparada? Eu falei: - Eu acho que sim” (FERREIRA, 2012).

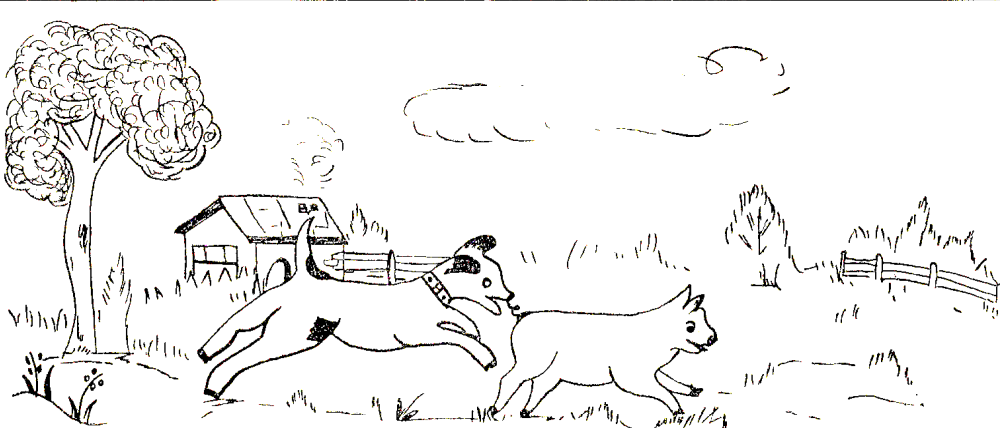
AGRUPAMENTO DE INSPETORIAS SECCIONAIS DE..... - 1962	
PROVA FINAL DE LINGUA PÁTRIA --- 1.ª Série	
Aluno -	
Professôra -	
Grupo Escolar -	
	
<p>Este é o Rabicó.</p> <p>Rabicó é o porquinho de Mariazinha.</p> <p>Rabicó é teimoso, teimoso...</p> <p>Sabem o que o porquinho fez ?</p> <p>Ele saiu do chiqueiro.</p> <p>Furou um buraco no muro e fugiu do quintal.</p> <p>Rabicó entrou no galinheiro.</p> <p>As galinhas ficaram assustadas: cló, cló, cló...</p> <p>O gatinho correu: miau, miau, miau...</p> <p>Veio o cachorro e mordeu o rabo de Rabicó.</p> <p>Rabicó voltou correndo, correndo...</p> <p>Rabicó agora não foge mais.</p>	
1	<p>Quem era Rabicó ?</p> <p>Um coelhinho</p> <p>O gatinho de Mariazinha</p> <p>Um porquinho teimoso</p> <p>O patinho fujão</p>

Imagem 21 (pagina 1) - Digitalização de uma prova utilizada no período para avaliação final dos alunos de primeira série. 1962

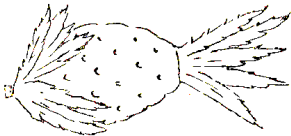
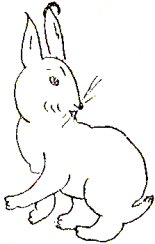
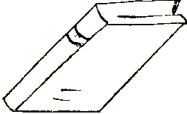



2	<p>O porquinho</p> <p>Fugiu do galinheiro Fugiu do quintal Correu para o buraco Correu para a porta</p>
3	<p>O gatinho fêz assim:</p> <p>Au, au, au... Cló, cló, cló... Miau, miau, miau... Quá, quá, quá...</p>
4	<p>O cachorro mordeu o rabo do porquinho.</p> <p>Certo — Errado</p>
5	<p>Rabicó agora não foge mais.</p> <p>Não sei — Sim — Não</p>
6
7	<div style="display: flex; justify-content: space-around; align-items: center;">     </div> <div style="display: flex; justify-content: space-around; margin-top: 10px;"> ABACA..... COE..... LI.....NO </div>
8	<div style="display: flex; justify-content: space-around; align-items: center;"> o  RÓI o  </div> <p>.....</p>

Imagem 22 (página 2) - Digitalização de uma prova utilizada no período para avaliação final dos alunos de primeira série. 1962

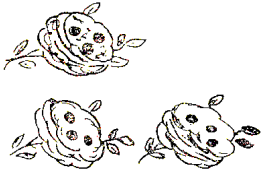
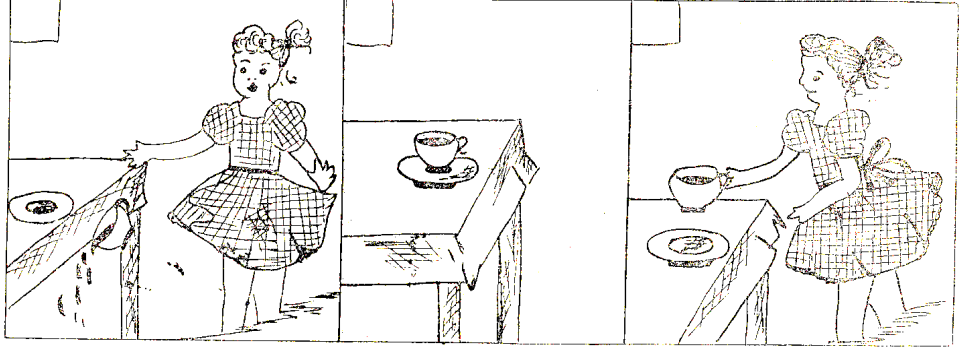

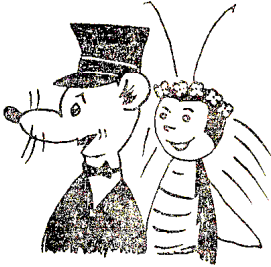
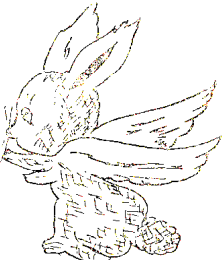



9	 <p>O NINHO DO PASSARINHO É BONITO.</p>		
10			
11	<p>DITADO</p> <p>.....</p> <p>.....</p> <p>.....</p> <p>.....</p>		
12	 <p>..... D. BARATINHA</p>	 <p>..... BONEQUINHO DOCE</p>	 <p>..... O COELHINHO DE ASAS VERMELHAS</p>
13			

Imagem 23 (pagina 3) - Digitalização de uma prova utilizada no período para avaliação final dos alunos de primeira série. 1962



COMPOSIÇÃO

[illegible]

TOTAL DE PONTOS: _____

Imagem 24 (página 4) - Digitalização de uma prova utilizada no período para avaliação final dos alunos de primeira série. 1962

Podemos observar nas imagens acima uma prova cedida pela alfabetizadora Silva para avaliação final dos alunos da primeira série do primário, enviada pelo Agrupamento de Inspetorias Seccionais (havendo um espaço para escrever de que cidade ou região). Apesar de esta prova ser datada de 1962 e o Grupo Escolar Clarimundo Carneiro iniciou suas atividades em 1963, acreditamos que seja importante acrescentá-la a este estudo, visto que, esta avaliação segue o que é prescrito no Programa de Língua Pátria que tem sua vigência até o início da década de 1970.

Na imagem 21, podemos observar um pequeno texto, que tem as mesmas características dos textos que faziam parte das cartilhas⁴⁰, sobre o qual a criança devia responder algumas perguntas de interpretação de texto (questões 1 a 6- imagem 22). Na questão 7 a criança deveria completar as palavras de acordo com a imagem que aparecia acima. Na questão 8 a criança deveria reescrever o texto substituindo as imagens pelas palavras indicadas por estas. Na página 3 (imagem 23), supomos que o que se pede na questão 9 seja para a criança reescrever a frase no plural, visto que a frase impressa está no singular e aparecem as imagens de três ninhos. A questão 10 refere-se à ordenação das cenas. A questão 11 é um ditado, sobre o qual não temos mais informações. Na questão 12 aparecem imagens e os nomes correspondentes às três histórias indicadas no Programa de Língua Pátria e acreditamos que os nomes das histórias devam ser numeradas de acordo com cada imagem. Na questão 14 são exibidas algumas imagens, mas não sabemos exatamente o que se pede na questão. Por fim, na página 4 (imagem 24) a criança deve fazer uma composição com base na imagem impressa. Todas estas atividades são descritas no Programa de Ensino da Língua Pátria.

Desta forma, observamos como os processos de avaliação eram valorizados e como se exigia das professoras coerência com que era cobrado e justiça e atenção ao fazer as correções. Além disso, todas as avaliações eram supervisionadas pelas diretoras antes que a professora pudesse aplicá-las em sala de aula. Sendo assim, havia sempre um controle, seja da diretora, ou da delegacia de ensino sobre as avaliações.

⁴⁰ FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva, MACIEL, Francisca Izabel Pereira. Cartilhas/impressos: perspectivas teórico-metodológicas de análise do texto e do paratexto e suas contribuições para a história da alfabetização e do livro. In: VI Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação: percursos e desafios da pesquisa e do ensino de História da Educação. Uberlândia, 17 a 20 de abril 2006.

Também é interessante comentar que as professoras também eram avaliadas, como se pode observar em um dos registros das atas de reuniões pedagógicas. “Nota – Cada professora receberá notas de acordo com o trabalho apresentado”.

4. Plano de Aula

Julgamos importante tratar deste tema, visto que desde o início da pesquisa, nos primeiros diálogos travados na escola, ao procurarmos informações sobre o Grupo Escolar Clarimundo Carneiro e suas alfabetizadoras, essa questão sempre aparecia como sendo importante no período estudado. E mesmo quando a pesquisadora teve os primeiros contatos com as alfabetizadoras para falar da pesquisa e agendar as entrevistas essa temática estava sempre em pauta. Neste contexto, julgamos importante analisar como o Plano de aula⁴¹ era tratado no Grupo.

O professor precisava fazer o Plano de aula. Apresentava todo dia o plano de aula. A professora fazia o plano de aula todos os dias, por exemplo, segunda-feira, leitura pelos alunos da cartilha, leitura e interpretação do texto, ditado relacionado à aula, texto conhecido, você não pode dar um ditado de um texto que o aluno não conhece (SILVA, 2011, p.10).

O plano de aula tinha de ter uma boa sequência. A lição que você ia trabalhar naquele dia ou naquela semana, que às vezes você não podia mandar, tinha que trocar alguma coisa. Por isso é que tinha aquela leitura suplementar, porque, por exemplo, eu ia dar uma aula hoje e eu via que os alunos não pegaram nada daquela aula, então no outro dia, às vezes, a gente repetia aquela leitura, mas no terceiro dia eu já não podia repetir aquela leitura, então por isso fazia o plano de aula. E o cabeçalho, isto daí tinha que ser feito religiosamente, era o nome da escola, cidade, a série, o nome da professora (FERNANDES, 2012).

Fazíamos o Plano de Aula. Era feito diariamente. A diretora verificava sempre, não com o intuito de fiscalização, mas para orientar o educador e isto era realizado com muito respeito. Dona Carmelita fazia anotações a lápis no plano de aula, jamais rabiscava ou escrevia com caneta vermelha, azul, preta ou qualquer outra cor. Tais anotações eram direcionadas a alguma complementação que se fizesse necessária, e/ou a alguma atividade que deveria ser trabalhada e havia passado despercebida pela alfabetizadora. Essa atitude, pedagogicamente falando, nos enriquecia e nos transmitia mais segurança (LOBATO, 2012).

⁴¹ De acordo com Piletti (2001) “É a sequência de tudo o que vai ser desenvolvido em um dia letivo”. E também “é a sistematização de todas as atividades que se desenvolvem no período de tempo em que o professor e o aluno interagem, numa dinâmica de ensino-aprendizagem” (PILETTI, 2001, p.73).

E a Carmelita tinha disciplina total até com a gente, ela era, não ela é muito amiga da gente, mas na hora de chamar a atenção ela chamava mesmo. A gente tinha de fazer um plano de aula, e este plano de aula era sagrado. A gente mandava o plano de aula para ela ver, ela escolhia, fulano vai à sala da Célia, da Sônia Batista, da Ieda e pega o plano de aula delas, traz estes cadernos, aí ela lia tudo e no final quando tinha alguma observação, ela anotava. Quando estava bom merecia parabéns, ótimo, excelente, ela sabia elogiar, mas quando não estava bom, ela escrevia e orientava, ou, às vezes, escrevia assim “no final da aula venha aqui na minha sala”, para ensinar a gente aquilo. E a gente era bem orientada, ela era excelente, ela é excelente até hoje. (FERREIRA, 2012).

As cobranças pelos planos de aula eram constantes nas Atas das Reuniões Pedagógicas para todas as diretoras que comandaram o Grupo Escolar durante sua existência, revelando assim o valor dado à este instrumento de controle. Além disso, outro instrumento de controle usado era o caderno de rodízio. Este caderno deveria ser entregue pelas professoras, cada vez para um aluno, e, depois entregue a diretora quando esta o solicitasse. Assim, a diretora sabia se o que foi exposto no plano de aula da professora realmente estava sendo cumprido em sala de aula.

Diante das narrativas das alfabetizadoras, podemos afirmar que o plano de aula, era considerado como uma forma importante, senão essencial, para auxiliar o professor a conduzir de forma adequada as aulas. O plano também era um “álibi” para que a diretora pudesse verificar e até controlar a forma como as alfabetizadoras estavam desenvolvendo as aulas. Entretanto, mesmo havendo esse controle, nenhuma das alfabetizadoras relatou algum descontentamento com esta prática, pois segundo elas a diretora dava o suporte necessário para que elas pudessem realizar o trabalho.

5. Concepções de leitura e escrita da diretora do grupo escolar Clarimundo Carneiro e sua influência nas práticas das alfabetizadoras.

Decidimos neste tópico apresentar a narrativa de Santos (2012), pois ela inicia sua carreira na Educação, como docente, após ter realizado o Curso Normal, com mais ou menos dezessete anos de idade concluí em 1943. Sua primeira experiência como docente, foi como alfabetizadora e, segundo ela, utilizou a Cartilha da Infância⁴², a qual trazia no seu bojo o

⁴²Para saber mais sobre a cartilha da Infância ver: SANTOS, Luana Grazielle dos. . Um estudo sobre a Cartilha da infância (188?), de Thomaz Galhardo. Revista de Iniciação Científica da FFC, v. 7, p. 332-342, 2007 e

Método de Silabação, cartilha com a qual também foi alfabetizada. E ainda, segundo seu relato, foi esse o método de alfabetização aprendido quando estudou no Curso Normal. Depois dessa primeira experiência na alfabetização foi professora da quarta-série primária.

De acordo com Santos (2012), lembra que quando começou a dar aulas não recebia orientações de sua diretora sobre como deveria ser sua prática em sala de aula, seguindo, portanto os ensinamentos aprendidos no Curso Normal e também recordando a forma como foi alfabetizada para também alfabetizar seus alunos.

Ao relatar sobre seu percurso profissional, Santos (2012) deixa claro que foi ao estudar no Curso de Administração Escolar do Instituto de Educação de Minas Gerais (IEMG)⁴³ que mudou suas concepções de educação. No IEMG estudou de 1960 até o final de 1962, visto que o curso tinha dois anos de duração e foi aluna de Dona Lucia Casasanta, autora da cartilha “As Mais Belas Histórias” e defensora do Método Global de Contos.

A fonte do saber sobre métodos de alfabetização construído e conquistado por Casasanta foi, em grande parte, livros que identificamos em sua biblioteca. A professora tinha como meta demonstrar às suas alunas-mestras a superioridade do método global e fundamentá-lo. Para isso, utilizava-se de várias pesquisas realizadas nos Estados Unidos e na Europa, que levavam à conclusão de que os princípios do método global seriam os mais adequados; ao mesmo tempo, ela apresentava críticas aos autores que defendiam os métodos sintéticos e analíticos sintéticos (MACIEL, 2001, p. 104).

Assim, Santos estudou sobre o método, passou a admirá-lo e a defendê-lo como o mais viável para alfabetizar os alunos. “Quando eu voltei para Uberlândia eu falei: se lá foi tão bom agora que estou com uma escola em minhas mãos eu vou trabalhar com o Método Global”.

O curso de Administração Escolar tinha a finalidade de formar Orientadores de Ensino e Administradores Escolares. Os candidatos ao curso eram professores nomeados do Ensino Primário, (hoje Ensino Fundamental) e exigia-se como requisito para a submissão à seleção, cinco anos de efetivo exercício no magistério. Os candidatos faziam uma prova de Orientação Profissional aplicada individualmente pelo Serviço de Orientação e Seleção Profissional– SOSP (CARVALHO, 2011, p. 5).

também FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. As configurações gráficas de livros brasileiros e franceses para ensino da leitura e seus possíveis efeitos no uso dos impressos (séculos XIX e XX). Rev. bras. hist. educ., Campinas-SP, v. 12, n. 2 (29), p. 171-208, maio/ago. 2012

⁴³CARVALHO, R. S. . O curso de Administração Escolar no Instituto de Educação de Minas Gerais na década de 1950. In: VI CONGRESSO DE PESQUISA E ENSINO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO EM MINAS GERAIS, 2011, VIÇOSA - MG. VI CPEHEMG, 2011.e também MACIEL, Francisca Izabel Pereira. Lúcia Casasanta e o método global de contos. Uma contribuição à história da alfabetização em Minas Gerais. FAE/UFGM, 2001. (Tese de doutorado).

Porém não foi só a mudança de método de ensino que Santos (2012) passou a adotar após o curso, mas também a forma de acompanhar e orientar a prática das professoras com quem trabalhava bem de perto.

Era uma orientação “tête-à-tête” (frente a frente). As professoras faziam o plano de trabalho, e eu dava aulas de demonstração de como apresentar os cartazes. Tinha que ter muito material. Elas trabalhavam em equipe. Eu fazia reuniões com professoras de 1ª, 2ª, 3ª e 4ª séries em separado. Eu assistia às aulas e em separado comentava os aspectos positivos e negativos. Dava por escrito as orientações para cada uma de como trabalhar o Método (SANTOS, 2012).

Desta forma, podemos constatar como a formação fez diferença na prática profissional de Santos(2012). Durante nossa entrevista conversamos sobre a forma como o grupo escolar se organizava, as alfabetizadoras revelaram que havia divisão de turmas, tinha a sala dos alunos novatos e outra dos alunos repetentes. Diante desse quadro Santos (2012) afirma que não pensava a priori quem seria a alfabetizadora que assumiria as turmas, “Não sei, isso nunca foi pré-concebido. Há professores que têm mais facilidade para trabalhar com um tipo de aluno, parece que a gente tinha intuição” (SANTOS, 2012).

Rememorando sobre a separação de salas para os alunos repetentes e novatos, Santos (2012) afirma que também existia uma classificação dos alunos novatos a partir de uma série de testes e observações para definir em que sala cada aluno deveria ficar. “No começo das aulas mandávamos os alunos desenharem as famílias deles. Era o teste da figura humana, pelo desenho você ia analisando, observando o desenvolvimento da criança”. Em um encontro posterior com Santos (2012) sobre “o teste” ela afirma que o conheceu no curso realizado no IEMG, disse ainda que contava de um livro de psicologia indicado na bibliografia do curso, *Noções de Psicologia Aplicadas à Educação* de Iago Pimentel. O teste que fazia com os alunos se tratava de um teste da figura humana, elaborado pela psicóloga norte-americana Florence Goodenough (1886-1959) divulgado em seu livro *Measurement of intelligence by drawings*. New York, World Book Co (Medição da inteligência por meio dos desenhos). Antipoff, utilizou esse teste em suas pesquisas e descreve resumidamente como funcionava sua aplicação:

O experimentador dirige-se às crianças, munidas de uma folha de papel e de um lápis, com as palavras seguintes: "Eu gostaria que vocês desenhassem neste papel um homem do melhor modo possível. Não se apressem empreguem o melhor esforço possível. Eu queria ver se as crianças desta escola são capazes de desenhar tão bem como as crianças da escola de ... Experimentem, pois, e verão como hão de sair-se bem". O tempo é ilimitado. Depois que a criança tiver feito o seu primeiro desenho, o experimentador a

convida a fazer um segundo, ainda melhor do que o primeiro. Para apreciação do resultado, escolher-se-á o melhor dos dois (ANTIPOFF, 2002, p.87).

Além desse teste, também utilizavam teste ABC: Para verificação da maturidade necessária à aprendizagem da leitura e escrita, de Lourenço Filho, que de acordo com Santos, era muito utilizado na época. De acordo com o próprio Lourenço Filho (2008) “com referência aos casos individuais, dignos de tratamento específico, convém lembrar que os Testes ABC vêm permitir, para alunos novos, uma triagem útil, por separar desde logo as crianças necessitadas de exames especiais mais acurados.” Em sua dissertação de mestrado intitulada, *A Psicologia na constituição do campo educacional brasileiro: A Defesa de uma Base Científica da Organização Escola*, Ana Paola Sganderla fala sobre o objetivo do Teste ABC:

O objetivo dos Testes ABC era o de classificar as crianças pela sua capacidade real de aprendizagem na leitura e na escrita, permitindo um diagnóstico individual com relação à maturidade para aprendizagem dessas habilidades. No total eram oito testes que procuravam atender aos pontos de análise: coordenação visual-motora; resistência à inversão na cópia de figuras; memorização visual; coordenação auditiva motora; capacidade de prolação; resistência à ecolalia; memorização auditiva; índice de fatigabilidade; índice de atenção dirigida; vocabulário e compreensão geral. (...) A avaliação geral dos Testes ABC para indicar o nível de maturidade dava-se pela soma dos pontos obtidos em cada prova (2007, p.88).

Conforme explica Santos(2012), antes de começar propriamente o ensino com o uso da cartilha, havia um período preparatório, cujo tempo de duração variava de acordo com cada sala, mas na maioria das vezes durava entre quinze e vinte dias. Era durante esse período preparatório que se aplicava os testes e os resultados obtidos nesses dois testes eram semelhantes. Assim, “o aluno de um nível melhor já com linguagem desenvolvida, pronúncia perfeita, capaz de raciocínio lógico, já iniciava o pré-livro. Formavam-se as classes segundo o desenvolvimento da criança”. Além disso, como muitos alunos estavam entrando pela primeira vez na escola, era comum que viessem até sem a coordenação motora desenvolvida, portanto, era necessário que nesse período as professoras preparassem os alunos para depois introduzir a cartilha. Santos(2012) explica:

nesse período o menino tem de desenvolver. Você tem de conversar muito contar muitas histórias, o aluno tem de escrever no caderninho sem pauta, fazer exercícios de coordenação motora, recitar poesia, cantar. São várias atividades que você tem de desenvolver com o menino. Ele deve ter o interesse pela leitura (SANTOS, 2012).

Segundo Santos(2012), o método de ensino aplicado na alfabetização era o Método Global de Contos, sendo utilizada a cartilha *As Mais Belas Histórias*, de Lúcia Casasanta. Disse que era um método trabalhoso, mas que proporcionava as condições para aplicá-lo.

Eu me desdobrava, fazia de tudo para ajudar as professoras. Sempre fui apaixonada pela alfabetização. Tínhamos um vasto material didático, incluindo as leituras suplementares. As técnicas e os materiais didáticos eram aplicados pelas professoras que não mediam esforços e dedicação para executarem o trabalho corretamente (SANTOS, 2012).

Neste texto podemos constatar o envolvimento da diretora com o processo de alfabetização afirma que: “Mas eu dava segurança! Eu dava aulas de demonstração à frente aos alunos, para ajudar um pouquinho às professoras. Qualquer dificuldade elas recorriam a mim e eu estava presente. Foi muito bom. Conseguimos um resultado excelente”(SANTOS, 2012).

Santos narra que durante o período em que esteve à frente da direção do Grupo, com exceção de uma professora, todas as outras utilizaram a mesma cartilha, ou seja, *As Mais Belas Histórias* e aplicavam em suas salas o Método Global de Contos. Essa professora não seguia o método, pois trabalhava com os alunos repetentes e achava difícil aplicá-lo, trabalhava com o Método Silábico utilizando outra cartilha, da qual ela não se recorda o nome. Esclarece ainda, que essa professora fazia todo o material recebendo sua orientação. Portanto, em quase todas as turmas de alfabetização trabalhava-se com o Método Global de Contos.

Neste contexto o que podemos afirmar é que, superado o período preparatório, os alunos do grupo escolar, eram apresentados ao pré-livro⁴⁴ *As Mais Belas Histórias*, de Lúcia Casasanta. Nessa apresentação as alfabetizadoras falavam para as crianças que iriam “aprender a ler em um livrinho bonitinho, que contava uma história bem interessante”. Os alunos deviam ser preparados para receber o pré-livro. E as professoras deviam seguir “rigorosamente as fases do Método” e “eu orientava diariamente as professoras sobre como deviam dar aulas, como deveriam apresentar o primeiro cartaz, como começar, com que tipo de material, como usar o material suplementar. Deviam ser realizados dois períodos de leitura por dia”. Assim:

quando o aluno decorava os cartazes, porque precisa decorar, quando já era capaz de decorar três ou quatro cartazes, a professora já podia entrar na fase da sentencição. Quando a classe era boa em um dia eles decoram, mas

⁴⁴ Com apenas uma professora trabalhava com outra cartilha, Santos nos fala mais especificamente do Método Global.

havia classes que levavam até quinze dias para decorar um cartaz, depende do nível de desenvolvimento da criança. Depois que terminou a sentencição, vinha a porção do sentido, a palavração. Nessa altura, os meninos já são capazes de ler muita coisa, mas tinha que ter muita leitura intermediária que ocorria entre o final do pré-livro e o primeiro de leitura. Essas leituras intermediárias são historietas bonitinhas, relacionadas ao pré-livro, com o maior número possível de vocabulário para enriquecer o vocabulário (SANTOS, 2012).

Outra orientação importante no processo de alfabetização, como descreve Santos, era o uso do treino ortográfico, que deveria ser iniciado na fase da palavração, funcionava da seguinte maneira: “as professoras escreviam a palavra no quando e apagavam ou, às vezes, passavam a ficha relâmpago”.

Conforme esclarece Santos(2012), além da leitura intermediária, havia também a leitura suplementar que precisava ser exploradas diariamente, pois era um recurso importante no processo de aprendizagem. Essa leitura suplementar consistia em:

Leitura e escrita de cartaz com historietas referentes a cada cartaz do pré-livro; Leitura e escrita de historietas não referentes ao pré-livro, de acordo com o vocabulário da criança; Interpretação e/ou leitura de gravuras com sentido completo e incompleto; O aluno inventa uma história sobre a gravura, você a escreve no quadro e os meninos a copiavam, poderia ainda fazer um, ilustrar e pedir para os alunos lerem a história (SANTOS, 2012).

Santos(2012) comenta também que outra prática usada na alfabetização era a realização de composições. “Diariamente dava-se a composição, se o menino escrevesse: José, hoje é o seu aniversário, parabéns! Isto é uma composição”.

Sobre o planejamento, Santos revela que o tipo de planejamento que fazia era estabelecer as metas do que deveria ser cumprido durante o ano. “Se não por escrito, pelo menos mentalmente”. Entretanto, as professoras deviam fazer o Plano de aulas diariamente. “Eu via o plano de aula todos os dias e se tivesse alguma atividade inadequada eu anotava e orientava as professoras” (SANTOS, 2012).

Santos(2012) afirma ainda, que o planejamento do que devia ser dado em cada série tinha de estar de acordo com o Programa de Ensino, mas que esse “não determinava uma forma, um método lógico específico. As alfabetizadoras é quem deveriam ter o conhecimento da metodologia” que seria aplicada. O Programa de Ensino não era entregue para elas, ficava à disposição, mas na escola. Explica que o programa, foi utilizado durante todo período em que foi diretora do Grupo, após esse período ela não sabe dizer até quando esteve em vigor (SANTOS, 2012).

Segundo Santos(2012), ela fazia reuniões com o corpo docente, às vezes, somente com as alfabetizadoras, outras vezes fazia reuniões com todas as professoras do grupo escolar. Nas reuniões eram tratados diferentes assuntos e existia uma determinação que as mesmas deveriam ser realizadas uma vez por mês.

Outro tema da entrevista com a diretora, foi sobre a forma de avaliar as crianças e sobre isso Santos(2012) afirma que para que o aluno fosse considerado apto para cursar a segunda série, “deveria saber ler, escrever um pouquinho, fazer ditado, continhas pequenas de adição e subtração. A nota era dada de um a dez, o aluno que conseguia nota igual ou superior a cinco, era considerado aprovado”. Revela também que eram as alfabetizadoras que elaboravam as provas mensais, mas ela supervisionava essas provas. A diretora faz uma revelação importante, afirma, que algumas das avaliações ela mesma elaborava. E esclarece que nesse período, tinha também as provas do final do ano, essas, vinham da Secretaria do Estado da Educação (SEE). Essas provas chegavam lacradas, e a determinação era de que as mesmas deveriam ser aplicadas pela diretora e outra alfabetizadora, que não fosse a regente da sala. Depois, a correção dessas provas era feita com todas as alfabetizadoras em conjunto.

Além disso, na primeira série havia também o teste de leitura que era aplicado pela diretora, neste caso, Santos(2012). “O menininho lia para mim, leu corretamente estava aprovado. O teste de leitura oral era realizado individualmente, aluno por aluno”.

Outra temática importante da entrevista foi um tema recorrente nas entrevistas realizadas com as alfabetizadoras, afirmando que era um fator essencial para a condução do ensino, foi a questão disciplinar dos alunos. Sobre isso, Santos(2012), comenta que “as crianças eram disciplinadas, se elas fizessem alguma coisa grave as alfabetizadoras as encaminhavam para a sala da diretoria, aí eu conversava com elas mantendo diálogo baseado na confiança e no amor”.

Neste contexto de entender “as normas”, a diretora foi informada que para realizar este estudo foi necessário ler várias atas de reuniões do período do Grupo Escolar Clarimundo Carneiro e, que em uma dessas atas, a pesquisadora encontrou um trecho, no qual Santos, explicava que as alfabetizadoras não podiam falar alto com os alunos, deviam falar em um tom normal de uma maneira carinhosa. Sobre esse trecho de uma das atas, Santos(2012) afirma, que “várias atitudes e posturas deveriam ser ensinadas aos alunos e conseqüentemente vivenciadas no dia a dia de quem ensinava. Dentre elas, nessa reunião, destaquei o “falar baixo” para que a criança sintasse bem e a vontade para ouvir a professora”.

Algo que nos instigava era, o fato de Santos(2012) ter sido diretora no período em que o país se encontrava em uma regime de ditadura militar, de alguma forma esse regime influenciou a condução de seu trabalho. Diante dessa questão, Santos(2012) afirma que se recebeu influência das diretrizes do governo militar, ela não percebeu. Pois, não recebia nenhum tipo de cobrança que de alguma forma pudesse coagi-la ou fazer com que mudasse sua postura. Segundo Santos(2012), o que havia, e há até hoje, eram pedidos de políticos para aceitar uma alfabetizadora ou um novo aluno, mas que não atendia. Simplesmente dizia não.

Por fim, Santos(2012) revelou como avaliava o trabalho que havia realizado em relação às alfabetizadoras da escola e a orientação do processo de ensino naquele período e ela afirma que avaliava seu trabalho como tendo sido ótimo, assim como também avaliava da mesma maneira o trabalho das alfabetizadoras que trabalharam com ela. “Cada uma trabalhou bem, dentro do seu limite. Tudo aquilo que planejávamos conseguir nós conseguimos. O nível de ensino era altíssimo de ótima qualidade, muito bom. Eu o avalio: ótimo”. Afirma ainda que se estivesse começando a carreira hoje gostaria de fazer esse trabalho novamente. “Faria, pois eu gosto muito da educação. É a única coisa que eu sei fazer”.

Como pudemos observar a diretora tinha concepções claras e firmes sobre a forma de conduzir o ensino da Língua Pátria. Essas concepções foram adquiridas no curso de Administração Escolar ministrado no Instituto de Educação de Minas Gerais (IEMG). Assim, percebemos como a formação foi importante na vida profissional de Santos.

Assim, procurou aplicar todos os conhecimentos adquiridos em sua prática como diretora. Orientava as professoras a seguirem rigorosamente o Programa de Ensino e, principalmente, todas as etapas do Método Global para alfabetizar os alunos.

Ela se mostrava rigorosa, controlava de perto as práticas de ensino das professoras que faziam parte do Grupo por meio dos Planos de aula, que deveriam ser feitos diariamente, por meio do caderno de rodízio e, assistindo às aulas das professoras sem aviso prévio. Mas segundo os relatos das alfabetizadoras, estava sempre pronta a ensinar o que sabia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação de mestrado, realizada no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia, teve como objetivo analisar as concepções e práticas de leitura e escrita das alfabetizadoras que atuaram no período de 1963 a 1973, ou seja, durante toda a existência do Grupo Escolar Clarimundo Carneiro, situado em Uberlândia, Minas Gerais. Além disso, buscamos compreender também como a diretora do Grupo concebia a alfabetização e, desta forma, como influenciava nas práticas das alfabetizadoras.

Para este estudo encontramos um terreno fértil na escola que teve origem a partir deste Grupo Escolar. Assim, tivemos acesso a materiais que nos auxiliaram muito a compreender como ocorriam as práticas de alfabetização. Apesar de muitos documentos e objetos terem sido descartados ao longo dos anos, ainda foi possível contar com os Livros de Atas de Reuniões Pedagógicas ocorridas durante todo o período de existência do Grupo Escolar. Atas de Avaliação dos Resultados finais, que nos indicaram quais foram as alfabetizadoras que trabalharam mais tempo na primeira série. Documentos que relatavam a estrutura física do Grupo e o processo de transição para a Escola Estadual de 1º Grau Clarimundo Carneiro. O acervo de fotos que nos auxiliou a entender quais foram os ideais difundidos no Grupo, e também serviram para avivar a memória das entrevistadas, o que nos rendeu bons relatos. Além disso, mantivemos um canal de comunicação aberto com a escola para que pudessemos sanar quaisquer dúvidas.

A metodologia escolhida para a realização da pesquisa, a História Oral, permitiu mais do que obtenção de relatos que revelassem histórias profissionais e práticas de alfabetização, possibilitou que conhecêssemos mulheres fortes e dedicadas, que acreditavam e ainda acreditam em uma educação transformadora.

Sobre a história do Grupo Escolar Clarimundo Carneiro pudemos verificar que mesmo tendo iniciado suas atividades em 1963, bem depois dos primeiros grupos escolares instalados em Minas Gerais; durante o curto tempo de sua existência, ainda conservava os ideais em que essas instituições foram construídas. Ideais como: ordem, disciplina, organização, difusão dos valores morais e cívico-patrióticos, e outros. E, mesmo com a mudança de diretoras, foram três ao todo, durante o tempo de existência do grupo, ainda se conservava a preocupação de manter esses ideais vivos.

A cobrança pela disciplina dos alunos era um tema abordado em praticamente todas as reuniões registradas. Entretanto, havia a expressa recomendação de que as professoras não deveriam recorrer a agressões físicas ou morais.

Sobre as práticas de leitura e escrita realizadas pelas alfabetizadoras no Grupo, averiguamos que estas práticas eram seguidas de acordo com as prescrições do Programa de Língua Pátria. Essas práticas eram explicadas e cobradas pela diretora, e isso se pode confirmar tanto por meio dos relatos das alfabetizadoras e da própria diretora, como por meio da análise dos Livros de Atas das Reuniões Pedagógicas.

O método de ensino da leitura e da escrita definido como o certo para alfabetizar as crianças no Programa de Língua Pátria era o Método Global de Contos. O livro adotado para a aplicação deste método durante todo o período estudado foi o pré-livro *As Mais Belas Histórias*, de Lúcia Casasanta, que também era a responsável pela elaboração do Programa de Língua Pátria. E esse método foi aplicado no Grupo, seguindo-se rigorosamente todos os passos prescritos e era acompanhado pela diretora por meio dos planos de aula e cadernos de rodízio.

Entretanto, para os alunos repetentes ou os que estudavam no turno da noite, era permitido o uso de outros tipos de material didático e de outras metodologias de ensino. Mas, essas práticas das professoras que trabalhavam com esses alunos- do turno da noite, também eram orientadas e supervisionadas pela diretora do Grupo. E apesar de o método sintético, que geralmente era utilizado nessas salas, ser diferente do que era definido no Programa de Língua Pátria (analítico), muitas das outras atividades prescritas no Programa eram seguidas por estas professoras, como o uso de ditados, o treino ortográfico, a realização de composições, dramatizações e outros.

As professoras e a diretora relataram que os Programas de Ensino se constituíam em orientações a serem seguidas, mas não se recordaram de haver no Programa a prescrição do método de ensino que deveria ser aplicado para alfabetizar. Entretanto, verificamos que no Programa de Língua Pátria, o Método Global de Contos estava prescrito como método que deveria ser utilizado na alfabetização.

Os conteúdos definidos nos Programas de Ensino Primário Elementar, não apenas os de Língua Pátria, eram ministrados no Grupo, mas não foram especificados por não constituírem nosso alvo de pesquisa.

A forma de avaliar os alunos no Grupo era por meio de provas. Estas provas eram feitas pelas professoras, mas tinham de ser aprovadas pela diretora e ocorriam mensalmente. Além disso, havia também as provas finais que eram enviadas pela Delegacia de Ensino, estas vinham lacradas, e causavam temor nas professoras, por não saberem o que seria abordado nestas.

As correções das provas deviam ser rigorosas, e as professoras eram advertidas para que fossem justas e corretas na correção, sob pena, de haver sindicância caso houvesse alguma reclamação sobre o processo de correção.

Não eram apenas os alunos que seriam avaliados no Grupo, as professoras também, inclusive com notas. A professora era avaliada por sua postura, pela forma como conduzia o ensino, como controlava a disciplina de seus alunos e até a forma como se vestia. Tudo isso era observado, avaliado e reorientado, quando preciso, pelas diretoras.

A diretora, que participou como sujeito da nossa pesquisa, demonstrou tanto em seus relatos, como nos relatos das alfabetizadoras e nos registros das Atas das Reuniões Pedagógicas que possuía concepções nítidas em relação ao modo como o ensino da Língua Pátria deveria ser conduzido no Grupo. Essas concepções estavam de acordo como que era expresso no Programa de Ensino de Língua Pátria. E, portanto, orientava de perto as professoras a seguirem rigorosamente todas as fases do Método Global para alfabetizar os alunos.

Desta forma, podemos perceber que realmente as concepções da diretora, influenciaram diretamente na forma como as professoras condiziam suas aulas e em como alfabetizavam seus alunos.

Diante das nossas análises das Atas de Reuniões Pedagógicas, podemos dizer que a forma como Santos dirigia o Grupo Escolar Clarimundo Carneiro, parece ter influenciado também as práticas de direção das outras diretoras que estiveram a frente do Grupo no período estudado, pois percebemos que se mantinha um mesmo padrão de orientação das práticas, de cobrança pela postura de professoras e alunos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABAURRE, FIAD e MAYRINK-SABINSON. **Cenas de aquisição da escrita: o sujeito e o trabalho com o texto.** Campinas: ALB: Mercado de Letras, 1997.
- ABREU JR., Laerthe de Moraes. **Apontamentos para uma metodologia em cultura material escolar.** Pro-posições, v. 16, n.1 (46), p. 145-164, jan./abr., 2005.
- ABREU, Vanessa Kern de. **A Educação Moral e Cívica: disciplina escolar e doutrina disciplinar – Minas Gerais (1969-1993).** Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Uberlândia, 2008.
- ALBERTI, Verena. **História oral: a experiência do CPDOC.** Rio de Janeiro: FGV, 1990.
- _____. **Indivíduo e biografia na história oral.** Rio de Janeiro: CPDOC, 2000. [5]f
- _____. **Manual de história oral.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- _____. **Obras coletivas de história oral.** Tempo - Revista do Depto. de História da UFF, Rio de Janeiro, v.2, nº 3, p.206-219, jun. 1997.
- _____. **Tradição Oral e História Oral: proximidades e fronteiras.** In: História oral. Revista da Associação Brasileira de História Oral, Vol. 8, jan-jun 200
- _____. **Tratamento das entrevistas de história oral no CPDOC.** Rio de Janeiro: CPDOC, 2005. 11f
- ALBUQUERQUE, E. B. C. ; MORAIS, A. G. . **O livro didático de alfabetização: mudanças e perspectivas de trabalho.** In: Artur Gomes de Moraes; Eliana Borges Correia de Albuquerque; Telma Ferraz Leal. (Org.). Alfabetização: apropriação do sistema de escrita de escrita alfabético. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, v. , p. 147-166.
- ALMEIDA, Paulo Nunes. **Pipoca: método lúdico de alfabetização.** 24 ed. São Paulo: Saraiva, 1990.
- ALONSO, M. **O papel do diretor na administração escolar.** São Paulo: EDUC, DIFEL, 1976.
- ANTIPOFF, Helena; Campos, Regina Helena de Freitas (org.). **Textos Escolhidos.** 1ª ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002. p. 295-300
- ARAÚJO, Gustavo Cunha de e SANTOS, Sônia Maria dos. **A Cartilha Caminho Suave: história, memória e iconografia.** Disponível em: www.revistafenix.pro.br/vol15 Acesso em 15 de novembro de 2008.
- ARAÚJO, Maria Carmen de C. Silva. **Perspectiva Histórica da Alfabetização.** Viçosa: Universidade Federal de Viçosa, 1996.
- BLOCH, Marc Leopold Benjamin. **Apologia da história ou o ofício do historiador.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2001.

BOSI, Ecléa. BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: Lembrança de Velhos**. São Paulo. Companhia das letras 1994.

BURKE, Peter (2005). **O Que é História Cultural?** Trad. Sérgio Góes de Paula. Rio de Janeiro: Zahar.

_____. (1992). **A Escrita da História: novas perspectivas**. Trad. Madga Lopes. São Paulo: EdUNESP.

CAGLIARI, L. C. **Alfabetização e Lingüística**. São Paulo: Scipione, 2002.

_____. **Alfabetizando sem o Bá, Bé, Bi, Bo, Bu**. São Paulo: Scipione, 2002.

_____. **Alfabetização: o duelo dos métodos**. In: Ezequiel Theodoro da Silva. (Org.). **Alfabetização no Brasil: questões e provocações da atualidade**. 1 ed. Campinas: Autores Associados, 2007, v. 1, p. 51-72.

CAMPOS, Dulcinéa. **As práticas de alfabetização no Espírito Santo na década de 1950**. In: REUNIÃO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO – ANPED, 25., 2009, Caxambu. Anais... Caxambu: ANPED, 2009. p. 1-18. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/32ra/arquivos/trabalhos/GT10-5664--Int.pdf>>. Acesso em: 25 mar. 2010.

CAMPOS, Raquel Discini de. **Mulheres e crianças na imprensa paulista: educação e história**. São Paulo: Ed. Unesp, 2009.

_____. **No rastro de velhos jornais: considerações sobre a utilização da imprensa não pedagógica como fonte para a escrita da história da educação**. Revista Brasileira de História da Educação. Campinas, v.12 - n.1 (28) - jan./abr. 2012

CARVALHO, R. S.. **O curso de Administração Escolar no Instituto de Educação de Minas Gerais na década de 1950**. In: VI CONGRESSO DE PESQUISA E ENSINO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO EM MINAS GERAIS, 2011, VIÇOSA - MG. VI CPEHEMG, 2011. Disponível em <http://www.cch.ufv.br/copehe/trabalhos/ind/Regina.pdf> acesso em 12/01/2013

CERTEAU, Michel de. **A operação histórica**. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. **História: novos problemas**. 2. ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1989.

CEVASCO, Maria Elisa (2003). **Dez lições sobre estudos culturais**. São Paulo: Boitempo.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa, Rio de Janeiro: Difel, Bertrand Brasil, 1990.

_____. **O mundo como representação**. Tradução de Andréa Daher e Zenir Campos Reis. São Paulo: Fundação Getúlio Vargas, 1991. p. 173-191.

COELHO, Leni Rodrigues. **Educação de Jovens e Adultos: as ações do MOBREAL no Município de Patos de Minas/MG (1970-1980)**. 2008. 146f. Dissertação (Mestrado)-Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2008

CORREIA, Rosa Lydia Teixeira. **O livro escolar como fonte de pesquisa em História da Educação**. Caderno Cedes, ano XX, n. 52, novembro/2000.

CUNHA, Tania Rezende Silvestre. **História da alfabetização de Ituiutaba**: vivências no Grupo Escolar Governador Clóvis Salgado - 1957-1971. 2011. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia. 2011

DIETZSCH, Mary Júlia. **Cartilhas**: um mundo de personagens sem texto e sem história. Cadernos de Pesquisa. N.75, nov.1990, p.35-44

_____. **Além das páginas do Livro Didático**. Em Aberto, Brasília, ano 16, n.69, jan/mar.1996

DOSSE, F. (2003). **Uma história social da memória**. In: DOSSE, F. A História. Bauru: EDUSC, p. 261-298.

EAGLETON, T. (2005). **Versões de cultura**. In: EAGLETON, Terry. A idéia de cultura. São Paulo: UNESP, p. 9-50.

_____. (2005). **Depois da teoria**: um olhar sobre os estudos culturais e pós-modernismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

FALCÃO, Elis Beatriz de Lima. **História do ensino da leitura no Espírito Santo (1946-1960)**. Dissertação de mestrado acadêmico. PPGE/UFES, 2010. Disponível em <http://www.ppge.ufes.br/dissertacoes/2010/Elis%20Beatriz.pdf>

FALCON, Francisco J. C. História cultural e história da educação. Revista Brasileira de Educação. v.11, n.32, mai/ag, 2006.

FARIA FILHO, Luciano M. (2007). **Escolarização e cultura escolar no Brasil**: reflexões em torno de alguns pressupostos e desafios. In: BENCOSTTA, Marcus Levy (org.). Culturas escolares, saberes e práticas educativas – itinerários históricos. São Paulo: Cortez, p. 193-211.

FERREIRA, E. S. . **MEMÓRIA E SILENCIAMENTOS**: relações de poder em uma escola pública durante o período de ditadura civil-militar no Brasil através das memórias de professores. Histórica – Revista Eletrônica do Arquivo Público do Estado de São Paulo, nº 54, jun. 2012.

FERREIRA, Marieta de M. (Coord.). **Entrevistas: abordagens e usos da história oral**. Rio de Janeiro: Ed. Da FGV, 1994.

FERREIRA, Marieta de M.; AMADO, Janaína (Coords.). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1996. Usos e Abusos da História Oral. RJ: FGV, 2002

FGV – CPDOC. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas. **A História Oral**. Disponível site: <http://www.cpdoc.fgv.br/comum/htm/>. Acesso em 01 de agosto de 2009.

FONSECA, Selva Guimarães. **Ser Professor no Brasil**. História oral de vida. Campinas, SP: Papirus, 1997

FONSECA, Selva Guimarães ; SILVA JUNIOR, A. F. . **Ser professor de História em escolas rurais: identidades em construção.** Educação & Linguagem, v. 15, p. 193-226, 200

FONSECA, Thaís Nívia de Lima e (2003). **História da Educação e História Cultural.** In: VEIGA, Cynthia G.; FONSECA, Thaís N. de Lima e (orgs.). História e Historiografia da Educação no Brasil. Belo Horizonte: Autêntica, p. 49-75.

_____. **História Cultural e História da Educação na América Portuguesa.** 26a Reunião Anual da ANPED – Novo governo, novas políticas? Rio de Janeiro: Anped, 2003a.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. **As configurações gráficas de livros brasileiros e franceses para ensino da leitura e seus possíveis efeitos no uso dos impressos (séculos XIX e XX).** Rev. bras. hist. educ., Campinas-SP, v. 12, n. 2 (29), p. 171-208, maio/ago. 2012

_____. **Métodos de alfabetização, métodos de ensino e conteúdos da alfabetização: perspectivas históricas e desafios atuais.** In: ANTUNES, Helenise Sangoi (Org.) Dossiê Alfabetização e Letramento. Educação: Revista do Centro de Educação. Santa Maria, UFSM, 2007. Vol 32, nº1.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva, MACIEL, Francisca Izabel Pereira. **Cartilhas/impressos: perspectivas teórico-metodológicas de análise do texto e do paratexto e suas contribuições para a história da alfabetização e do livro.** In: VI Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação: percursos e desafios da pesquisa e do ensino de História da Educação. Uberlândia, 17 a 20 de abril 2006.

FRAGO, Antonio Viñao. **Historia de la educación e historia cultural: posibilidades, problemas, cuestiones.** Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro: n. 0, p. 63-82, set./dez., 1995.

FREITAS, Sônia Maria; **História Oral: Possibilidades e Procedimentos;** Humanitas; São Paulo; 2002.

GATTI JR, Décio. (Org.) ; INÁCIO FILHO, G. (Org.) . **História da Educação em Perspectiva: ensino, pesquisa, produção e novas investigações.** 1. ed. Campinas/SP; Uberlândia/MG: Autores Associados/EDUFU, 2005. 250 p.

GERALDI, J. W. **Portos de passagem.** São Paulo: Martins Fontes, 1993.

GERMANO, José Willington. **Estado militar e educação no Brasil: 1964/1985 : um estudo sobre a política educacional.** Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação UNICAMP: Programa de Pós-Graduação em Educação. Tese (doutorado). Campinas, SP. 1990

_____. **Estado Militar e Educação no Brasil (1964 – 1985).** 3 ed. São Paulo: Cortez, 2000.

GNERRE, M. **Linguagem, escrita e poder.** São Paulo: Martins Fontes. 1985

GHIRALDELO, C. M. **Coesão e coerência textual em composições infantis.** Alfa (ILCSE/UNESP), São Paulo, v. 33, p. 9-21, 1989

GONÇALVES, Rita de Cássia; LISBOA, Teresa Kleba. **Sobre o método da história oral em sua modalidade trajetórias de vida**. Rev. katálysis, v. 10, p.83-92, 2007.

GUIMARÃES, Edite da Glória Amorim. **Histórias de Alfabetizadores: Vida, Memória e Profissão**. 2006. 152f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia. 2006

HALL, Stuart (2008). **Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Belo Horizonte: UFMG.

IGNÁCIO, Paulo César de Souza. **DO MODELO AGRÁRIO-EXPORTADOR AO CAPITALISMO URBANOINDUSTRIAL: AS POLÍTICAS DE FORMAÇÃO DA FORÇA DE TRABALHO NO ÂMBITO DA EDUCAÇÃO ESCOLAR NO BRASIL ENTRE 1930 E Revista HISTEDBR - agosto/2010 (especial). 1945v. 10, n. 38e . 2010**

JULIA, D. (2001). **A cultura escolar como objeto histórico**. Trad. Gisele de Souza. Revista Brasileira de História da Educação, n. 01, Sociedade Brasileira de História da Educação-SBHE, jan-jul, p. 9-43.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002. Edição revista.

_____. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber**. Manual de metodologia de pesquisa em Ciências Humanas. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

LE GOFF, J. **História e memória**. 5.ed., São Paulo: Unicamp, 2003.

LIMA, Michelle Castro; SANTOS, Sônia Maria dos. **História e Memória das Cartilhas e Métodos de Alfabetização do Triângulo Mineiro 1960-2000**. Disponível em: www.horizontecientifico.propp.ufu.br Acesso em 15 de novembro de 2008.

LIMA, Michelle Castro. **História de alfabetizadoras Uberlandenses: modos de fazer no Grupo Escolar Bom Jesus – 1955 a 1971**. 2011. 170 f. Dissertação(Mestrado)-Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2011.

LOURENÇO FILHO, Manuel Bergström. **Testes ABC – para a verificação da maturidade necessária à aprendizagem da leitura e da escrita**. 13. ed. – Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2008. Disponível em: http://www.publicacoes.inep.gov.br/arquivos/%7B93D6EB33-3B3F-41BC-8D27-9FD1F46F788B%7D_miolo_louren%C3%A7o_filho.pdf Acesso em 15/11/2012.

LUCA, Tânia Regina. **História dos, nos e por meio dos periódicos**. IN: PINSKY, Carla (Org.). Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2005., P. 111 a 153.

MACEDO, Tatiane Batista. **História de Formação de Alfabetizadoras: A disciplina Didática da Linguagem no Magistério – 1971 a 1985**. 2009. 166f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia. 2009

MACIEL, Francisca Izabel Pereira. **Alfabetização em Minas Gerais: adesão e resistência ao método global**. In: **Lições de Minas: 70 anos da Secretaria de Educação**, 2000. p. 144-161

_____. **Lúcia Casasanta e o método global de contos**. Uma contribuição à história da alfabetização em Minas Gerais. FAE/UFMG, 2001. (Tese de doutorado).

MACIEL, Francisca Izabel Pereira; SANTOS, Sonia Maria. **O CAMINHO SUAVE NO COTIDIANO DAS PROFESSORAS ALFABETIZADORAS**. In: Educação e Filosofia. Vol. 26. Número especial. Universidade Federal de Uberlândia, Faculdade de Educação, Instituto de Filosofia, Programa de Pós Graduação em Educação e Programa de Pós Graduação em Filosofia. 2012, p.323).

MAGALHÃES, Justino. **O Manual Escolar no Quadro da História Cultural: para a História do Manual Escolar em Portugal**. In: Revista de Ciências da Educação, Portugal, n.1, p.5-14, 2006.

MANIFESTO dos Pioneiros da Educação Nova (1932). Revista do HISTEDBR On-line. Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/edicoes/22e/doc1_22e.pdf>. Acesso em: setembro 2012.

MARTINS, Rosa Maria de Sousa. **Ser professora na república: modos de pensar, sentir e agir (1930-1950)**. 2009. 177f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia. 2009

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de História Oral**. 4ª ed. São Paulo, 2002.

MEIHY, J. C. S. B.; HOLANDA, F. **História oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2010.

MEC. Brasil. Secretaria de Educação Básica. **Guia do livro didático 2007: alfabetização: séries/anos iniciais do ensino fundamental / Secretaria de Educação Básica**. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006.

MENESES, Ulpiano Bezerra de. **Fontes visuais, cultura visual, história visual: Balanço provisório, propostas cautelares**. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 23, n. 45, p. 11-36, 2003.

MONARCHA, C. **História da Educação Brasileira: esboço da formação do campo**. In: Nascimento, T. et al. Instituições Escolares no Brasil: conceito e reconstrução histórica, Campinas: Autores Associados, 2007, p.125-150.

_____. **Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público**. Revista Estudos Históricos – Arquivos Pessoais. Rio de Janeiro, n.21, mar-jun/1998.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História oral e Memória: A cultura popular revisitada**. Contexto. 2003.

MORAES, Andréia Demétrio Jorge. **História e ofício de alfabetizadoras: Ituiutaba 1931 - 1961**. 2008. 252 f. Dissertação (Mestrado)-Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2008.

MORAIS, Artur Gomes; SILVA, Ceris S. Ribas; ALBUQUERQUE, E. B.; Marcuschi, Beth; Brito, Andréa T. **O Livro Didático em Sala de Aula: algumas reflexões**. Brasília: Secretaria de Educação Básica/SED/MEC, 2007. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Proletr/fasciculo_port.pdf acesso em 30 de novembro de 2008.

MORTATTI, Maria do R. L. **Cartilha de Alfabetização e Cultura Escolar: Um Pacto Secular**. Caderno Cedes, Unicamp, ano XX, n. 52, p. 45, nov. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cedes/v20n52/a04v2052.pdf> acesso em 22 de novembro de 2008.

_____. **História dos Métodos de Alfabetização no Brasil**. 2006. Disponível em: http://www.seb/arquivos/pdf/Ensfund/alf_mortattihisttextalfbbr.pdf Acesso em 15 de novembro de 2008.

NUNES, Clarice & CARVALHO, Marta Maria Chagas de. **“Historiografia da educação e fontes”**. In: GONDRA, José (org.). Pesquisa em história da educação no Brasil. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

OLIVEIRA, C. E. . **Imagens de Civismo: os desfiles cívicos em região de colonização recente de Mato Grosso, em tempos de ditadura militar**. In: VII Congresso Brasileiro de História da Educação, 2013, Cuiabá. Circuitos e Fronteiras da História da Educação no Brasil. Cuiabá: EdUFMT, 2013

OLIVEIRA, Pâmela Faria. **Ações modernizadoras em Minas Gerais: a reforma educacional Francisco Campos (1926–30)**. 2011. 127 f. Dissertação (Mestrado em Educação) — Faculdade de Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia.

OLIVEIRA, Valeska Fortes. **Educação, memória e histórias de vida: usos da história oral**. História oral , Recife, v. 8, n. 1, p. 92-106. jan./jun. 2005.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia G. **As muitas faces da história**. Nove entrevistas. São Paulo: Editora. UNESP, 2000.

PANDOLFI Dulce (org.). **REPENSANDO o Estado Novo.**: Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1999. 345 p. Disponível em <http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/6762/142.pdf?sequence=1> acesso em 18/01/2013

PEIXOTO, Ana Maria Casasanta. **A memória em Minas Gerais: entre o descarte e a preservação**. In: Sociedade brasileira de História da Educação (org) Educação no Brasil: história e historiografia. Campinas, SP: Autores Associados: São Paulo: SBHE, 2001. (Coleção memória da Educação), p.189-204.

PENNA, Rejane. **Percursos historiográficos e fontes orais: elementos para uma discussão**. Unimontes Científica, Montes Claros, MG: Unimontes, v. 7, n. 1, p. 95-106, jan./jun. 2005.

PESAVENTO, S.J. (2005) **História & História Cultural**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, p.19-68.

PESEZ, Jean-Marie (1990). **História da cultura material**. In : LE GOFF, Jacques (Org.). **A História Nova**. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo : Martins Fontes, p. 177-213.

PILETTI, Cláudio. **Didática geral**. 23ª ed. São Paulo: Editora Ática, 2001.

PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005

PORTELLI, Alessandro. **Forma e significado na História Oral**. A pesquisa como um experimento em igualdade. In: Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da Puc-SP. São Paulo – Brasil, 1997, p. 7-24.

PROST, Antoine. **Doze lições sobre a história** . Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Histórias de Vida e depoimentos pessoais**. Sociologia, São Paulo, v. XV, n. 1, mar, 1953.

ROMANELLI, O. O. **História da educação no Brasil (1930/1973)**. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

SANTOS, Luana Grazielle dos. **Um estudo sobre a Cartilha da infância (188?)**, de Thomaz Galhardo. Revista de Iniciação Científica da FFC, v. 7, p. 332-342, 2007

SANTOS, Sônia Maria; ARAÚJO, Osmar. **História Oral**: Vozes, Narrativas e Textos. Cadernos de História da Educação, n. 6, p. 191-201, dez. 2007.

SANTOS, Sônia Maria. **Histórias de Alfabetizadoras Brasileiras**: entre saberes e práticas. 2001. 335 f. Tese (Doutorado em Educação) – PUC, São Paulo, 2001.

_____. **Cartilhas e Métodos**. 2008. (artigo ainda não publicado)

_____. **História de formação de alfabetizadoras - 1931 a 1961**. In: Afonso Celso Tanus Galvão; Gilberto Lacerda dos Santos. (Org.). História e pensamento educacional, formação de educadores, políticas públicas e gestão da educação. 1ª ed. Brasília: Liber Livro Editora, 2008, v. 1, p. 9-39.

SCHEFFER, A. M. M.; ARAÚJO, V. C. de; ARAÚJO, R. C. B. F. de. **Cartilhas**: das cartas ao livro de alfabetização. <http://www.alb.com.br/anais16/sem10pdf>

SEE/MG. **Programas de Ensino Primário Elementar de Minas Gerais**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, Belo Horizonte: 1961.

SGANDERLA, A. P. (2007). **A Psicologia na constituição do campo educacional brasileiro**: a defesa de uma base científica da organização escolar. Dissertação (Mestrado em Educação).

SILVA, E. C. L. **Os papéis de porão na constituição da cultura escolar**: Escola Normal Carlos Gomes – 1949 a 1966. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Unicamp, Campinas, SP, 2004.

SMITH, F. **Compreendendo a leitura**: uma análise psicolinguística da leitura e do aprender a ler. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

SOARES, M. B. (1995) **Língua escrita, sociedade e cultura**: relações, dimensões e perspectivas. Revista Brasileira de Educação, São Paulo, n. 0, p. 5-16, Set./Dez.

SOUZA, Rosa Fátima de (2007). **História da cultura material escolar**: um balanço inicial. In: BENCOSTTA, Marcus Levy (org.). Culturas escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos. São Paulo: Cortez, p. 163-189.

_____. "Uma contribuição para a história da cultura: material escolar". Boletim da Didática, Araraquara, vol. XIV/XV, n. 1 3/1 4,

TRINDADE, I. M. F. **A cartilha maternal e algumas marcas de sua aculturação**. Revista Brasileira de História da Educação, Campinas - SP, v. 7, p. 109-134, 2004.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

VEIGA, Cynthia Greive. **Cultura material escolar no século XIX em Minas Gerais**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 1, **Anais...** Rio de Janeiro: SBHE, 2000. 1 CD.

VIÑAO, A. (2000). **El espacio y el tiempo escolares como objeto histórico**. In: WARDE, M. (org.). **Contemporaneidade e Educação**, ano V, n. 07, Rio de Janeiro: IEC, p. 93-110.

ZAMBELLI, Silvana. **Gravuras, idéias, redação**. Volume 1, 4. ed. São Paulo, Ática, 1996.

ZOTTI, S.A. **Organização do Ensino Primário no Brasil**: uma leitura da história do currículo Oficial. 2006. Disponível em: <<http://histedbr.fae.unicamp.br>> Acesso em: Abril 2006.

GRUPOS ESCOLARES

ALMEIDA, Maria de Fátima Ramos. **Uberlândia operária?**- Uma abordagem sobre as relações sociais em Uberlândia-1950 a 1964. Campinas, Dissertação (Mestrado), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UNICAMP, 1992.

ARAÚJO, José Carlos de Souza. **Os grupos escolares em Minas Gerais**: a Reforma João Pinheiro (1906). In: CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO: PERCURSOS E DESAFIOS DA PESQUISA E DO ENSINO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO. Anais. Uberlândia: EDUFU, 2006. v. 1. p. 213 -225.

AZEVEDO, Giselle Arteiro N. **Arquitetura Escolar e Educação**: um Modelo Conceitual de Abordagem Interacionista. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: COPPE/UFRJ, 2002.

BORGES NETTO, M. ; SANTOS, S. M. . **Grupo Dr. Duarte Pimentel de Ulhoa**: memória, história, linguagem e cidadania (1930-1960). Horizonte Científico, v. 1, p. 1-20, 2008.

CARVALHO Luciana Beatriz de Oliveira Bar; INÁCIO FILHO, Geraldo. **Grupo Escolar Júlio Bueno Brandão**: A Educação Pública No Período Republicano (Uberlândia, 1911-

1930). Uberlândia: UFU, Cadernos de História da Educação - v. 1. - nº. 1 - jan./dez. 2002
acessado em 18/02/2012, disponível em:
<http://www.seer.ufu.br/index.php/che/article/view/311/304>

_____. **Modernidade e civilidade: O grupo escolar e suas representações sociais em Uberabinha (1911-1929).** In: V Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas - História, Sociedade e Educação no Brasil, 2000, Campinas. Anais. Campinas: Unicamp, 2000. v. 1.

CASTRO, Luciete Diniz . **Reescrevendo a História: Grupo Escola Joaquim Saraiva (1963-1980).** In: XXIII SIMPÓSIO NACIONAL (ANPUH), 2005, Londrina. cd e programa de resumos, 2005. Disponível em: <<http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S23.1350.pdf>

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. **A escola no movimento da cidade: os grupos escolares em Belo Horizonte.** Educ. Rev. [online]. 1997, n.26, pp. 89-102. acessado em 20/02/2012, disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/edur/n26/n26a08.pdf>

_____. **Dos pardieiros aos palácios: cultura escolar e urbana em Belo Horizonte na Primeira República.** Passo Fundo: UPF, 2000.

FARIA FILHO, Luciano Mendes; VIDAL, Diana G. **Os tempos e os espaços escolares no processo de institucionalização da escola primária no Brasil.** Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, nº.14, p.19-34, maio/ago. 2000.

GATTI, Giseli Cristina do Vale; INÁCIO FILHO, Geraldo . **Instituições Escolares, urbanização e estratégias de modernização em Uberabinha, Minas Gerais na primeira metade do século XX.** In: IV Congresso de Pesquisa e Ensino de História da Educação em Minas Gerais, 2007, Juiz de Fora - MG. Anais 2007, 2007. p. 1-15. acessado em 18/02/2012, disponível em:
http://www.fae.ufmg.br/portalmineiro/conteudo/externos/4cpehemg/Textos/pdf/7a_5.pdf

GOLÇALVES, Irlen Antônio. **Cultura escolar: práticas e produção dos grupos escolares em Minas Gerais (1891-1918).** Belo Horizonte: Autêntica/FCH-FUMEC, 2006

GONCALVES NETO, Wenceslau. **Capital e interior: manifestações em prol da instrução pública em Ouro Preto e Uberabinha (MG) nos anos iniciais da República Brasileira.** Educ. rev. [online]. 2010, vol.26, n.2, pp. 189-208 acessado em 24/02/2012, disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/edur/v26n2/a09v26n2.pdf>

_____. **Educação em Movimento: Reformas no Regulamento Escolar do Município de Uberabinha (1896-1899).** Uberlândia: UFU, Cadernos de História da Educação – n. 6 – jan./dez. 2007. acessado em 24/02/2012, disponível em:
<http://www.seer.ufu.br/index.php/che/article/view/283/290>

GONÇALVES NETO, Wenceslau & CARVALHO, Carlos Henrique . **O nascimento da educação Republicana: princípios educacionais nos regulamentos de Minas Gerais e Uberabinha (MG) no final do século XXI.** In: História da Educação em Perspectiva: ensino, pesquisa e novas investigações. São Paulo: Editores Associados e EDFU, 2005.

INACIO FILHO, G. ; GATTI JR, Décio ; GATTI, Giseli Cristina Do Vale. **Urbanização e Escolarização na modernização da cidade de Uberlândia:** o papel exercido pelas instituições escolares confessionais, particulares e estatais na primeira metade do século XX.. In: Anais do VI Congresso Lusobrasileiro De História Da Educação. UBERLÂNDIA: EdUFU, 2006. v. 1. p. 415-426.

LIMA, S. C. F. . **HISTÓRIA DO GRUPO ESCOLAR CORONEL CARNEIRO, UBERLÂNDIA-MG (1946 1971)**. Cadernos de História da Educação (UFU. Impresso), v. 9, p. 501-521, 2010

RIBEIRO, Larissa Brito. **Desenvolvimento urbano econômico e sustentável:** a constituição de uma nova cosmografia urbana em Uberlândia (MG). 2010. 176 f.

ROCHA, Angélica Pinho Martins. **Grupo escolar professora Alice Paes:** trajetória dos egressos e currículo escolar (Uberlândia- Minas Gerais 1965-1971). 2012. 168 f. Dissertação(Mestrado)-Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2012.

SAVIANI, Dermeval. **História das idéias pedagógicas no Brasil**. Campinas: Autores Associados. 2007

SAVIANI, Demerval. (org.). **O legado educacional do século XX no Brasil**. Campinas – SP: Autores Associados, 2004.

SILVA, Antônio Pereira. **A educação em Uberlândia:** Memórias. In: Cadernos de História da Educação: Universidade federal de Uberlândia/EDUFU, 2003, p.5-14.

SOARES, B. R. **Uberlândia:** Da cidade Jardim ao Portal do Cerrado – Imagens e Representações no Triângulo Mineiro. Tese de Doutorado, USP, São Paulo, 1995

SOUZA, Rosa Fátima de. **História da organização do trabalho escolar e do currículo no século XX:** ensino primário e secundário no Brasil. São Paulo: Cortez, 2008

_____. **Lições da Escola Primária:** Um Estudo sobre a Cultura Escolar Paulista ao longo do século XX. Acessado em 14/02/2012, Disponível em <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe3/Documentos/Coord/Eixo3/485.pdf>

_____. **Templos de civilização:** a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo (1890-1910). São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

_____. **Lições da escola primária.** In: SAVIANI, Dermeval(et. al.). O legado educacional do século XX no Brasil. Campinas, SP: Autores Associados, 2004

SOUZA, R.F & FARIA FILHO, L.M. **A contribuição dos estudos sobre Grupos Escolares para a renovação da história do ensino primário no Brasil**. In: VIDAL, D. G. (Org.). Grupos Escolares: cultura escolar primária e escolarização da infância no Brasil (1893-1971). Campinas, SP: Mercado de Letras, 2006, p. 21-56.

TEIXEIRA, Tito. **Bandeirantes e Pioneiros do Brasil Central:** História da criação do município de Uberlândia. Uberlândia (MG): Uberlândia Gráfica Ltda – Editôra, 1970, 2 v.

VEIGA, Cynthia Greive. **Cidadania e educação na trama da cidade**: a construção de Belo Horizonte em fins do século XIX. Campinas: UNICAMP, 1994. Tese de doutorado.

_____. **História da Educação**. São Paulo: Ática, 2007

VIDAL, Diana (org.), **Grupos escolares**: cultura escolar primária e escolarização da infância no Brasil (1893-1971), Campinas, Mercado das Letras, 2006

FONTES ORAIS

SILVA, G. B. Entrevista cedida à pesquisa **Modos de Alfabetizar no Grupo Escolar Clarimundo Carneiro - 1963 A 1973**, em 2011.

FERREIRA, C. B. Entrevista cedida à pesquisa **Modos de Alfabetizar no Grupo Escolar Clarimundo Carneiro - 1963 A 1973**, em 2012.

LOBATO, E. Entrevista cedida à pesquisa **Modos de Alfabetizar no Grupo Escolar Clarimundo Carneiro - 1963 A 1973**, em 2012.

FERNANDES SILVA, N. Entrevista cedida à pesquisa **Modos de Alfabetizar no Grupo Escolar Clarimundo Carneiro - 1963 A 1973**, em 2012.

SANTOS, C. V. Entrevista cedida à pesquisa **Modos de Alfabetizar no Grupo Escolar Clarimundo Carneiro - 1963 A 1973**, em 2012.

Legislação

MINAS GERAIS, **Lei nº 2.610, de 8 de janeiro de 1962**, Transforma em Grupo Escolar com a denominação de Clarimundo Carneiro, As Escolas Reunidas Da Avenida Fernando Vilela, na Cidade de Uberlândia. Disponível em: <
<http://www.almg.gov.br/consulte/legislacao/completa/completa.html?tipo=DEC&num=6942&comp=&ano=1963>>

ANEXOS

ANEXO 1 – Relatório contendo a descrição das dependências do Grupo Escolar Clarimundo Carneiro (3 páginas)

DESCRIÇÃO DO PRÉDIO

A) GRUPO ESCOLAR " CLARIMUNDO CARNEIRO "

1- Prédio Próprio

2- Dependências:

SALAS:	Nº	ÁREA
de aula	7	42m ²
" "	2	62,30m ²
" "	1	50,60m ²
" "	1	76,22m ²
" "	1	35,88m ²
Orientação Educacional	-	-
Orientação Pedagógica	-	-
Diretoria	1	36,05
Secretaria	1	41,72
Biblioteca	1	71,04
Mecanografia	1	9,22
Almoxarifado	1	10,75
Cozinha	1	22,49
Depósito da cozinha	1	5,72
Cantina	1	82,16
Gabinete Dentário	1	13,23
Sala de Enfermaria	1	13,25
" Camarin "	1	7,36
Vestiário do palco	1	4,32
Depósito de material de limpeza	1	3,0 m ²
Dormitório do zelador	1	18,93
Sala de Material	1	11,07
Sanitários (total - 24)	6	33,60 (em cima)
	6	25,92 (em baixo)
	8	40,50 (fundos)
	1	3,20 (zelador)
	1	3,30 (Anexo cozinh
	1	3,0 m ² (Anexo G. r
	1	1,60 (W.C. P

	Nº	ÁREA
Lavatórios	16	(incluidos no WC.)
Bebedouros	10	

OFICINAS:

Artes industriais	-	-
Técnicas Comerciais	-	-
Técnicas Agrícolas	-	-

3- EQUIPAMENTOS:

Oficinas	-	-
Laboratório	-	-

4- MOBILIÁRIO

ESPECIFICADO

Nº

Armários	aço	1
	madeira	25
	vidro	1
Mesas	madeira	24
	fórmica(bibliot.	10
	fórmica(telefone)	1
Carteiras	duplas(madeira	189
	duplas(formica)	76
	individuais	41
Cadeiras	madeira	26
	fórmica(bibliot)	42
	plástica	1
Arquivos	aço	2
Poltronas	curvin	4
Sofá	curvin	1
"Bureau "	madeira	10
Bancos grandes(recreio coberto e cantina)	madeira	31
Cama completa (enfermaria)	madeira	1

	ESPECIFICAÇÃO	Nº
Estrado (biblioteca	madeira	1
Bombo (serve também como palco Fantoche	madeira	1
Metrola (na biblioteca)	-	1
Geladeira (na cozinha)	-	1
Estante (p/ arquivos pastas alunos	madeira(9,5x2,10)	1

CAPACIDADE OCIOSA	ESPECIFICAÇÃO	Nº
Número de salas - 1º turno	-	-
" " " 2º " "	-	-

ÁREA (m ²)	ESPECIFICAÇÃO	Nº
Construída	todo prédio	2.013m ²
Coberta (recreação e abrigo)	(recreio coberto)	239,43m ²
	(Hall (andar térreo)	123,98m ²
	(Hall-andar de cima)	33,49m ²
Prática Educ. Física	(recreio coberto)	239,43m ²
Disponível para construção		2.717m ²
Pátio	descoberto	600,00

NOTAS:

- . Onde se lê : salão, na planta, funciona a biblioteca.
- . Onde se lê: Almojarifado na planta funciona mecanografia; onde está arquivo - funciona o almojarifado; copa e cozinha - formam somente a cozinha.
- . Onde se lê "musica" na planta é vestiário do palco.
- . Onde se lê: servente - pé dormitório do zelador, que será transformado na sala de professores; com a construção da casa do zelador, através de recursos da própria Escola.
- . Onde se lê : "arquivo", à frente do prédio, no final da área de circulação- funciona a sala de material pedagógico.
- . A parte de área coberta e para prática de Educ. Física acha-se toda entre parênteses, pois já foi incluída em área construída.
- . Em área disponível, aparece a ? .., pois não há muro em um lado do Estabelecimento e de acordo com documento do Plano Nacional de Educação, aparece em área do terreno 11.330m². Esta parte já está sendo providenciada, no Cartório Mendonça (BH), visto que a direção da Escola, pretende construir uma quadra para esportes, ainda no 2º semestre de 1.973, há pois. necessidade urgente de marcação dos limites.

Anexo 2 – Parecer consubstanciado do conselho de ética

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
UBERLÂNDIA/MG



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: AS PRÁTICAS DAS ALFABETIZADORAS DO GRUPO ESCOLAR CLARIMUNDO CARNEIRO NO PERÍODO DE 1963 A 1972

Pesquisador: Sônia Maria dos Santos

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 08382512.0.0000.5152

Instituição Proponente: Faculdade de Educação - UFU

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 180.851

Data da Relatoria: 14/12/2012

Apresentação do Projeto:

Este estudo se insere no campo da pesquisa qualitativa em educação e visa realizar uma investigação sobre os modos de fazer das alfabetizadoras que atuaram no Grupo Escolar Clarimundo Carneiro, no período de 1963 até 1972 no município de Uberlândia, interior de Minas Gerais. As questões que se coloca são: Quais eram as representações destas alfabetizadoras sobre alfabetização? Como era o processo de leitura e escrita utilizado nesta escola? Como eram realizadas as avaliações dos alunos? Quais foram os materiais didáticos utilizados neste processo? A base teórica escolhida para realizar este estudo é a da história cultural uma vez que essa nos possibilita analisar com mais objetividade e riqueza as questões apontadas. A metodologia é oriunda de duas fontes históricas, a saber: a História oral e a documental. Visto que, por meio da história oral é possível valorizar as vivências destes alfabetizadores e assim revelar detalhes que documentos oficiais não informariam. E a pesquisa documental participa de maneira complementar no estudo a partir da análise de materiais utilizados na escola e pelas alfabetizadoras como: cartilhas, jornais, fotografias, documentos escolares, materiais didáticos, bem como legislações educacionais do período estudado e quais quer outras fontes que possam auxiliar neste estudo. Consideramos que este estudo poderá contribuir com as novas investigações no campo da história e memória da alfabetização, bem como gerar contribuições para outros grupos de pesquisadores agregando-se a outros estudos já realizados, concorrendo assim para a edificação e publicação da história da alfabetização em Uberlândia e em Minas Gerais.

Endereço: Av. João Naves de Ávila 2121- Bloco "1A", sala 224 - Campus Sta. Mônica

Bairro: Santa Mônica

CEP: 38.408-144

UF: MG

Município: UBERLÂNDIA

Telefone: (34)3239-4131

Fax: (34)3239-4335

E-mail: cep@propp.ufu.br

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Compreender como eram as práticas de ensino das alfabetizadoras que atuaram no Grupo Escolar Clarimundo Carneiro, no período de 1963 até 1972 no município de Uberlândia, interior de Minas Gerais.

Objetivo Secundário:

Compreender quais eram as representações destas alfabetizadoras sobre alfabetização. Como era o processo de leitura e escrita utilizado nesta escola. Como funcionavam eram realizadas as avaliações dos alunos. Quais foram os materiais didáticos utilizados neste processo.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Há risco de identificação do sujeito, mas os pesquisadores se comprometem com o sigilo das informações do sujeito de pesquisa apesar do risco de identificação.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa de caráter relevante.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Apresentados conforme Resolução 196/96/CNS/MS.

Recomendações:

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

As pendências apontadas no parecer 166.241, de 30/11/2012, foram atendidas.

De acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS 196/96, o CEP manifesta-se pela aprovação do protocolo de pesquisa proposto.

O protocolo não apresenta problemas de ética nas condutas de pesquisa com seres humanos, nos limites da redação e da metodologia apresentadas.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

Data para entrega de Relatório Final: fevereiro de 2013.

OBS.: O CEP/UFU LEMBRA QUE QUALQUER MUDANÇA NO PROTOCOLO DEVE SER INFORMADA IMEDIATAMENTE AO CEP PARA FINS DE ANÁLISE E APROVAÇÃO DA MESMA.

Endereço: Av. João Naves de Ávila 2121- Bloco "1A", sala 224 - Campus Sta. Mônica

Bairro: Santa Mônica **CEP:** 38.408-144

UF: MG **Município:** UBERLÂNDIA

Telefone: (34)3239-4131 **Fax:** (34)3239-4335 **E-mail:** cep@propp.ufu.br

O CEP/UFU lembra que:

- a- segundo a Resolução 196/96, o pesquisador deverá arquivar por 5 anos o relatório da pesquisa e os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido, assinados pelo sujeito de pesquisa.
- b- poderá, por escolha aleatória, visitar o pesquisador para conferência do relatório e documentação pertinente ao projeto.
- c- a aprovação do protocolo de pesquisa pelo CEP/UFU dá-se em decorrência do atendimento a Resolução 196/96/CNS, não implicando na qualidade científica do mesmo.

Orientações ao pesquisador :

- ¿ O sujeito da pesquisa tem a liberdade de recusar-se a participar ou de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo ao seu cuidado (Res. CNS 196/96 - Item IV.1.f) e deve receber uma cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, na íntegra, por ele assinado (Item IV.2.d).
- ¿ O pesquisador deve desenvolver a pesquisa conforme delineada no protocolo aprovado e descontinuar o estudo somente após análise das razões da descontinuidade pelo CEP que o aprovou (Res. CNS Item III.3.z), aguardando seu parecer, exceto quando perceber risco ou dano não previsto ao sujeito participante ou quando constatar a superioridade de regime oferecido a um dos grupos da pesquisa (Item V.3) que requeiram ação imediata.
- ¿ O CEP deve ser informado de todos os efeitos adversos ou fatos relevantes que alterem o curso normal do estudo (Res. CNS Item V.4). É papel de o pesquisador assegurar medidas imediatas adequadas frente a evento adverso grave ocorrido (mesmo que tenha sido em outro centro) e enviar notificação ao CEP e à Agência Nacional de Vigilância Sanitária ¿ ANVISA ¿ junto com seu posicionamento.
- ¿ Eventuais modificações ou emendas ao protocolo devem ser apresentadas ao CEP de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas. Em caso de projetos do Grupo I ou II apresentados anteriormente à ANVISA, o pesquisador ou patrocinador deve enviá-las também à mesma, junto com o parecer aprobatório do CEP, para serem juntadas ao protocolo inicial (Res.251/97, item III.2.e). O prazo para entrega de relatório é de 120 dias após o término da execução prevista no cronograma do projeto, conforme norma.

Endereço: Av. João Naves de Ávila 2121- Bloco "1A", sala 224 - Campus Sta. Mônica
Bairro: Santa Mônica **CEP:** 38.408-144
UF: MG **Município:** UBERLÂNDIA
Telefone: (34)3239-4131 **Fax:** (34)3239-4335 **E-mail:** cep@propp.ufu.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
UBERLÂNDIA/MG



UBERLÂNDIA, 21 de Dezembro de 2012

Assinador por:
Sandra Terezinha de Farias Furtado
(Coordenador)

Endereço: Av. João Naves de Ávila 2121- Bloco "1A", sala 224 - Campus Sta. Mônica
Bairro: Santa Mônica **CEP:** 38.408-144
UF: MG **Município:** UBERLÂNDIA
Telefone: (34)3239-4131 **Fax:** (34)3239-4335 **E-mail:** cep@propp.ufu.br

ROTEIRO DE ENTREVISTA

DADOS PESSOAIS:

Nome completo:

Endereço:

Data de nascimento:

Estado civil:

Naturalidade:

Tempo e período em que atuou como alfabetizadora:

Nome da escola em que atuou por mais tempo como alfabetizadora:

1) Que recordações você tem do período em que foi alfabetizada? (local, professor, materiais, maneira de ensinar, cartilhas)

2) Como se tornou alfabetizadora? (Que cursos fez?)

3) Quando começou a dar aulas já tinha feito algum curso (normal, magistério, faculdade). E depois dessa primeira formação a senhora fez mais algum curso?

4) Em que escola trabalhou mais? Por quê? E em que série?

5) Como ensinava a ler e escrever? O que utilizava (ditados, treinos ortográfico, textos, cartilha...)

6) Que materiais utilizava nas suas aulas? Usava alguma cartilha? Qual? Como era essa cartilha? Quem escolhia a cartilha? O que mais gostava nas cartilhas?

7) Como você planejava suas aulas? Como era? (detalhes)

8) Você lembra das orientações do programa de ensino? Como era? Usava as orientações do programa de ensino nas aulas?

9) Os alunos eram avaliados? Como?

10) Como avalia o trabalho realizado por você para alfabetizar crianças naquele período? Você escolheria ser alfabetizadora novamente?



TERMO DE CESSÃO

Pelo presente documento, GENY BORGES DA SILVA, brasileira, carteira de identidade nº M-1.338.348 SSP/MG, cede e transfere neste ato, gratuitamente, em caráter universal e definitivo à Universidade Federal de Uberlândia, a totalidade dos seus direitos patrimoniais de autor sobre o depoimento oral corrigido prestado a pesquisadora Vanessa Lepick, portadora do RG nº M6-174.363 SSP/MG.

Fica, pois a Universidade Federal de Uberlândia, plenamente autorizada a utilizar as fotos, encontradas no Arquivo Público Municipal, no Arquivo da Escola Estadual Clarimundo Carneiro e o referido depoimento, no todo ou em parte, editado ou integral, inclusive cedendo seus direitos a terceiros, no Brasil e/ou exterior.

Sendo esta a forma legítima e eficaz que representa legalmente os nossos interesses, assinam o presente documento em 02 (duas) vias de igual teor e para um só efeito.

Uberlândia, 28 de fevereiro de 2012.

Geny Borges da Silva
Assinatura

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
PESQUISA DE MESTRADO**

Modos de Alfabetizar no Grupo Escolar Clarimundo Carneiro no Período de 1963 a 1973

Pesquisadora Vanessa Lepick

DADOS PESSOAIS:

NOME: Silva

DATA DE NASCIMENTO: 06/12/1922

ESTADO CIVIL: Viúva duas vezes (segunda viuvez recente, maio de 2010). Mãe de um filho que mora em Rondônia.

NATURALIDADE: Uberlândia, zona rural

TEMPO E PERÍODO QUE ATUOU COMO ALFABETIZADORA: mais de quinze anos

NOME DAS ESCOLAS EM QUE ATUOU: Bom Jesus, Joana D'arc, Padre José de Anchieta, Clarimundo Carneiro

LEMBRANÇAS DA ALFABETIZAÇÃO

Onde foi alfabetizada? Por quem? De que modo? (falar sobre as experiências que marcaram, os materiais, as condutas dos professores...)

Quando era menina tinha vontade de estudar, mas era difícil porque eu morava na fazenda. No primeiro dia de aula, quando eu fui à escola pela primeira vez, não sabia pegar no lápis, a professora escreveu no meu caderno a, e, i, o, u. Eu pedi a ela que me ensinasse. Ela disse: - Faça a lição, senão a professora te põe de castigo. Chorei muito, o tempo todo. Apanhei de minha mãe e não voltei mais a aula. Mudamos para a cidade, onde voltei a estudar até formar. Eu queria ser professora. Porque lá não tinha professor, tinha aqueles professores da escola antiga, com aquelas letras manuscritas dando aulas. A gente sentava e o professor andando. A minha mãe falou: - Minha filha não vai ficar analfabeta não, eu vou mudar pra cidade.

Então a senhora foi alfabetizada mesmo aqui em Uberlândia, a senhora lembra que escola que era?

Externato, externato Santa Luzia. O professor, professor José, José Fonseca, não, tem até essa família, depois eu passo pra você que eu esqueci o nome.

Como a senhora estava me falando, quando começou a estudar, na fazenda, a professora que não era muito legal...)

A escola municipal com professor de fazenda, escola municipal de Uberlândia.

A senhora não lembra o nome da professora?

Essa que falou assim pra mim era ajudante, irmã da Carmelita Vieira. Eu nem sabia que a Carmelita algum dia ia ser minha diretora. Odilon, Odilon Ferreira era o diretor daquela época. Aquela classe tinha primeiro, segundo, terceiro e quarto ano em uma sala só. Essa sala é que eu não quis voltar mais (e a ajudante era irmã daquela que seria) Carmelita Vieira, quem iria saber disto E eu não sabia que daqui a alguns anos ela ia ser minha diretora.

Quando a senhora mudou para cá, para cidade, a senhora gostou da escola? Aqui foi bom?

Foi. O professor cego, no Externato Santa Luzia. Benedito, Benedito da Fonseca era o nome do professor.

E ele, como que ele era dona Geny?

Não, tinha a auxiliar na sala de aula.

Tinha uma auxiliar?

Tinha uma auxiliar.

E como eram as aulas? Tinha uma cartilha, tinha um método?

Não estou lembrada, acho que tinha uma cartilha. Não me lembro da cartilha, não me lembro, devia ter cartilha. Cartilha, esqueci-me dela, cartilha antiga, antiga mesmo, estudava por cartilha.

Eu trouxe para senhora umas fotos de cartilhas antigas.

Este material eu não conheço, tudo é cartilha? Arte da leitura, eu não conheço, Cartilha Maternal, também não, cartilha.. Cartilha da Infância essa aqui eu conheci. Essa Cartilha da Infância foi dada, Cartilha Da Infância, não é? Ensino da Leitura, Cartilha Das Mães, eu não lembro, cartilha, ABC da infância, estou lembrada bem dessa cartilha. Olha aqui Cartilha Analítica, me lembro bem da Cartilha Analítica.

Mas a senhora chegou a usar essa cartilha?

Essa aqui eu não sei, estudei quem sabe, Livraria Francisco de Assis, quem sabe eu estudei com essa cartilha aí, a Cartilha Analítica, não estou lembrada. Eu tinha essa cartilha, essa Cartilha de Ensino Rápido também não é estranha pra mim, também não. Agora qual a cartilha que eu estudei neste externato? A minha professora substituta era Olga, Olga Silva.

Professora substituta, por quê? Saiu este professor e entrou essa Olga?

Não, o Benedito era diretor. O Benedito era diretor da escola.

Ele que era cego?

Era cego. Na família tinha quatro irmãos cegos.

E a professora era Olga?

Olga Silva, professora formada mesmo, Dona Olga, pode por Dona Olga, professora formada. Não me lembro dessa cartilha, Cartilha da Infância, mas eu não sei se eu cheguei a usar, essa aqui eu tinha (a analítica), mas o que eu estudava nessa cartilha também, não sei, o que eu estudava lá neste colégio do cego, eu sei que eu estudei lá, depois eu não fui para grupo, eu fiquei estudando só lá, o que eu aprendi foi lá.

Olha aqui a Cartilha Sodré, que gracinha gente, eu vou ver quem tem a Cartilha Sodré para mim, depois da Sodré veio a Caminho Suave.

Mas vocês chegaram a usar na escola a Sodré e a Caminho Suave?

Usei a Sodré e a Caminho Suave

Qual será que usou mais dona Geny?

A Cartilha Sodré. Se eu não me engano usamos também essa cartilha, Onde está o Patinho? A gente fazia a pergunta: Onde está o patinho? Está no lago. O que ele está fazendo? Nadando! Vocês estão vendo o que aí? Umas flores. Muitas cores? Ih, colorido. E lago? Este lago como é que é? Colorido! Porque que colorido? Porque tem muitas flores! Onde está o patinho, eu me lembro disto. Essa aqui também, Upa Upa Cavalinho, não me é estranha. Onde está o patinho?

Esses daqui são nomes de cartilhas que foram usadas em cada ano, mas tem muitos nomes, deixa eu passa mais pra frente pra mostrar pra senhora uma outras, que eu acho que a senhora deve ter usado. (mostrando uma lista de cartilhas com imagens)

Vamos Sorrir, isto aí não me é estranho.

Essa aqui é do Patinho que a senhora falou?

Onde está O Patinho, esse aí é o Patinho Feio, não é patinho feio não. É a do patinho, eu sei, eu a conheci, o patinho, você põe aí que eu fui analisada pela cartilha, alfabetizada pela Cartilha Analítica.

Você viu essa cartilha *As Mais Belas Histórias*?

Conheci demais, eu a tinha até pouco tempo, joguei fora.

É nessa cartilha *As Mais Belas Histórias* que tinha os três porquinhos?

Não estou lembrada, parece que não, *As Mais Belas Histórias* foi é livro. Arte do mestre, parte do médico, do mestre, Lúcia Casasanta, Mais Belas Histórias Pré Livro, Nossa que gracinha gente, do Circo Do Carequinha, eu não estou bem lembrada. O livro da Lili, cartilha da Lili eu conheci, eu me lembro dessa aí, O Livro da Lili, o manual do professor, tudo, tudo isto aqui tinha o manual do professor.

FORMAÇÃO PARA O MAGISTÉRIO

Que tipo de formação você tinha ou tem para atuar como alfabetizadora (leiga, magistério, curso superior). Como acontecia a formação continuada? O governo investia nela?

Em 1944, me formei pela escola normal de Uberlândia, Escola Normal de Uberlândia, diretor José Inácio de Sousa. Em 1947, fui nomeada professora municipal, eu lecionei alguns anos, mais ou menos uns oito anos sabe oito anos. Em 1949, fiz o curso de formação de professor ou professora.

Como foi sua formação? A senhora me falou que senhora primeiro cursou o normal?

Foi o Normal.

E depois? Fez mais algum curso?

Não, não. Fiz o normal, eu lecionei, lecionei e fui para prefeitura. Depois é que 1949 eu fiz o curso de formação de professores.

Mas este curso o que era? Quem oferecia esse curso, o estado, a prefeitura?

O estado. Era para o professor melhorar, tinha mais matérias, para melhorar mais o conteúdo do professor. Depois do curso, o professor tinha mais conteúdo. Teve mais matérias parece, foram dois anos de curso de formação de professores, depois eu vou te mostrar o meu diploma, quer dizer que eu tive dois diplomas.

E teve mais algum curso neste período que a prefeitura ou que o governo oferecia?

Não me lembro, a benefício do professor eu não sabia não. Tinha o curso de contador no Liceu

Este curso de formação de professor todos os professores tinham que fazer? Era obrigatório?

Como é que é, era pra melhorar o nível do professor. Ele estudou mais, ganhou mais. Estudou mais, ampliou seus conhecimentos. O curso de formação de professores dava mais direito ao professor é.. melhorar seu conteúdo seu ensino. O conteúdo que o professor tinha, melhorava mais.

ATUAÇÃO PROFISSIONAL

A senhora me falou que primeiro a senhora foi trabalhar lá na prefeitura?

Primeiro eu fui ser professora municipal, da prefeitura.

Quando a senhora foi trabalhar na prefeitura como que era, como que era a contratação naquela época?

Era nomeada pela prefeitura, o prefeito nomeava, a nomeação era feita pelo prefeito.

Mas tinha que fazer alguma prova?

Não, o processo do diploma. Através do diploma o professor era nomeado.

Mas depois disto é que teve a nomeação para o estado?

Não estou lembrada.

Primeiro a senhora foi nomeada para o município?

Então para entrar no município a gente foi, como é que é, já foi nomeada diretamente professora municipal.

Só levou o diploma lá e foi nomeada?

Só o diploma e foi nomeada. Tinha naquela época o secretario da prefeitura, Jerônimo Arantes, o secretário da prefeitura naquela época era Jerônimo Arantes, ele é que coordenava os professores.

Então a senhora trabalhou no município uns 8 anos dando aulas e depois a senhora foi nomeada para o estado, como uma promoção?

Eu fui nomeada professora estadual pelo concurso de diploma. Foi o prefeito que fez essa nomeação, pegando o professor da prefeitura e passando para o estado.

Como que era o salário quando a senhora trabalhou na prefeitura?

Recebia o salário direitinho, todo mês a gente ia à prefeitura, e o secretario da prefeitura pagava para nós. Eu e Edilar Salazar, que foi minha colega, formou comigo, lecionou comigo, nós íamos lá receber. Chegava e falava para o prefeito, nós precisamos receber, ele falava vai lá que o Moisés paga vocês. Chegava lá o Moisés fazia o pagamento pra nós.

E era um bom salário, dona Geny?

Não lembro, era um salário igual tem hoje, um salário barato. Nós saíamos correndo e, ainda, pagávamos o colégio, pagava a escola onde estudávamos.

Então quando a senhora começou a trabalhar, a senhora ainda estava fazendo o colégio?
Estava, escola normal, não tinha formado na escola normal, foi por isto que eu fui para a prefeitura. Aí é que fui lecionar na prefeitura.

A senhora falou que recebia o salário e ia pagar o colégio...

Isso, deve ser o colégio do curso normal, de professoras. Eu sei que tinha essa “transa” nossa lá, mas deixa isto de lado.

Depois que a senhora mudou para o estado melhorou? Melhorou alguma coisa no salário?

Foi melhorando aos poucos, mas o estado sempre pagou pouco o professor, pode por aí, o estado sempre pagou pouco aos professores.

Qual foi mesmo o primeiro lugar que a senhora foi trabalhar como professora alfabetizadora?

Bom Jesus (Grupo Escolar), depois Padre José de Anchieta.

Depois do Grupo Escolar Bom Jesus foi para o Padre José De Anchieta?

Eu sai de lá do Bom Jesus e fui para o Padre José De Anchieta porque era muito longe para eu vir, e em 1947 eu fiquei viúva, e era muito longe para eu vir a noite aqui pra minha casa. Eu morava aqui, naquela casa amarela ali.

E este Padre Jose De Anchieta era aqui pertinho?

Era aqui na Av. Rio Branco. Depois da rua Padre José De Anchieta, fui para a escola municipal Joana D’arc.

De lá a senhora foi direto para o Clarimundo Carneiro?

De lá eu fui nomeada para o Clarimundo Carneiro: 1940 e quanto? 1947 que eu fui nomeada professora estadual .

Mas a senhora só começou a trabalhar no Clarimundo Carneiro em 1963? Então antes disto foi para outra escola do estado?

Não, escola nenhuma.

A senhora ficou este período sem trabalhar?

Não, eu não fiquei nenhum período sem trabalhar, eu não sei, mas acredito que a minha contagem deve estar errada, mas eu não fiquei nenhum dia sem trabalhar. Saí direto do Bom Jesus, para o Padre José De Anchieta, como chamava naquela época, depois eu fui para o Joana D’arc e fiquei lá um ano e pouco, não sei, ou dois. Depois é que eu fui para o Clarimundo Carneiro. 47, 48, 49,50, 51... você pois 13 anos de estado, parece que está meio vago não é?

Sim. Porque senhora começou trabalhar em 1947, então se passaram 16 anos até começar no Clarimundo Carneiro em 1963.

Só de prefeitura eu tinha oito anos, eu não sei, eu não fui pra outra escola. Eu sei que eu fiquei viúva dia 7 de fevereiro de 1947 e, no mesmo ano, no mesmo mês de fevereiro, eu fui à prefeitura, levei meu diploma de professora de escola normal e fui nomeada professora da prefeitura. O Jerônimo Arantes é que era o secretário de educação daquela época da prefeitura

Como se deu a escolha pela profissão de alfabetizador/a?

Sempre quis ser professora.

Como que foi que a senhora escolheu ser alfabetizadora?

Desde menina eu queria ser professora. Desde menina eu queria ser professora. Desde menina eu tinha vocação para ser professora.

Quando a senhora foi trabalhar como professora quem definiu que seria alfabetizadora? Foi uma escolha sua?

Foi a diretora. A diretora que orientava para qual a classe a professora iria, que orientava, ou que dava a classe. Você vai lecionar primeira série.

Então você chegava à escola, e ela falava você vai ser primeira série, vai ser segunda, vai ser terceira?

Sua classe é primeiro ano repetente. Eu lecionei alguns anos no primeiro ano novato. Lecionei quase uns quinze anos alfabetização. Fui alfabetizadora muitos anos.

A senhora trabalhou em alguma outra série ou foi só na primeira série?

Duas vezes na segunda série, uma vez na terceira e uma vez na quarta. Eu ensinei até a quarta série. Você vê a dificuldade, menina, você dava o globo terrestre, montava o globo, você vê que dificuldade, nem é bom pensar.

Porque a senhora já estava acostumada com alfabetização, não é?

É, mas também, você vê, era muita coisa no quarto ano. E eu gostava da alfabetização.

Como foi contratada? O cargo era remunerado? A remuneração era significativa?

Em 1947, fui nomeada professora municipal, onde eu lecionei alguns anos, mais ou menos uns oito anos. Em 1963 fui nomeada para a escola Clarindo Carneiro. A diretora era Camelita Vieira. No meu primeiro dia de aula na escola Clarimundo Carneiro (Grupo Escolar), fui apresentada pela diretora com carinho. Recebi a classe cumprimentando-a, escrevi meu nome no quadro negro, conversei um pouco com a classe e assim comecei a lecionar, um pouco assustada eu comecei a lecionar. Que bom, que bom foi meu primeiro dia de aula. Eu lecionava na escola Joana D'arc, aí então lá ,eu fui promovida, fui nomeada para o Clarimundo Carneiro. A escola Joana D'arc era de que esfera? (municipal, estadual) Municipal, era municipal. Eu era professora municipal naquela época, naquela época o prefeito passou todas as professoras municipais para o estado, e eu fui promovidas por meio de diplomas. Eu fiquei em oitavo lugar com meu diploma.

Como funcionava essa promoção?

A gente mandava o diploma para a secretaria, o prefeito deve ter dado alguma orientação, quem fazia isto aí não era o professor, foi a prefeitura que fez este trabalho.

Mas não tinha que fazer uma prova nem nada era só enviar o diploma?

Nada , era uma nomeação por meio de diploma

E a senhora também falava quantos anos deu aula, ou não?

Ah, deve ser, com certeza tinha um relatório. Eu fui da prefeitura nove anos, nove anos, mas eles tiraram um fiquei só com oito anos. Eu lecionei no Bom Jesus (Grupo Escolar), na escola Bom Jesus, ela está aberta até hoje.

Mas hoje em dia ela é do estado, na época era municipal?

Era municipal, eu lecionei lá daqui eu vim para a Padre José de Anchieta, da prefeitura , e de lá eu fui para a Joana D'arc. A onde que eu estava lecionando lá né, que aqui não podia ficar professora do estado, só professora da prefeitura. Então eu fui de lá (Joana D'arc) e depois fui nomeada para o Clarimundo Carneiro. Quando foi feito este trabalho por meio de papel, papelada, por meio de diploma e tudo, veio a minha nomeação. Outro dia eu peguei um papel e joguei fora do Valdir Melgaço mandando pra mim, me cumprimentado pela nomeação.

Quem era esse Valdir Melgaço?

Ele era deputado.

Foi aí que fui para Joana D'arc. Na Joana D'arc que eu estava lecionando lá, a diretora era muito difícil, muito ruinzinha. Os meninos não podiam pisar lá porque tinha lavado e entrar na sala de aula: -Está sujando a sala de aula dona Geny, e a senhora está deixando os meninos sujar a sala de aula.". É este tipo de diretora horrível, terrível, esqueci o nome dela no momento. Aí então eu fui para o Clarimundo Carneiro, onde a Carmelita me recebeu.

Estava começando o Clarimundo?

Eu não sei se foi para lá em março ou abril de 1963.

Como é que foi seu primeiro dia com professora? Como é que começou sua carreira como alfabetizadora? Era difícil? Como era? O que a senhora tinha que fazer?

Não era fácil, porque não tinha, não tinha orientação de diretora naquela época. Não tinha planos, não tinha planos que a secretaria faz, não mandava planos. Plano que a gente fala, minha cabeça já está doendo, não era planos não. A gente quase não tinha orientação da diretora, quase não tinha orientação. A diretora confiava muito no professor.

PRÁTICAS DE ENSINO

Como que era os materiais que a senhora usava? O que tinha de material para poder usar? Desde o começo já tinha cartilha?

Só trabalhava dentro da cartilha. Matemática no livro de matemática.

E todos os alunos tinham seus livros?

Todo aluno tinha sua cartilha, a professora trabalhava individualmente com o aluno na cartilha.

E tinha outros materiais? Qual método utilizado quando a senhora começou?

Sempre seguia pelos métodos, como é que era, o problema é que não sei se a gente recebia alguma orientação do estado, orientação do estado nem recebia. A gente recebia orientação da diretora, a professora recebia orientação da diretora por meio de, por meio de papéis enviados da secretaria, por meio de que de orientação da secretaria, eu não lembro mais minha filha, eu estou esquecida.

E acontecia da senhora estar trabalhando com um determinado método e a secretaria mandar trabalhar com outro método?

Secretaria da Educação mudou muito, mudava constantemente os planos de aulas, é plano de aula como é que a gente falava, como é que a sua coisa, mudava muito, o plano de aula não, o ensino. Como é que fala o ensino, não, é plano de aula que a gente fala, gente...

A metodologia, o currículo?

Não, mudava muito os métodos de ensino. Mudava muito os métodos de ensino.

E a senhora tinha de ir acompanhando estes métodos definidos pela secretaria?

Sim, a gente deixava o método que estava usando e passava para aquele lá. Deixava o que a gente estava lecionando ali firme, a gente já tinha feito plano de aula o ano inteiro, primeiro semestre inteiro. A gente reunia no primeiro dia de aula do ano e fazia plano de aula e fazia o plano para cinco meses. A gente fazia aquilo ali, depois a gente precisava de mudar. Fazia o plano de aula, não, o professor fazia o planejamento para o primeiro semestre. Primeiro semestre.

E se mandassem mudar, tinha que mudar tudo?

Aí mudava.

Vocês mudavam?

Mudava.

Sempre mudava?

Mudava, mudava porque vinha, vinha a orientação da secretaria.

E quanto aos livros, o governo mandava ou pais das crianças tinham que comprar?

Não mandava.

Os pais tinham que comprar?

O professor dava a lista para o aluno, o aluno comprava todos os objetos no começo das aulas.

Quem definia qual seria a cartilha?

A diretora. Era a diretora.

Mas como era feita a escolha dessa cartilha? Ela se reunia com as professoras para decidir qual cartilha seria usada?

Não falava nada.

Só comunicava qual era a cartilha que seria utilizada? Mas essa cartilha ela escolhia, ou será que vinha definida da secretaria?

Eu tenho impressão que já vinha definido da secretaria, mas eu não vou te dar uma certeza, porque eu estou esquecida. Tem um pedaço aí que eu estou bem esquecida.

Como eram suas aulas?

O professor precisava fazer o Plano de aula. Apresentava todo dia o plano de aula. A professora fazia o plano de aula todos os dias, por exemplo, segunda-feira, leitura pelos

alunos da cartilha, leitura e interpretação do texto, ditado relacionado à aula, texto conhecido, você não pode dar um ditado de um texto que o aluno não conhece. Você está estudando, por exemplo, palavra com dois “s” você não vai por fixo, crucifixo que são das últimas, das últimas lições de ortografia que a gente ensina. Não é só a ortografia mais difícil, o treino ortográfico mais difícil é esse aí, você não vai por. Então tem que ser de palavras conhecidas. Treino ortográfico, palavra treinada, exemplo, xícara, forma outro com “x” (xarope) xarope, você não vai por palavra com “ch”, você tem que por palavra com o mesmo som de xícara para eles não confundirem. Composição, por falta de material, a professora apresentava à classe uma gravura colorida, por exemplo, uma menina, um menino e um cachorrinho, e dizia: - Que lindo! O que vocês estão vendo? Como se chama a menina? Como se chama o menino? E o cachorrinho? E assim deixava que a classe, que cada aluno interpretasse sua ideia. Ideia que a gente fala, interpretava a sua... eu pus ideia, depois você vê lá o que que deve colocar. Agora vocês vão escrever sobre essa gravura. Agora aqui a professora ajudava. A professora trabalhava com a gravura, cada um interpretava a sua ideia, a professora também ajudava, ajudava a criar, ajudava na interpretação do aluno, ajudava a classe na interpretação da gravura. Agora vocês vão escrever sobre essa gravura. Depois a professora corrigia. Essa classe é mais adiantada, mas depois a professora corrigia na sala de aula, tá. A gente corrigia na sala de aula, não dá na sala de aula não, depois a professora corrigia, a gente levava para a classe também, ou dava pra eles folha de papel, e eles então escreviam, como que eu vou por aqui, ler sobre a gravura, depois a professora corrigia, individualmente, ligeiramente, se acha que dá pra gente ir na classe, de cadeira em cadeira e corrigir composição? Está meio pesado não está? A classe fica muito monótona se esperar eu corrigir de todos fica muito monótona, não é? A professora distribuía na classe folha de papel para escrever essa composição. A professora corrigia, levava para casa, eu fazia assim, levava para casa e corrigia em casa. Vou te dar um exemplo, um exemplo de uma aluna muito fraca em minha sala de aula, eu dei um tipo dessa composição, dei uma composição pra ela. Ela fez muito bem, atendendo a todos as dificuldades de treino ortográfico que eu havia dado, então eu gostei da composição dela, gostei do quanto ela melhorou, que ela estava fraca, fraca, fraca, ela melhorou muito. Quando eu entreguei a composição dela eu disse assim: Maria você melhorou da água para o vinho, não sei o que me deu na cabeça pra falar isto. Falei: você tirou nota boa, estou muito satisfeita com você. Você tirou nota boa, parabéns! E dei pra ela o papel dela. Depois de muito e muitos anos essa menina saiu e passou de ano e com notas boas. Mas é que eu trabalhava individualmente quase com ela em sala de aula. E ela se formou, ela saiu da sala, passou de ano, foi estudar em outra escola. Estudou, se formou deu aula. Encontrou comigo um dia e disse: - Dona Geny, não me esqueço da senhora. Eu disse: você não se esqueceu de mim? Você se lembra daquele dia que a senhora me deu uma composição, porque eu estava muito fraca. A senhora me deu um exercício e a senhora disse: Você melhorou da água para o vinho, eu nunca me esqueci disso, dona Geny. Então eu fiquei assim assustada, da água para o vinho, quer dizer que a água virou vinho, não sei porque me deu na cabeça de falar aquilo, e aquilo ficou gravado na cabeça dela. Ela estudou, formou, lecionou, aposentou com aquilo na cabeça. Um dia me encontrei com a Unaide na praça, foi minha aluna também, eu lecionava no Joana D’arc, perto do campo de futebol, uma escola que tem aqui, aí então lá eu fui promovida, fui nomeada para Clarimundo Carneiro. Fui para o Clarimundo Carneiro deixei minha sala de aula, (na escola Joana D’arc) e três alunos que me acompanharam pra lá, três.

A cartilha que a senhora acha que usou mais foi a Sodré?

Foi a Sodré.

Também usou a Caminho Suave?

É, a Caminho Suave. Primeiro a Cartilha Sodré, segundo o livro da Sodré que era continuação.

No mesmo ano?

No mesmo ano. O menino terminava a cartilha e já sabia ler e passava para o livro, o livro de leitura, praticamente leitura.

E junto com isso ensinava matemática também?

Matemática também.

Como era dividido o tempo assim das aulas, primeiro alfabetização, depois matemática, ou era junto?

Junto. Numa aula a gente dava linguagem e matemática, às vezes, até ciências, junto. Tinha a hora determinada, os horários para cada aula, para cada disciplina. Por exemplo, linguagem, não é.. eu não sei como fala na cartilha aqui, linguagem? Não fala, não.

Numa aula a professora dava matemática, dava linguagem, matemática, ciências. Quando era, por exemplo, terceiro ano já adiantava história, era assim, sabe? Mas tinha duas, três matérias no dia quando a classe estava mais adiantada.

(Suspiro) Se por acaso a senhora cansar, quiser parar, quiser também que eu venha outro dia para terminar, não tem problema, viu dona Geny, a senhora que tem que determinar o tempo.

Não vamos terminar, porque eu fiquei assim, muito preocupada pensando no que eu ia fazer.

A senhora disse que sempre tinha o livro do professor para ajudar, não é?

Guia do professor.

Depois, depois passou a usar o caminho Suave?

O caminho Suave, pra mim que é, Caminho Suave, não é bem um livro não. Era um livro, Caminho Suave, eu não sei se é alfabetização ou se era um livro. Caminho Suave, acho que era um livro. Não vou te falar pelo Caminho Suave.

A cartilha que a senhora lembra mesmo é a da Sodré?

Cartilha e o livro da Sodré.

Cartilha e o livro da Sodré, mas tudo no mesmo ano?

No mesmo ano. Porque depois que o menino aprendia a ler e escrever, ele ia para o livro.

E usou muitos anos a Sodré?

Acho que usou.

E sempre foi com a cartilha junto?

Sempre com a cartilha.

Sempre tinha a cartilha para acompanhar as aulas?

Tinha, tinha.

Dona Geny, os alunos aprendiam?

Aprendiam. Aprendiam porque as aulas foram, foram dadas com muita paciência, amor. Paciência e amor, foi dada com muito amor. É, procurando recuperar ...a vida, procurando, o que mesmo, procurando melhorar a vida do aluno, como é que nós vamos por aí, cadê uma frase que eu pus aqui? .. não basta viver cada instante da vida, como é que é? {ela procura frase}. Os princípios da vida estão na educação, quero agradecer por tanta dedicação e carinho a cada momento de convívio, colegas, diretores e serviçal, com carinho, Geny.

Ah, isso aí foi o que a senhora escreveu quando foi sair da escola?

Foi. Anota este pensamento aqui: Através da educação, pera aí, que preparemos, que preparamos para o futuro do Brasil. É através da educação que se prepara, que preparamos para o futuro do Brasil. Que preparamos jovens para o futuro do Brasil. É através da educação que preparamos o futuro, ponha isso, preparamos o futuro de jovens do Brasil. Aqui um outro muito bom: Os princípios da vida estão no começo da educação. Os princípios da vida estão no começo da educação. Ou põe só assim: Os princípios da vida estão na educação? (pode ser) qual que você acha que está mais certo? (acho que na educação, não é?) Então o que é? Os princípios da vida estão na educação? Então põe só na educação. O que mais? O segredo, o segredo dos que triunfam é sempre começar de novo. Isso aí é pensamento, viu? O segredo dos que triunfam é sempre começar de novo. Coloca aí que todas as datas cívicas eram homenageadas. Todas as datas cívicas eram homenageadas. Exemplo, 21 de abril, 07 de setembro, 15 de novembro, 07 de setembro, 15 de novembro, dia do professor, 15 de outubro, dia das mães.

Aqui olha, matéria: linguagem; assunto: treino ortográfico, palavras com dificuldades auditivas; objetivo: conhecimento da escrita, fixação da palavra .

Isso aqui era o quê, um plano de aula?

Plano de aula

Por que a senhora escreveu aqui nesse plano de aula o bilhetinho? {referindo-se ao bilhete escrito para a mãe de um aluno que queria tirá-lo da escola}

Não, bem, é porque aconteceu, eu peguei e pus aqui.

A senhora pegou e anotou e depois a mãe pegou e escreveu isso aqui em cima?

Não, ela não escreveu nada, ela não escreveu nada não.

Porque aqui está escrito assim olha: “prometo a senhora que vou estudar o problema dele”.

Então, ela veio reclamar na sala de aula, ela veio me reclamar sobre o aluno e depois eu escrevi uma cartinha para ela falando sobre isso aqui. Ou foi isso aqui que eu falei para ela e eu escrevi.

Então provavelmente ela falou com a senhora na sala de aula e a senhora escreveu isso aqui justamente para poder lembrar que depois?

Uma lembrança.

Como se fosse um rascunho?

Isso, para mandar pra ela.

Então não foi esse o bilhete, esse foi apenas um rascunho do bilhete?

Foi. Eu não ia mandar isso aí não, de jeito nenhum.

Eu posso levar esse rascunho?

Pode levar.

Esse aqui {livro de poesia As mais belas poesias } a senhora usava na sala de aula?

Nós usávamos em sala livro de poesia. O livro se chamava As mais belas poesias. “Papai do céu obrigada”; Aqui olha “A Enxadinha” Minha enxadinha trabalha bem, corta matinho, você não sabe disso aqui não?

Não

Não? “A boneca”, aqui “o Patinho”, deixa eu ver, quanta coisa.

Essas poesias aqui (mostrando o livro), a maioria delas era usada para, “o menino que vai para a escola” “mãezinha adeus, vou para a escola e volto a tardinha”. Você deve até observar aí, o professor atual deve trabalhar muito dando poesias para que os alunos se interessem por poesia porque é uma ideia que está ficando apagada atualmente. O professor deve dar muita poesia,

Ah, essa aqui é a Sodré que a senhora me falou, o primeiro livro. A senhora me falou que vinha depois da Cartilha Sodré?

É. Quando a criança já estava lendo, isso aí é a complementação. Primeiro livro, complementação. O aluno já sabia ler e escrever passava para ler o livro. Fazia festinha, entregava o livro para ele.

E todos pegavam o livro de leitura juntos, dona Geny?

Pegava. Todos pegavam o mesmo livro. A gente dava composição, dava composição. Como que a gente fala, na frente do aluno a gente explorava, explorava a gravura na frente da sala de aula. O que vocês estão vendo aqui? Uma gravura.

Eu queria que você visse um probleminha. Que dava problema escrito na sala. Você pôs cálculo mental? Matemática, cálculo mental, nossa a gente dava na sala de aula. Matemática: cálculos mentais, escrevia no quadro, cálculos mentais, se quisesse. Por exemplo, Maria, Maria ganhou doze maçãs e uma, e, por exemplo, quatro peras. Quantas frutas Maria ganhou? Era assim, cálculo mental, era assim, sabe? Então eu somava doze mais quatro. E estava escrito lá primeiro, primeiro cálculo, segundo cálculo, terceiro, dava até quatro só, sabe? Até quatro. Cálculo mental, pôs aí.

Os alunos faziam os cálculos de cabeça.

Isso aí. Você pode até por aí, cálculo mental, o professor ditava e o aluno respondia no seu caderno a resposta certa. O professor ditava e o aluno respondia de acordo, de acordo com, de acordo com que a gente fala, de acordo com as aulas, não é, com as aulas de matemática. De acordo, não sei como a gente faria esse de acordo aí. De acordo com a matéria.

Tinha multiplicação. Aqui, escrever de dez em dez. Quantos lápis há em uma caixa que tem: três dezenas de lápis e nove unidades. Isso aí servia para quando você estava dando dezenas. Você não vai dar um cálculo mental que tem, por exemplo, setenta, quarenta, se você ensinou, na sua classe, até dez e começa com o numeral cinco.

Cálculos e escrever os números também, como eu queria que você visse as cartilhas que eu tenho. Aqui, olha, dava muito isso aqui assim: aprender a escrever os números: um, dois, três, quatro. Olha aqui, olha, contar rapidamente, a gente falava quatro mais três, supondo no cálculo mental, não é? Quatro mais quatro, oito, três mais dois, cinco, a gente passava isso e

eles respondiam. Mas se eles não tinham consciência de que você estava ensinando até sete, aí eles não iam saber responder. Você tinha que ensinar, você tinha que ensinar até sete.

Quatro mais dois é igual a seis; três mais três, igual a seis, cinco mais um, igual a seis. Olha aqui, cálculo mental, está vendo? Olha aqui um tipo de tabuada, olha. Que tem hoje que não sabe, olha aqui, “Joãozinho tem quatro bolas, comprou mais três, com quantas bolas ficou? Olha aqui, olha. Soma as bolas e depois faz a continha, olha lá. Para ensinar o aluno fazer continha. Saber, quatro mais três, quatro mais três... quatro bolinhas mais três, então a gente corrige no quadro, isso aqui é problema escrito. Na cesta havia sete ovos, colocou mais dois, quantos ovos ficaram? Olha agora põe dois mais sete. Aí iria estar trabalhando aqui com numeral, com numeral, aqui ia estar trabalhando com o numeral dois. Pera aí, quantas flores têm no ramo, aqui é subtração agora. Agora teve uma época lá que eu usava assim, por exemplo, quer ver? Cinco mais dois, igual a sete, não é? Agora, sete menos dois, sabe? Para ensinar a ele que pode somar e pode diminuir, igual a cinco, sabe? Quer dizer que ele tinha sete, tirou dois e ficou com cinco. Joana tinha sete moedas, ela dá quatro para pagar e ela ficou com três, é a mesma coisa aqui, olha. Tinha sete, quatro, ficou com três, sete moedas menos quatro, ficou com três. Só é quem trabalha com isso aí é o professor. Então ensina subtração, a soma e a subtração ao mesmo tempo. Tem um método agora assim, quase nos últimos anos que eu aposentei estava ensinando assim, sabe? É, somava e diminuía, sabe? Não ficava só somando, somando, para depois ir diminuir, não. Entrava na família do sete, entrava na família, entrava na família do sete, três mais cinco, três mais quatro, quatro mais três, era sempre assim, olha. Quatro mais três, três mais quatro, sabe? Você põe aí um mais cinco, que dá sete, não é? Dois, não é? Olha, está vendo? Olha, tudo dá sete, olha. Você está ensinando o numeral sete e depois vem a subtração também. Isso aqui, sete menos esse, esse, esse e esse, isso aqui é o que sobrou.

Ah eu trabalhei demais. Agora você pode por aí essa observação: com o método antigo, o professor trabalhava mais do que o aluno. Ou o professor tinha que trabalhar muito para obter bom resultado.

Não esquece das gravuras, assim,, não. Hoje não tem mais, não tem mais. Complete, um mais três, mais quanto que dá sete, quanto que faltou aqui, por exemplo, não é, quanto que eu tenho que completar? Um mais dois, três mais. Três mais três, mais quatro e põe aqui, o aluno é que descobre. Acabava que o aluno trabalhava muito também. Mas a gente não punha esses “trem doido” na mão deles, se não ia sair nada.

Tinha livro de matemática?

O aluno não, o aluno nunca teve.

Só a cartilha?

Somente a cartilha.

O restante do material vocês produziam?

É, tudo mimeografado. Era muita coisa. Daqui dá para você tirar probleminha. (livro de matemática) cálculo mental é muito importante. Começa com coisinha pequena na sala de aula. A não ser que atualmente o professor tá, está ajudando, ou a diretoria passa como é que chama gente.

Informações?

Planejamento ajudando. A não ser que a diretora passa planejamento, não é? Porque isso aqui o programa de ensino pedia.

O programa de ensino?

Eu não falei no programa de ensino, falei?

Não falamos.

Põe essa observação aí o programa de ensino, o diretor, vinha da secretaria, nós seguíamos o programa de ensino. O programa de ensino vinha da secretaria.

Você não pode esquecer assim o dia do professor, eu falei aí aquela poesia de Paulo Freire, falando sobre o professor, não é?

Queria mostrar a cópia desse documento para a senhora ver (documento copiado da escola no qual eram anotadas as notas dos alunos), o livro onde vocês anotavam as notas dos alunos. Deixe-me achar um aqui que está o nome da senhora? Aqui a senhora vai ver o nome de alguns alunos, a letra da senhora. Esse aqui é da dona Edir, que a senhora falou.

Essa daí está parecendo a letra da Edir. (é da Edir) o quê que tem isso aqui.

Esses eram os registros das avaliações, e eu estou procurando o que está com o nome da senhora.

A ata de exames que todo ano o professor fazia. A Edir foi boa professora, boa professora. Olha, 1963, o ano que eu fui para lá, olha, junho de 1963, eu já estava como efetiva.

Dona Geny, este aqui tem o nome da senhora.

Cadê meu nome aqui? Primeira série, língua pátria, aritmética, como chamava naquela época. Ciências naturais também tinha. Nas ciências naturais a gente falava sobre.. sobre.. ciências, entrava a história. Falava sobre história, por exemplo, 21 de abril, vou contar uma história do dia 21 de abril, Tiradentes. Na época eu levava o retrato de Tiradentes, eu desenhava a.. aonde Tiradentes subiu assim para ser enforcado, eu desenha para eles. Desenhava, aqui a mesa, a corda. E aqui então Tiradentes a gente desenhava.. um bonequinho aqui, e vinha e puxava a corda. E essa corda vinha, entrava no pescoço de Tiradentes e esse aqui puxava a corda e Tiradentes morria enforcado. Por que ele morreu enforcado, você sabe? (Por quê?) Porque naquela época o governo.. é, naquela época ele.. o governo, o que que o governo fazia gente? Quem ia contra o governo era enforcado, morria enforcado. Tiradentes foi contra o governo porque ele era da cavalaria alferes e saía pelas fazendas e teve a oportunidade de ver, de ver, em que ano foi esse, foi em 63. Então ele teve a oportunidade de ver a pobreza, a pobreza naquela redondeza toda, e ele foi contra o governo. Aí ele foi contra o governo e foi chamado a morrer. Morria enforcado, naquela época, morria enforcado, aquele que ia contra o governo. E sabe o que é que ele disse? Jurei morrer pela liberdade, mas cumprio minha palavra.

Voltando a ata. Observei que primeiro mostra o nome dos meninos e depois mostra o nome das meninas. Mas era uma sala só?

Uma sala só. Só era separado aí, masculino e feminino.

Também anotava a idade das crianças

Tudo, põe tudo.

AVALIAÇÃO

E como que eram as avaliações?

Você fazia durante o tempo da classe. Por exemplo, essa aluna que melhorou, se ela estava com zero eu devo ter dado para ela um sete ou oito pela avaliação.

E as avaliações, eram como aquelas provinhas que a senhora me mostrou?

É, é, composição, às vezes, um treino ortográfico, mas era melhor era com aquela ali. Essa prova⁴⁵ aqui olha. Dava no meio do ano uma prova como essa aqui.

Essas avaliações que constavam dessa ata eram realizadas só no final do ano?

Não sei, esse aqui deve ser, não sei.

O que era avaliado? As composições, as leituras, o que mais?

Interpretação.

No caso da matemática, das ciências, também tinha provinha?

Tinha, tinha exercício. No fim do mês você dava uma prova de linguagem completa. Tinha o ditado, tinha a leitura com perguntas e tudo e tudo. Dava ditado igualzinho isso aqui, olha. Entrava tudo isso aqui. Tudo o que você deu, tudo o que você deu entrava aqui. Se você ensinou história, você dava aqui, se você ensinou plural dava aqui, se você ensinou feminino dava aqui. Você dava na classe, isso aí é prova final, você dava de acordo com o que você ensinou. Trabalhava com a planta. A planta, como a planta respirava, olha aqui olha.

E isso era conteúdo da primeira série?

Primeira série. Na primeira série dava isso aqui. Por que essa plantinha está assim? Por que ela está caída aqui? Por quê? Faltou ar e também água para ela. Olha lá, essa aqui teve sol, cresceu bonita, essa aqui morreu.

Havia prova oral?

Não lembro. Para os alunos repetentes, não! Prova oral acho que foi no quarto ano. Não posso falar porque eu não estou lembrada de dar prova oral.

A senhora disse que trabalhou com classe de iniciantes e classe de repetentes, era diferente o jeito de trabalhar?

Era diferente. Porque um era alfabetizado, não, era quase o mesmo jeito. Começava tudo de novo. Começava tudo de novo.

E as salas eram separadas? As crianças, que eram repetentes, iam para uma sala específica?

{ concorda com a cabeça } Repetente, repetente.

Como era feito o planejamento? Para o semestre todo?

É o primeiro semestre.

E depois, já fazia para todas as aulas, cada aula, para tudo que você ia fazer? Ou era um planejamento geral e depois.

Tinha que ter o planejamento, tinha que ter o planejamento, por exemplo, linguagem, matemática, ciências, quando chegava o dia de dar aquela aula sabia que tinha ciências, matemática, ciências.

⁴⁵ anexo

A senhora achava que tinha alguma coisa assim que dificultava o trabalho da senhora?

Achava, por exemplo, que a cartilha que melhorava a sala de aula, não, o professor trabalhava muito na sala de aula empregando também os métodos de ensino dele. Quer dizer o conhecimento, não é, o conhecimento que o professor tinha, fazendo pesquisa, fazendo pesquisa, o professor fazia pesquisa. Uma vez eu fui, fui lá perto da igreja Nossa Senhora da Aparecida para uma colega me ensinar como que eu deveria dar uma aula, não sei se é de linguagem, não sei o que era. Ela me recebeu com a maior falta de educação, arrancou uma folha assim, olha aqui, segue isso aí, pega isso aí. É isso aí que a gente encontrou no magistério.

Que importância tinha uma alfabetizadora para as crianças, a escola, a família e a sociedade? (qual a representação da profissão)

Não tinha valor nenhum.

Não tinha valor nenhum?

Era professora. Bom, eu estou falando, pelo menos eu tive muito valor. Eu fui muito querida e estimada pelos meus alunos. Até hoje me encontro com alunos me cumprimentando, me abraçando, com saudades do tempo que foram meus alunos. Eu te contei da Unaide, eu encontrei com ela na praça, e ela me abraçou e disse: Geny, Dona Geny, saudades da senhora. Eu lecionei, me aposentei com a imagem da senhora, isso é muito bonito.

Que marcas ser professora alfabetizadora deixou na sua vida? Lembranças positivas, lembrança negativas?

Tudo positiva. Tudo positiva, pode escrever, tudo positiva. Lecionei por amor, você pode por aí, Lecionei por amor.

Tem mais alguma lembrança do Grupo Escolar Clarimundo Carneiro? (professores, rede física, etc) O que a senhora lembra do Clarimundo? Lembra-se de mais alguma professora? A senhora já me falou, por exemplo, da Edir Lobato, quem mais que trabalhou com a senhora, que a senhora tem recordação?

A Nicelêa, não, é a Erondina, Maria da Glória. Erondina, Maria da Glória, Silvia da Silva, o que eu estou lembrando.

RELACIONAMENTO COM A DIRETORA

E como que era o relacionamento da senhora com elas?

Relacionamento bom, havendo entrosamento de planos de aula.

E com a diretora? Como que era?

Sempre respeitei, dentro dos direitos dela.

Foram várias diretoras nesse período?

É

Como que elas tratavam vocês?.. Também respeitavam?

Respeitavam. O professor também era respeitado pela diretora.

Lembra-se de algum aluno?

Te contei da Unaide, daquela menina da “melhorou da água para o vinho”

Como que era o nome dela? Essa é a Unaide?

Não a Unaide é a da, como que era, Dona Geny, lecionei e me aposentei com a imagem da senhora na sala de aula. Dona Geny, lecionei e me aposentei com a imagem da senhora na sala de aula.

E a que melhorou da água para o vinho qual que foi?

Aluna, ex-aluna. Disse, como é que é, não me esqueci da senhora, como é que é, não me esqueci, não me esqueci da senhora... como aluna fraca melhorei através do esforço da senhora. Numa prova tirei boa nota e a senhora disse, a senhora disse: Parabéns, você melhorou da água para o vinho, não é, você melhorou da água para o vinho. E ela nunca esqueceu dessa frase não é, dessa frase, não, como é que a gente fala? Dessa frase, dessa sentença, deste cumprimento, dessa saudação, não é, como que é?

Nunca me esqueci da senhora dizer. E.. essa aluna formou, lecionou com a lembrança dessa frase. E um dia ela me disse: - Dona Geny, nunca me esqueci da senhora me dizer: você melhorou da água para o vinho. E até hoje eu encontro com aluno me dizendo, ô dona Geny. Outro dia me encontrei com um, Luiz Alberto, Luiz Humberto, me cumprimentando. Encontro com aluno me cumprimentando, me abraçando, com saudades. {pausa} Hoje tenho médico, dentista, professores, pedreiros, marceneiros, que foram meus alunos. Hoje, tenho professores, como é que é, professores, médicos que foram meus alunos.

CONVERSA ANTERIOR SOBRE A APRESENTAÇÃO DOS ÁLBUNS DE FOTO DO GRUPO ESCOLAR CLARIMUNDO CARNEIRO**No Grupo Clarimundo Carneiro, a senhora ficou muito anos?**

Até me aposentar. Com os 9, 8 (anos) que eu tinha de prefeitura o resto terminei lá.

Eu já estava doidinha pra me aposentar, já estava até escrevendo errado, “caducona” de tudo, de tanto trabalhar. Comecei a lecionar em 1947, não, em 1949, não sei se foi em 1947, é que depois em 1947 é que eu fiquei confusa, até que eu fiquei viúva, em fevereiro de 1947, e no mesmo ano, em 1947 eu comecei a lecionar. Em 1947, eu comecei a lecionar.

A senhora gostaria de acrescentar mais alguma coisa?

Não me lembro de mais nada.

Então eu agradeço por sua entrevista.

Espero ter ajudado.

Ajudou bastante, muito obrigada pela sua atenção.



Universidade Federal de Uberlândia
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação

TERMO DE CESSÃO

Pelo presente documento, eu NEUSA FERNANDES SILVA,
brasileira, carteira de identidade nº M553423 SSP/MG, cede e transfere neste ato,
gratuitamente, em caráter universal e definitivo à Universidade Federal de Uberlândia, a
totalidade dos seus direitos patrimoniais de autor sobre o depoimento oral corrigido prestado a
pesquisadora Vanessa Lepick, portadora do RG nº M6-174.363 SSP/MG.

Fica, pois a Universidade Federal de Uberlândia, plenamente autorizada a utilizar as fotos,
encontradas no Arquivo Público Municipal, no Arquivo da Escola Estadual Clarimundo
Carneiro e o referido depoimento, no todo ou em parte, editado ou integral, inclusive cedendo
seus direitos a terceiros, no Brasil e/ou exterior.

Sendo esta a forma legítima e eficaz que representa legalmente os nossos interesses, assinam o
presente documento em 02 (duas) vias de igual teor e para um só efeito.

Uberlândia, 10 de januário de 2013

Neusa Fernandes Silva
Assinatura

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
PESQUISA DE MESTRADO
Modos de Alfabetizar no Grupo Escolar Clarimundo Carneiro no Período de 1963 a 1973
Pesquisadora Vanessa Lepick

DADOS PESSOAIS:

Nome: Fernandes

Data de nascimento: 11 de agosto de 1938.

Estado civil: Viúva.

Naturalidade: Martinésia, distrito de Uberlândia.

Período em que atuou como alfabetizadora: Toda a vida.

LEMBRANÇAS DA ALFABETIZAÇÃO

Quais lembranças que a senhora têm de quando a senhora foi alfabetizada?

Eu iniciei minha alfabetização na fazenda, perto de Martinésia, porque meu pai tinha uma fazenda pertinho de Martinésia. E lá a alfabetização era aquela Cartilha da Infância, começava mesmo pelo A, E, I, O, U. A maior dificuldade que eu tive foi quando foi para unir o A mais o I, aí, EU, era um horror, agora você imagina quantos anos eu tinha, era "petitinha".

E os professores de lá eram professores formados, a senhora se lembra?

Não, sei lá. Era numa casa, com uma mesa bem grande, então colocava uns bancos e eram todas as séries misturadas: primeira, segunda terceira e quarta série, tudo junto. Então o professor te mandava escrever uma coisa ia lá te tomava a lição.

A senhora se lembrava do nome?

Tinha o Seu Jovino, não sei o sobrenome, mas este ficou bem gravado na memória. E tinha outra mulher que se chamava Divina Machado. Então, ela tinha uma sala em um sítio próximo, que era bem próximo do nosso, mas quem pagava ela era a prefeitura não era o estado.

Os pais não tinham que pagar nada?

Os pais não pagavam, mas ela recebia. Então tinha o seu Jovino também era desta mesma coisa.

Mas não era no mesmo lugar?

O Seu Jovino já era em outro lugar. A casa já era própria para escola, era um barracão, lá tinha as carteiras e tinha o quadro, lá onde era a Divina, ela não tinha o quadro.

Mas a senhora começou com esta Divina?

Foi no início, mas foi. Porque daí a gente foi lá para este seu Jovino, porque a prefeitura mandou este professor para lá, mas era mais retirada, era uma meia légua da minha casa, de onde eu morava.

Mas será que ele era professor mesmo?

Ele era professor, mas devia ser leigo, porque naquele tempo não tinha, quando eu comecei também era leiga, não tinha ninguém formado, era uma realidade. Até aqui mesmo no Clarimundo tinham muitas que eram leigas, aí com o tempo elas foram fazer o Normal, o magistério. Naquele tempo, também tinha um Senhor, o Senhor Branquinho, o nome dele mesmo eu não lembro, porque ele era bem claro, ele foi depois do Sr. Jovino. Foi quando meus pais mudaram para Uberlândia. Quando meu pai mudou para Uberlândia, eu já estava com onze anos. Chegou aqui a gente fez um teste, eu fui estudar lá no Dr. Duarte, era um teste, era no meio do ano, era para ver o que eu sabia e o que eu não sabia. A gente já lia e escrevia, mas não sabia, por exemplo, compor uma frase. Daí eu fiquei no primeiro ano novamente, fui até o final do ano e depois eu já fui para a segunda série, terceira e quarta. Quando saí foi para fazer admissão, a gente prestava uma prova para saber se a gente podia passar para a quinta série.

Ainda sobre quando a senhora foi alfabetizada, quais materiais que a senhora se lembra de terem sido utilizados?

Tinha a lousa, nós tínhamos as nossas.

Era Lousa comum, estas de giz?

Destas comuns mesmo, mas nós tínhamos um lápis de escrever nela, devia ser tipo de um giz mesmo.

Não usava caderno?

Usava muito pouco o caderno, usava mais esta lousa que a gente usava e apagava e depois fazia de novo.

Quando era com o Sr. Jovino eram misturadas todas as séries?

E na D. Divina também era. Era a fila do primeiro, aqui do segundo e assim por diante.

Ela ia às mesas e passava as orientações?

É, porque não tinha mimeógrafo, era no quadro e dividia o quadro também.

Pelo que a senhora contou, a senhora aprendeu alguma coisa, mas tinha dificuldades, tanto que quando chegou aqui em Uberlândia precisou retornar ao primeiro ano, mas a senhora já tinha terminado?

Não tinha sequência. A gente também entrou mais tarde, e também não tinha sequência. Eles largavam a escola, passava um tempo e não queriam mais ficar, não tinha muita sequência. Meus irmãos vieram, prestaram a admissão e já foram para a quinta série. Eu tenho dois irmãos homens e os dois fizeram isto também, estudaram lá na roça, porque lá eles eram mais velhos. Eu não lembro se faltava muito, não sei porque nós tivemos que voltar para o primeiro ano, eu e minha irmã mais nova, aí nós fomos caminhando juntas.

FORMAÇÃO PARA O MAGISTÉRIO

E a senhora fez o Normal onde?

A gente fazia o Normal depois da oitava série. Porque quem não ia fazer o Normal, ia fazer contabilidade. Só existiam estes dois cursos, o Normal ou contabilidade, não tinha este

terceiro colegial para depois prestar vestibular não. Depois de muitos anos é que veio pedagogia, veio supervisão, foi bem depois.

A senhora foi fazer supervisão onde?

NO ABRACEC, porque lá era Escola Estadual Brasil Central, onde eu fiz a oitava série, e eu fiz o Normal lá, porque só tinha o Normal no Colégio Brasil Central e no colégio das irmãs, que era o Colégio Nossa Senhora, e a contabilidade só lá no Liceu. O Liceu era aqui na praça onde era o terminal, aquele de lado ali era o Liceu. Então tinha estas duas faculdades, escolas com curso superior Normal e contabilidade, depois de muito tempo, é que vieram outras faculdades, foi quando eu casei, fui criar filho daí não tinha como.

E a senhora fazia à noite?

Estudava a noite.

Mas, a senhora fez supervisão, mas a senhora chegou a atuar na área?

Muito pouco, mas eu fui supervisora.

Além do Normal e do curso superior em supervisão a senhora fez mais algum curso? O estado oferecia algum curso?

Tinha. Assim como houve aquele encontro, sempre teve. Aonde é o Anchieta, aquele colégio que tem ali descendo para a rodoviária, onde agora é a biblioteca, tem uma escola lá, como é que chama? Pois ali era o antigo Anchieta. Vinha pessoal de Belo Horizonte, mesmo aqui entre nós e as diretoras. Então a gente estava sempre se atualizando.

Mas isto era cobrado? Ou participava quem queria?

A gente era obrigada a ir porque os diretores obrigavam.

Mas participar desses cursos resultava em alguma melhoria?

Melhorava dentro da escola, na aprendizagem, mas no salário não. No salário nunca teve nada que alterou nosso salário não. Sempre era a mesma coisa, aumentava assim, de três em três anos, sei lá, quinquênio.

A senhora comentou que a turma de vocês, das alfabetizadoras, era muito unida e que vocês se reuniam constantemente na casa uma da outra para poderem estudar, arrumar os planos de aulas para trabalhar, era assim mesmo?

Então, foi o que eu disse para você, tudo o que a gente ia fazer, a gente reunia. Já a Edir, a Célia, a Ieda e acho que a Maria Eurípedes, a turma delas era dos novatinhos. O nível das salas delas era diferente e, eu nunca participei de uma atividade com a Edir. Já minha turma era outra, era a da Erondina, da Geny.

ATUAÇÃO PROFISSIONAL

A senhora atuou como supervisora? Mas senhora falou que para acrescentar o diploma teria de trabalhar mais tempo.

Eu prestei concurso para Supervisão e como tinha poucas vagas para Uberlândia, prestei para Campina Verde porque lá tinha mais vagas. Eu pedi para lá porque eu estava a pouco tempo de aposentar. Pedi minha remoção, logo aposentei no primeiro cargo e fiquei só no segundo

cargo. Eu trabalhei como supervisora um ano e pouco. Aconteceu o seguinte, eu já tinha a faculdade de supervisão e a Neide (Neide Fernandes – irmã e diretora) me colocou para trabalhar na supervisão, só que ela me colocou em uma sala vaga porque ela não achou que alguém fosse pedir remoção para a Escola Estadual Clarimundo Carneiro, mas uma pessoa pediu remoção para lá e como esse cargo era vago eu tive que sair, a Nice Léa Veloso do Rosário ficou como supervisora, e eu tive de voltar para a sala de aula. E na nossa época professora trabalhava. Você tinha de fazer cartazes das leituras que você ia aplicar, você tinha de fazer quadros valor de lugar, você tinha de fazer a tabuada relâmpago, tudo em cartão, tinha todo esse material. Se você ia dar a tabuada de multiplicar do dois você tinha todos os cartões para o menino responder com maior agilidade. Hoje, acho que nem plano de aulas as professoras têm. E nós fazíamos concorrência para ver quem fazia o plano de aula mais bonito, quem ia dar a leitura mais bonita, todo desenhado, todo florido. Quando eu trabalhava no Dr. Duarte, a minha diretora incentivava muito a gente, então ela punha assim bilhetinhos, escrevia assim do lado, leitura bem elaborada, ótimo, oportuno. Então a gente fazia um plano para desfilarmos mesmo, às vezes, tinham muitas professoras que falavam : você me empresta seu plano, porque fulana falou que você tem um plano de aula bonito, aí ia embora e não voltava mais. Olha o meu caderno de, como que chama este que a gente faz quando termina a faculdade, como que chama monografia. Se você vê o meu. É, eu emprestei e nunca mais vi.

A senhora falou que a maneira como foi alfabetizada que era com a Cartilha da Infância. Começava com o A, E, I, O ,U, para depois passar para as sílabas, palavras e assim por diante. E a senhora também comentou que começou a dar aula antes mesmo de terminar o curso Normal. E quando a senhora se tornou professora alfabetizadora como a senhora conduzia as aulas?

Eu estava fazendo a sétima série e sempre gostei de lecionar. Sempre gostei de criança e tinha a necessidade também. Naquele tempo ninguém trabalhava em loja, ninguém trabalhava em comércio. Meu pai quebrou e por isso nós tivemos que trabalhar cedo. Como ele tinha muita influência política nós conseguimos trabalhar, lecionar, não tinha o Normal, não tinha nada.

A senhora tinha o quê, quantos anos?

Eu devia ter uns dezessete para dezoito anos. Eu creio que foi com essa idade. Quer ver, eu comecei a trabalhar não sei se foi em 54 ou 55, mas foi lá nas Tabocas, nas Escolas Conjuntas do Bom Jesus, eu a Nelzi e uma menina que se chamava Lúcia. E eu morava aqui na Vasconcelos e trabalhava para lá do Moinho de trigo.

E alfabetizando desde o comecinho?

Desde o comecinho, não tinha nada, dava aula de relembrar o que tinha acontecido comigo no Dr. Duarte quando eu fui aluna.

Aprendeu a dar aula na prática?

E sempre igual eu estava te falando, a inspetora ia ver como a gente estava fazendo, que senão você não ficava. E era da prefeitura neste tempo, eu trabalhava lá pela prefeitura, e sabe quantos meses a gente levava para receber?

Quantos?

Uns seis, sete meses. Aí vinha um pouquinho, depois vinha outro pouquinho.

Não era um salário mensal?

(risos) Não. E eu nem sei quanto que era, não me lembro, sei que era deste jeito.

E tinha alguém que ajudava com alguma orientação?

Tinha as reuniões do dia de sábado. Todo o sábado tinha reunião com a diretora, que nem sempre foi a Nilza, porque eu te falei que ela saiu, mas ela ia lá explicar o que a gente ia dar. E você tinha de seguir o programa porque exigiam da gente seguir o Programa de Ensino. E como a gente se interessava e precisava trabalhar a gente chegava lá e aplicava.

E como a senhora seguia um planejamento de acordo com o que vinha de Belo Horizonte, ou não?

Tinha o Programa de Ensino que a gente tinha de acompanhar.

E neste Programa de Ensino tinha método de alfabetização?

Não falava o método, só falava o que você tinha de trabalhar. Por exemplo, para poder passar do primeiro ano para o segundo, ele tinha que saber ler corretamente, ele tinha que ter um bom raciocínio, porque senão não passava. Por isto que o ensino era muito rígido. Tinha menino que ficava três anos na primeira série, porque se ele não era bem trabalhado para ele ter um bom desenvolvimento, um bom raciocínio. Ele não dava conta de fazer a prova, é igual vestibular hoje, o aluno chega lá e recebe o caderninho e, além de tudo, ficavam uma ou duas na sua sala te ajudando.

GRUPO

E quando deixou de ser Grupo para ser escola estadual houve alguma mudança significativa na forma de trabalhar?

Teve, porque foi quando começou a quinta a oitava série na escola. Iniciou só à noite, mas houve muitos problemas porque estas salas estavam funcionando no Osvaldo Resende, de quinta a oitava, aí como a escola aqui era mais bem centralizada, eles transferiram para o Clarimundo, política. Então o que aconteceu: à noite era primário, mas era para aqueles lá, não sei como fala, adultos, então os nossos alunos passaram para o Osvaldo Resende. Então houve assim, uma revolta dos nossos alunos por terem de ir lá para o Osvaldo Resende, e também os de quinta à oitava do Osvaldo Resende para o Clarimundo. E quando foi no ano seguinte, os nossos alunos de quarta série já passaram para a quinta série de manhã, mas gradativamente, e depois teve sexta, depois teve sétima e oitava séries.

Depois que o Clarimundo deixou de ser grupo que passou a oferecer vagas de quinta a oitava séries?

É aí passou a ser Escola Estadual Clarimundo Carneiro. E daí tinha duas diretoras, a diretora de quinta à oitava série, que era a Edna, e tinha a de primeira à quarta série, que era a Neide.

Mas a senhora acha que isso mudou alguma coisa em relação ao primário?

Mudou muito. O primário começou a ter uma decadência, pois ficaram menos salas de primário. E as professoras que tinham qualquer curso superior foram para quinta a oitava série. E também houve muitos transtornos. Mesmo relacionado entre as diretoras, porque tinham uma realidade diferente. A Neide trabalhava muito para conservar a escola, e a que trabalhava com as séries de quinta à oitava não tinha o mesmo cuidado. Porque os professores e alunos de quinta à oitava se sentiam donos da escola e coisa e tal. Assim, mudou muito, muito mesmo. Houve muita divergência, porque a Edna falava assim, isto aqui não é do primário, é da quinta à oitava.

Disputa de material?

Isso, disputa de material, de onde guardava, na biblioteca, por tudo.

E o professor de quinta à oitava série era melhor remunerado?

Sempre foi.

E por isso as professoras que já trabalhavam há bastante tempo no primário queriam trabalhar de quinta à oitava série?

Por exemplo, a Horizontina, era professora de primeiro ano, aí ela tinha Português, ela foi para o Português de quinta à oitava, e assim foram muitas, quem tinha história, quem tinha geografia.

Foi preciso refazer a equipe?

E a Neide sempre foi muito exigente com a aprendizagem e quando aconteceu a mudança, muitas das nossas professoras que estavam acostumadas a trabalhar de primeira à quarta série, foram trabalhar com as turmas de quinta à oitava e veio gente nova. E quando a Neide assumiu a direção geral, porque a outra saiu, aí melhorou e houve mais entrosamento. Mas antes houve muita coisa desagradável, por exemplo, na secretaria tinha gente para atender os alunos de quinta à oitava e tinha outros para atender de primeiro à quarta, tudo errado. Não teve unicidade, não teve porque a Edna trouxe as meninas de lá (Osvaldo Rezende) e teve de juntar com as da nossa escola. E a escrita, as pastas, as coisas dos alunos estão tudo naquele fichário lá, e os nossos foram para lá, e a Neide toda vida foi muito ciumenta do serviço dela, foi muito difícil esta etapa, foram uns dois anos que não foram anos muito agradáveis.

PRÁTICAS DE ENSINO

Eu quero que a senhora me conte como que a senhora alfabetizava? Como eram as aulas, os exercícios? A senhora me falou que começou com a cartilha Caminho Suave, o que a senhora puder me contar disto.

O método da cartilha Caminho Suave é a silabação, quase igual à Cartilha da Infância, só que mais um pouquinho evoluído. No início mesmo, tanto da Edir e isto ela vai te falar, e todas nós. A primeira coisa que a gente fazia era desenvolver a coordenação motora. Isto independente de ser uma sala iniciante ou não, era coordenação motora, porque o iniciante chegava sem saber nada. Hoje, as crianças já chegam um pouco melhor, por causa da educação infantil, naquele tempo não existia isto não, o menino, às vezes, até furava o caderninho de tanto apagar e fazer uma letrinha. E depois, por exemplo, a minha turma que era dos maiores, a gente começava com as sílabas para poder juntar e formar palavras, porque eles já tinham um conhecimento anterior. Foi quando veio o Método Global e logo eu amadureci, mais eu fui introduzir e fazia a mesma “coisa do iniciante”.

Mas demorou quanto tempo para começar mesmo no Método Global?

Eu acho que no segundo ano ou terceiro ano que tive conhecimento, porque eu pegava sempre o mesmo tipo de aluno.

Mas isto foi depois da jornada pedagógica?

Foi. Antes todo mundo lecionava no Caminho Suave, não sei se a Edir pegou silabação.

E seguia a cartilha Caminho Suave, todas as crianças tinham a cartilha, recebiam ou os pais compravam?

Tinham, os pais compravam, não tinha nada do estado não.

E todos os pais compravam?

Eu não sei se quando algum aluno não tinha, se a caixa escolar comprava para alguns, porque a caixa escolar sempre mandava lápis, caderno.

Mas isto para aqueles que não tinham condição ou para todos?

Para aqueles que não tinham condição. Eles ganhavam um caderninho, daqueles bem ruinzinhos, borracha, lápis, eles recebiam.

Quando começou a usar o Método Global, outra professora comentou comigo, que ela fazia um plano para a Diretora e um plano do que ela ia trabalhar, porque segundo ela a diretora cobrava que fosse o Método Global. Mas como será que ela fazia com a cartilha, será que era a mesma cartilha das salas que trabalhavam com o Método Global?

Eu não estou lembrada, mas eu acho que os meninos não tinham o livro não, usavam os cartazes, eu acho que era, mas eu não tenho muito lembrança.

A gente fazia tudo em cartaz, em cartolina, porque chegava na sala a gente ia cortar na frente dos meninos os pedacinhos para poder trabalhar com eles. E você via na carteira eles tinham os pedacinhos e formavam as frases, as palavras. Aí vamos ver quantas palavras, quantas frases a gente podia formar. Eu tinha aluno que formava cem palavrinhas. Nossa, me deu saudade do meu tempo.

Este livro aqui é o do mestre.

É, de como você vai dar aula. Esta parte do professor era raro você ganhar uma, porque eles não mandavam para a gente. Eu tinha o meu, porque quando nós fizemos o curso lá em Patos de Minas, nós ganhamos. Lá a gente ganhou da Lúcia Casasanta, igualzinho esse aqui. A gente vai levar o menino a querer conhecer os porquinhos. Ah, mas isto aqui é gostoso demais. Mas é o que eu estava te falando, pra dar aula, a gente já nasce com isso. Eu tinha uma sobrinha, que é a menininha da Neide, que faleceu. Na minha casa tinha um muro assim, eu mandei pintar e fiz um quadro daquilo ali. Mas você vê que gracinha, ela chegava lá, ela era pequenininha, e dava aula. Também todas as tias e a mãe eram professoras. Então ela dava aula assim. Agora nós não, eu e a Neuzi nós morávamos na roça, minha mãe mal assinava o nome, não tinha ninguém assim que passou isto para nós, acho que foi nato mesmo, sei lá veio no sangue, ser professora. É bom, mas é muito sofrido e muito mal remunerado. Se bem que agora tem muitas possibilidades das pessoas crescerem, mas no nosso tempo não tinha, não adiantava querer fazer um curso, a não ser que fosse para fora daqui. Mas era ser professora e pronto e acabou. E eles não valorizam quem está lá dentro da sala, por isto que o pessoal hoje está muito preguiçoso. Hoje não querem, mas também para quê? Porque o problema do ensino chama-se SEQUÊNCIA, então por isto que você tem de avaliar de vez em quando para ver onde precisa atacar. Qual a sílaba? Qual a dificuldade que os meninos estão tendo? Eu vejo meu neto aqui, então ele faz assim, não tem o porquê que eles estão fazendo isto ou aquilo. Porque isto aí é que desenvolve o raciocínio da criança, é ele saber o que é que ele está fazendo, porque que você está ligando o A com o D? O que formou aquele pedacinho? Porque a gente falava pedacinho. Hoje eu não sei, vai aprendendo tudo mecanicamente, não tem ninguém que leva o menino saber o que ele está fazendo. Por exemplo, o Felipe (bisneto) está

aprendendo adição. Eu chego e falo: meu filho, não é deste lado que começa. E ele fala assim: ô vó, minha professora não falou isto. Vamos ter que ir lá para conversar com ela porque ele não está fazendo, e na hora em que ele fizer reverso, ele não vai saber fazer, e ele estuda aqui no Mais Positivo.

Gostaria que a senhora me contasse um pouco como era os exercícios, o que você fazia?

Quando a gente começou era isto aí. Só mesmo depois que a gente começava com as aulas que nós tivemos com as pessoas especializadas que a gente viu, e começou a pensar assim, gente tem que ter o treino ortográfico, mas o que você fazia? Lia com os meninos, fazia ir lá ao quadro e tal, depois chegava em casa mandava copiar, que eles demoravam muito passar para a letra cursiva, e eles tinham aquelas dificuldades. Chegava em casa e você punha eles olhar na cartilha e passava no quadro para copiar. Era cópia e estudar a lição. Depois você começava a ditar as sílabas, dado, dia, Deus, aquilo ali. Depois que eu fui aprendendo, porque eu fui dar aula com a cara e a coragem, tadinho deles. Então a Neusa dava reuniões no dia de sábado e aí foi nos instruindo naquilo que a gente tinha precisava fazer para ver se eles já tinham aprendido..

A senhora tem ideia de quando foi, quando vocês puderam fazer as provas? Será que já tinha mudado para escola estadual ou quando ainda era grupo?

Olha, eu acho que enquanto foi grupo vinha do estado, só depois é que nós começamos a elaborar as provas, que eu não me lembro da Dona Dina (diretora) corrigir provas, era só a Neide (diretora).

Então quem corrigia as provas era a diretora?

Era ela mesma que olhava, por exemplo, assim quando era uma questão que ela não gostava ela tirava, chamava a gente para mudar.

Ela corrigia prova que o professor elaborava e não a dos alunos?

Não era a que nós que fazíamos. Às vezes era assim também, eu corrigia as provas de uma sala, a outra corrigia as da minha, às vezes, havia troca de turmas, sei lá, para não acontecer de ajudar o aluno. Mas quando você terminava de elaborar a prova você deixava lá para ela olhar.

Mas cada professora elaborava a sua prova?

É, mas só no final do ano que a gente procurava fazer uma prova só. Eu acho que era, já tem tanto tempo, mas eu acho que no final do ano eu fazia uma parte da leitura, a outra fazia outra coisa, daí juntava e fazia uma prova só no final do ano, eu acho que era assim.

E como que era o treino ortográfico?

A gente trabalhava com certas sílabas com alguma dificuldade. Depois de trabalhar bastante, fazia sentenças com aquilo, dava uma leitura suplementar, mandava grifar as palavrinhas mais difíceis de serem gravadas, só depois, no final da semana, que você ditava, por exemplo, dez palavras com aquela dificuldade do H, do Ç, estas coisas que geravam dificuldade. Depois você recolhia e corrigia para ver como que estava sendo a aprendizagem deles.

Era um exercício que era dado durante toda a semana e depois no final concluía com um ditado para ver se a criança assimilou aquela dificuldade?

Isto era assim que a gente fazia.

Como era a composição?

Ai que lindo! A composição, antigamente, era bem trabalhada. A gente fazia sentenças bonitas. A gente trabalhava aquela sentença bonita tipo "um raio de sol brilhava", "as árvores com as folhas verdes" dava aquela imaginação com um título para eles escrever sobre aquilo.

E usava gravuras?

Tinha com gravuras e também com a imaginação. Fazia assim, olha vocês foram passear em um lugar, então é para vocês lembrarem o que vocês viram lá, como que estava o sol, como estava a água e depois você recolhia as melhores e levava para a secretaria para fazer um mural. Nossa, a Edir trabalhava muito bem composição, muito, muito mesmo.

E os cartazes que você trabalhava da própria cartilha eram também usados para poder fazer as composições?

Não, porque geralmente as cartilhas, nós trabalhamos com uma cartilha, não me lembro do nome, mas foi antes da cartilha dos três porquinhos (As mais belas Histórias), e eu fiz as leituras suplementares delas, inclusive eu paguei para fazer os desenhos relacionados com a leitura, sempre assim, porque você vê, "os três porquinhos" não tem nada ver para fazer uma composição. Geralmente era uma paisagem, um brinquedo, um lugar que tivesse um menino brincando de alguma coisa. Primeiro tinha aqueles álbuns, uns folhetos grandes que vinham da secretaria mesmo, eles já mandavam os desenhos.

E vocês usavam estas imagens para fazer as redações?

Às vezes das histórias que a gente contava, por exemplo, "o Bonequinho Doce", "a Bonequinha Preta", "Joãozinho e Maria", a gente sempre contava história e pegava uma das gravuras que tinha, dava mais sugestão e colocava lá na frente.

E perguntava alguma coisa para os alunos antes de começar?

Então, pedia para eles olhar se era dia ou se era noite; o que é que tinha ali. A gente ia conduzindo para ter dez ou doze linhas, para ele poderem fazer. E saiam muito bonitas. Nossa escola ganhou muito concurso de composição, porque tinha concursos.

Quem que promovia estes concursos?

Não sei se era a Prefeitura, não sei quem era. Eu sei que a escola ganhou duas ou três vezes. O aluno da quarta série, da terceira série, não de primeira série porque era muito pequeno. Não me lembro como, mas a Neide sabe, vou levar você para falar com a Neide e você vai ver.

E havia mais algum tipo de exercício que a senhora lembra? Além do ditado, do treino ortográfico, tinha mais alguma coisa que vocês faziam?

Além de ditado, composição, cópia, mas cópia para casa a gente não mandava muito não, porque vinha com uma letra muito feia.

E mandava alguma tarefa para casa?

Mandava ler, estudar, porque depois no outro dia você ia tomar a lição. Por exemplo, quando estava naquelas leituras maiores, ou coisa assim, via se estava lendo, se o menino ainda não estava seguindo, você falava: lê agora, então você não mandava assim a sala seguida ler. Por exemplo, tinha aquele menino que estava meio disperso e você falava para ele assim: continua daí, e era hora que, às vezes, ele não sabia onde que estava a leitura.

E esta leitura era da cartilha?

Isto. Era leitura da cartilha, dentro de sala de aula, ou então do cartaz também no quadro, a gente mandava ler. Muitos meninos não gostavam de ir à frente ler, então você tirava este tabu deles, vai você, você, e logo eles perdiam este medo de ir lá ao quadro ler. E você tinha aquelas leituras daqueles Cartazes grandes que vinham da secretaria, mas o que você fazia era semelhante àquela que você ia dar aquele dia. Para casa geralmente era isto, ou era cópia, ou era formar frase, formar palavrinhas. Por exemplo, a gente mandava, colocava lá as sílabas: BA, DA, muitas sílabas, para formar assim, trinta palavras. Então eles tinham de formar, igual tem aqui você já viu este pedacinho (mostrando o livro as mais belas histórias), aqui já são os pedacinhos, e eles iam formar as palavrinhas. Por exemplo, essas leituras maiores aqui eles iam lendo, a hora que chegava a vez de um, ou do outro, eles já sabiam onde estava, porque tinha sequência.

E para ser aprovado e passar para o segundo ano o que era preciso?

Saber ler, escrever, fazer composição, isto aí era o básico. A prova era, por exemplo, passar para o plural, dividir as sílabas.

Mas tinha muita reprovação?

Estas salas que eu estou te falando, de R3, tinha muitas. Mas depois deles não passaram este tanto de vezes, às vezes, eu pegava uma turma para trabalhar e tinha uma ou duas reprovações, mas sempre que pegava salas, que nem a Edir dava aula, acho que nunca teve assim reprovação, porque eram assim, os melhores.

Que materiais a senhora usava? Usava a cartilha mesmo, ou eram só os cartazes?

Usou a cartilha também, depois usou a cartilha, os cartazes, depois entraram as fichas.

Eu vou mostrar aqui para a senhora as imagens de várias cartilhas, mas são apenas as imagens das capas, pois este material todo hoje é uma raridade.

Da Lili, da Lili eu me lembro.

A senhora chegou a trabalhar com o livro de Lili no Bom Jesus?

Vou te contar aquele Livro de Lili, voltei no tempo em que eu estudei, adorava ver ela no piano. Com esta Upa Cavalinho, eu trabalhei.

Mas foi lá no Clarimundo mesmo?

Acho que foi lá no Dr. Duarte.

A senhora disse que estudou com a Cartilha da Infância, enquanto estava lá na fazenda. E quando a senhora disse que estudou com o Livro de Lili, quando foi?

Foi lá no Dr. Duarte, esta cartilha aqui (Livro de Lili). Com a cartilha Caminho Suave eu trabalhei quando estava lá nas Tabocas, essa da Sodré.

Então quando a senhora veio para Uberlândia e estudou no Dr. Duarte foi com a Cartilha da Lili?

A Cartilha da Lili. Tinha aqueles cartazes lindos, eu achava bonitinho demais ver até aparecer a calcinha dela. Olha só, nossa, já pensou se a gente conseguisse estas cartilhas. Ah, deve ser

esta aqui, a Cartilha da Infância, eu não me lembro da capa, não tinha nem gravura, não tinha nada.

Falando um pouco mais sobre o ditado, como era, era só verbal? A senhora falava a palavra e eles escreviam?

Às vezes também quando a gente estava treinando certas palavras, passava uma palavra ou uma sentença relâmpago. Então vocês vão escrever agora, só assim, uma sentença ou uma palavra, mostrava a ficha e guardava.

E quando iria escolher a cartilha quem escolhia a cartilha que seria usada?

Eu não me lembro disso muito bem não. A gente fazia reuniões todos os sábados e, por exemplo, quando foi a Neide ela falava assim: vamos ver se trabalhamos com esta cartilha. Por exemplo, eu acho que eu comecei com os três porquinhos, eu acho que foi bem depois da Edir, mas aqueles meninos da primeira série, que foi quando eu tinha mais segurança, porque antes nós usamos eu acho que era a Caminho Suave.

E a Sodré?

A Sodré nós trabalhamos assim, coisas suplementares. Eu acho que eu não trabalhei com a Sodré. Agora eu me lembro de que eu trabalhei com o Caminho Suave e a Upa Cavalinho.

Mas quem escolhia a cartilha que a senhora ia usar? A senhora tinha esta autonomia para escolher?

Não tinha não, quem tinha era a diretora.

Mas vocês participavam da escolha?

Era imposto. Depois só agora é que a gente falava, reunia e discutia qual livro ia ensinar.

A minha dúvida é a seguinte, a dona Edir começou a trabalhar com o Método Global e por isso provavelmente já devia usar esta cartilha (As mais belas histórias). Mas a senhora me explicou que a sua sala, assim como, a sala da dona Geny e da dona Erondina, eram as salas dos repetentes. Vocês podiam usar outra cartilha?

Nós usávamos a cartilha mesmo na sala de repetente depois é que nos começamos a introduzir os três porquinhos

Depois passaram a exigir que vocês também utilizasse a mesma cartilha, As mais belas histórias?

Sim, mas antes não era.

Que materiais eram pedidos para os alunos?

Caderno, lápis, a cartilha e caderno de desenho, quando pedia, porque ele tinham dificuldade para adquirir os objetos. Para a maioria você tinha que dar os caderninhos, lápis de cor menina era uma raridade. Sabe como que eu fazia, eu tinha um copo em cima da mesa com vários lápis de cores que eu emprestava. E como eu era assim muito exigente, todas as vezes que eu terminava de dar um exercício eu passava uma régua, separava ali com um lápis de cor. Então quando eu chegava ali na sala eles já iam lá escolher qual a cor que eles iam passar o traço para dividir um exercício do outro. Porque não tinha assim, caderno de matemática, caderno de português, era tudo um só. Quando os meninos nem sabiam usar a régua para ficar certinho, eu ia lá firmava a régua para ele passar o traço, para ficar certinho, porque eu fui

uma professora muito exigente. Gostaria de ter uns cadernos dos meus alunos para você ver o tanto que era bonito. Então nós fazíamos deste jeito, a Edir também fazia isto, você vai ver como ela vai te falar, de passar o tracinho quando a gente ia grifar uma palavrinha aqui, era daquela cor. Então aqueles lápis assim, que eu achava, ou comprava, eu já ia colocando ali.

Os alunos da sala AN1 tinham uma condição financeira melhor?

Tinha condição melhor, porque como você viu, até para vestir eram diferentes.

Então a senhora acredita que a classe econômica interferia na questão do rendimento dos alunos?

É na aprendizagem, interferia muito, muito, porque o aluno que tem uma boa alimentação, igual eu estou te falando, o menino chegava eu falava assim: mas não é possível, que caderno sujo - e ele falava assim: ah Dona Neusa, lá em casa não tem mesa, eu faço lá no chão os deveres - não tinha como você exigir, mas, lavar as mãozinhas. Hoje você não fala isto, porque se você falar para eles lavarem as mãozinhas eles riem na sua cara, você ia lanchar, você falava, acompanhava com aquela música da merendinha, hoje se você fizer isto dentro de uma sala, não tem como. A gente cantava, eu tinha um caderno que tinha todas as musiquinhas de sala de aula, então nós passávamos uma para outra, não sei para quem que a Junia emprestou este caderninho, para você ver nós tínhamos as poesias do mês, as musiquinhas, eu não lembro mais das músicas, mas tinha um caderninho ilustrado de quando nós fizemos o Normal.

Fez isto no Normal?

No Normal, nós fizemos este caderninho com as musiquinhas que a gente precisava para cantar dentro da sala de aula.

O Normal foi muito importante para a senhora?

Ah foi, porque no Normal a gente dava aula, a gente tinha estágio mesmo, bem trabalhado. Eu não fiz estágio porque eu já dava aula. Porque nós já dávamos aula e tinha as reuniões aos sábado que passava muita coisa para a gente.

Conte-me um pouco sobre o plano de aula.

O plano de aula tinha de ter uma boa sequência. A lição que você ia trabalhar naquele dia ou naquela semana, que, às vezes, você não podia mandar, tinha que trocar alguma coisa. Por isso é que tinha aquela leitura suplementar, porque, por exemplo, eu ia dar uma aula hoje e eu via que os alunos não pegaram nada daquela aula, então no outro dia, às vezes a gente repetia aquela leitura, mas no terceiro dia eu já não podia repetir aquela leitura, então por isso fazia o plano de aula. E o cabeçalho, isto daí tinha que ser feito religiosamente, era o nome da escola, cidade, a série, o nome da professora.

Isto era copiado?

É

Mas isto era no plano de aula?

Não, o cabeçalho no quadro também. Porque o que é que acontecia? Se a diretora pegasse o caderno dos meninos, ela sabia o que tinha dado naquele dia, porque se não tivesse data ia virando uma por uma, sei lá.

E a diretora ela pegava os cadernos de vez em quando?

Ela chegava à sala pegava uns três ou quatro cadernos e levava para ela ver, a letra, se realmente estava tendo uma sequência.

Inspetora também fazia isto?

Também fazia, quando a inspetora chegava, aí o que você fazia? Porque o cabeçalho fazia religiosamente, e depois você anotava tudo o que ia fazer. Se você ia tomar a leitura, aí você anotava lá tomar a lição, depois se era cópia, se era ditado, se era formar palavra. Depois vinha a matemática, matemática tinha o cálculo mental, geralmente a primeira coisa eram os cálculos mentais. Não é muito assim, às vezes, depois a gente contornava dentro da sala. Às vezes, eu chegava depois de tomar a lição e verificar umas questõezinhas, vamos fazer cálculos mentais agora, passava operações, mandava o menino ir ao quadro fazer estas operações e aqueles que você via que estavam com dificuldades, a gente rondava a sala toda, então começava a mandar aqueles que erraram ao quadro para fazer. Aí passava probleminhas, é também trabalhar com os palitinhos. Tinha os pacotinhos de palitinhos para somar, para diminuir e no plano tinha que ter tudo isso. Se você tinha uma coisa que tinha um desenhinho, você ilustrava.

E isto a senhora fazia no plano, mas depois também precisava registrar no livro de chamada?

Isso, por exemplo, eu fiz o plano de aula, se você viu que não foi bem explicado, naquele outro dia você falava que a leitura seria repetida, porque não houve fixação, alguma coisa assim.

Mas havia também outro tipo de planejamento para o ano?

Tinha, mas este aí a gente fazia com a turma, por exemplo, a Edir juntava com a turma dela que era dos primeiros anos novatinhos e nós com as outras. E tinha um planejamento que você entregava no dia falando o que você ia trabalhar no primeiro semestre e o que você ia trabalhar no segundo semestre.

Fazia por semestre, vocês se reunião em turmas separadas porque tinham outra realidade.

Era outra realidade, às vezes, era outra cartilha, outro desenvolvimento dos meninos. E porque às vezes chegava o segundo semestre você não podia, às vezes, adiantar mais porque não houve uma boa aprendizagem, depois é que você ia ver.

E a diretora participava desse planejamento?

A diretora não, depois é que a gente entregava o planejamento e ela verificava.

Na época já tinha o Programa de Ensino?

Este sempre teve. Bem desatualizado, para você ver eu não lembro quando eles abandonaram aquele programa de ensino.

Então o programa de ensino foi usado durante muitos anos?

Nossa, foram muitos anos mesmo, igual estas leis nossas.

Desde a época que a senhora começou a trabalhar seguiu este Programa de Ensino muito tempo.

Muito tempo, eu estou falando para você que eles mandavam a prova de lá e tinha que seguir era aquilo. Foi bastante tempo, depois é que mudou. Depois na hora da prova era a gente mesmo, só que você fazia e mandava para a diretora, ela olhava, aprovava e aí você podia aplicar.

E sobre o Programa de Ensino o que a senhora pode me falar?

Lembro pouco, mas é isto, o que você tinha que dar no primeiro semestre, não tinha esta classificação de primeiro bimestre, igual nós temos hoje, era primeiro semestre. Falava o que é que os meninos tinham que aprender e até onde eles precisavam aprender, por exemplo, somar até tanto, a leitura, mas era bem explicadinho assim.

E explicava o que é que era cada coisa também? O que era um treino ortográfico, o que era uma composição?

Explicava bem.

E o mesmo plano de ensino acompanhou vocês durante todo o período? Não foi revisto?

Não, não foi revisto não. Eu nem lembro quando nós o desprezamos, mas até ele era bom. Sabe assim, para mim, por exemplo, que fui bem leiga trabalhar, teve muita coisa que a gente lia bem para poder transmitir. Como diz o outro tinha que ter alguma coisa para eu me firmar, que eu chegava lá, nossa, Deus, já pensou menina.

A senhora começou bem novinha em uma sala de aula sem saber direito o que fazer.

Cheguei lá, e era aquele tanto de menino. Quando nós trabalhamos lá nas Tabocas teve um dia que chegou um pai lá e ele era açougueiro, se você visse o tamanho da faca que ele estava na mão, nunca me esqueci. Cheguei lá, meu Deus, igual você falou: você lembrava-se de quando você estudou, foi o que eu fiz. Eu tinha uma prima que também já estava lecionando e ela me deu alguma orientação, mas ela lecionava na quarta série primária, porque assim, as pessoas começam a trabalhar com a terceira e quarta série e não querem mais saber de primeira e segunda série, não vai nem pensar como vai ser as aulas. Então eu cheguei lá, plano de aula, por exemplo, quando que eu pensava como que eu ia fazer um plano de aula.

Não sabia nem o que era?

Nem o que é que era plano de aula, depois é que eu fui aprender a fazer plano de aula.

Foi na prática mesmo?

Foi na prática mesmo.

Valeu?

Ah valeu, porque primeiro a gente precisava trabalhar.

HOUVE UMA INTERRUPÇÃO PARA OFERECER CAFÉ.

PROGRAMA DE ENSINO

Eu tinha perguntado anteriormente se a senhora usava o Programa de Ensino nas aulas?

Era a única coisa para nos orientar.

Mas isto só quando a senhora começou a dar aula?

Depois não usei mais não, porque lá falava de uma forma geral, não tinha assim, este é para uma série, para um tipo de aluno, isto não, era para todo mundo, estava ali falando para todas as pessoas, e sala nenhuma é igual à outra.

AVALIAÇÃO

Vamos falar um pouco mais sobre as provas.

As provas eram as mesmas.

E sempre vinha o mesmo tipo de prova?

Não, eu acho que não era só para a nossa cidade. As provas eram para Belo Horizonte, para todo lugar, inclusive vinha coisa que nossos alunos não conheciam porque não era da realidade deles, não era.

A senhora falou das provas que vinham de Belo Horizonte, mas pelo que eu percebi nas atas das notas é que estas provas eram feitas em junho e em dezembro não é isto? Eram duas provas anuais e estas provas já vinham de Belo horizonte?

Isso.

A senhora também avaliava os alunos? Como a senhora avaliava?

Eu avaliava. Inclusive, sabe aqueles cadernos mensais desde tamanho? Nós fazíamos testes naqueles cadernos.

Então também fazia provas mensais?

Fazia também. E para gente poder ver como eles estavam, a gente trazia tudo para casa para corrigir. Porque hoje faz no mimeógrafo uma folhinha, naquele tempo era uma pilha de cadernos deste tamanho que tinha que trazer para casa. E, muitas vezes, se tinha, por exemplo, um ditado, que você aplicava na sala e você trazia para corrigir em casa, não era só avaliação, teste não. Mas fazia prova. Mas eu até acho que era todo mês, não sei muito bem não, mas era todo mês, não era bimestral como é agora não. Todo mês a gente avaliava os meninos.

Os ditados também eram uma forma de avaliar?

Inclusive eu não estou te falando que a gente levava o plano (plano de aula) para a diretora para ver se estava certo o que você estava dando.

A senhora comentou também sobre o teste de leitura que elas faziam.

Isso, elas faziam.

E acontecia quando, uma vez por mês?

Não, era só no final do ano. Para ir do primeiro ano para o segundo, eles tinham que ler. Eles pegavam um determinado livro lá, não era o que você usava em sala de aula não. Era escolhido na hora, e eles liam. E ele ia interpretar o que ele falou, procurar algumas palavras lá, e era assim que funcionava o exame de leitura.

E era feito pela diretora?

Pela diretora.

E ia aluno por aluno fazer esse exame de leitura?

A gente tinha que fazer assim, mandava quatro meninos. Eles chegavam lá ela dava um livro, e eles ficavam sentadinhos lá na cadeira lendo, quer dizer que eles davam uma treinadinha. E ela (diretora) ia chamando. E depois que aquele lia, você mandava outro. Era mais ou menos em setembro, outubro, não era bem no finalzinho do ano não, porque era a época que os meninos já tinham que estar lendo. Era mais ou menos nesta época que eles já estavam preparados para a leitura

E a forma da senhora avaliar a leitura dos seus alunos era acompanhando?

Isto a gente fazia muito questão, porque até, às vezes, a gente esquecia um pouco da matemática, porque você ficava tão assim tão preocupada com a leitura, porque a Neide falava: o menino quando está lendo aí ele desenvolve a matemática. Porque a matemática é raciocínio, mas se ele estiver lendo bem, ele vai ler um probleminha, vai entender o que ele está lendo, o que você está pedindo para ele. E, realmente quando o aluno lê bem, ele é capaz de falar para você o que ele entendeu de todo aquele problema que ele tem que resolver, se é de somar, se é de diminuir. Na primeira série só usava estas duas operações, somar e diminuir, não entrava em multiplicação, nem divisão.

O que mais que tinha de matéria, fora matemática e o português?

A gente falava de um modo geral era moral e cívica, mas geralmente estas perguntas caíam o que, em português, por exemplo, que dia é o dia da bandeira, é dia de Tiradentes, estas coisas das datas comemorativas.

E a senhora trabalhava em português mesmo?

Português mesmo. Geralmente nessas datas a gente ia para o palco e então tinha uma comemoração. Também nas nossas aulas, todo mês tantas salas iam comemorar uma data, por exemplo, um dia era a minha, no outro não. Cada um, por exemplo, punha dois meninos para ir lá falar uma quadrinha, alguma coisa sobre aquela data e trabalhar. Hoje, eles não trabalham mais sobre isto, que é dia do soldado, dia da bandeira.

Todas as datas cívicas?

Isto, comemoravam. Fora que toda segunda feira cantava o hino nacional, o hino da bandeira e depois é que a gente ia para a sala.

No período que era grupo ou depois continuou?

Enquanto era grupo, depois não continuou mais não. Aí já começou aqueles meninos de quinta série, nossa e aí já envolveu, já não tinha mais aquela disciplina que a gente tinha antes.

Ou seja, até na disciplina acabou atrapalhando depois?

Acabou, porque aqueles maiores, eles começam a achar que eles eram mais importantes e começam a judiar dos pequenos. Enquanto era só o primário, a gente não tinha este problema (disciplina) dentro da escola. Você via as filas certinhas, parecia militar mesmo. Nós podíamos até sair da sala e ir lá para secretaria e voltar que os meninos não levantavam do lugar. Eu podia sair e deixá-los trabalhando. Eu falava: -Eu já volto e na hora em que vocês terminarem, vocês debruçam na carteira. Na hora de ir embora você deixava tantos minutos para organizar a sala. - Agora guardem os objetos, guardaram? Passem a mãozinha para ver se tem algum objeto debaixo da carteira, se vocês não deixaram nada. Então, até dar o sinal a

gente contava uma historia, ou mandava um ir lá a frete cantar alguma coisa, ou recitar uma poesia. Dava o sinal e a gente formava a fila e ia embora. Hoje vocês não conseguem isso!

Que recordação a senhora tem dos alunos?

Ah, tem muitas. Nossa, até hoje você sabe que eles vem me visitar.

É mesmo?

Vem, muitos vêm me visitar. Outro dia eu fui para a churrascaria, cheguei lá e tinha um rapaz estava me olhando, me olhando, aí ele chegou e falou: a senhora é a Dona Neusa - falei sou - a senhora foi minha professora, eu sou fulano, eu nem me lembro o nome dele, mas é assim, são muitos. Se você vê o tanto de cartão que eu tenho que eles me mandavam. Este menino, por exemplo, que eu te falei, o Sebastião, ele é advogado, então ele está em Araguari. Ele sempre me telefona, têm muitos que tem muita amizade mesmo. Teve um que veio me visitar agora, nestes dias, depois que eu amputei minha perna, que se chama Joaquim. Ele ficou aqui, conversou muito e me pôs para lembrar mesmo. Meu marido tinha uma camioneta assim, eu lecionava à noite, e ele ia me buscar na escola, pois o Clarimundo tinha uma sala que ficava lá no Osvaldo Resende, não, no Afonso Arinos, porque aqui, não sei porque, se não cabiam os alunos, sei que tinha sala lá onde era o Afonso Arinos. Então eu ia dar aulas lá, eu, o José Geraldo e outros e, o João ia me buscar.

Mas isto depois que já não era mais grupo?

É já era de quinta à oitava. O João ia me buscar e eles vinham na carroceria, até chegar aqui. E eles se lembram da festa que eles faziam de vir comigo. Os alunos gostavam muito da gente. Hoje, eles não gostam não. Hoje, eles não lembram não. Eu me lembro das minhas professoras. Lembro até das que foram minhas professoras de primário. Mas as minhas professoras não tem nenhuma viva mais. De quinta à oitava série ainda tem alguma que foi minha professora.

E quem foi sua professora aqui no Dr. Duarte, a senhora lembra?

Lembro Foi a Dona Onofra de Melo, dona Alaíde Braga, Fada Abrão, e Aparecida Mota, estas foram minhas professoras.

Nossa a Senhora se lembra de todas

Todas. A Fada ainda está viva e a Aparecida.

A que foi do primeiro ano foi a Onofra?

Foi a Onofra, a Alaíde foi do segundo, a Fada do terceiro e Aparecida o quarto. De quinta à oitava eu me lembro de muitos professores, de português, de matemática, de latim, naquele tempo tinha tudo isto. Só que eu me lembro mais dos professores de quinta à oitava série do que do Normal. Engraçado, do Normal, eu não me lembro de muitos.

Hoje está difícil trabalhar na escola, mesmo com as colegas que você vai transmitir, para professora que vai ser supervisora ou vai orientadora, ou seja, lá o que for, é muito difícil porque geralmente as pessoas não aceitam que você tenha assim um conhecimento sobre aquilo que ela está fazendo. Mesmo se você, às vezes, está com o intuito de ajudá-las, mas elas não sentem aquilo. Igual inspetora na escola, se você está fazendo tudo direitinho porque que você vai ficar preocupada e ficar inibida de receber esta pessoa, não tem porque. Mas só fui ver isso depois que eu amadureci mais, que eu fiz mais cursos, que eu falei gente, mas se eu estou trabalhando direito porque que eu vou achar que ela não pode vir aqui ver eu dar uma

aula. Eu ficava era exibida, porque se eu via que ela estava lá na porta aí é que eu ficava mais enjoada ainda. Porque aí você está segura do que esta fazendo.

E esta segurança faz muita diferença?

Isto. Mas eu só fui adquirindo com o tempo. Porque imagina uma menina que veio lá da roça, até eu me ambientar numa cidade foi difícil. Depois logo, logo, nossa vida teve um transtorno, foi meu pai, que era muito bem de situação, e quebrou. Ele plantava lavoura, comprou uma fazenda em Goiás, e o sol só torrava a lavoura, tivemos que trabalhar, coisa que a gente não fazia, e logo nós fomos enfrentar uma escola: ser professora.

A senhora foi muito guerreira e ainda é.

É, fomos. Depois foi só trabalhando. Está bom. Eu falo assim, meus irmãos estão tudo assim, em apartamento, mas eu não quis sair daqui.

A senhora teve quantos filhos?

Quatro filhos.

Para ser professora tem que gostar. Porque sempre tinha as dificuldades. Sempre tinha aquele engraçadinho dentro da sala, aquele que tinha mais dificuldades, mas o erro do professor e justamente este, porque o professor de uma forma geral não só agora, mas naquele tempo também, porque que ele escolhia? porque que fazia o teste? Porque o menino do primeiro ano AN1 eram os que saíam melhores nos testes. Eu gostaria que tivesse um teste lá na escola para você ver o que os meninos tinham de fazer para poder ter esta classificação. Então para você ver, você já pega o menino que ele tem um QI bom e como diz o outro é só você jogar a matéria, não tem que você ficar ali. Porque o aluno dentro da sala você vai trabalhar com aquele que tem dificuldade, porque os outros, você já vai fazer com que eles se sintam bem, evoluídos. Porque, às vezes, falam assim: mas a senhora só vai a carteira do fulano - mas eu falo: é porque ele precisa, você não precisa, você está me ajudando, porque você já sabe fazer sozinho. Tem isto, você tem conduzir a sala desta forma, aí se eles começarem a enciumar de você com outro, pronto, porque tem mesmo, até filho tem. A que eu tenho que mora aqui comigo, ela sempre fala, qualquer coisa que eu reclamo assim, ela fala: eu sei mãe não é o queridinho da senhora.

CONVERSA ANTES DO ROTEIRO

Primeiramente gostaria de mostrar para a senhora as fotos que eu trouxe do Clarimundo Carneiro para a senhora ver. Conte-me se a senhora lembrar-se de alguma coisa ou de alguém.

Essa é a Aparecida Silva. Esta é Maria de Lourdes, ela trabalha na Delegacia de ensino.

Trabalha ainda?

Trabalha na delegacia ainda.

E ela foi professora alfabetizadora no Clarimundo?

Ela lecionou mais na terceira e quarta série. Esta aqui é que eu não sei quem que é. Nossa esta aqui sou eu, com aluno, eu acho que este menino aqui é o Sebastião. Este é o Sebastião, ele é Advogado.

Nesta foto de cima (foto da Jornada Pedagógica) é a Maria Aparecida Silva?

Isto aqui é da Jornada pedagógica, que nós tivemos sobre o Método Global.

Embaixo também é?

Não isto aqui deve ser entrega de diploma, você está vendo? Isto aqui é de quarta série. Esta aqui é a Edir você esta vendo que ela esta até com o crachá aqui. É de quando nós iniciamos com o Método Global, então, veio a escritora do livro.

A dona Edir comentou que veio a Lucia Casasanta, eu até trouxe o livro aqui para a senhora ver.

Então foi ela, e nós fizemos o encontro no Clarimundo. Esta aqui é a Maria de Lourdes, esta aqui é a Maria Eurípedes.

Qual a senhora falou que é a Maria Eurípedes.

Esta aqui.

Esta Maria Eurípedes também foi alfabetizadora?

Foi, mas ela deixou não continuou, não. Tem muitas que deixaram de ser professora.
Esta aqui é nossa fanfarra.

A senhora reconhece essa foto? Nós acreditamos que seja da inauguração do Clarimundo.

Na inauguração eu não estava. Este aqui é aquele padre, o...

A senhora lembra o nome?

Não sei o nome dele, gente eu me lembro dele, mas esqueci do nome, isto aqui foi mesmo na inauguração da escola, aqui ele falando.

Este é o padre?

Este é o padre.

Acho que foi a Nice que comentou que esta foto poderia ser da inauguração. Mas na foto aparece o Renato de Freitas.

É ele mesmo.

Mas não era ele o prefeito na época da inauguração, depois que ele entrou?

Depois que ele entrou.

Quem seria boa para falar disto aqui tudo é a Neide. A Neide é minha irmã e ela já era vice-diretora da Carmelita que era diretora na época.

A Neide foi professora e vice-diretora no Clarimundo?

Ela só foi diretora e vice-diretora. Depois que a dona Dina saiu, a Neide entrou.

Esta foto aqui, nós também achamos que pode ser da inauguração, a senhora sabe se é? Mesmo não estando lá na época.

Na inauguração eu não estava, mas isto aqui deve ser algum diploma, sabe porque esta aqui é no cinema.

Ok.

Não, não é diploma, isto aqui deve ser do encontro, sabe por quê? As professoras estão de crachá.

Será que é da jornada pedagógica?

É, é da jornada.

Então esta outra foto também deve ser da jornada? Eu estou olhando este piso aqui é do Clarimundo, não é mesmo? A dona Edir havia comentado sobre esta jornada, esta jornada foi como um congresso?

É de todas as escolas.

Foi a primeira que aconteceu? E o Clarimundo que sediou?

Foi.

É para o pessoal participar das palestras, então deve ser justamente isto aqui, aqui deve ser a mesa das autoridades.

Este aqui é o Renato de Freitas.

Isto aqui acho que não deve ser da inauguração do Clarimundo, sabe porque, porque na inauguração eu acho que não tinha este palco.

A senhora lembra em que ano foi esta jornada?

Não lembro viu.

Outra professora comentou que acredita que esta jornada foi em 1966. O Clarimundo foi inaugurado em 1963, então tinha mais ou menos três anos. E em que mês que foi esta jornada? Será que foi no começo ou meio do ano? A senhora lembra?

Eu sei que foi no primeiro semestre, pois quando terminaram as férias nós estávamos com um tanto de material novo.

É a Carmelita está aqui?

Não. Esta aqui se não me falha a memória é a Nilza Guimarães.

Nilza também foi professora?

Foi Diretora, não da na nossa escola. Ela era diretora do Grupo Escolar Bom Jesus. Ela deve ter sido convidada, alguma coisa. Esta aqui é a Nilza, minha primeira diretora foi a Nilza.

Não foi a Carmelita?

Não, a Carmelita era daqui do Clarimundo, a Nilza é do G. E. Bom Jesus. Primeiro eu trabalhei no Bom Jesus, depois eu trabalhei no Grupo Escolar Dr. Duarte e depois que inaugurou o Clarimundo foi que eu pedi transferência para cá, pois era pertinho da minha casa. Naquela época que eu comecei a trabalhar não tinha o Clarimundo ainda.

Me conta uma coisa dona Neusa, o Clarimundo começou com quinze salas de alfabetização, era um número significativo de salas de alfabetização para uma escola na época. O bairro aqui era considerado periferia ou era considerado uma vila?

Não aqui foi Martins, Osvaldo é ali depois da Avenida Sacramento, da Avenida Araguari, depois inicia o Bairro Osvaldo. Porque o Clarimundo é uma escola que, assim, que se implantou era bonita, diferente e todo mundo queria estudar no Clarimundo. Por isto que chovia menino, muitos pais dormiam na porta da escola para conseguir uma vaga, de tanto aluno que tinha ali.

Mas as outras escolas não tinham tantas sala de alfabetização?

Não, não tinham não. Também eram pequenas, aí tinha umas oito salas em cada horário, e o Clarimundo foi criada com muitas salas. Era diferente, com biblioteca, e a Carmelita tinha muito dinamismo para trabalhar; depois que caiu na mão da Neide, ficou melhor ainda. Não é porque é minha irmã não, mas a Neide trabalhava, tudo que ela queria conseguir, ela conseguia. Conseguiu mimeógrafo para a escola, ela conseguiu a fanfarra, conseguiu sintecar a escola toda, ela trabalhava muito para poder fazer a escola ter um conforto, tinha cantina, fogão a gás grande.

A escola na época era mantida pelo estado, desde o começo?

Isto, era do estado mesmo, não era da prefeitura não.

Segundo o que pesquisei, o Clarimundo teve início a partir das escolas reunidas da Fernando Vilela. Depois que se tornou Grupo Escolar Clarimundo Carneiro. Mas onde ficavam estas Escolas Reunidas da Fernando Vilela?

Em frente lá tinha uma escolinha, igual a que estou te falando, então tinha mais o Osvaldo Resende, que não era Osvaldo Resende. Por exemplo, eu trabalhei lá nas tabocas (Vila Tabocas – hoje funciona E. E. Professora Alice Paes).

Já tinha o Osvaldo Resende?

Tinham salas lá, pois eu trabalhei lá nas tabocas, onde é hoje a E. E. Alice Paes, mas ele era dirigido pelo Bom Jesus. Por isto que eu trabalhei no Bom Jesus, não lá na escola Bom Jesus, eu trabalhava nas salas reunidas. Porque era assim, eles alugavam uma casa e lá, então, se tornavam salas de aula, e quem dirigia era a Nilza. Então, aqui também, o Clarimundo estava construindo e tinham umas salas de frente, mas eu não participava destas.

Mas estas salas já funcionavam há muito tempo?

Já, alfabetizava desta forma. Eram aquelas carteiras unidas, às vezes, sentavam até três crianças na mesma carteira. Tinham poucas escolas. Então, quando eu vim para o Clarimundo ele já tinha sido inaugurado. A Neide já estava na direção quando eu vim, não sei se era a Neide ou se era a dona Dina. Ah, era a Neide já. Aí depois a Carmelita estava na delegacia de ensino, e eles a tiraram da delegacia de ensino. Aí foram a Cremilda, que pegou o lugar da Carmelita, e ela retornou para o Clarimundo Carneiro.

Ela ficou um tempo e depois voltou para o Clarimundo.

É ela foi para delegacia, depois para o Clarimundo e depois se aposentou, porque quando eu conheci a Carmelita, mesmo, ela trabalhava no Bom Jesus, ela e a Nilza. A Nilza era Diretora, e ela era auxiliar da Nilza.

A dona Edir comentou comigo que também trabalhou no Grupo Escolar Bom Jesus e depois ela foi para o Clarimundo, justamente porque ela tinha trabalhado com a

Carmelita. Assim quando o Clarimundo foi inaugurar, ela chamou a dona Edir para trabalhar lá.

Pois é, eu também trabalhei com a Carmelita lá, mas aí eu já tinha terminado o Normal e eu fui nomeada. Prestei o concurso e fui nomeada para o G. E. Dr. Duarte.

Então, quando a senhora começou a trabalhar, ainda não tinha o curso Normal?

Eu estava estudando. Eu era só contratada lá no Bom Jesus. Aí quando eu terminei, porque quando a gente terminava já fazia uma prova, que eu passei no concurso e fui nomeada para o Dr. Duarte. Aí eu sai do G. E. Bom Jesus e fui para o G. E. Dr. Duarte. E no G. E. Dr. Duarte eu trabalhei por nove anos, não me lembro bem não, mas foi mais ou menos isto. Aí o Clarimundo Carneiro havia sido inaugurado, e a Carmelita era a diretora. Aí a Neide pegou a direção e, nisto, tinha uma sala vaga, e eu me transferi para cá. Pedi transferência, pois eu morava aqui pertinho. Nisto o Fernando (filho) estava começando a estudar, meu menino, e aí eu vim, pois daí ele já vinha comigo para a escola.

Seu filho estudou junto com a senhora?

Ele foi aluno da Edir, meu mais velho. Eu só lecionei lá nas Tabocas, no Dr. Duarte e no Clarimundo. Quando eu estava já para aposentar no meu segundo cargo, meu esposo adoeceu, por isso eu precisei trabalhar à noite, mas aqui no Clarimundo não tinha, aí eu fui para o Osvaldo Resende no turno da noite.

O Osvaldo Resende chegou a ter salas à noite?

Lá era supletivo à noite.

A senhora aposentou quando?

Já está com vinte e cinco anos que eu aposentei.

Quantos anos a senhora trabalhou?

Trabalhei trinta anos, porque na época era mais tempo. Quando eu estava com 30 anos, que eu ia aposentar veio à lei dos vinte e cinco anos e como eu tinha dois cargos, então, uma porção de tempo meu passou para o outro cargo, porque era paralelo. Mas como a lei veio, eu pude jogar para o outro cargo. Depois que eu aposentei no primeiro cargo, passou uns anos e me aposentei no segundo, foi bem rápido, só uns cinco anos. Só de tempo foram cinco anos que eu ganhei, tinha um tempo que era da prefeitura e eu pude anexar, aí logo, logo eu saí. Por isto que eu fui para o noturno, porque meu esposo tinha enfisema pulmonar, e eu precisava ficar com ele, pois a gente não podia pagar alguém. Por isso eu fui para o noturno porque a noite os meninos ficavam com ele, aí fui para o Osvaldo Resende e aposentei lá. Então eu passei por estas quatro escolas.

A senhora trabalhou a maior parte do tempo foi com alfabetização? Ou só no Clarimundo que a senhora foi alfabetizadora?

Não, lá no Osvaldo Resende eu também alfabetizava, era noturno, mas eu alfabetizava.

Mas o público já era de jovens e adultos? Ou tinham crianças?

Não, só adultos. À noite não tinham crianças, só de doze ou treze anos para frente, não tinham menores que isto. Quando eu tinha dois cargos, em um cargo eu ficava na sala, eu fui eventual, mas foi muito pouco tempo que eu trabalhei em secretaria. Eu acho que todo este tempo que eu trabalhei, eu devo ter trabalhado uns seis ou sete anos só em secretaria. Eu

nunca gostei de ficar em secretaria, não gostava. Eu nunca quis ser diretora, quando a Carmelita foi para delegacia aí ela convidou a Neide, a Nilce, a Nelsi, que era da minha turma, a Vanda, tudo assim da família, então todas elas foram dirigir uma escola, eu não quis, só eu que não quis ser diretora.

A senhora gostava da sala de aula?

Porque naquele tempo, tanto fazia ser diretora como não, porque o salário era o mesmo. E como eu nunca fui assim, de mandar, eu nunca gostei, eu não nasci pra mandar não.

Como que era a questão da disciplina em sala de aula?

A minha era ótima, nunca tive problema com disciplina.

E a senhora sempre foi assim, calma, tranquila?

Nunca gritei em uma sala de aula. Nunca toquei em um aluno, nunca, nunca. A Edir era de falar deste jeito. A Edir chegava à sala olhava para um, para outro, se ele estivesse mal ajeitado na carteira, ele já se ajeitava na hora. A Edir, também, nunca vi a Edir falar alto com um aluno. E a gente trabalhava, tinha uma ótima letra, os meninos. Porque quando a gente começava, começava cantando com meninos, “ciranda, cirandinha, vamos todos cirandar”, aí fazia o C, depois que você fazia o C você fazia o que o A, aí você ia até lá.

Tudo cantando?

Tudo Cantando. Aí você voltava, olhem minha mão.

Isto o que a senhora fazia no quadro? E eles iam acompanhando no caderno?

No quadro.

E eles iam acompanhando no caderno?

Aí você imagina, você conseguir isto com um aluno com três anos de repetência! Ele não já não queria, e ia ver a letra dele e você não entendia o que ele tinha escrito, de jeito nenhum, porque não tinha formato. E eu até hoje eu gosto da minha letra, porque é bem redondinha. Aí você vinha com o D tudo escrevendo assim, até o final, depois escrevia o B.

Fazia aquele traçado?

Não, já fazia no quadro. Você ia falando, dizia: nós vamos fazer o F, olha, vem cá, agora vai dar um lacinho, vamos subir novamente, aí ele via. E você trabalhava isto com papel sem pauta, sem linha, sem nada, para ele não ficar preocupado que ele tinha de escrever dentro da linha. Então só depois que a gente trabalhava bastante é que você ia exigir dele escrever na linha. Aí tinha de contar uma história para ele. Você não podia falar que a professora anterior não tinha feito um trabalho bom para ele ficar daquela forma. Naturalmente, eram crianças mais escurinhas, não eram bem arrumadinhas, em todo este nível é que acontece isto. E, hoje, aqui não temos mais este nível lá da periferia igual vinha de primeiro. O aluno não tinha onde por o caderninho, punha no chão e ficava com aquelas orelhas. Então, nosso primeiro trabalho, durante uns dois meses de aula, você ia trabalhar com isto. Não tinha clips, estas coisas, mas você arrumava grampo para por aqui e não fazer orelha, orelha de burro que a gente falava. Então punha aqui tudo no caderninho, senão a folha virava até no meio do caderno, era assim. E quando chegava ao mês de agosto, meus alunos já estavam lendo.

Qual era o público de alunos do Clarimundo?

Tinha crianças de todas as classes, mas a maioria era pobre.

Existiam escolas particulares? Tinha aluno que ia para escola particular ou não?

Não, não, era muito raro, porque aqui as escolas particulares aqui eram o Rio Branco, o Rui Barbosa, eu não me lembro de ter muitas.

Mesmo as crianças que tinham uma classe econômica melhor também estudavam nas escolas públicas?

Iam para as escolas públicas. Porque o ensino era muito rígido. Você vê, as provas vinham de Belo Horizonte, não era você que elaborava, e nós não tínhamos conhecimento do que ia cair na prova.

Mas só para aplicar a prova?

É para aplicar a prova, fiscal.

Mas, na sala de aula, você não tinha ajudante?

Não, não tínhamos não. Tinha a Carmelita, quando ela era a diretora, a gente estava dando aula e nem percebia que ela estava sentada na última carteira te olhando dar aula.

Para fiscalizar?

Para fiscalizar. Aí você perdia todo o rebolado, é claro, a gente tinha muito receio dela, porque, nossa Deus, era Carmelita.

O período em que o Clarimundo era grupo era o período da ditadura militar, isto influenciava alguma coisa?

Não, mudava, porque nós tínhamos quer ser ali. Imagina hoje uma professora conversa, fala e até grita com a diretora e com todo mundo. Nós não tínhamos isto, era ali, horário rígido, hora de entrar, hora de sair, recreio. Falta, nossa, Deus, era uma coisa do outro mundo. Você podia faltar só mesmo em um caso muito grave, hoje não, a pessoa vai pega um atestado, nem sei como que é, mas a gente tinha aquilo ali, e era bem rígido.

E havia sempre uma fiscalização para ver o que você estava fazendo?

Por exemplo, o dia em que falava assim, a Inspetora vem aqui hoje, meu Deus. Naquela época os planos de aula, todo dia você deixava um plano de aula lá, a diretora olhava depois te mandava mais tarde, depois da aula.

Quando conversei com a outra professora, e ela comentou que como a senhora também ficava com a turma dos alunos repetentes. Ela disse que a diretora exigia que fosse utilizado o Método Global, mas que ela achava que o Método Silábico era melhor para eles aprenderem, por isso ela fazia dois planos de aula, um para a diretora e outro do que ela realmente faria em sala de aula. A senhora também fazia assim?

Depois destas jornadas pedagógicas, nós passamos a usar o Método Global. Primeiro para nós foi uma mudança grande, mas se para nós era assim, imagine para os meninos. Como eu te falei, quando a gente começou era Caminho Suave, A, E, I, O, U, o método que veio com muitas tradições, depois veio o Método Global. Mas a gente não acreditava que os meninos iriam aprender daquela forma, nós não tínhamos uma segurança para transmitir e, depois, como os meninos, da minha turma, da Erondina, da dona Geny, eram meninos que principalmente, não tinham ninguém em casa que pudesse ajudar, nem livros disponíveis.

Mas depois que a gente pegou o método, que viu que ele podia alfabetizar, foi muito bom. Mas até que a gente teve uma segurança, não foi fácil. Falo também por mim, porque eu falava, meu Deus do céu, já com o todo aqui, uma frase completa.

Mas foi uma exigência do governo usar o Método Global?

Foi, foi. Por exemplo, quantas vezes agora já mudaram também, agora eu já nem sei qual é o método que estão aplicando. Então foi um método que eles acharam que, como nas capitais, por lá deu certo, que o nível era melhor, eu achei – vamos jogar lá para eles também - foi o que aconteceu. Por exemplo, a Edir começou com o Método Global e para ela foi um estouro, os meninos estavam melhor. Por exemplo, pegava a sentença, porque realmente o menino começa a falar assim, uma frase inteira. Aí foi quando a gente amadureceu essa ideia e soube transmitir.

Mas até vocês conseguirem pegar esta segurança, vocês trabalhavam da outra forma?

Isto igual a Erondina falou para você. A gente começa a emendar as palavrinhas, estas sílabas, porque o Método Global só depois é que você começa a trabalhar com os pedacinhos. Aí depois que eu amadureci, eu gostei demais, muito, muito mesmo. A gente fazia aquele tanto de coisa. E quando nós fomos para Patos (Patos de Minas), lá nós tivemos um curso maravilhoso, e eu vim com um tanto de material, com cada cartaz.

Este curso foi com a Lucia Casasanta?

Este foi aqui, mas lá também foi dela.

Nesta jornada pedagógica, que a senhora falou, a Lucia Casasanta participou?

Participou em Patos.

E foram todos os professores para este curso?

Eu não sei, eu fui. A dona Geny, eu acho, que não foi. Fui eu, a Célia (Borges), a Ieda. Quais as professoras que foram? Eu fui menina, mas foi maravilhoso, foi lindo, os cartazes que nós fazíamos.

Vocês que faziam os cartazes?

Toda leitura que tinha, nós fazíamos um cartaz relacionado. E eu trouxe aquele tanto de material, cheguei aqui e a Neide Fernandes (diretora e irmã) me deu uma sala de repetência, mas menina, eu cheguei em casa, mas eu chorei tanto, mas chorei. Eu queria tanto usar aquele material assim, feliz, pegar uma sala bem novatinha, mas eu tive tanta desilusão este dia. Ah não, mas eu falei assim, não acredito que eu vou pegar esta sala novamente. Aí, eu me acalmei e falei assim, mas agora eu também vou trabalhar com esta sala que eles vão ver se todos não vão ler.

E aí trabalhou o Método Global com eles?

Trabalhei o método, mas daí eu misturava, um método com outro. Aí, eu comecei assim, na hora do recreio, eles eram grandes e ninguém queria aqueles meninos. Eu arrumei umas caixas de papelão, fiz dama, aquele tanto de dama. Na hora do recreio, eu falava - você não vão sair de perto de mim. Vocês vão lá tomar o lanche e lá tinha, ainda tem, um lugar que tinha uma árvore grande e debaixo de uma sombra boa. E, na hora do recreio, a gente ia jogar - agora já esta na hora de vocês irem ao banheiro - porque depois eu não deixava menino meu sair da sala toda hora para ir ao banheiro não. Era bem brava, rigorosa, porque senão o

menino quer ir ao banheiro toda hora, e eles vinham logo depois do recreio e queriam ir. Aí a gente ficava jogando, mas eles apanharam um carinho que você precisa ver. E, logo, eles leram e quando a Neide falou assim: eu vou começar exame de leitura, a sua sala já está preparada? Eu falei: eu acho que sim. E ela fazia exame de leitura e dava um ditado.

Quem fazia o exame de leitura era a diretora?

Era a diretora, ela fazia um exame de leitura e dava um ditadinho de umas dez palavras para ver se os alunos estavam preparados.

A senhora acha que a questão da afetividade com as crianças ajudava no aprendizado?

É a melhor coisa.

Porque eles confiavam na senhora e sentiam que a senhora confiava neles, é isto?

Eu não estou te falando que os pais foram lá e queriam me conhecer. Porque os meninos eram todos muito custosos, e eu trabalhava muito com os meus alunos, não só o comportamento na escola, mas em casa. Hoje, não adianta você falar isto porque as crianças são muito rebeldes, mas naquele tempo eles ouviam muito a gente, porque professora era ídolo. Isto mudou muito, a professora era PROFESSORA, nossa, fulana falou e pronto. Eles (pais e mães) falavam assim: olha você pode bater. Olha, imagina, eu não estou aqui para bater não.

Mas havia professores que batiam?

Ah, tinha, muito professor assim, que não tinha paciência, beliscava, puxava a orelha, isto era muito tradicional. Não era cobrado, ninguém falava, ninguém ia para a delegacia porque estava corrigindo, e o pai falava: pode fazer isto.

Os próprios pais aceitavam este tipo de correção?

Aceitava esta correção, reguada, era assim, o povo não tinha educação também não.

Neste período no Clarimundo a senhora chegou a ver esse tipo de correção?

Ah, tinha sim, professores que espancavam, não bater muito, mas davam reguada. Porque ninguém vigiava. Toda profissão tem quem faz por amor e tem quem faz por obrigação, não nasceu para ser, ou fazer magistério, então eu acho que isso. Por exemplo, eu tenho quatro filhos, eu tenho a que mora aqui no fundo, e eu tenho bisneto, até hoje eu educo ele. Ele já chegou a sair comigo a quatro meses, os outros falam - eu nunca vi você gritar, nunca vi você fazer isto, aquilo - mas a avó, que é a minha filha faz, ela grita. Ela não aprendeu assim, mas ela faz. Ela tem só uma filha, mas ela grita com o neto, faz tudo por ele, mas tem hora que ela perde mesmo a paciência. A Neide (irmã) criou seis filhos, mas ela não olhou nenhum.

Porque estava sempre trabalhando?

Estava sempre trabalhando, e nós é que cuidávamos dos filhos dela. Eu, minha mãe e as meninas que trabalhavam na casa dela. Aqui, nesta foto é a Edir, ela está dando aula na Jornada.

Mas nesta foto aqui ela está com crianças mesmo, ela dava aula para as crianças na jornada?

Isto na Jornada.

E aí o pessoal ficava assistindo?

E a gente ia assistir às aulas.

Ficavam alguns professores juntos na sala, é isto?

É, assistíamos à aula que ela ia dar, porque assim depois que houve a jornada lá com o pessoal, a gente ia dar aula para ver o que aprendeu. Está vendo aqui (cartazes na foto) era dos três porquinhos, você viu?

Vi. Essa que é a cartilha da Lucia Casasanta, "As Mais Belas histórias".

Isto.

Então quer dizer que a senhora trabalhou primeiro com a cartilha Caminho Suave e depois da Caminho Suave foi direto para esta.

Fui direto, isto!

Quando abriu, o Clarimundo começou a funcionar somente com as salas de primeiro ano? Depois que as crianças foram aprovadas, no ano seguinte, começaram as salas de segundo ano? Foi assim?

Não, tinha a segunda, a terceira e a quarta série, porque houve matrículas.

Mas era em outro turno?

Era de manhã.

Então à tarde era só a primeira série?

Era. À tarde eram só as primeiras séries, mas aí de manhã tinha a segunda, a terceira e a quarta série.

Desde o começo?

Desde o início. Às vezes a quarta série tinha duas turmas, só umas duas turmas, porque daí é que foi aumentado, porque depois no ano seguinte, já houve mais segundas séries, pois foram aprovados os nossos alunos da primeira série. Daí, à tarde, já tinha sala de segunda série também, porque só de manhã não bastava, às vezes, tinha três terceiras série, várias segundas, daí foram aumentando as quartas séries, as terceiras e diminuindo as primeiras.

É interessante observar na foto como os alunos estão todos arrumadinhos.

Está vendo, tudo de branco, isto aqui é lá no cinema, mas este negócio de data, isto aí se você entrevista a Neide que ela sabe tudo isto. Ela ficou no Clarimundo desde o começo. Isto aqui foi uma procissão de Corpus Christi.

E a escola sempre participava?

Participava, porque a gente pintava a serragem.

Os alunos que faziam ou eram as professoras?

Eram as professoras com os alunos.

A senhora me falou que fez magistério. E fez mais algum outro curso além do magistério?

Foi, eu fiz supervisão. Foi depois de bastante tempo que eu já estava na escola.

Era curso superior?

Sim, era curso superior. Eu fui fazer supervisão.

A senhora tem ideia de quantos anos ficou lá no Clarimundo?

Devo ter ficado uns vinte anos porque eu já estava completando 30 anos de magistério quando eu fui para o Osvaldo Resende. Porque quando eu fui para lá (Dr. Duarte), eu acho que estava com dez anos de magistério, aí eu passei para cá (Clarimundo) e quando eu saí daí já tinha aposentado em um cargo, faltava só o segundo.

E a senhora fez supervisão quando? Depois de quanto tempo?

Inclusive eu não mudei de letra mais porque aí eu aposentei daí eu não tive mais direito, fui só P6. Aí já não deu tempo mais, a não ser que eu ficasse sem aposentar e eu não quis ficar. Quis não, não podia.

Aqui é bispo? O que será isto aí, parece que está com um diploma na mão, é isto?

Deve ser, olha aqui a Carmelita.

Ou seja, a igreja estava sempre presente nas festas?

Sim, tinha até missa dentro da escola.

Mas isto no período de aula ou em alguma festividade?

Não, em alguma festinha, alguma coisa. Aqui e lá na FENIUB, é alguma coisa que houve lá, porque a gente fazia concurso de composição, estas coisas. Você vê aqui tem uns meninos mascarados, esta é minha sobrinha, era no palco aqui está vendo, aqui também é no palco.

E os pais participavam na escola?

Participavam. Este é desfile do dia 7 de setembro, a fanfarra. Ou é sete de setembro ou é o aniversário da cidade, esta também é do desfile, minha filha participou do desfile, eu me lembro desta roupa dela aqui.

E estas roupas eram confeccionadas por quem?

Cada pai que fazia a sua. Geralmente era assim, levava na costureira, por exemplo, da Gabriela eu fiz essa de papel laminado. Aqui a Neide já era diretora, isto deve ser o aniversário da Neide.

Para ser diretor da escola o que é que precisava?

Era nomeado pelo governo.

Só precisava ser professor?

É, e ter curso superior. A Neide tinha pedagogia. Este aqui é o dia da árvore. Olha este menininho, que está aqui no desfile, está vestido de soldado, deve ser as profissões, alguma coisa assim. Esta aqui está formada, deve ser professora, alguma coisa, porque quando eu me formei me vesti assim, de toga. Isto aqui é na Afonso Pena. Esta aqui é da festa de rainha está vendo, está aqui é a passarela.

Esta festa de rainha era na festa junina ou era outra festa?

Não, as alunas vendiam voto para poder ver quem ia ganhar. Aqui você está vendo a passarela. A gente ajuntava todas as mesas da cantina, punha um tapete para as meninas

desfile. A dona Geny estava na escola desde o início, ela não se lembrou disto aqui não? A turma da minha época eu me lembro de todas, esta aqui já é o rei e a rainha, o primeiro lugar, eu não sei o que que é, é a mesma está com a mesma roupa, este é o segundo lugar, os pais faziam questão de gastar.

No tempo em que a senhora trabalhou no Clarimundo, a senhora ficou mais tempo foi na primeira série?

Só trabalhei com a primeira série. Depois eu trabalhei de quinta a oitava, mas aí eu trabalhei como professora de Educação para o lar. Antigamente, quando a gente estudava eram trabalhos manuais, porque a gente trabalhava com tudo que era relacionada a uma casa, por exemplo, a gente via a parte de higiene, a parte de alimentação.

Mas isto só para de quinta à oitava série?

Só de quinta à oitava, só de sétima e oitava, quinta e sexta, não tinha trabalhos manuais. Então eu levava os meninos para a horta, a gente plantava, colhia, tinham muitos e era dividido assim, tinha um professor que dava aula de comércio.

O Clarimundo foi uma das melhores escolas daqui, porque o estadual preferia os nossos alunos, quando terminava a quarta série, porque de quinta a oitava era lá. Eu tenho algumas fotos que eu mesma mandava tirar das minhas alunas dos trabalhos que eu ensinava, da horta, quando a gente colhia. Então a gente fazia uma banca lá no portão e nós vendíamos aquilo que estava sobrando da sopa, cenoura, couve, chuchu, todo o excesso a gente vendia, porque incentivava os meninos a plantar; e as meninas elas bordavam, faziam almofadas.

Os meninos faziam um tipo de aula e as meninas outra?

As aulas dos meninos e das meninas não eram juntas não. Sempre os meninos ficavam com o professor e aí quando era dia da horta eu não pegava as meninas.

Desde o começo os alunos já estudavam juntos, meninos e meninas em uma sala só?

Só que era assim, na sétima e oitava série dividia. Mas só na hora da aula, aí nos íamos para a cantina, e eram dois horários juntos para poder dar tempo, porque se fosse só um horário mal eles tiravam o material e já teria acabado, então fazia aula conjugada.

Apesar das salas serem mistas, na hora de anotar as notas na ata, eram anotadas separadamente as notas dos meninos e das meninas, por que isto, tinha algum motivo especial?

Não sei menina, porque isto, acho que para ver a quantidade de meninos e meninas, ou separar, porque tudo era muito contabilizado, as fichas, os históricos, não sei porque não. Terminava os meninos começava as meninas, mas na sala era tudo junto. Tinha professora que não dava conta de fazer as atas, então a gente é que fazia para ela.

E não podia errar não é?

Não, nem um pouquinho. Você sabe o que eu fazia, eu tirava uma fotocópia do livro de ata e fazia e na cópia e depois eu passava a limpo, com a régua, tudo certinho. E nos livros de chamada você tinha de falar tudo o que você estava dando. Você anotava tudo o que você deu naquela dia, o que fez, o que aconteceu, tudo deste jeitinho.

Que engraçado menina aqui não tem nada sobre um desfile que nós fizemos sobre no aniversário de Uberlândia, eu acho que foi de setenta e dois anos. Nós fizemos um bolo de

madeira e revesti-lo todinho de papel amassado como se fosse um Glacê. Mas enorme mesmo e teve até camioneta para levar.

Tem alguma coisa aqui, o quarto ano noturno homenageia Uberlândia, por ocasião do 76º aniversário, foi uma homenagem, não é?

Mas não tem nenhuma foto deste bolo, eu vou procurar no dia em que você vier aqui, eu vou te mostrar.



Universidade Federal de Uberlândia
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação

TERMO DE CESSÃO

Pelo presente documento, eu EDIR LOBATO DOS SANTOS,
brasileira, carteira de identidade nº M462544, cede e transfere neste ato,
gratuitamente, em caráter universal e definitivo à Universidade Federal de Uberlândia, a
totalidade dos seus direitos patrimoniais de autor sobre o depoimento oral corrigido prestado a
pesquisadora Vanessa Lepick, portadora do RG nº M6-174.363 SSP/MG.

Fica, pois a Universidade Federal de Uberlândia, plenamente autorizada a utilizar as fotos,
encontradas no Arquivo Público Municipal, no Arquivo da Escola Estadual Clarimundo
Carneiro e o referido depoimento, no todo ou em parte, editado ou integral, inclusive cedendo
seus direitos a terceiros, no Brasil e/ou exterior.

Sendo esta a forma legítima e eficaz que representa legalmente os nossos interesses, assinam o
presente documento em 02 (duas) vias de igual teor e para um só efeito.

Uberlândia, 12 de januário de 2013

Edir Lobato dos Santos
Assinatura

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
PESQUISA DE MESTRADO
Modos de Alfabetizar no Grupo Escolar Clarimundo Carneiro no Período de 1963 a 1973
Pesquisadora Vanessa Lepick

DADOS PESSOAIS.

Nome: Lobato

Data de Nascimento: 26/09/1942

Naturalidade: Uberlândia.

Estado civil: Solteira

Posso perguntar por quê? Foi por escolha, ou pela profissão?

Não foi propriamente por escolha, nem pela profissão. Foi um sentimento de amor e gratidão aos meus pais adotivos. Adotivos não, pois me criaram com todo amor, sacrifício, carinho e dedicação. Eu perdi minha mãe biológica, Maria, com oito dias de vida e com quinze eu vim para companhia deles, mamãe Nina e papai Quinca, pessoas maravilhosas! Nasci muito doente e eles não esmoreceram... lutaram para que hoje eu estivesse aqui.

Meu pai biológico, papai Zezé, era uma boa pessoa, mas seu jeito de amar era bem diferente. E eram irmãos... E ele, meu pai biológico, pouco tempo depois do falecimento de minha mãe, casou-se com minha Tia Guiomar, irmã de minha mãe. Deste casamento nasceram Edmar e José Ricardo, meus irmãos e primos primeiros. Minha mãe biológica morreu com 31 anos, nova, começando a vida e deixou os filhos Edson, a Edna a Edith e eu. Tenho muito amor e respeito pela minha mãe biológica, embora não a tenha conhecido. Meus pais, aqui em casa enalteciam os valores que esta grande mulher possuía. As pessoas que tiveram a feliz oportunidade de conviver com ela também exaltavam seu caráter e sua bondade. Concluindo, quero dizer que minha dedicação foi tanta, que eu não soube administrar minha própria vida. Perdi algumas oportunidades. Podia muito bem ter conciliado as duas coisas, mas não me arrependo de forma alguma.

E todos ficaram com os mesmos pais adotivos?

Não. Edson, o mais velho, saiu de casa e ficou por algum tempo em endereço ignorado. Edna morou com outros tios até o casamento. E Edith morou com papai Zezé e Tia Guiomar.

RECORDAÇÕES DA ALFABETIZAÇÃO

Agora eu gostaria de saber um pouco da sua trajetória de escolar e profissional. Quais recordações a senhora têm do período em que foi alfabetizada?

As melhores recordações possíveis. Minha professora era fantástica! O colégio excelente! Foi um período muito bom. Eu estudei desde o jardim da infância até o Curso Normal no Colégio Nossa Senhora das Lágrimas, aqui em Uberlândia. Era uma escola particular dirigida pelas religiosas da Congregação das Missionárias de Jesus Crucificado. Minha formação acadêmica, religiosa e moral foram obtidas nesta Casa de Ensino, ressaltando que os princípios religiosos, espirituais e morais básicos tiveram como alicerce e suporte minha família. Nossa família era humilde, financeiramente falando, mas de uma riqueza muito grande em termos de valores humanos, honestidade e outros.

Apesar de sua família ser humilde, a senhora estudou em uma escola paga, não é verdade?

Boa pergunta. Era uma escola paga sim. Acontece que minha irmã de criação, Maria de Lourdes, era Missionária de Jesus Crucificado, e o Colégio Nossa Senhora das Lágrimas pertencia a esta Congregação. Então ela conseguiu bolsa de estudo integral para mim, do jardim da infância ao 3º ano do Curso Normal, através da Congregação.

Minha irmã, Maria de Lourdes, foi uma pessoa maravilhosa que Deus colocou em meu caminho. Uma pessoa que me ajudou muito. Irmã de criação é rótulo. Na verdade, ela sempre me amou como irmã e, com certeza, esse sentimento foi recíproco.

E como que foi sua alfabetização? Como a senhora foi alfabetizada?

Se não me engano, fui alfabetizada pelo Método Silábico. Irmã Luiza, minha professora trabalhava usando sílabas e o material didático se baseava na silabação.

Mas tinha alguma cartilha?

A cartilha se chamava “Cartilha da Infância”.

Mas a senhora contou-me que seu pai comprou uma cartilha e, coincidentemente, era a Cartilha da Infância, e começou a lhe ensinar. Como foi isso?

Realmente, papai comprou a Cartilha da Infância antes de eu ir para a escola e, em casa, começou a me ensinar. Até, hoje, me lembro... meu pai fazia um buraquinho em uma folha de papel, e neste buraquinho deixava aparecer uma letra ou uma sílaba e perguntava: minha filha, o que está escrito aqui? Na verdade, comecei a ser alfabetizada por um professor nato, meu pai, embora ele tivesse pouca instrução. Mas, minha primeira professora também exerceu uma grande influência, e eu tenho dela melhor recordação possível.

E como era essa sua primeira professora?

O nome dela era Irmã Luiza e pertencia à Congregação das Missionárias de Jesus Crucificado. Era jovem, muito bonita e exigente, porém muito querida por seus aluninhos. Aliás, pela minha vida, na maioria das vezes, só passaram e ainda passam, pessoas maravilhosas e exigentes. Isto é ótimo!

Será que isto colaborou para que a senhora se tornasse também exigente?

Acredito que sim. Sempre fui muito exigente comigo mesma. Me cobre demais!... Sempre fui também muito exigente no meu trabalho. Exigência esta, sempre pautada no amor, carinho e dedicação, visando o bem daqueles que Deus colocou em meu caminho!

Que material que a senhora tinha quando foi alfabetizada?

O material era caderno comum, caderno de desenho, lápis, borracha, apontador de lápis, lápis de cor, tesourinha sem ponta aguda e outros que se faziam necessários no decorrer do ano letivo.

E como era a escola onde a senhora estudou?

Era uma escola grande. Possuía muitas salas de aula, biblioteca bem equipada, laboratório, dois pátios enormes, quadras para jogo de voleibol e basquetebol, sala para jogo de pingue-pongue, sala de recepção, sala para diretoria e secretaria, muitos banheiros, bastante bebedouros.

A senhora saberia dizer se essa sua primeira professora tinha alguma formação?

Minha professora alfabetizadora, Irmã Luiza, possuía qualificação para o exercício do magistério.

Mas havia muitos professores leigos naquela época?

Sim. Inclusive quando eu trabalhava na DRE, foi realizado um curso de treinamento Para professores não titulados, dividido em três etapas, no período de férias. Os participantes eram professores atuantes na zona rural dos municípios jurisdicionados à Delegacia Regional de Ensino de Uberlândia. Estes educadores não tinham respaldo técnico-pedagógico, por falta de orientação e /ou por falta de oportunidades, mas eram verdadeiros heróis! Muitos professores participantes desse curso chegaram até à universidade, se habilitaram e seguiram carreiras. É gratificante! Tive a felicidade de fazer parte do corpo docente desse curso. Para mim foi emocionante. Excelente!

FORMAÇÃO PARA O MAGISTÉRIO

Então desde o início da sua vida profissional, a senhora já possuía formação?

Sim, Primeiro me habilitei para posteriormente exercer a profissão.

A Senhora fez pedagogia?

Fiz o curso Normal e posteriormente me formei em Pedagogia - licenciatura plena e com habilitação em Supervisão Escolar, Administração Escolar e Magistério.

E quando a senhora cursou pedagogia?

Concluí o curso em 1965.

Além desta formação, a senhora me falou que fez outros cursos pelo Estado.

Sim, Fiz vários cursos promovidos pela Secretaria de Estado da Educação (SEE/MG) em Belo Horizonte no período em que fui Coordenadora do Serviço de Desenvolvimento de Recursos Humanos (SDRH) pela Delegacia Regional de Ensino (DRE). Dentre os cursos que fiz, participei um treinamento para exercer a função de Instrutora de Gerência da Qualidade Total (GQT).

Mas, mesmo quando a senhora trabalhava como alfabetizadora sempre tinham cursos?

Participei de um curso para a aplicação do Método Global na UFMG quando tive aulas com a Lucia Casasanta, a autora do livro *“As Mais Belas Histórias”*.

ATUAÇÃO PROFISSIONAL

Como que a senhora se tornou alfabetizadora?

Assim que concluí o curso Normal, fui trabalhar com dona Carmelita Vieira dos Santos, e ela escolheu-me como alfabetizadora. Foi uma benção de Deus.

Por quanto tempo a senhora trabalhou como alfabetizadora?

Cinco anos, como você constatou na ata.

Mas antes disto a senhora trabalhou em outra série?

Não, eu comecei a trabalhar como alfabetizadora, após a conclusão do Curso Normal.

A senhora trabalhou em outra escola?

Minha primeira experiência profissional foi em 1962 no Grupo Escolar Seis de Junho. Posteriormente, de 1963 a 1967, trabalhei no Grupo Escolar Clarimundo Carneiro, nas duas escolas trabalhei como alfabetizadora. Trabalhei ainda no Grupo Escolar Bueno Brandão, no ensino médio, de 1966 a 1969 no Colégio Inconfidência no curso Normal e também na DRE (Delegacia Regional de Ensino), hoje SRE (Regional de Ensino Superintendência Regional de Ensino), onde me aposentei.

GRUPO

Gostaria de falar um pouco sobre o Grupo Escolar Clarimundo Carneiro. Eu verifiquei que no início do Grupo Clarimundo Carneiro, existiam quinze salas de alfabetização, mas porque tinha tantas salas de alfabetização?

Porque o Clarimundo Carneiro era uma escola de porte maior, no bairro Martins. Por esta razão oferecia condições pra atender alunos da 1ª à 4ª séries primárias.

E qual era a faixa etária do público que estudou no início Clarimundo Carneiro?

Desde o início, o Clarimundo Carneiro atendia a diversas faixas etárias, pois existiam classes de alunos novatos da 1ªsérie, os repetentes e os pertencentes às demais séries.

E como era definido o tipo de sala o professor iria trabalhar?

A diretora ao receber o professor, nem sempre conhecia o perfil profissional. O que podia acontecer era manter uma conversa com o educador e tentar coloca-lo de acordo com suas tendências, ou então, se já possuía experiência anterior, aproveitar esta experiência e colocá-lo na regência.

E para definir em qual tipo de sala o aluno iria ficar (AN1, AN2,...) os alunos faziam alguma prova no início do ano?

Quando iniciei, os alunos novatos da 1ªsérie eram selecionados através do teste “ABC”, de Lourenço Filho. Este teste era aplicado individualmente em cada criança, antes do início das aulas. Este teste foi usado bem quando eu comecei, depois parece que ele caiu, mas fazia com a criança, e era individual. Era muito interessante. Até, eu me lembro de uma vez, eu nunca me esqueço deste aluno, a gente aplicando o teste e tinha palavras difíceis de serem pronunciadas, e eles teriam que repetir aquilo que você falava. Era um dos itens do teste, aí tinha uma palavra lá que era: PINDAMONHANGABA. Complicado para eles, PINDAMONHANGABA. Então, quando chegou nesta hora, a gente falava com mais ênfase a palavra, P I N D A M O N H A N G A B A e, o menino assim, com a carinha mais bonitinha do mundo, bochechudo, sardentinho, disse – PINDAGOIABADA. Isto me marcou. Eu achei interessante, ele não deu conta de falar aquela palavra, mas ele rimou certinho, PINDAGOIABADA. Ele foi inteligente, ele não ficou titubeando não, ele falou – PINDAGOIABADA.

Desde o início os meninos e as meninas estudavam na mesma sala?

Sim, meninos e as meninas estudavam na mesma sala.

Então porque que na ata eles vinham separados uns dos outros?

Era uma questão de organização e controle, pois facilitava o levantamento de dados quando precisávamos saber quantos meninos e quantas meninas havia em cada sala. E também

facilitava a identificação de nomes unissex, por exemplo, o nome Darci, era de um menino ou de uma menina?

E qual era a diferença dos tipos de sala AN1, AN2, AN3?

AN1 era a sala dos alunos mais fortes, AN2 dos alunos médios e AN3 dos alunos fracos. Era a classificação usada na época.

E essa classificação era definida pela escola ou pela secretaria de educação?

Essa nomenclatura vinha da Secretaria de Estado da Educação. Não foi criada pela escola.

Eu fiquei sabendo que vinham pessoas de muitos bairros para estudar no Grupo Escolar Clarimundo Carneiro.

O Clarimundo Carneiro era uma escola muito bem conceituada. Isto se devia ao alto nível de ensino que oferecia.

E como era o bairro naquela época, porque afinal Clarimundo Carneiro era uma escola grande?

Era um bairro razoável, populoso, com crianças de classe média, mas também com crianças com dificuldades financeiras enormes.

JORNADA PEDAGÓGICA

Contaram-me que houve uma Jornada Pedagógica no grupo Clarimundo Carneiro, como era essa jornada?

Foi a primeira Jornada Pedagógica realizada em Uberlândia. Este evento foi voltado para a alfabetização e, também, atividades inerentes a outros conteúdos do Programa de Ensino da 1ª série. Foi realizada em uma semana. O foco desta jornada foi a aplicação do Método Global.

Mas quem organizou esta jornada pedagógica?

A coordenação e supervisão geral da Jornada Pedagógica foram de responsabilidade da Secretaria de Estado da Educação do Estado de Minas Gerais (SEEMG). E a coordenação e realização regionais ocorreram em várias Delegacias Regionais de Ensino do Estado de Minas Gerais. A nossa jornada aconteceu pela DRE de Uberlândia, no Grupo Escolar Clarimundo Carneiro.

E por que foi realizada no Grupo Escolar Clarimundo Carneiro?

Porque o Clarimundo Carneiro oferecia condições administrativo-pedagógicas e estrutura física ideais para a execução do evento como salas de reuniões, sala para atividades administrativas, biblioteca, salas de aula que comportavam os participantes e alunos, auditório para a execução de atividades coletivas, cantina, banheiros e outros.

E como que era essa Jornada?

Primeiro teve a participação de professores altamente qualificados em um curso promovido pela SEE/MG em Belo Horizonte, onde receberam orientações didático-pedagógicas, de conteúdos que seriam repassados às treze professoras alfabetizadoras escolhidas para darem aulas demonstrativas às professoras participantes, pertencentes aos municípios jurisdicionados à DRE de Uberlândia. As treze professoras escolhidas aplicavam o Método Global e eram advindas de diversas escolas da rede estadual de Uberlândia. Os participantes da Jornada Pedagógica eram distribuídos em treze salas de aula para assistirem às aulas demonstrativas

ministradas pelas professoras alfabetizadoras aos seus respectivos alunos. Depois, esses professores alfabetizadores dos diversos municípios da jurisdição que assistiram às aulas demonstrativas seriam elementos multiplicadores em seus municípios ou escolas.

A Jornada Pedagógica contou com a participação de supervisoras da SEE que acompanhavam e orientavam os trabalhos realizados no decorrer das atividades desenvolvidas durante a Jornada Pedagógica.

PRÁTICAS DE ENSINO

Vamos falar um pouco sobre sua prática como professora alfabetizadora. Como a senhora ensinava a ler e escrever?

Aplicando o Método Global de forma correta e usando material adequado.

A senhora aprendeu a usar o Método Global no curso Normal?

Sim, em didática, mas sem muito aprofundamento. Quando terminei o Normal saí de lá morrendo de medo de ter que usar o Método Global em sala de aula. E por quê? Porque a minha professora de didática me botou tanto medo dizendo que era muito difícil. E, eu pensei: se Deus quiser eu nunca vou lecionar o método global. (risos) E como disse antes, assim que terminei o Normal, eu fui trabalhar no Grupo Escolar Seis de Junho, onde a Dona Carmelita era a diretora. E quando a dona Carmelita fez a divisão das salas, achou por bem que eu trabalhasse primeira série. Pronto, eu na primeira série e tendo que trabalhar com o método global, eu me gelei toda. Pensei: meu Deus do céu, mas eu preciso trabalhar, eu tenho que fazer a minha parte aqui, não tenho outra saída. Eu era muito inibida. E muito constrangida cheguei para ela (Carmelita), morrendo de medo, e falei: dona Carmelita eu queria lhe pedir uma coisa, naquela humildade danada, será que não tinha jeito de eu não lecionar em outra sala? E ela falou: mas por quê? Eu estudei um pouquinho o Método Global no curso Normal, mas eu acho que é muito difícil. Ela bateu no meu ombro, não me esqueço disto, ela bateu no meu ombro e falou: Você não está sozinha. Você vai trabalhar com o Método Global, sim, mas você não está sozinha, eu vou estar ao seu lado, o tempo todo. Não tem problema nenhum. Você vai ser muito feliz.

E a senhora teve mesmo este acompanhamento?

Total. Ela dava esse acompanhamento para todo o corpo docente.

Ela realmente ajudava os professores?

A Carmelita era exigente, mas ela podia exigir porque tinha muito para oferecer. E eu devo muito a ela, aliás, profissionalmente eu devo tudo a ela.

A senhora me falou que foi justo a dona Carmelita que a levou para trabalhar no Clarimundo Carneiro, correto?

Isso. E lá eu continuei alfabetizando.

Então podemos pensar que ela pode ter feito isso justamente pelo fato de ela querer implantar o Método Global também lá no Clarimundo Carneiro.

Uma equipe, por sinal excelente, trabalhou com o Método Global no Grupo Escolar Clarimundo Carneiro.

Mas havia resistência a este método?

Havia muita resistência sim. Na verdade, é um método maravilhoso! Pois pelo Método Global a criança tem uma visão do todo, o que oportuniza uma leitura corrente.

Me fale um pouco sobre o Método Global.

Nós trabalhávamos com o livro “As Mais Belas Histórias” que contava a história dos Três Porquinhos. A autora desse livro é a Lúcia Monteiro Casasanta. Esse método é dividido em cinco fases que devem ser trabalhadas uma a uma, de acordo com o amadurecimento dos alunos. Faz-se necessário tomar muito cuidado para não queimar nenhuma etapa. Cada fase deve ser vencida, para posteriormente introduzir a fase seguinte e, assim, sucessivamente. As fases são: Fase do Conto, Fase da Sentenciação, Fase da Porção de Sentido, Fase da Palavração e Fase da Silabação.

Antes da introdução do pré-livro era trabalhado o Período Preparatório, onde inúmeras atividades eram efetuadas para o desenvolvimento da coordenação motora e outros. Cada aluno era portador de uma fichinha com o seu nome e, após qualquer exercício escrito, era solicitado ao mesmo que “assinasse” seu nome.

Após o Período Preparatório, iniciava-se a aplicação do Método Global.

Cada aluno possuía o seu pré-livro, mas este ficava com a professora e era entregue separadamente, fase por fase, conforme o avanço do aprendizado dos alunos. Isto para despertar maior interesse nas crianças, bem como despertar expectativas e a sensação de novidade.

A primeira atividade era a entrega da capa do pré-livro, que era explorada ao máximo. Ressaltávamos o nome do pré-livro, sua autora e outros detalhes. Fazíamos então a entrega solene da capa do pré-livro, envolvendo o pessoal da diretoria e outros profissionais da escola, quando possível.

O pré-livro era composto de cartazes miniaturas (Fase do Conto) e de fichas referentes às Fases da Sentenciação até a Fase da Silabação, para serem trabalhados no momento oportuno. Os alunos recebiam quatro envelopes vazios – um para cada fase e um de cada – onde seriam guardadas as fichas, após a execução das atividades por eles. A entrega era feita de acordo com a etapa executada.

O material da professora era o mesmo pré-livro, em tamanho maior: em forma de cartaz na Fase do Conto, ou em forma de fichas nas demais fases.

Antes da apresentação do primeiro cartaz pela professora, eram trabalhadas com enorme intensidade as Leituras Suplementares.

Aí então era apresentado e explorado o primeiro cartaz pela professora e entregue aos alunos o correspondente cartaz em miniatura para ser anexado ao pré-livro. Várias atividades eram executadas pelas crianças a partir do momento em que já conseguiam memorizar o conteúdo como: colorir o cartaz miniatura, cópia do cartaz, dramatização, mímica e outras atividades inspiradas na criatividade da professora. Esta técnica era aplicada na introdução dos demais cartazes.

E quando o segundo cartaz deveria ser inserido?

Quando se percebia que o aluno já estava no ponto para dar continuidade à história. Isso é válido para a introdução dos demais cartazes. As Leituras Suplementares referentes a cada cartaz eram exploradas sempre e com bastante intensidade. Os cartazes do pré-livro trabalhados ficavam expostos na sala de aula até o final do dia.

E quando as outras fases deveriam ser introduzidas?

Normalmente após as atividades realizadas com o quarto cartaz da Fase do Conto, introduzia-se a Fase da Sentencição como recortar e trabalhar as sentenças existentes no final do pré-livro. Após as atividades, cada aluno guardava este material no envelope que diariamente deveria ser levado à escola. Outra atividade era a apresentação de Fichas Relâmpago, nas quais a professora usando o seu material mostrava a ficha, de maneira rápida, e os alunos liam a frase e depois escreviam no caderno. Também fazíamos ditado e outros.

As sentenças eram referentes ao primeiro cartaz e depois com os demais cartazes usava-se o mesmo procedimento.

O referencial para a introdução das fases seguintes era este: após a exploração do quarto cartaz. Exemplo: foi trabalhado até o quarto cartaz da Fase do Conto, então se introduzia a Fase da Sentencição, que foi trabalhado até o quarto cartaz da Fase da Sentencição em seguida introduzia-se a Fase das Porções de Sentido, e assim por diante...

No decorrer da aplicação do Método Global, outras atividades eram desenvolvidas como: histórias infantis, poesias, comemoração de datas cívicas e festivas, excursões, colorir desenhos, mímicas, jornal falado, fantoches e outras.

Eram trabalhados os conteúdos de Aritmética, Estudos Sociais, incluindo a Geografia e História, focando a família, escola, bairro, sinais de trânsito e outros. No conteúdo de Ciências, era focado as noções de higiene, realização de experiências, de acordo com o Programa de Ensino elaborado pela Secretaria de Estado de Educação.

As Leituras Suplementares eram muito importantes e sempre deviam estar presentes.

Porque essas Leituras Suplementares eram tão importantes?

Por várias razões. As leituras Suplementares contribuíam para o aprendizado e a fixação dos cartazes que compunham o pré-livro. Ajudavam a enriquecer o vocabulário e aguçar a criatividade do educando e possibilitava uma leitura contínua, dando uma visão do todo, não permitindo a fragmentação no ato de ler.

Me explique melhor como eras Leituras Suplementares?

As leituras Suplementares eram constituídas de cartazes confeccionados por nós alfabetizadoras. Estas leituras auxiliavam no aprendizado de cada cartaz do pré-livro em suas cinco fases. Consistiam na elaboração de histórias baseadas no conteúdo de cada cartaz. Vou exemplificar:

O conteúdo do primeiro cartaz era:

Era uma vez...

Era uma vez...

três porquinhos.

Fazíamos cartazes ilustrados assim:

Era uma vez...

Era uma vez...

três gatinhos.

ou

Era uma vez...

Era uma vez...

três ratinhos.

Quanto mais cartazes elaborados, melhor.

Além disso, várias atividades eram desenvolvidas como leitura, escrita, treino ortográfico e outros.

E como eram essas excursões que a senhora falou?

A excursão era uma atividade realizada com os alunos, após a elaboração de um planejamento direcionado. Por exemplo, fazíamos visita às diversas dependências da escola como: biblioteca, diretoria, secretaria, cantina, pátio, quadra esportiva e outros locais.

O objetivo primordial dessa atividade era o de proporcionar aos alunos um conhecimento geral de seu ambiente escolar e as atribuições conferidas a cada profissional. A partir desse conhecimento adquirido através da excursão, as crianças teriam, de forma consciente, condições de amar, respeitar e dar o real valor e importância não só à escola, mas também aos funcionários no exercício de suas funções específicas.

Como era o treino ortográfico?

O treino ortográfico eram exercícios para treinar a ortografia.

Vamos falar mais sobre os textos, como eram? Como eram trabalhados?

Por exemplo, eu mostrava uma gravura e dizia para eles - vamos agora fazer uma história olhando para aquela gravura. Vocês vão contar uma história sobre aquela gravura. Só que esta história tem um nome, então vamos colocar um nome na história.

E como é que explora a gravura?

De várias formas. Havia formação de histórias com gravuras seriadas, também denominadas de gravuras com sequência lógica. As gravuras são colocadas fora da sequência. Em seguida, pedir ao aluno para contar uma história colocando as gravuras na ordem certa. Pedir a outros alunos para contarem a história e que coloquem as gravuras na ordem em que foi contada.

E como era com apenas uma gravura?

Explorando ao máximo a gravura. Exemplos: eu perguntava: o que vocês estão vendo nesta gravura? Um dizia: estou vendo uma casa no campo - outro falava: -Ah! Tem uma grama verdinha e bonita na frente - outro dizia - tem uma árvore grande. Então, nós já vimos a casa, vimos a grama, vimos a árvore, será que tem mais alguma coisa? - O sol está bonito ali. Você também pode falar assim: Atenção, vocês vão olhar bem esta gravura agora, e vão pensar aí nas suas cabecinhas uma historinha. E aí eles vão inventar sozinhos. Quem quer vir contar a sua história?

Mas sempre os textos, as composições, eram baseados em uma gravura?

Eram baseados no concreto.

Então, normalmente a produção de textos era feita usando com referência a uma gravura justamente para se basear no concreto?

Exatamente.

Fale um pouco mais sobre os ditados.

Podia ser feito com uma frase. E depois você vai ampliando a dificuldade, aos poucos, de acordo com o amadurecimento deles. A ficha relâmpago era muito boa. Às vezes, você já deu um, dois ou três cartazes e você dizia: eu quero ver quem é espertinho aqui, eu vou passar uma ficha rápida e quero ver quem vai saber dizer o está escrito nela. Mas é claro que, na primeira vez, você não vai passar tão rápido assim. Depois você dizia: vocês estão muito sabidos, agora eu vou passar mais rápido um pouquinho. Cuidado, agora vai ser rápido.

E eles achavam graça?

Sim

Mas era uma ficha grande?

Era grande, bem grande. Pode ser até a ficha que você já está trabalhando, dos três porquinhos, ou outra. Quem deu conta de ler, levanta a mãozinha. Diga para mim: o que foi que você viu? Ah, vamos ver se é isto mesmo gente, vocês concordam? Trabalhar com a ficha relâmpago era uma delícia.

E essa ficha relâmpago podia ser usada tanto para ler como para escrever?

De qualquer jeito.

Será que tem mais alguma coisa que a senhora pode acrescentar sobre o tipo de material que a senhora usava em sala de aula?

Sim. Usávamos vários tipos de material, por exemplo, pauzinho de picolé, bolinhas coloridas, tampinhas de garrafas, ábaco, Q.V.L (Quadro valor de lugar) e outros. Nós (professoras) fazíamos um vasto material, cartazes, gravuras, e outros. Com esse material, nós inventávamos história, dramatizávamos, fazíamos mímica, inventávamos mil coisas para eles (alunos) fazerem.

Me fala sobre esse jornal falado.

Eu fiz microfone de madeira que usávamos para fazer um jornal falado. Eu dizia para os alunos: Atenção! Agora é a hora do jornal falado. Quem vai ser o repórter? Quem é que quer contar o que fez ou o que viu de diferente hoje? Nós vamos contar em rede nacional. E a gente brincava com eles assim.

Explora muito o nome?

Nome era uma das primeiras coisas. Cada aluno recebia uma ficha com o seu nome que era guardada dentro do caderninho. Após o término de qualquer atividade os alunos assinavam seu nome. Assim, eles aprendiam de forma simples e prazerosa a escreverem seu próprio nome..

A senhora conseguia manter a disciplina da sala?

Graças a Deus, eu conseguia manter uma disciplina excepcional. Uma disciplina dosada no amor, baseada na confiança e no diálogo. Além disto, eu me preocupava em transmitir para os alunos o valor e a importância da aquisição de hábitos, atitudes e habilidades, pois, a conduta e a postura corretas devem pautar a vida do cidadão digno e honesto. Disciplina faz parte deste contexto.

AVALIAÇÕES

Vamos falar agora sobre as avaliações. Como eram realizadas as avaliações?

As avaliações mensais eram realizadas através de aplicação de provas e eram dadas notas de 0 a 10. Para as avaliações das atividades diárias, eu usava um critério diferente: colocava “V” (visto) nos exercícios de casa e nos realizados em sala de aula, para os alunos que não correspondiam ao desejado, eu os estimulava a melhorar para atingir o 10. Para o aluno que correspondia ao que foi solicitado eu dava a nota 10. Este também era incentivado a continuar

fazendo da melhor foram possível. Porque eu acredito, que usando esse critério, eu não o rotulava aquele menino que não conseguiu fazer como se esperava, não o colocava em uma situação de humilhação diante do que conseguiu o 10 (dez). E com o aluno que conseguiu o dez também houve justiça, valorizando-o pelo cumprimento de tudo que foi pedido. Então para aquele que ganhou um visto eu dizia: - Olha meu filho, hoje você não ganhou dez, mas você sabe por quê? Você já percebeu que seu caderninho não está bonitinho, a sua letra é muito melhor do que essa aqui. Você vai melhorar porque eu quero te dar o dez, só que agora você não fez por merecer, mas você vai trabalhar nisto e vai ganhar o seu dez.

E as avaliações finais?

Estas vinham lacradas da SEE e somente no horário da aplicação da prova é que o professor tomava conhecimento de seu conteúdo. As provas eram elaboradas por técnicos da SEE que não tinham nenhum conhecimento das peculiaridades regionais, na maioria das vezes. Por isso, nem sempre estavam de acordo com as realidades da região e nem sempre atingiam os reais objetivos.

Havia alguma prova de leitura?

No Clarimundo Carneiro, sim. A leitura era realizada com cada aluno pela diretora ou alguém designado por ela. Era escolhido um texto de um livro infantil e o aluno lia, comprovando então, que o mesmo dominava a leitura. E não era o livro que a gente usava em sala de aula, porque eles já estavam alfabetizados e tinham obrigação de ler, dentro da faixa etária deles, qualquer livro. Eu ensinava para eles desde o primeiro dia como eles deviam ler. Como é que a gente faz mesmo? A gente passa a folha do caderno ou do livro assim. Conforme o lugar em que você está, se você está falando para um público, você vai se levantar, vai à frente, fica de pé e segura o livro. Essas coisas, postura, etc. Os meus meninos eram umas gracinhas nisto aí.

PLANEJAMENTO

Vamos falar um pouco sobre planejamento. Como você planejava suas aulas?

Fazíamos o Plano de Aula. Era feito diariamente. A diretora verificava sempre, não com o intuito de fiscalização, mas para orientar o educador, e isto era realizado com muito respeito. Dona Carmelita fazia anotações a lápis no plano de aula, jamais rabiscava ou escrevia com caneta vermelha, azul, preta ou qualquer outra cor. Tais anotações eram direcionadas a alguma complementação que se fizesse necessária, e/ou a alguma atividade que deveria ser trabalhada e havia passado despercebida pela alfabetizadora. Essa atitude, pedagogicamente falando, nos enriquecia e nos transmitia mais segurança.

Mas havia alguma reunião com a diretora para definir o planejamento no início do ano?

Ao longo do ano letivo, em alguns sábados, todo o pessoal docente devia participar de reuniões, onde eram tratados assuntos administrativos, didáticos e pedagógicos. A diretora é quem convocava os professores para participarem das reuniões.

A senhora disse que também aconteciam reuniões com suas colegas alfabetizadoras. Para que?

É verdade. Só que não eram propriamente reuniões, mas sim encontros entre nós alfabetizadoras. Esses encontros ocorriam antes do início das aulas e, no decorrer do ano letivo, aos sábados que não coincidiam com as reuniões gerais com a diretora, o local dos encontros era alternado na residência de cada professora envolvida no processo. O objetivo

dos encontros era a elaboração de material didático a ser utilizado no decorrer do ao letivo e troca de experiências.

Vocês eram muito unidas, não é mesmo?

Graças a Deus, éramos realmente muito unidas. Por isso, esses encontros, essa troca de experiências e de opiniões, eram uma constante em nosso dia a dia profissional. Conseguimos manter um ambiente de trabalho agradável e muito saudável. Isto refletiu positivamente em nossa convivência extra trabalho fazendo com que, na medida do possível, ainda hoje exista um clima de amizade e respeito.

RELACIONAMENTO COM A DIRETORA

Falemos um pouco mais sobre a direção do grupo. No período em que a senhora trabalhou no Clarimundo Carneiro só teve ela (Carmelita) como diretora?

Carmelita Vieira dos Santos deixou o Clarimundo Carneiro quando foi designada como Delegada Regional de Ensino. Após sua saída, por um espaço de tempo muito curto, tive como diretora, Dina Lima Andreani.

E como era a Dona Carmelita?

Dona Carmelita Vieira dos Santos foi a primeira diretora do Grupo Escolar Clarimundo Carneiro. Era e é uma pessoa excepcional, humana e amiga. Como profissional sempre foi responsável, competente, exigente, mas que dava respaldo pedagógico a todos os educadores. Uma estrela de primeira grandeza!

A senhora comentou que ela às vezes assistia às suas aulas e das outras professoras?

Sim. A diretora assistia às aulas ficando no fundo da sala fazendo anotações para, posteriormente, nos orientar como proceder pedagogicamente.

A senhora não ficava insegura?

Não. Dona Carmelita, como sempre, era muito discreta e respeitosa. Fazia as anotações em uma folha de papel do que deveria ser modificado, melhorado ou acrescido no Plano de aula ou nas aulas.

Falaram-me sobre um caderno de rodízio que a diretora também olhava, como funcionava?

O caderno de rodízio era um caderno que ficava sob a guarda da professora. Cada dia, um aluno diferente, no lugar de anotar as atividades do dia em seu caderno, anotava no caderno de rodízio. Ao final do dia, o referido caderno era recolhido e, posteriormente, entregue à diretora que o observava ficado assim, a par do que era realizado pelos alunos em sala de aula, no dia a dia.

Você acha que a postura da diretora com vocês era de ajuda ou de cobrança.

A postura de nossa diretora sempre foi de ajuda. Jamais de cobrança infundada. Ela exercia autoridade sem ser autoritária. O objetivo sempre foi o de nos dar respaldo pedagógico para a realização de um trabalho profícuo.

PROGRAMA DE ENSINO

Gostaria de falar agora sobre o Programa de Ensino, me conte como era?

O Programa de Ensino era um roteiro no qual vinha especificado o conteúdo programático básico do que deveria ser trabalhado em cada série. Era elaborado pela Secretaria do Estado de Educação de Minas Gerais e adaptado às peculiaridades locais e regionais.

Todos os professores recebiam estes programas?

As escolas estaduais recebiam o Programa de Ensino e os professores tinham livre acesso ao mesmo. ,

O Programa de Ensino falava sobre a aplicação de algum método?

O Programa de Ensino não estipulava qual método deveria ser aplicado.

A senhora usava estas orientações do Programa de Ensino?

Sim, o Programa de Ensino era o norteador de nosso trabalho, adaptado às reais necessidades e peculiaridades locais e regionais, como disse antes.

A senhora conheceu o Programa de Ensino no Curso Normal?

Não. Somente quando comecei a lecionar.

Este Programa de Ensino foi usado bastante tempo?

Não sei lhe dizer matematicamente a sua duração. Só sei que foi por um bom tempo.

Mas além da alfabetização, havia também no Programa de Ensino outras disciplinas. Havia tempo para trabalhar tudo isso?

Sim, era possível pelo seguinte, fazia-se uma interligação entre as disciplinas, como Português, Matemática, Ciências e Estudos Sociais, incluindo a Geografia e História. É o que, hoje, recebe a denominação de interdisciplinaridade. Para isso, usavam-se os mais variados tipos de material didático, além da criatividade da professora, o que é muito importante.

AUTO AVALIAÇÃO

Então vamos concluir. Dona Edir como que a senhora avalia o SEU trabalho de alfabetizar naquele período?

Bem, Vanessa, digo a você que sou uma pessoa feliz e realizada no âmbito profissional. Com certeza me dediquei inteiramente às crianças que Deus colocou em meu caminho. Tive ainda a oportunidade de não apenas ensinar, mas também de aprender com elas. As crianças foram exemploS de humildade, verdade e amor sem limites e sem cobranças, além de outros atributos advindos de corações tão puros e sinceros.

E como a senhora avalia seu trabalho nas demais séries.

Quero dizer que, além de feliz e realizada me considero uma profissional privilegiada por ter contribuído, de forma efetiva, na construção do importante e significativo edifício da educação. Veja porque: nesta caminhada, no exercício do magistério, iniciei minha trajetória pelo alicerce, a alfabetização. Continuei a jornada, colaborando na construção das paredes e colunas, ministrando aulas no Curso Ginásial (nomenclatura da época) e, culminando a obra dei minha contribuição na construção do teto, como professora e coordenadora do Curso Normal, curso este responsável pela formação de futuras educadoras de crianças a serem alfabetizadas e de alunos até a 4ª série primária. Veja que maravilha! Espero que este edifício tenha sido construído com alicerce firme, paredes e colunas resistentes e teto seguro!

Se a senhora tivesse a oportunidade seria novamente alfabetizadora?

Tudo na vida tem seu tempo, sua hora e seu momento. O meu tempo, minha hora e meu momento já passaram. Outros profissionais da educação, possuidores de muito amor, garra, vontade e competência já estão na ativa. Isto é não só maravilhoso, mas fantástico!

Mas se a senhora estivesse começando sua vida profissional, gostaria de ser alfabetizadora novamente?

Se eu fosse iniciante a história seria outra, só que a realidade não é esta. A minha estrada já foi percorrida, não tem mais volta. Mas uma coisa é certa, se nascesse mil vezes, mil vezes gostaria de ser educadora iniciando pelo alicerce, pela base.

A senhora gostaria de fazer algumas considerações finais?

Vanessa, ao final desta entrevista, permita-me agradecer-lhe pela oportunidade que me foi concedida, de poder relembrar os bons tempos em que exerci o magistério com tanto amor, carinho e dedicação.

Desejo a você Vanessa, plena e total realização em sua trajetória profissional. Tenho certeza de que seu amor, comprometimento e competência estarão sempre presentes em sua vida.

Que você seja uma educadora que se preocupa com a formação de cidadãos dignos e honestos, capazes de contribuir na construção de um mundo mais justo e mais humano!



Universidade Federal de Uberlândia
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação

TERMO DE CESSÃO

Pelo presente documento, eu CÉLIA BORGES FERREIRA,
brasileira, carteira de identidade nº 443144, cede e transfere neste ato,
gratuitamente, em caráter universal e definitivo à Universidade Federal de Uberlândia, a
totalidade dos seus direitos patrimoniais de autor sobre o depoimento oral corrigido prestado a
pesquisadora Vanessa Lepick, portadora do RG nº M6-174.363 SSP/MG.

Fica, pois a Universidade Federal de Uberlândia, plenamente autorizada a utilizar as fotos,
encontradas no Arquivo Público Municipal, no Arquivo da Escola Estadual Clarimundo
Carneiro e o referido depoimento, no todo ou em parte, editado ou integral, inclusive cedendo
seus direitos a terceiros, no Brasil e/ou exterior.

Sendo esta a forma legítima e eficaz que representa legalmente os nossos interesses, assinam o
presente documento em 02 (duas) vias de igual teor e para um só efeito.

Uberlândia, 20 de Janeiro de 2013

Célia Borges Ferreira
Assinatura

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
PESQUISA DE MESTRADO
Modos de Alfabetizar no Grupo Escolar Clarimundo Carneiro no Período de 1963 a 1973
Pesquisadora Vanessa Lepick

DADOS PESSOAIS

Nome: Ferreira

Data de nascimento: 13 de julho 1943.

Estado civil: Viúva. É a primeira vez que falo assim, assumindo que estou viúva.

Naturalidade: Uberlândia.

LEMBRANÇAS DA ALFABETIZAÇÃO

Quais são as recordações da senhora do tempo em que a senhora foi alfabetizada?

Do tempo que eu fui alfabetizada?

Isso. O que a senhora se lembrar, local, professor, qualquer coisa.

Eu fui alfabetizada pelo meu pai, você acredita?

Acredito. Ele era professor?

Não. Eu morava na fazenda. Eu e meu irmão mais velho fomos alfabetizados por ele, porque nós tínhamos que mudar pra lá, pra cá (cidade) e estava muito difícil de mudar. E quando a gente foi começar a estudar de verdade a gente se mudou e morava na casa da minha vó, depois eles se mudaram e a gente quis continuar a vida por aqui.

E como seu pai fazia para alfabetizar vocês?

Depois do trabalho dele. Ele chegava do trabalho e era um trabalho rústico o dele. E tinha luz de lamparina. Você conhece?

Sim.

Não era eletricidade, não. Ele tinha uma cartilha, que eu ainda vou achar essa cartilha, o escritório do meu marido era aqui no fundo, então eu estou tirando tudo dando um jeito, e eu vou achar a cartilha que eu aprendi a ler.

A senhora se lembra de qual era o nome?

Era não seu o quê Sodré, mas eu vou achar esta cartilhazinha e vou até te mostrar ela.

Se a senhora encontrar, eu quero ver sim. Eu trouxe umas imagens de cartilhas antigas, pois hoje as cartilhas são livros raros, então é muito difícil encontrar um exemplar.

É porque hoje em dia é tudo diferente, a alfabetização é totalmente diferente. A minha filha fala assim: mãe alfabetiza meu filho, eu falo não, porque eu vou começar de um jeito que eu sei e na hora em que ele entrar na escola destoa tudo, vai estar tudo errado. Ele tem de pegar o ritmo da escola que ele vai estudar, eu posso reforçar o menino em casa.

{Vendo as imagens das cartilhas} Foi essa mesmo?

Parece que foi esta aqui. Gente do céu, quanto tempo, a primeira edição foi de 1940 eu nasci em 1943, olha só, é isso mesmo (Cartilha da Infância).

Mas como seu pai conseguir fazer, ele tinha estudo?

Ele estudou só até a oitava série, mas assim, não tinha nada de didática, nada de pedagogia nele, não tinha nada. Você precisa aprender. Eu, às vezes, estava com sono queria deitar, dormir, ele chegava e chamava a gente.

A senhora tinha quantos anos?

Sete anos, ou seis anos, por aí.. Ele chegava, e a gente tinha de estudar, eu e meu irmão. Meu irmão veio primeiro para morar com minha avó e eu fiquei. Eu ficava brava, eu não queria aprender a ler não, ficava com preguiça. Mas um dia eu falei assim não tem jeito eu vou ter de aprender a ler senão meu pai não vai me dar sossego. Aí eu me embrenhei naquilo ali e sabe o que ele falou para mim, que eu aprendi a ler em vinte dias. Pode uma coisa dessas? Eu acreditava nisso porque era meu pai falando aquilo para mim. Ele falava que eu aprendi a ler em vinte dias. E aí eu comecei a gostar, e ele deixava lição para mim, para eu fazer durante o dia, porque à noite ele chegava. E era ler, escrever e tudo, Depois eu vim para a cidade estudar, eu estudei em uma escola que chamava Externato São José, que era da mãe do Homero Santos.

Isso aqui na cidade mesmo?

Isso. Então eu vim para cá pra estudar e fui morar na casa da minha avó.

E onde era este Externato são José?

Era na João Pinheiro, entre a rua Vieira Gonçalves com a rua de lá. Não era escola que falava, era Externato. E como eu cheguei e já lia, eu entrei na segunda série. Meu pai chegou e falou: ela já sabe ler, sabe fazer as quatro operações, somar, rusticamente, sem didática nenhuma, também a tabuada, sabia tudo. Hoje nem tem tabuada é calculadora, não é?

Mas me conta uma coisa, a senhora me falou que seu pai estudou até a oitava série, mas ele era um leitor, ele gostava de livros? A senhora tinha livros na sua casa?

Não, quem gostava muito de livros e gostava de ler era o pai dele, meu avô, mas eu nem conheci, morreu por causa de uma mordida de cascavel. E aí ele ensinava a ler direitinho. Ele seguia a lição lá, era “A, E, I, O, U”, aí eu fazia o “A, E, I, O, U”. Depois começava “BA, BE, BI, BO, BU”, as letras do alfabeto “A, B, C, D...”. Depois vinha o CA, CO, CU, era só isto que o C exige, senão era CE. Depois “DA, DE, DI, DO, DU”, aprendi tudo isso aqui. Depois quando era para eu aprender a ler ele falava assim: você vai aprender agora um coisinha lá do DA, “DA, DE, DI, DO, DU”, o “DA” com o “DO” forma “DADO”. Então foi juntando as silabazinhas daqui com dali , daqui com dali. E ele tinha uns livrinhos lá ,eu gostava de pegar aqueles livros

Eram livros de história?

Livros que apareciam, que alguém que dava. Eu pensava assim, este aqui é da família do “LA”, “LA, LE, LI, LO, LU”, então, “LE” com “I” forma “LEI”, e aqui o “TA”, do “TA, TE, TI, TO, TU”, “LEI TU”, e depois tinha o “RA”, de “RA, RE, RI, RO, RU”, “LE I TU RAS” daí eu juntava aquelas sílabas do alfabeto, e assim eu aprendi a ler.

Mas então de alguma forma a senhora teve contato com livros?

Alguns livros, mas, às vezes, meu pai vinha da cidade com compras, e vinham coisas embrulhadas em jornal, e eu pegava aquelas beiradinhas de jornal e brincava assim, este é do “BA, BE, BI, BO, BU”.

Mas isto foi quando a senhora realmente se interessou?

É quando eu me interessei, acho que o que mais demorou foi meu pai me por no ritmo, mas quando eu comecei eu gastei vinte dias para aprender a ler, hoje se gasta um ano, não é? Dois anos no jardim I, jardim II, depois o pré, para depois alfabetizar. Ele contava para todo mundo, minha filha é muito inteligente, aprendeu a ler em vinte dias. Então eu aprendi a ler dessa forma. E matemática eu aprendi assim, 1, 2, 3, 4...depois meu pai dizia, agora você vai somar, o que é somar, é juntar. Ele falava você tem uma laranja, se juntar com outra laranja quantas que dão? Duas laranjas. Ele dava esses exemplos de fazenda. Ou vamos colher ovos hoje, neste ninho aqui tem dois ovos e neste outro também tem dois, quantos ovos nós vamos levar para casa? Essas experiências da vida. Depois eu vim para a cidade e estudei nesse Externato São José na segunda série. Eu achei muito difícil à segunda série porque quando você faz a primeira série em escola, você aprende um monte de coisas, e eu aprendi o grosso. Eu não sabia, por exemplo, separar o “Ç” com “CE”, estas dificuldades que acontecem ainda, por isso para mim foi mais difícil, porque meu pai não tinha esta experiência para me passar. Mas eu aprendi a ler e depois estudei e tal. Na minha época a gente fazia o normal, era o primeiro, o segundo e o terceiro depois do ensino médio, não é depois do ensino fundamental hoje, então eu aprendi assim, mais ou menos.

FORMAÇÃO

E quando a senhora foi trabalhar já senhora já tinha o Curso Normal?

Já, quando a gente terminava o fundamental, era até diferente os nomes, eu até esqueci como que era, aí já comecei o normal, que era lá no prédio das irmãs, hoje é escola das freiras, no Nossa Senhora, eu estudei e me formei lá. No ano seguinte, que eu formei, não tinha este negócio de concurso, nem nada, eu cheguei à escola e pedi um emprego e eu tive, o meu primeiro emprego foi lá (Grupo Escolar Clarimundo Carneiro).

A Senhora me falou que quando a começou a trabalhar no grupo já tinha o Curso Normal, mas a senhora fez mais algum curso?

A gente fazia, às vezes, uns cursinhos que aparecia, mas eu não me lembro nem mais onde que era, nem o que aprendia. A gente tinha muita aula com a dona Carmelita. Às vezes éramos só nós as alfabetizadoras que tínhamos aula. Ela falava: vocês vão ensinar assim, assim, assim, bem detalhado, ela dava muita aula para a gente. Ela é que foi realmente a pessoa que me ensinou e outras lá também. A Edir parece que já tinha vindo de outras escolas sabendo alfabetizar. E Edir era "a boa". Depois nós começamos a ficar também boas, mas a Edir era ótima.

JORNADA PEDAGÓGICA

Quando teve aquela jornada pedagógica a senhora participou?

Eu participei, mas eu não dei aula lá. Participei com outras funções lá. Eu me lembro que eu, em uma das jornadas, participei dando uma aula, eu acho que de poesia.

Teve mais de uma jornada?

Acho que teve, aqui nas fotos está só a primeira jornada?

Acho que sim, eu ainda não tem certeza se houve mais de uma jornada e se existe algum registro. Vou tentar confirmar com as outras pessoas, com as diretoras.

Pode ser que tenha sido nessa primeira jornada mesmo. Eu lembro que eu trabalhei, mas não tanto assim, quem trabalhou muito foi a Edir. A Edir e a Ieda, eu trabalhei, mas não foi muito intensamente. Parece que esta jornada mais no meu começo e eu não estava assim, muito craque ainda.

Segundo a D. Edir, muito provavelmente, essa jornada foi no ano de 1966, mas eu vou confirmar isto direitinho. Mas se a senhora começou em 1965 no Grupo Escolar Clarimundo Carneiro, em 1966 realmente a senhora ainda estava no começo.

Eu realmente estava no começo. Capaz que eu estava ainda com a salinha fraca, dos repetentes, e eles não participavam. Mas a gente era um grupo muito unido, uma ajudava a outra, se a gente estava com alguma dificuldade em alguma coisa, a gente perguntava para outra, e ela ensinava para a gente. Eu perguntava alguma coisa, e a outra me ensinava. Era um grupo bem unido! A gente gastava tanto para fazer os cartazes e tudo mais, que, às vezes a gente falava, nossa, parece que a gente paga para trabalhar. E era mesmo, mas era muito bom.

Vocês se encontram até hoje?

Nós nos encontramos, sim. Eu tenho uma amiga, a Maria da Graças, hoje ela mora em Belém, a gente tem a mesma amizade de quando trabalhamos no grupo Grupo Escolar Clarimundo Carneiro. Quando ela vem de Belém, a gente sai, passeia junto, visita às amigas antigas. A Ieda, no meu aniversário, veio aqui, tem muita gente. A dona Carmelita e a Edir foram ao velório do meu marido.

ATUAÇÃO PROFISSIONAL

Tempo que a senhora atuou como alfabetizadora?

Foram seis anos, você contou lá?

Caso tenha sido apenas no Grupo Escolar Clarimundo Carneiro foram seis anos. A senhora trabalhou em mais algum lugar?

Não. Então são seis anos.

Ou seja, a sua carreira como professora foi de seis anos como alfabetizadora no Grupo Escolar Clarimundo Carneiro?

Eu estive um ano lá no Enéas Guimaraes, mas foi só substituindo uma professora e ainda peguei uma turma péssima de primeiro aninho, mas eu substituí pouco tempo.

Não chegou a um ano completo?

Não, nem foi o ano todo. Depois eu trabalhei aqui no E.E. Afonso Arinos, mas na secretaria.

Mas este que a senhora falou foi no Enéas Guimarães?

Não eu já tinha trabalhado no Grupo Escolar Clarimundo Carneiro, foi uma época aqui deixa eu ver, não nesta época eu já tinha casado voltado pra cá, e fui convidada a substituir um professora no Enéas.

Então sua primeira experiência foi mesmo no Grupo Escolar Clarimundo Carneiro. Então a senhora chegou só com a bagagem do curso Normal. Mas a senhora fez estágios?

Não, não tinha estágio. Eu pensava, eu vou chegar sem um plano de aula, então eu fiz um planinho, assim bobinho, cheguei lá (Grupo Escolar Clarimundo Carneiro), e a Dona Carmelita falou assim: eu vou te ensinar a fazer planos. Então quem me ensinou tudo foi a Dona Carmelita, ela foi minha professora de prática, o resto foi só teoria.

Conte-me um pouquinho mais como a senhora se tornou alfabetizadora?

O Primeiro trabalho meu que foi lá no Grupo Escolar Clarimundo Carneiro, eu entrei em uma sala que não era alfabetizada, era uma sala de meninos repetentes que eu tinha de tirar os vícios e acabar de ensinar, e nisso eu fui pegando um pouco de prática. Eu via também minhas colegas alfabetizando e eu achava lindo, então no outro ano a Dona Carmelita me deu uma sala de meninos novatinhos e com a orientação dela, qualquer ponto que a gente dava aula, ela orientava a gente. A gente começou com o método global você tem o livro aí?

E a Senhora sentiu muito quando parou de dar aula?

Eu achei ruim, eu achei. Eu fui morar em São Paulo e vi aquela vida doida de lá, depois mudei para Goiânia, mas também não mexi com isto, quando eu voltei para cá (Uberlândia) é que eu voltei para escola de novo. Mas eu tinha saudades.

Mas porque a senhora não foi para a sala de aula quando a senhora voltou para cá, foi para secretaria?

É porque a Diretora lá (Escola Estadual Afonso Arinos), a Rosa, ela era minha amiga de infância, e ela me perguntou: Célia você quer trabalhar na secretaria comigo, me ajudar? Aí eu fui, e nunca mais pensei em dar aula, acabei gostando, mas não foi por falta de gostar de sala de aula. Mas, quando eu voltei, os meninos já eram muito levados, acho que eu não tinha vontade nenhuma de voltar pra sala de aula. E também, quando a gente ia apresentar o livrinho a gente explorava tudo do livro. A gente mostrava a capa e dizia: olhem a capa de livrinho que vocês vão estudar. Quem escreveu este livro foi a Dona Lúcia Casasanta, o livro ele tem números nas páginas, aqui tem o um, dois. Então a gente explorava o livro, para depois entregar o livro para o menino. Então, quando ele abria o livro, ele já sabia que tinha o um lá em cima, que o começo da história era aquele ali. Que tinha que passar o livro (as páginas) bonitinho, que não podia por dedo na boca para passar as páginas. Quem tiver orelhas no caderno vai diminuir a notinha, no final os meninos usavam clips no cantinho para não dobrar, ficava retinho.

Para gente finalizar esta parte de como a senhora se tornou alfabetizadora, a senhora chegou ao Grupo Escolar Clarimundo Carneiro...

Cheguei à escola sem saber direito.

E quem falou para a senhora que a senhora ia para o primeiro ano?

Foi a diretora. Não tive escolha.

Aí ela (diretora Carmelita), foi vendo meu trabalho, vendo que eu era interessada e foi me passando para as salas boas. No final eu já tinha uma sala boa. A Edir e eu ganhávamos as salas boas. Os menininhos sabiam ler direitinho, no final do ano liam discursinho bonitinho, sabiam escrever cartinhas, pequeninhas, mas sabiam. Sabiam o que era parágrafo, o que era ponto final, travessão, dois pontos, então o menino ficava prontinho. Eles só passavam para o

segundo ano se soubessem ler correntemente. Tinha o teste de leitura lá, e os meninos iam a sala da diretora ler. Era ali que mostrava que o menino já sabia ler. Era ali que mostrava o trabalho da gente, se o menino leu, então você ensinou direito.

RELACIONAMENTO COM A DIRETORA

E como era o relacionamento da senhora com a dona Carmelita?

Ótimo, eu tinha um respeito imenso por ela e ela por mim.

Medo não?

Medo também, eu tinha. Mas depois disto, mas nós sempre fomos muito amigas já em aniversário na casa dela, ela me liga dia de ano novo, no aniversário de uma e de outra a gente está sempre lembrando, depois sempre foi uma maravilha, amigas mesmo. Mas no início eu tinha medo porque eu pensava - eu estou fazendo tudo errado - eu não sabia fazer um plano de aula. Ela que me ensinou a fazer planos de aulas, quando tinha alguma coisa errada, ela chamava e dizia - não é assim, é assim e assim.

E como era o jeito dela falar?

Era baixinho, muito calma, muito boa. Se precisasse com um aluno ou outra pessoa ela podia até dar um grito, mas com a gente não, ela era ótima. Eu me lembro de um dia, minha sala de aula era no segundo andar e o ponto de ônibus ficava em frente à escola, ela (Carmelita) estava indo embora e ficou ali bem em frente a minha sala e lá (fachada do Grupo) tem aqueles buraquinhos de acabamentos do prédio (tijolo vasado), e ela escutou eu falar alto ou gritar com os meninos, eu sei que teve um negócio de alteração de voz minha. No outro dia ela chegou e falou: Célia, eu estava no ponto de ônibus, eu ouvi você falando muito alto com as crianças, não pode falar alto, pois quanto mais alto você falar, eles vão querer falar mais alto que você, tanto que eu ouvi lá da rua. Se você for conversar com um aluno, você conversa baixinho com ele como se fosse um cochichado, assim o menino olha no teu olho para escutar o que você está falando. Agora se você gritar, ele quer gritar mais alto, vira bagunça e ninguém ouve mais nada, ninguém conclui nada. E o pior que é mesmo. Depois disso, eu falava baixinho com meus alunos. Passava gente no corredor e não sabia se tinha alguém dentro da minha sala. A gente aprendeu a dominar os meninos com o silêncio e é verdade isso. Hoje está tudo mudado. Mas se um dia você estiver dando aula, você pode fazer isso, conversar baixinho, baixinho, a ponto de eles até se curvarem para poder ouvir o que você está falando. Então se um aluno está conversando, o outro já fala: quieta, cala, vamos escutar. E quanto mais baixo você fala, mais eles ouvem você. Essa foi à experiência que eu tive. Ela falava para gente, e eu tive essa experiência e deu certo. Mas os alunos daquela época parece que eram tão bons, não sei se era a gente que estava trabalhando bem com eles, ou se eles eram bem diferentes dos de hoje. Porque os de hoje não respeitam ninguém, brigam com professora, batem em professora. Você já viu? Naquela época não, não tinha isso não. Os meninos eram muito educadinhos, pode até ter vindo educado de casa também. Mas a gente aprendeu isso e foi a Dona Carmelita que me ensinou, ela foi uma professora para mim. E depois ela passava a elogiar o trabalho da gente, porque a gente aprendia. E eu e outras colegas minhas de lá, nós aprendemos demais com a Dona Carmelita. Se você tiver a possibilidade de conversar com a Dona Carmelita, você vai gostar.

Uma coisa que outras professoras comentaram é que, às vezes, estavam dando aulas e de repente viam a dona Carmelita lá dentro...

Estava lá no fundo da sala e você nem a via entrar. De repente a gente estava escrevendo no quadro e quando você via ela estava lá, porque tinha sempre uma carteira vazia no fundo da sala. Quando de repente você a via ali, mudava até o jeito de dar aula.

Mas a senhora ficava preocupada?

Ficava. A gente ficava preocupada porque ela estava ali era para avaliar a capacidade da gente, mas depois a gente se acostumava, porque ela era muito boa, ela era uma gracinha, é uma gracinha até hoje.

PRÁTICA DE ENSINO

Deixe-me mostrar o pré-livro “As mais belas histórias” para a senhora.

A casinha do Palito, meus netinhos todos sabiam esta historinha, porque eu contava para eles. Olha aqui, “Era uma vez, era uma vez, Três porquinhos”, (texto do pré-livro “As mais Belas histórias”). Então aqui, por exemplo, quando você falava assim: “Eu sou o palhaço”, a gente tinha que pronunciar bem mesmo as palavras, “Eu sou o palhaço” senão vinha algum menino e falava: “Eu sou o ‘paiaço’”, por isso, a gente falava tudo bem direitinho. Então, o “Eu”, se tinha um menino lá chamado Eurípedes, ele falava assim: o começo do meu nome é igual o “Eu”. É mesmo vejam, ele se chama “Eurípedes” o começo do nome é igual o “Eu” do “Eu sou o palhaço”, aí todo mundo prestava atenção. E surgiam mil e uma coisas, por exemplo, “palha”, ah, quando a gente vai escrever “velha”, então é o “lha” do “palha”. Assim a gente associava uma coisa com a outra e depois eles mesmos falavam assim, olha o “Pedrico”, eu chamo “Pedro”, então o “Pe” é o “Pe” do “Pedrico”, no final, a gente deixava... tinha a hora de deixar o menino se soltar a voz. Fulano dizia assim, “casa” tem o mesmo pedacinho de “Camila”, e a virava aquela bagunça, mas nesta hora a gente deixava, mas depois a gente falava: agora acabou, cada um no seu lugar, estou ouvindo um barulhinho lá no fundo, quem que é? Não quero ouvir nenhum barulho. Porque enquanto os meninos não ficam em silêncio eles não aprendem. Se o aluno está conversando, e você ensinando, ele não aprendeu. Se o professor consegue silêncio na sala e todos os meninos olharem para ele, eles aprendem, aprendem mesmo. Porque eles captaram tudo o que você falou, agora se ficarem conversando não adianta nada para eles, porque você acabou de falar, e eles não entenderam nada, não guardaram na cabeça o tinham de aprender, é deste jeito.

Olha que gracinha. eu quero este livro!

Então a gente fazia os cartazes deste livro com a letra cursiva. A gente fazia o cartaz desse jeito, a gente desenhava, pintava e fazia com a letra cursiva. (mostrando os cartazes do pré-livro “As mais Belas histórias”)

Tenho, vou mostrar para a senhora.

(vendo o livro) “As mais Belas histórias”, era a história dos Três Porquinhos.

Este aqui é o livro do mestre, a senhora teve um exemplar deste?

Acho que tive. Fala tudo sobre o período preparatório, a gente tinha que estimular muito coordenação motora dos meninos. Tinha o caderninho, então nós cantávamos, por exemplo, a música do caracol “Lá vai o caracol sempre andando devagar... lá no fim há de chegar” eu esqueci este trecho, então todo movimento a gente fazia uma musiquinha. Então tinha o caderninho de movimentos como o de vai e vem, o novelinho e, a gente cantava todas aquelas musiquinhas para movimentar as mãos deles, treinar a coordenação motora. E mesmo só com a coordenação motora que eles tinham a gente escrevia todos os dias lá no quadro aquela

abertura: Uberlândia, o nome da escola, no começo a gente punha só o nome da escola e o nome da cidade. Eles copiavam lá tudo torto, tudo errado, mas todo dia a gente punha aquele cabeçalho, chamava cabeçalho. E os meninos iam se desenvolvendo mesmo ali, mas depois para a gente começar a aprender a ler, antes de entrar no livro..

Mas, fazia com letra cursiva este cabeçalho?

Fazia, era tudo cursivo, não tinha nada de letra de máquina. Quando eles queriam ler alguma coisa e falavam eu não consigo ler esta letra aqui, eu não conheço. A gente falava isto aqui é letra de máquina, mas nós vamos fazer a sua letra, para ficar com a sua letra. A gente ensinava tudo direitinho como fazer as letras, e eles aprenderam a fazer só letra cursiva, tudo, tudo, tudo. Mas aprendia a ler a letra de máquina porque “Era uma vez, era uma vez, Três porquinhos”, (texto do pré-livro “As mais Belas histórias”) tudo estava escrito com letra de máquina. Mas a gente falava: agora nós vamos fazer a letrinha da mão de vocês, da mão de vocês não é igual a da máquina que vocês veem lá, então esta letrinha a gente faz assim, assim. E com os exercícios de coordenação eles já sabiam ler todas as letras, porque fazia, por exemplo, novelão (“l” minúsculo), ou novelinho, (“e” minúsculo), então eles faziam o “l” grande e o “e” pequenininho. Eles já sabiam fazer as letras nos movimentos que agente fazia. Mas eles já sabiam todas as letras pelo movimento. No final eles tinham movimento para fazer todo tipo de letra, porque já tinham aprendido na coordenação motora. E a leitura a gente começava pelo método global, era do todo para as partes. “Era uma vez três porquinhos, “Era”, então, mais para frente quando já estava separando, o “E” e o “ra”, quando ele escrevia a palavrinha ele podia falar o “ra” sozinho tem som de “rra” (som de “r” forte), mas junto com o “É” se fala “ra” (som de “r” fraco), “Era”, a gente falava devagarzinho para eles entenderem. Depois aproveitava o “ra” do “Era” para formar “rato”. E também a gente trabalhava com muitas famílias por exemplo, “BA, BE, BI, BO, BU” - vamos estudar a família do “BA”, então na hora em que você precisar de um “BE”, você corre lá família do “BA, BE, BI, BO, BU”, qual que é essa família? Um novelão com uma barriguinha e um novelinho (be). A gente fazia aquele tipo de coisa, com associação, para os meninos aprenderem, e eles aprendiam tudo. E tinha uma coisa, a gente de ensinar o menino a fazer o movimento certo das letras, porque tinha menino que fazia “o” assim (tortinho), então a gente tinha de ensinar direitinho o “o” e para isso nós demonstrávamos todas as letras como era a maneira certa de fazer. E de uma palavrinha da outra tinha uma divisãozinha, mas não podia tirar o lápis do papel para escrever, e os meninos não tiravam, eles escreviam, por exemplo, assim “vovó”, tem menino que faz assim “vo vó”.

Separado?

Tinha que fazer direitinho e não podia tirar o lápis enquanto eles não terminassem de escrever. Então os meninos todos sabiam escrever e não tiravam o lápis do papel, enquanto não terminasse a palavra, então, no final você ia às carteiras, os meninos escreviam certinho. E depois no método global, a gente trabalhava com fases, que são cinco fases: o conto, onde a gente contava a história dos Três Porquinhos, depois vinha a sentencição, por exemplo, “Era uma vez os Três Porquinhos”, uma sentença, depois vinha à porção do sentido, para o menino entender direitinho o que ele estava escrevendo, porque não adianta ele escrever “bobamente”, e na palavração você já chegava à palavra. Tinha a palavração e depois a silabação, então, por exemplo, a palavra “lata”, para passar para sílaba era “la”“ta”, e aí depois trabalhava as palavras todas.

E como funcionava esta porção do sentido?

Esta porção do sentido era o sentido de uma frase. E da frase você tirava a palavra, depois da palavra você tirava a sílaba, e assim você ia juntando uma na outra e formava palavras. Depois, no final, quando o menino já conseguia juntar uma coisinha na outra, tinha dificuldades, por exemplo, a família do “ca”, o “cé” não é “que”, e também o nome “Sérgio” não é iniciado por “cé”, então tinha a dificuldade do “cé” e “ci”, também do “gé” e “jé”, “gi” e “ji”, e outras, mas isso era depois que o menino já tinha aprendido a ler, para tirar estas dificuldades. Depois vem, por exemplo, palavras como “taxi”, essas coisas diferentes demais, mas sempre a gente tinha orientação.

A senhora tinha orientação...

Da Dona Carmelita. Mas também a gente tinha muito esses livrinhos do professor, a gente se orientava muito por eles também, mas o melhor é que a Carmelita dava tudo mastigado pra gente.

Os alunos usavam o pré-livro, todos tinham o pré-livro?

Todos tinham o pré-livro. Eles olhavam no pré-livro, e a gente fazia os cartazes para eles com letra cursiva.

Os cartazes que a senhora fazia eram com letra cursiva?

Isso, cursiva.

Mas vinham cartazes junto com a cartilha?

Vinham, mas poucos. O cartaz era deste jeito aqui (mostrando as páginas do pré-livro “As mais Belas histórias”), tudo grande com esta letra (letra de imprensa), mas a gente fazia outros, com a letra cursiva, aí eles associavam a letra de máquina (letra de imprensa) com a letra com a letra de mão, cursiva.

Depois da história tem aquela parte das...

Das fichas. A gente trabalhava muito com fichas. A gente pegava estas fichas do primeiro cartaz “Era uma vez, era uma vez, Três porquinhos” (cada ficha tem uma das frases) e fazia assim, deixava tudo espalhado e falava: quem é que vai dar conta de colocar as fichas todas na ordem certinha do livro? Nós tínhamos todas estas fichas, e os alunos também, tinham as fichas de letras de máquina e de letra de mão (cursiva). Então um aluno vinha pegava a ficha e pregava no quadro.

As fichas com a cursiva a senhora que fazia?

Eu que fazia. A gente podia, ao mesmo tempo, colocar um flanelógrafo do lado do outro e aí a gente falava: você vem colocar aqui pra mim os de letra de máquina, agora você vai colocar o de letrelinha de mão. Assim o menino associava e em um instantinho eles sabiam tudo. Aí você mandava copiar com letra cursiva. A gente fazia as fichinhas de cartolina, fazia nos finais de semana, na casa de uma ou de outra.

Mais para frente (mostrando o pré-livro) à senhora verá as fichas das palavras, das sílabas e das letras.

Aqui tudo separadinho por sílabas, como estas fichinhas aqui: “O” “lo” “bo”, a gente cortava, fazia tudo cortadinho nos cartazes, e falava para os alunos: quem dá conta de vir aqui e pegar as fichinhas para formar palavrinhas? Olha, este aqui, essa fichinha aqui tem o quê o “ca”, junta com outra fichinha e vamos ver o que dá. Aí pegava o “ca” e o “co” e formava “caco”,

deste jeito. Então você viu (mostrando o pré-livro) que primeiro vinha a frase, depois vinha as palavras e depois as sílabas que vinham todas separadinhas. Aí a gente pegava e falava: qual é esta ficha aqui, o que é que está escrito? O “ca”, quem é sabe juntar com outra letrinha aqui? A gente tinha muitas fichas. Aí um aluno vinha e juntava o “ca” com o “pa”, ah, “capa”, “capa de livro”, a gente ensinava sempre o significado da palavra para os meninos entenderem que eles estavam fazendo palavras que existiam. Porque se eles falassem assim, por exemplo, “ca” com o “u”, “cau”, o que é “cau”, existe “cal”, então essa palavra não existe, a gente falava: essa palavra não existe. Ou, por exemplo, o “pa” com o “ti” e o “nho”, então dá “patinho”, ah, os patinhos da pata, e eles sabiam o significado de tudo que eles estavam falando, para não formar qualquer palavra, qualquer bobagem, ou juntar uma sílaba na outra que não dá nada.

A senhora só trabalhou com este método global?

Eu só trabalhei com o método Global.

Deste que a senhora entrou no Grupo Escolar Clarimundo Carneiro, mesmo na sala de repetentes?

Só com o método global, mesmo na sala de repetentes. Era um excelente método, bom demais, mas depois eles começaram a mudar pra outros, eu nem quais eram esses outros, só sabia o global. Mas o método global era muito bom, era excelente, eles não deviam ter acabado com este método.

Deixe-me mostrar o Bloco de Atividades do pré-livro “As mais Belas histórias”. A senhora conhece este Bloco de Atividades?

É interpretação de textos?

Não era bem um livro interpretação. No começo do livro têm umas máscaras dos porquinhos, as frases.

Isto aqui eu não lembro. Não tem a data.

Não fala data, mas eu acredito que esse Bloco de Atividades seja mais novo, eu acho que naquela época não tinha.

Ah, é mesmo, tinham máscaras, a gente fazia. A gente dramatizava, inventava uma história parecida com a do livro. Tirava o lobo e os Porquinhos e falava, por exemplo, era uma vez, era uma vez, três pintinhos. A gente inventava outro tipo de história. Falava para os alunos: quem quer vir aqui na frente contar uma historinha diferente? Um dizia: era uma vez, era uma vez, três gatinhos. Então eu dizia: muito bem. Depois destes gatinhos, eles já estavam bem preparados com os três porquinhos, eles já sabiam que o “gatinho”, o “ga”, podia ser um pedacinho da história dos três porquinhos, o “nhos” de “porquinhos” e, como eu te falei, quando eles começavam a soltar igual pipoca na panela, você se surpreendia.

Mas, eu ouvi professoras dizerem que o método global só funcionava para os alunos bons, mas aqueles alunos que tinham alguma dificuldade não conseguiam aprender com este método.

Realmente, os meninos bons aprendiam mais depressa, mas os outros também aprendiam, até os mais fraquinhos aprendiam. A gente fazia interpretação de texto com os alunos fazendo perguntas assim: Que disse o palhaço? Que Fez o lobo? A gente perguntava: levantava a mão quem sabe o que fez o lobo? E colocava os meninos todos para se movimentar, mas dentro

dos textos. Não deixava menino conversar, se conversar dispersa, se perguntar para um menino que esta conversando ele não respondia por que não estava prestando atenção. Olhem aqui as imagens, o caldeirão, a chaminé, ele subiu no telhado, o Pedrito destampou e ele caiu no caldeirão, olhem, olhem, os pés do lobo. Mas é isso aqui mesmo, que gracinha, tudo que esta aqui (pré-livro “As mais Belas histórias” e o pré-livro “As mais Belas histórias - Bloco de Atividades”) a gente trabalhou, trabalhou muito. Aqui, por exemplo, palavras que eu já sei escrever, eles já sabiam algumas famílias, do “ma”, o “ca”, e o “co”, “macaco”, era um beleza, depois vinha aquelas dificuldades tipo os “dois r”, o “ç”, o “pr”, o “fr”, mas a gente tinha a hora certinha de entrar em cada dificuldade. Queria ter um caderninho pra te mostrar. Quando a gente ia escrever, por exemplo, o “fra”, a gente falava assim: vamos fazer a família do “fra”, “fra”, “fre”, “fri”, “fro”, fru”, eles aprendiam muito, eu escrevia no quadro. Depois quando eles viam, por exemplo, fruta, eles falavam: ah, é lá da família do “fra”, é o “fra”, “fre”, “fri”, “fro”, fru”, “fru-ta”, era uma gracinha, a gente amava dar aula. A gente dava aula por amor, hoje, o professor dá aula por dinheiro e não por amor.

E como que era este teste com a diretora?

Era um livrinho com letras grandes, com uma historinha fora dos Três Porquinhos, com letrinhas grandes, fáceis de entender, fácil de ler. Mas ali mostrava todo tipo de silabação, todo tipo de letra, de dificuldades, “fra”, “fre”, “fri”, tudo, e o menino tinha que ler. Dava, por exemplo, o livrinho para o menino sentar ali e avisava: você vai ler e entender a história porque depois eu vou te perguntar as coisas. E o menino lia tudinho. Descia para sala uns dois, três meninos e um já ia fazendo o teste. Ela (diretora) falava: leia aqui para mim. Mas como o menino já tinha dado uma ensaiadinha, ele lia direitinho. E interpretava, porque tinha que interpretar.

E eles não tinham medo de fazer este teste com a diretora?

Não tinham nada, nada. A gente falava: olha, você aprendeu a ler tão bonitinho que a diretora vai adorar ver você ler. Ela vai te dar o livrinho para você ler primeiro para você treinar e não gaguejar. Você ensaia bonitinho, ela vai te dar um tempo. Depois você mostra para ela que você sabe ler, que você aprendeu a ler, porque você é inteligente, você é bom nisso. O menino era tão incentivado, a gente incentivava tanto o menino que ele lia bonitinho. E tinha que fazer o teste de leitura para passar para a segunda série. Hoje não, hoje tem menino na quarta série que não sabe ler. A secretaria de educação fala que não pode reprovar menino, vai passando menino sem saber nada. Tem menino que vai fazer vestibular que não sabe escrever. Eu lembro que eu e a Edir falávamos que este método (global) é bom demais.

Mas parece que tinha também um teste para os meninos quando eles começavam para saber em qual sala eles iam ficar?

Ah tinha, tinha uma seleção. No começo do ano, os alunos entravam tudo misturado e a gente trabalhava com eles umas duas ou três semanas, ensinava muita coisa, coordenação motora e tal. Então, aquele que tinham o caderno todo limpinho, bonitinho, ele era classificado, já aquele que só fazia rabiscos ia para outra sala.

Então primeiro eles ficavam um tempo com vocês na sala e depois vocês iam remanejando de acordo com o desempenho?

Isso, porque quando o menino chega, ele não sabe o que é que ele faz. Tinha que passar primeiro pela mão da gente, a gente ensinava muita coisa para eles, durante uns quinze, ou vinte dias, nem lembro mais quanto tempo. E eles tinham que mostrar já alguma capacidade,

o menino que os cadernos ficavam limpinhos. E tinha aqueles que a gente mandava fazer uma coisa, e ele fazia tudo rabiscados, bagunçados. E o outro já sabe. Mas dizem que isso não é o certo hoje, que tem de pegar o menino de qualquer jeito. Mas antigamente era assim e funcionava, porque tinha o menino que era mais lento então a gente trabalhava com ele mais lento e aqueles que se desenvolviam bem eles aprendiam a ler muito primeiro que esses outros (com mais dificuldade) que a gente tinha que trabalhar mais com eles.

Mas mesmo tendo esta classificação, ainda assim havia em uma sala alguns alunos com mais facilidade e outros com menos?

Sim, porque a gente não conseguia separar muito, porque ou ficava uma sala ruim demais e a outra com poucos bons e não podia ter menos alunos em uma sala muitos na outra. Então pegava os melhores e os mais ou menos para esta sala; e os piores, piores para outra, tinha de fazer uma classificação assim, mais ou menos porque muito direitinho não dava.

Após essa fala precisamos encerrar a entrevista, pois ocorreu um episódio familiar na casa de Fernandes e por este motivo ela pediu para continuarmos a entrevista em outro momento.

SEGUNDA ENTREVISTA COM FERREIRA -

PRÁTICA DE ENSINO

Na primeira entrevista conversamos sobre suas recordações de quando foi alfabetizada, sobre como a senhora se tornou alfabetizadora e como foi sua carreira na docência. Como era o seu relacionamento com as outras alfabetizadoras e com a diretora. E conversamos um pouco sobre sua prática em sala de aula, mas agora gostaria de falar mais sobre esse assunto, sendo assim, gostaria de saber como a senhora ensinava os alunos a ler e a escrever?

A gente ensinava a ler e escrever, mas para isso havia um preparatório muito grande. Imagina os alunos chegando do primeiro dia de aula e já vão aprender a ler, não tem como. Então tem que treinar coordenação motora, ler com os meninos, mesmo sem eles saberem o que está escrito ali, mas para despertar a atenção para eles quererem aprender a ler. Agora está preparação é demorada porque os meninos vão aprender a ler de verdade lá para agosto, setembro, então este período que antecipa esta etapa é preparatório. Prepara coordenação motora, que é muito interessante. Naquela época a gente fazia muita coordenação assim: fazia a letra “e” até o final da linha, mas eles não sabiam que aquilo era um “e”, era só para a mãozinha eles saber subir e descer, subir e descer, para quando fosse preciso fazer um “e” um “l” eles já saberem. Esta preparação era a coisa mais importante. A gente também contava histórias para os meninos, fazia dramatização.

Mas, nesta preparação, a coordenação motora era trabalhada de que maneira?

A gente fazia no quadro um pouquinho e fazia no começo do caderninho deles preenchendo linha inteirinha, não era descoordenado não. A gente falava: vamos ver quem faz certinho. Às vezes, tinha até musiquinha como a do caracol, do novelinho, a gente criava essas músicas e os meninos iam cantando e fazendo o movimento com as mãozinhas. No final a gente fazia

coordenação motora de todas as letras do alfabeto, mas sem eles saberem o que era, só para a mão saber escrever. Porque na hora que ia fazer um l já sabiam que tinha de fazer um novelão, pois quando eles foram aprendendo, a gente cantava “o novelo da titia”, eu já esqueci as músicas, mas tinha as musiquinhas. Então quando eles iam pegar o lápis para escrever a gente às vezes dizia: lembram do novelinho da titia, aqui vocês vão fazer o novelão, o novelão é o l e o novelinho é o e, mas isso quando o menino estava na escrita de verdade, porque no começo ele estava só treinando. Mas você sabe que a leitura é muito mais rápida que a escrita, aprendera ler é muito mais rápido que aprendera escrever, às vezes, o menino sabe ler tudo e não sabe escrever, porque a leitura visualiza muito. E a gente usava a cartilha dos três porquinhos (*As mais Belas Histórias*), e no dia de entregar o livrinho para eles tinha festa e a gente dizia: hoje vocês vão ganhar o primeiro livrinho, olhem a capa como ele é bonitinho. A gente apresentava o livro, a capa do livro, quem escreveu o livro, aqui a gente falava o nome dela, ela era viva, Lúcia Casasanta. Ela era viva e a gente já usava o livro dela, Os Três Porquinhos. E era muito interessante, apesar de ser simples, simples, a primeira lição era assim: Era uma vez, era uma vez os três porquinhos, só isso. E a gente trabalhava esta primeira folha muito. A gente fazia cartazes, no final de semana a gente ia para as casas umas das outras e fazia aqueles cartazes tudo com letra de máquina, não era cursiva não. A gente fazia muitos cartazes e emprestava umas para as outras. Então a gente colocava lá na parede os cartazes: era uma vez, era uma vez três porquinhos, era uma vez, era uma vez três pintinhos, assim, o era uma vez, era uma vez, fixava muito na cabeça deles. A gente trabalhava muito este era uma vez, era uma vez, contava histórias como: era uma vez chapeuzinho vermelho, era uma vez com outros bichinhos e quando a gente passava para a próxima lição que cada porquinho eu ia falando quem que ele era, eles já tinham aprendido bem a lição anterior. A gente escrevia no quadro era uma vez, era uma vez, eles escreviam no caderninho, pois eles já estavam com as mãozinhas treinadas. A gente punha lá no quadro: era uma vez, vamos copiar isto aqui e enquanto isso a gente andava na sala inteirinha para ver se os meninos já tinham tido noção de escrever alguma coisa. E a maioria dos meninos já sabia copiar, porque eles, a mãozinha deles já estava bem preparada para fazer todo tipo de letra. Eu nem sei se o método exigia isto, mas a gente descobriu isto dava certo e usou. E passava para a segunda lição e dava sequência até o final assim. No final quando os meninos já tinham aprendido: eu sou o Palhaço, minha casa é de palha, o lobo derrubou minha casa, era um negócio assim. Depois o Pedrico, o Palito que fazia a casa de pau, o Pedrico de pedra, e aí a meninada gostava. E a gente repetia aquilo ali, não era uma vez e esqueceu não, você começava todo dia com: era uma vez, era uma vez, três porquinhos. Quando passava para outra lição, logo voltava de novo, era uma vez, era uma vez, para os meninos não esquecerem. Depois na segunda lição: eu sou o Palhaço, minha casa é de palha, e assim por diante até concluir a história inteirinha. Quando os meninos já estavam bem, já tinham fixado aquelas palavras, a gente chamava um menino à frente para ler e falava: leia aqui para mim, o que está escrito aqui? Era uma vez, então eles foram guardando na cabecinha o “era ... uma... vez”. Porque a gente ensinava do todo para as sílabas. E cartazes espalhados nas paredes para todo lado. A gente contava historinha, quando eles já tinham aprendido um pouquinho a gente fazia ditado: vamos escrever era uma vez, vamos todo mundo escrever sozinho, sem olhar em lugar nenhum, era uma vez. Desde o comecinho a gente já fazia ditado, fazia dramatização, chamávamos os meninos e dizia: olha, você é o porquinho tal e você o porquinho tal, brincava até os meninos fixarem a lição inteira. Depois eles já tinham fixado bem essas lições, a gente vinha separando as sílabas, “e-ra”, então tinha o “e” e o “ra”, o “u-ma” “vez”, isto com muitas lições tinha sílabas de toda espécie, do alfabeto quase todinho. A gente começava assim: o “ra”, vamos ver este pedacinho aqui é o ra, e lá na frente com certeza tinha alguma coisa do

“to”, “tomar”, ou qualquer coisa da família do “ta”, então tinha o “ra” e o “to”, que juntando o que é que vira? “rato”. E assim juntando uma sílaba na outra silabazinha do livro inteirinho eles já juntavam palavrinhas e falavam: olha, descobri uma aqui, “Palhaço”, se a gente tirar o “ço” o que é que vira? “Palha”. Desta maneira eles já aprendiam a palavrinha “palha” e assim por diante com todo o livro. Aí separavam as silabazinhas, silabazinhas de tudo e quando eles começavam a juntar as sílabas, eles mesmos se interessavam, eles achavam, por exemplo, o como, o “co” e o “mo” aí se eles achavam outro pedacinho que dava certo, eles vão descobrindo, eles descobriam sozinhos outras palavras. Mas isso depois de muito treino, porque nas primeiras vezes eles não pescavam quase nada, mas depois iam tentando devagar, devagar, devagar, juntando um pedacinho em outro pedacinho. E tinha o dia certo para formar as palavrinhas. Vamos formar palavrinhas, hoje, então vocês vão escolher todos os pedacinhos que tem o “ra” no livro. E vinha um e falava assim: descobri um “ra-mo”, “ramo”, então vamos escrever esta palavrinha que vocês já conhecem o “ra” e o “mo”, o “mo” de algum lugar lá no livro....

Eles aprendiam muito brincando?

Brincando também. Às vezes eles nem sabiam que estavam aprendendo a ler, de repente eles falavam: descobri outra palavrinha aqui. Mas, às vezes, eles inventavam uma palavrinha sem nexos, e eu falava: ah, essa não existe, então vamos arrumar uma que existe, por exemplo, “batata”, o “ba” de baralho o “ta” de “esta”, aí um falava: descobri “batata”. Muito bem, então vamos escrever a palavrinha que fulano descobriu. E a gente escrevia grande lá, este aqui é o “ba” de algum lugar o “ta” de outro lugar, então todo mundo já aprendia a palavrinha “batata”. E, no final, eles descobriam que todas as sílabas umas juntando nas outras e davam muitas palavras, e aí a gente começava a pegar palavrinhas que eles aprenderem e a colocar no quadro. Agora vamos inventar uma historinha com esta “batata” aqui. Era uma vez uma batata, aí a gente criava, a imaginação dos meninos vinha e a gente também tinha de ter muita imaginação, e quando você via os meninos já tinham aprendido era quase tudo, sem notar também. Quando, às vezes, aparecia uma palavrinha diferente lá, todos queriam descobrir para falar para gente, e lá no livro eles começavam: a casa do Palhaço é de palha, ah, “palha”, e da onde que é palha, é a palha do milho, aí a gente desviava um pouco para eles irem aprendendo todo tipo de vocabulário, para enriquecer o vocabulário deles também. E, no final, depois que eles já tinham aprendido muitas palavrinhas, a gente começava a fazer o ditado. No primeiro dia do ditado às vezes não saía nada, no segundo dia já saía, porque a gente mesmo já podia falar assim: a palavrinha é “barata”, então vamos pensar, o “ba” lá do lugar assim, assim, o “ra” lá do “era” e o “ta” de outro lugar assim, mas de uma palavrinha que eles já estavam conhecendo, a cartilha ficava estragada de tanto ele mexerem, virar para cá, virar pra lá. E a gente ia abrindo os novos cartazes na medida em que os meninos iam vendo as lições, porque a mesma lição que estava lá escrita nos nossos cartazes tinha que ser a que eles estavam vendo. Então isto é um trabalho de repetição, repetição, repetição, repetição, porque os meninos, aliás, não é só os meninos, porque a gente também aprende muita coisa também através da repetição. Repete, repete, repete e com o tempo eles dão conta de juntar aquela sílaba com outra e aqui, ali e no final do ano, lá para setembro, algum menino chega com um papel de casa e fala assim: descobri uma palavra nova no jornal de casa. Isso queria dizer que eles estavam interessados em juntar as letrinhas e formar uma palavra. -Agora vamos formar uma sentençazinha bem bonitinha com a palavra batata: a batata doce é...Quando estava nesse pé nós já usávamos o é com acento, a gente já falava para usar os acentos. Retomando a sentença: “a batata doce é gostosa”, então vamos escrever isto aí: “A batata doce é gostosa”. Era assim, usando a imaginação. A gente aproveitava aquelas que estavam certinhas e elogiava:

muito bem fulano você descobriu uma palavrinha bonitinha. Ciclano, faça uma historinha com a palavrinha que ele descobriu. E assim a gente ia movimentando a meninada e cada um queria apresentar uma nova sentença, No outro dia, chegavam mais meninos com jornal dizendo - eu dei conta de ler este pedacinho aqui das notícias do jornal - e quando você via o menino já tinha aprendido a ler. Mas com muito trabalho, muita dedicação. Vinha com a cartilha o material da gente, os cartazes, as sentenças, as palavras e as sílabas separadinhas. A gente guardava tudo em uma caixinha e, de vez em quando, a gente pegava e perguntava: o que está escrito aqui? -Eu sou o palhaço. -Então, se a gente tirar isto aqui, o que está escrito? - Sou. - E aqui? - O palhaço. - Então os meninos decoravam, iam gravando aquilo ali e era uma beleza. Por isto eu falo que os meninos inteligentes aprendiam primeiro. Porque realmente eles aprendiam primeiro mesmo. Eles eram mais rápidos para captar, mas os outros vinham atrás também. Esse método é bom, não sei porque deixaram de aproveitar esse método? Depois foram criando coisas novas e entrando coisas novas no mercado, que também são boas, mas esse método é muito bom, o Método Global.

Mas o tempo todo que a senhora trabalhou lá a senhora trabalhou com o método Global de Contos?

Só com o método Global. Porque o Global tinha tudo. Lá no final da cartilha tinha as palavrinhas, a gente recortava essas palavrinhas em casa. Perguntava: - O que está escrito aqui? - Casa. - Depois tinha essa mesma palavra separada em sílabas o “ca” e “as”. Este pedaço sozinho é o “ca” e este aqui é o “pa”, do palhaço, “ca-pa”. Vamos juntar essas duas sílabas, o “ca” e o “pa”, então temos a palavra “capa”, vamos escrever aí. O que é capa? Capa é a parte de fora do livro, é a capa do livrinho. Para isso tem que ter muita imaginação, uma criatividade, porque, às vezes, desviava do assunto, mas você voltava para o lugar certo. E no final do ano os meninos faziam até redação.

Só no final do ano que fazia a redação?

Isso, mais ou menos em novembro, dezembro que os meninos já faziam redação bonitinha. E aí a gente ensinava o que era parágrafo, que para começar as frases tinha de ser com letra maiúscula, a gente tinha que ensinar tudo isto, e os menininhos já sabiam escrever manuscrito mesmo, com a letrinha deles.

Quando eles começavam era com a letra bastão?

Quando a gente começava mostrava a letra bastão, mas eu escrevia em baixo com letra cursiva e falava: esta letra aqui é do livro, mas com a nossa mãozinha nós fazemos assim, porque nossa mãozinha não é máquina que escreveu daquele jeito. Era uma maneira e funcionava, não sei se era o certo. E era assim que a gente ensinava os meninos a ler e liam. Depois a gente levava muitos livrinhos para a sala de aula, dava um para cada um e eles perguntavam: tia o que é este pedacinho aqui? Eu falava lembra-se desse aqui é lá da palavra tal e tal.

Mas estes livrinhos...

Eram todos do nível deles.

Mas eram da escola?

Eram da escola. Lá tinha a biblioteca, e a gente pegava um livrinho para cada um dos alunos.

A biblioteca era boa?

Era. A gente pegava os livrinhos e dava um para cada um e falava agora vocês vão começar a ler, mas não é alto para mim não, vocês vão ler baixinho, só com os olhos, com a boca agora não pode ler. A gente ensinava todas as regras de leitura para os meninos, porque o menino não pode aprender a ler mexendo com a boca, só quando estava lendo alto “ba-ta-ta”(silabando), mas na hora em que você vai ler onde está escrito batata ele lê só com os olhos. No começo, eles faziam assim, “ba-ta-ta”, mas depois que já leram que é batata a primeira vez, eles deveriam ler só “batata” (sem silabar). E a gente dava tempo para eles estudarem depois chamava: fulano você já deu conta de ler o livrinho? Então lê para mim, vem aqui na frente.

E eles não tinham vergonha de ir de ler na frente da sala?

No começo, tinham muita vergonha, mas, no final, eles estavam todos serelepes. Mas antigamente a gente conseguia disciplina, muita disciplina. Era tanta disciplina que, às vezes, passava alguém em frente das nossas salas de primeira série e achava que não tinha nem meninos dentro de sala de aula. Hoje você passa perto de uma sala de aula e só escuta os meninos falando “blá, blá, blá, blá” e você nem entende o que dizem. Mas também tinha de saber dosar, pois tinha hora que você dava liberdade para o menino, porque senão ele ficava quietinho o tempo inteiro e assim não dava. Por isso tinha hora que a gente cantava, inventava uma musiquinha com as palavrinhas, com as letrinhas, com as frases do livro. Por exemplo, o lobo, tinha o lobo mal que ia soprar as casinhas. E cada folha que ia passando a gente tinha um cartaz novo na parede, a gente estudava com eles, lia com eles e lia, lia, lia, muito mesmo, para depois a gente passar para o caderninho deles. E a gente dizia: agora nós vamos passar para esta página aqui, vira a folhinha. Se eu não me engano a gente dava a folhinha, e o menino ia montando o livro, me parece que era de buraquinho (furos na lateral para arquivar), eu estou lembrando que era de buraquinho. Então a primeira folhinha que a gente aprendeu, “Era uma vez, era uma vez os três porquinhos”, eles já estavam caducos de saber, então nós dizíamos: agora eu vou dar esta folhinha para vocês igualzinha ao cartaz da tia e vocês vão ter um cartaz em casa. Então no começo me parece que a gente dava a capa, você viu isto Vanessa?

Vi, me disseram é era assim mesmo.

Era isto mesmo. Dava a folhinha para o menino (de acordo com a lição) senão ele ia “curiosando” ali para frente e falava algumas bobagens e nem aprendia direito. Quando passar para o segundo cartaz vocês vão ganhar a segunda folhinha e assim vocês vão ter todos os cartazes que a tia tem. No final do ano, vocês vão ter todos os cartazes que nós vamos ver aqui. Vocês têm tudo no livrinho, tudo amarradinho ali, e lá no fim do livro tinha separação de sílaba, era a frase, a palavra e depois a sílaba, e destas sílabas tinham umas sílabas cortadinhas que eles mesmos iam procurar. Vamos caçar palavras, então vou te dar umas fichas aqui e pegava, por exemplo, o “c” e pegava lá um “a” e formava o “ca”, pegava lá um “s”, e eles mesmos iam juntando e depois falavam - olha formei uma palavrinha.

Cada um na sua mesinha?

Isso, cada um na sua mesinha.

Mas havia também trabalhos em grupo?

Tinha, às vezes, a gente ia contar historinhas e arrastava as carteiras e eles ficavam todos sentadinhos em volta. Às vezes, a gente dramatizava a historinha e chamava um menino para representar ali no meio. Ou uma musiquinha, às vezes, a gente juntava as cadeiras em roda.

Às vezes, a gente fazia uma atividade mais movimentada para ficar mais alegre porque os meninos tinham muita energia. E para aqueles meninos mais espertos que acabavam de fazer tudo aí a gente tinha de arranjar mais atividades para dar tempo da gente acompanhar com os mais lentos. Se fôssemos acompanhar só os mais rápidos, os outros iam ficando para trás, então nós tínhamos que arranjar atividade diferente para aqueles mais rápidos. A gente pegava umas palavrinhas que eles estavam aprendendo e a gente dava um monte de fichas para aquele que tinha acabado primeiro e falava agora você vai formar todos as que você der conta aqui, e assim ele fica envolvido. A gente dividia a turma mais ou menos assim, porque tem uns que demoram mais a aprender e esses que demoram mais a aprender, se sentirem que estão sendo descartados, aí eles não desenvolvem de jeito nenhum, porque eles não sabem "pegar o bonde andando" tem de ir junto. Mas tem uma época em que fica quase tudo igual, porque esses já aprenderam umas palavrinhas também (os mais atrasados) e os outros estão assim esperando, estão ali "amassando barro", repetindo palavrinhas, fazendo mais palavrinhas. A gente dava uma palavrinha para recortar, eles tinham tesourinha e a gente levava muita revista e pedia - recorta aqui uma palavrinha, uma letrinha que você já conhece - enquanto eles estavam ali procurando a gente está ali batendo com os outros para eles aprenderem também, e no final poucos meninos que, às vezes, não aprendiam bem, mas sabiam muita coisa. Não sabiam ler, por exemplo, correntemente, porque o menino para passar da primeira série para a segunda (a gente falava era assim), tinha de saber ler e escrever correntemente. Se gaguejasse demais a tia que estava examinando o deixava ensaiando mais um pouquinho, falava assim -você senta ali e leia de novo até você saber ler corretamente para mim - aí ele sentava e com medo de não passar para o segundo ano se esforçava, esforçava e quando chegava a vez já lia direitinho. Mas não era correndo não, era corretamente, mas não corrido. Era assim: Manoel era um menino de comportamento exemplar. Ele não podia era ficar assim "Ma-no-el e-ra", porque assim ele não estaria lendo correntemente, estaria lendo gaguejado. E apesar dele estar sabendo também, mas para passar para a segunda série tinha que ser correntemente - Manoel era um menino de comportamento exemplar, mas um dia levado por maus companheiros fez muitas travessuras. - para isso dava o tempo dele ficar lá sentadinho dando uma treinadinha. Elas (examinadoras) davam, às vezes, muitas oportunidades para o menino passar para o segundo ano, porque sabia ler só que não estava lendo de forma desenvolta. Então passavam para a segunda série, e as professoras da segunda série pegavam os meninos já bonzinhos e daí era ensinar outras coisas, porque elas não precisavam mais se preocupar em ensinar os meninos a ler e escrever. Hoje tem meninos na quarta série que não sabem ler, e passa porque a Secretaria de Educação fica falando não pode dar bomba para menino, não pode dar bomba para menino, aí o menino passa, mas sem saber. Chega menino no vestibular, e tem menino que não sabe fazer uma redação direito, foi passando foi passando, isto que acontece com alguns meninos hoje. Mas o método era muito bom, eu gostava, no início quando eu vi aquilo eu pensei como eu vou ensinar assim, porque eu nunca tinha visto o método, mas cheguei já fui orientada, pois a Dona Carmelita é que orientou a gente, você vai ensinar com esse método e é assim, assim...

Ah então quando a senhora entrou no Grupo Escolar Clarimundo Carneiro a senhora ainda não tinha trabalhado com o Método Global?

Eu não tinha trabalhado, eu trabalhei lá. E foi dando certo e aí quando eu vi eu falei gente a coisa aqui é boa mesmo e dava certo, o método era muito bom. Para os meninos repetentes já viciados com tudo errado, letras todas tortas, porque a gente já ensinava o menino a fazer o movimento certinho nas letras. Não deixa fazer um "o" torto assim, então ensinava a fazer o

“o” assim, com aquele lacinho lá em cima. Mas quanto a gente está preparando a coordenação motora deles já fazia todo tipo de coordenação daquele jeito, por exemplo, o “o” fazia assim, com um rabinho assim, dava o lacinho lá. E aí a gente ainda brincava - olha vamos colocar umas pinguinhos aqui e virou japonêsinho. A gente já fazia desse jeito para o menino não fazer um “o” feio, senão ia ter menino fazendo um “o” muito feio. Então na coordenação motora você já vai treinando as letrinhas para que na hora que eles fossem escrever já sabiam fazer aquele movimento. Na hora em que o aluno estava treinando não sabia que aquilo era um “l”, um “e”, nem um “o”, nada. - Vamos cantando, o japonêsinho sempre andando devagar, era o “ózinho”, depois a gente colocava um olhinho nele. Tinha uns meninos que em casa coloria aqueles olhinhos, a gente acha menino de todo jeito, acha menino que gosta de estudar, acha menino que não gosta de estudar, mas a gente procurava muito incentivar a criança para ela gostar de estudar. A gente dava muito exemplo, olha para poder ser doutor ele teve de aprender isto aqui, ele teve de aprender a ler, aprender a escrever, você não quer ser um doutor um dia? Tinha menino que tinha muitos sonhos toda criança tem um sonho, umas diziam eu quero ser professora, as meninas todas queriam ser tia (professora), eu quero ser tia quero da aula, porque via a gente. Então para poder ser professora tem que começar a aprender aquilo tudo, não pode chegar a ser professora uma menina que não quer estudar. E foi este método (Método Global) e, no final, eu achei uma beleza. Eu comentava com as meninas lá (Grupo Escolar Clarimundo Carneiro), a gente sempre se encontrava, trocávamos muitas ideias. Às vezes, até um menino dava uma boa ideia e a gente trocava aquilo, uma frase bonitinha que uma sala fez, e a gente ainda não tinha feito aquela. E a gente estimulava as crianças a fazer isso (alcançar o sonho). E parecia uma pipoca arrebatando na panela, um, dois, “pop, pop, pop” e no fim do ano tudo isso estava estourado, e aquilo era muito gratificante pra gente. O dia em que a gente pegava uma salinha, porque a gente pegava os meninos cruzinhos, não sabiam nem pegar em um lápis. Hoje, os meninos fazem jardim, fazem o maternal, fazem o pré e depois que vão para a primeira série e aí é só acabar de ensinar, mas a gente pegava os meninos cruzinhos, cruzinhos. Vamos pegar no lápis, olha como se pega no lápis, tem menino que e pega um lápis com esta mão, pega torto, não tem noção. Os meninos, no final, faziam ditados, faziam redação, ah, às vezes, a gente punha muitos cartazes fora do método mesmo, que tinha um cartaz bonito com uma menina de chapéu a gente pregava lá e dizia: - Era uma vez uma menina, ela tinha um lindo chapéu, assim eles podiam aprender outro tipo de coisa também.

Mas isto para fazer redação?

É para estimular o menino a fazer redação. No final (do ano letivo), a gente punha umas frases bonitas como: “Hoje o céu está lindo, lindo. Olha o céu como está azul, como a grama está verde, verde, verde...”.

Isso para fazer redação? O nome desse tipo de redação era composição?

Era composição, hoje é redaçãozinha. No final, você precisa ver quantos meninos faziam composição bonitinha. Eles punham lá: Era uma vez, punham dois pontinhos, no final eles faziam as pontuações todas. Eu achava aquilo ali um milagre, era tão bonitinho, tinham uns que punham: “O olho de Lala era azul, azul”, ficavam lindas. Eram curtinhas, mas tinha o comezinho, o meiozinho e logo o fim como, por exemplo: “Ela foi passear na fazenda, colheu muitas flores e o dia foi lindo”, terminou, era pequenininha, umas três ou quatro linhas.

Mas isto mais no final do ano?

Mais no final do ano, quando eles já sabiam ler, já estavam estourando mesmo para ler, para escrever, aí a gente já ia tentando acompanhar a escrita com a leitura, apesar de que não acompanhava muito não, a leitura era lá na frente, demora mais que a escrita. Mas depois também que o já pegou o jeitinho, que eles já sabiam transformar a letra de máquina, para a letra das mãozinhas deles, a cursiva, aí ele já transformava tudo, todas as letrinhas. A gente acha que ensina, ensina, repete, repete e o menino não está aprendendo, mas ele está aprendendo sim. Aprende. Agora um ponto muito interessante para a criança aprender a ler é que tudo que você falar ela tem de estar prestando atenção em você. A sala tem de estar em silêncio absoluto, se um começa lá a conversar, a gente diz: - Espera aí, você não está prestando atenção, deixa os outros prestarem atenção e você também vai prestar atenção! Agora é boquinha fechada e é só o olho aqui na tia, e o ouvido em tudo o que eu vou falar. – No final eles aprenderam porque ficaram quietos. É como uma conversa numa sala, se você está prestando atenção na conversa você sabe tudo da conversa, agora se você desvia a atenção perde o rumo, não consegue pegar o barco andando.

E conseguir essa disciplina era complicado? Porque as crianças estavam entrando pela primeira vez na escola, elas não tinham este costume ainda.

Mas isso também, os bons hábitos a gente tinha que ensinar. Na primeira semana você não conseguia ensinar quase nada era só trabalhar bons hábitos. Quando você quiser falar com a tia, você levanta a mão, não levanta da carteira e vem aqui senão vira bagunça e nossa sala não é de bagunça. Ensina que ponta de lápis não se joga ao chão, papel é no lixo e não é toda hora que se vai ao lixo, deixa juntar um montinho e na hora em que a tia não estiver falando você vai, porque você tem de prestar atenção em tudo que eu falo. Porque se menino não estiver prestando atenção, ele não aprende, enquanto você olhar para a sala e tiver um menino mexendo disperso para lá e para cá, eu dizia: - olha eu não vou falar nada porque tem um menininho que ainda não está prestando atenção. Às vezes a gente nem fala quem, o menino desconfia e já olha. Os bons hábitos têm de ser colocados de início senão você não consegue uma sala limpa, você não consegue que eles fiquem sentados, todos querem levantar, querem andar. Tem a hora de conversar, depois a gente conversa, na hora de ensinar é silêncio e mais uma vez se tiver que falar e estiver com bagunça não se aprende nada. Por isso que hoje os meninos não prestam atenção e não aprendem. A professora de matemática está lá falando e tem meninos jogando bolinhas, cutucando na orelha do outro e depois falam: - ah tia não entendi. Não aprendeu mesmo porque não prestou atenção. Aí a gente tem de repetir para aquele que não prestou atenção, mas antes a gente tem que primeiro preparar os meninos: - caladinhos, caladinhos, vamos escutar até um mosquitinho voando, na hora em que estiver assim eu vou falar. E a gente conseguia, nós todas lá no Grupo Escolar Clarimundo Carneiro conseguíamos. Só aqueles meninos repetentes, aqueles grandes que tinham que fazer o primeiro ano de novo, aqueles eram meio difíceis de mexer. No primeiro ano, eu trabalhei com uma turma dessas. Porque no primeiro ano que a gente entra, não tem experiência de nada e elas dão uma sala ruim, para a gente consegue trabalhar. Depois é que vai melhorando a sala e os meninos e aí é uma beleza alfabetizar meninos quase todos da mesma idade. É bom demais quando a panelinha de pipoca começava a arrebentar é uma delícia. Logo outro aprendia e outro e no fim todos aprendem, era uma beleza, era assim que a Carmelita falou também? E a Carmelita tinha disciplina total até com a gente, ela era, não ela é muito amiga da gente, mas na hora de chamar a atenção, ela chamava mesmo. A gente tinha de fazer um plano de aula e este plano de aula era sagrado. A gente mandava o plano de aula para ela ver, ela escolhia, fulano vai à sala da Célia, da Sônia Batista, da Ieda e pega o plano de aula delas, trás estes cadernos, aí ela lia tudo e no final quando tinha alguma observação ela anotava.

Quando estava bom merecia parabéns, ótimo, excelente, ela sabia elogiar, mas quando não estava bom, ela escrevia e orientava, ou, às vezes, escrevia assim “no final da aula venha aqui na minha sala”, para ensinar a gente aquilo. E a gente era bem orientada, ela era excelente, ela é excelente até hoje. Ela me liga todo natal, no meu aniversário, põe envelope no correio, ela é uma pessoa amiga demais e a Edir também.

Parece que as professoras eram unidas?

Era uma equipe. Às vezes a gente deixava de sair no sábado ou no domingo para nos reunirmos em uma casa e fazer cartazes novos para a próxima semana ,e a gente trocava, ficava um dia ficava na minha sala, no outro dia ficava na sala da Edir e assim íamos a trocando, revezando. E a meninada queria cartazes novos, eles queriam coisas novas, eles prestavam atenção no que a gente levava e era muito bom. E a gente era muito amiga, acho que somos amigas até hoje, muito mesmo, a não ser umas que mudaram para fora. Mas mesmo assim, um dia desses, eu recebi uma carta de uma professora que mudou para o Mato Grosso, ela me contou que chegou a ser até diretora de uma escola lá, o nome dela é Telma Figueira, gente boa. A gente não tem assim amizade frequente de ir muito à casa uma da outra, mas sempre tem um telefonema, um e-mail, é muito bom.

Quero saber sobre os ditados. A senhora falou que desde o começo do ano já tentava fazer, como era?

Quando você via que os meninos já tinham aprendido alguma coisa e davam conta de escrever, por exemplo, “Era uma vez” a gente já falava: - vamos fazer um ditadinho hoje. E a gente escrevia no quadro ditado e pedia: copiem aí. E tem uma coisa que desde o primeiro dia a gente tentava passar para eles era o cabeçalho: “Grupo Escolar Clarimundo Carneiro”, saía tudo torto, no começo era um horror. “Professora: Célia Borges”, “o nome do aluno” e “Uberlândia, tanto de tanto” (data), aí que a gente fazia alguma atividade. Vamos fazer um ditado do que vocês aprenderam ontem, vamos ver se vocês aprenderam mesmo! E a gente escreve lá no quadro: ditado e pede para eles: todo mundo escreve no caderno que eu vou olhar. Dava um tempo e via se todo mundo escreveu ditado. Agora vamos pular uma linha, vamos saltar uma linha para não ficar grudado lá com o ditado. Então eu riscava lá no quadro, nesta linha aqui não escreve não, escreve na outra, pulava uma linha, para ir organizando. E tem o parágrafo, a gente falava: - parágrafo é um pedacinho que tem desse risquinho vermelho do seu caderno para cá, a gente nunca começa escrevendo grudadinho no vermelho, você pode por até o dedinho para saber o tanto de espaço que é. Aí escrevia: “Era uma vez”, já estava ótimo, e a gente andava na sala para ver se eles escreveram “Era uma vez”. E os ditados iam crescendo, aumentando na medida de cada conhecimento, de cada folhinha que eles iam ganhando.

E os treinos ortográficos como eram?

Os treinos ortográficos a gente fazia muito no quadro, por exemplo, vamos escrever "casa", eles já tinham aprendido a ler casa, para escrever casa tem de dar estas voltinhas para fazer o "a" o "s", sem tirar o lápis do papel, tem que ser tudo grudadinho, depois quando iam fazer outra palavra é que pulava o lápis, porque aí eles escreviam uma frase inteirinha com as letrinhas grudadinhas uma na outra, só quando ia mudar de palavra é que dava um espaçozinho. E assim eles iam aprendendo. O treino ortográfico, depois que a gente acabava de ensinar a escrever uma palavra, a gente dizia: agora vocês vão tampar com a mãozinha e vão escrever embaixo, para ver se você aprenderam. E eles escreviam embaixo, quase todos olhavam, porque não tinham jeito, mas aí eles já estavam aprendendo e iam fixando. Porque

com o treino ortográfico eles têm que fixar para ver como é que se escreve, por exemplo, "criança" tem "ç" então a gente dizia: - então vamos escrever tudo direitinho, não pode esquecer deste pedacinho aqui embaixo, é uma cobrinha. A gente usava as expressões da gente, não sei se podia, mas sei que final eles davam conta. E o treino ortográfico quando tinha palavras difíceis, por exemplo, as começadas por "tra", ou "bra", precisavam ser bem treinadas mesmo. A gente treinava e depois pedia para eles escreverem, era um treino que eles tinham que fazer bem. Se a palavra fosse mais difícil a gente manda escrever umas duas vezes, apesar de que era errado mandar escrever muitas vezes para baixo, mas umas duas vezes é bom para fixar.

A Cartilha que a senhora usava...

Era a “Os três porquinhos” da Lúcia Casasanta.

Na realidade o nome da Cartilha era “As mais Belas Histórias”.

Isso, o nome era As mais belas histórias, mas a gente já falava que era a cartilha dos três porquinhos. Quando os meninos já tinham aprendido muito, a gente fazia brincadeiras com eles, como a mímica. Colocava os meninos lá na frente para fazer mímicas e ver quem é que descobria o que era que eles estavam fazendo. Ah é o lobo, os três porquinhos. Às vezes, a gente punha até mascaras neles.

Estas máscaras vinham com o material da cartilha ou vocês faziam?

A gente fazia as máscaras. Muita coisa vinha, mas muitas coisas a gente fazia mesmo. Às vezes gente chamava um menino para perder um pouco a timidez e pedia para ele inventar uma historinha lá na frente. E a gente falava: pode inventar uma história das três galinhas, então vamos falar das três galinhas, inventa a história das três galinhas e mesmo que ele falasse apenas umas três palavrinhas, já estava bom. Então a gente fazia ditado, fazia mímica, fazia história, cantava. A gente cantava muito com eles, inventava musiquinhas com as palavras dos livros, pois tudo a gente tirava dali, do material. De vez em quando, saía fora um pouquinho, para eles verem que na vida tem outras coisas também. Quando a gente pedia para ler em casa e menino trazia um pedacinho de jornal, às vezes era contando alguma coisa como houve um baile na cidade, e eles chegavam contando: - tia eu li aqui (jornal) que houve um baile na cidade -e eu dizia: é mesmo, eu fiquei sabendo. Quero ver amanhã quem vai ler uma coisa interessante e para trazer para mim. E no dia seguinte fervia de coisas, mas daquelas crianças que as mães ajudavam, porque tinham muitas mães que não ajudavam. A gente ensinava a fazer ponta no lápis, a apagar com a borrachinha, a gente ensinava o menino um monte de coisas, pois naquela época os meninos chegavam cruzinhos, não sabiam nada e, às vezes, chorando porque não queriam ir para a escola, era difícil. Também tinha as fichas relâmpago, você já ouviu falar? Funcionava assim, faz de conta que aqui estava assim: Eles fugiram, fugiram, então eu falava: - olhem aqui rapidinho, o que estava escrito? As fichas relâmpago a gente mostrava e escondia, mas quem estava bem atento falava: Eles fugiram. E eu respondia: isso, vocês querem ver como era isso mesmo que está escrito, olhem aqui. Eram muitas fichas, a gente trabalhava com um material imenso, muito variado mesmo.

Às vezes estas fichas serviam para ler, às vezes para escrever?

Podia também. A gente falava: Hoje nós vamos fazer ditado com as fichas relâmpago. No começo tinha que deixar muito tempo para eles lerem e saber escrever o que está escrito na ficha. A gente mostrava a ficha e pergunta para eles o que está escrito aqui? Elas fugiram.

Deixava um tempo para eles visualizarem e depois dizia: pronto, agora vou tirar e vocês vão escrever “Eles fugiram”. E eles já escreviam, era ótimo.

Que materiais a senhora usava nas aulas?

Os materiais que a escola fornecia, os materiais que acompanhavam a cartilha, os cartazes e os materiais que a gente fazia em casa também. A gente fazia muito material em casa. Lembra que eu te falei que, às vezes, aos sábados e domingos, a gente deixava de sair para passear e fazia trabalhos e cartazes para usar durante a semana. A gente fazia fichas diferentes para fazer o ditado relâmpago. Às vezes, a gente podia colocar assim “Kátia era uma menina loira, loira”, e isto eles já iam aprendendo essas frases para quando fossem fazer redação já ter material na cabeça. “Kátia era uma menina loira, loira, e os olhos dela eram azuis como o céu”. A gente escrevia nas faixinhas e ia lendo ali. A gente variava muito os materiais. O material tinha de ser muito rico e a gente tinha porque nós fazíamos e trocávamos entre nós. Quando uma de nós achava uma figura bonitinha, por exemplo, um menino montado em um cavalo pregava e escrevia algo como, “Luiz era um menino educado”, podia ser qualquer coisa, “ele gostava muito de passear, ele ia à fazenda e andava a cavalo”, mas tinha que ser alguma coisa relacionada com aquela figura. E a gente deixava pregado lá na sala e aqueles mais curiosos olhavam e queriam saber o que estava escrito ali, então a gente lia com eles.

Deixava esses cartazes juntos com os demais?

Isso, justamente porque vendo coisas diferentes eles queriam saber mais. Um aluno podia perguntar: “Como é que o nome do menino?” E a gente dizia, vamos supor, “Alexandre” e a gente dizia: olhem como se escreve, Alexandre. E a gente perguntava: aqui tem alguém que se chama Alexandre? Tem? Então seu nominho está escrito aqui. Tinha que ter uma rapidez de raciocínio para emendar as coisas que eles falavam, para elogiar, levar o menino lá na frente, a gente tinha de levar muitos lá na frente para que eles perdessem um pouco a timidez, pois tinha meninos que eram tímidos demais.

Mas a senhora conseguia fazê-los vencer essa timidez?

Conseguia, no final todos conseguiam.

Voltando a cartilha, a senhora disse que a que usava no Grupo era “As mais belas histórias”.

Isso, mas também muitos materiais feitos por nós professoras. E a Carmelita (diretora) elogiava a gente porque nós fazíamos muitos cartazes, fazíamos muita coisa, porque se ficasse só nas mesmas coisas, os meninos cansavam. Precisava repetir, mas também tinha que variar. Tinha que repetir para eles aprenderem as palavrinhas do livro, porque depois que os meninos aprenderam todas as folhinhas, já aprenderam tudo, já venceram todas as dificuldades, até aquelas do “x”, por exemplo, “táxi”, “exato”, “xarope”, porque a palavra “táxi” é tão diferente de “exato” e de “xarope”, mas todas têm “x”, então são várias as funções do “x”. Então quando eles já venceram todas as dificuldades, eles já têm condições de escrever tudo e certinho. Mas, às vezes, quanto tinha alguma palavra diferente, vamos supor, “moleque”, eles já sabiam achar o “mo” de um lugar o “le” de outro e o “que” de outro. Então tinham as dificuldades que precisavam ser trabalhadas como “bra, bre, bri, bro, bru”, porque o “ba, be, bi, bo, bu” elas já tinham visto demais, mas era diferente. Também tinha o “cra, cre, cri, cro, cru” que era mais difícil, porque era diferente do jeito de falar do “ca, ce, ci, co, cu”, pois o “ca” eles tinham de falar “ca” (kA), mas o “ce” tinha som de “se”. Então, no começo, eles falavam errado, mas a gente corrigia, falava certo, “ca, CE, CI, co, cu” e, às vezes, eles riam.

Era assim sempre acontecendo coisas novas na sala para eles e eram muitos meninos, eram quarenta meninos, às vezes, trinta e cinco, mas era muita coisa. E quando a gente trazia alguma coisa para corrigir em casa, as provas, por exemplo, era aquele tanto de prova, tinha de trabalhar muito.

E o que a senhora mais gostava dessa cartilha?

Era quando a gente ia ensinar eles a fazer composição, porque aí eles já estavam super enriquecidos com tantas palavras. Às vezes a gente colocava assim: "A grama era verde, verde. A árvore era colorida, com muitas flores multicores". A gente usava essas palavras nos cartazes porque quando eles iam fazer a composição cada um sabia uma coisa diferente. Eu tinha até pouco tempo redação dos meus meninos, eu fui fazer faxina, aí tira tudo e joga fora.

Que pena!

Quando me casei, eu deixei a sala em setembro já tinha menino que sabia escrever e eles escreveram cartinhas para mim, era a coisinha mais linda. Eu tinha até pouco tempo essas cartinhas. Se eu achar eu te dou. Era bom demais quando você via que o menino aprendeu. E quando eu ainda não conhecia o método, eu pensava, eu vou aplicar esse método, mas eu não sei se vai funcionar, mas eu fui levando tudo o que foram me passando e eu também aprendi. Mas ver os meninos escrevendo direitinho, isso sim era um encanto. E eles usavam a pontuação, o ponto de exclamação, o parágrafo, o ponto final. A gente ia fazer ditado com eles, e a gente falava: parágrafo, letra maiúscula, vírgula, ponto de exclamação, ponto final, tudo isto a gente cobrava deles. Não era um ditado rápido, era direitinho. Era um ditado pequeno, uma composição pequenininha, porque no começo era tudo pequeno, mas se você visse, as letras dos meus alunos eram como a minha.

A senhora planejava suas aulas?

Nós marcávamos de tantos em tantos dias para nos reunir e fazer o planejamento. E era assim, nesse mês temos de ver e cumprir isso e isso, Quando era época de dar os ditados, porque eu gostava de ver os resultados logo, então eu dava ditado todo dia e escrevia no planejamento "ditado todos os dias", treino ortográfico todos os dias. E dizia: matemática, tal e tal coisa. E também, por exemplo, no dia da árvore, tinha que falar alguma coisa sobre as árvores, sobre cada data comemorativa, dia do índio, todas as datas que a gente tinha de comemorar tinha que colocar no planejamento. A gente se reunia, e todas tinham o planejamento, então a gente já sabia o que a gente teria de seguir naquele mês ou naqueles próximos quinze dias, de acordo com a diretora, ela que falava: vamos fazer um planejamento.

E o plano de aula?

O plano de aula tinha que ser feito todos os dias. E no plano de aula a gente sempre recordava o que você tinha feito no dia anterior e acrescentava mais alguma coisa, por exemplo, o dia de ensinar os fatos fundamentais, a gente escrevia do jeitinho que tinha que ensinar. Às vezes, o plano de aula tinha duas folhas, porque a gente tinha que colocar ali tudo o que ia ser feito. E se não cumprisse tudo, no outro dia a gente falava que o plano não foi executado totalmente e colocava aquilo de novo porque tinha de ser dado. E tinha que fazer isso em todas as matérias, na matemática, nas ciências, porque tinha também o dia de plantar o feijãozinho, e a gente plantava e depois todos levavam para casa. Tinha um pouquinho de tudo, tinha geografia, tudo assim bem simples, porque o mais importante era ler e escrever e a matemática.

E você tinha que mostrar o plano de aula para a diretora?

Tinha, mas não era todo dia que ela pedia o plano de aula.

O tempo todo que a senhora trabalhou no Grupo Escolar Clarimundo Carneiro foi com a dona Carmelita como diretora?

Não, teve também a Dona Dina, a Neide Fernandes, mas a executora deste plano, deste método (Global) foi a Dona Carmelita.

E como era com as outras diretoras? Elas tinham o mesmo estilo de direção, de correção dos planos, ou era diferente?

Nossa tinha! Elas cobravam os planos da gente, às vezes, se por um motivo ou outro a gente não tinha feito a gente passava apertada. Porque, com o passar dos anos, a gente já sabia o que tinha dar e registrar a gente tinha que registrar, mas a gente já sabia o que vinha na sequência, era aquele mundo de plano. Tinha de plano de primeira série, de segunda, terceira, quarta, tudo. E quando as outras meninas precisavam de material a gente levava para a secretaria e passava no mimeógrafo. Hoje, o mimeógrafo está tão ultrapassado que eu acho que não tem nem para museu. Mas uma coisa eu tenho certeza que o ensino de mais antigamente, eu falo assim porque eu sou antiga, era muito melhor do que o de hoje, a meninada aprendia mesmo, pois só passava para as outras séries se soubesse o que era cobrado. Hoje, tem menino que passa sem saber, não sabe ler e passa para a segunda, terceira, quarta série. Têm meninos que não sabem escrever até hoje. Antigamente era bom com força, se pudesse voltar como era a meninada de agora ia aprender tudo mesmo direitinho.

PROGRAMA DE ENSINO

E a senhora se lembra do programa de ensino do governo?

Não me lembro, mas o ensino era baseado nele. O programa de ensino cobrava, exigia, não era moleza. Hoje a secretaria da educação fala os meninos não podem tomar bomba, eles não podem ficar repetindo o ano, o que vai sobrar então as professoras não podem ficar cobrando muito. Hoje, as professoras não podem dar nenhum castigo, mas também não é certo bater em menino ou coisa assim, toda vida não podia, mas tinha uns corretivos, deixava o menino de castigo, quieto, tinha algumas restrições. A gente dizia: todo mundo vai assistir um filminho e você não vai porque não mereceu, tinha alguns castigos assim, nada físicos, mas tinha alguma coisa que os meninos tinham medo, hoje ele não tem medo de nada, eles falam assim: ah, se a professora fizer alguma coisa, minha mãe entra na justiça, se pegar no meu braço para me tirar da sala minha mãe entra na justiça. Hoje, atrapalhou tudo, eu acho o ensino acabou e as professoras coitadas lutam e não tem nenhum entusiasmo, como elas vão se entusiasmar para dar aula. Mas, do programa mesmo eu não me lembro, mas eu sei que a gente seguia o programa, todo mundo tinha de seguir.

A senhora teve um Programa de Ensino?

Não, para eu ter e ler assim não, mas a escola tinha e passava para a gente tudo o que devia ser feito de acordo com o Programa de Ensino.

AValiação

E como que os alunos eram avaliados?

Era com provas. A gente tinha que aplicar um teste mesmo. Para os nossos alunos de primeira série tinha o teste de leitura aplicado por uma pessoa que media a leitura dele, geralmente era a diretora ou a vice-diretora, a que estivesse disponível. A gente mandava três meninos da minha sala para o exame de leitura, e cada um ficava com um livrinho, eles ficavam

sentadinhos lá treinando e se eles lessem correntemente era sinal que já estavam aptos para a segunda série. A leitura e a escrita que mediam se o menino podia passar para a segunda série, matemática também, mas não aquela matemática complicada, eram os fatos fundamentais. A gente fazia cartazes sobre isto, por exemplo, três mais dois, os fatos fundamentais, não tinha tabuada, mas tinha os fatos fundamentais. A gente falava: três mais um, olhem aqui para ver quanto dá, quatro, isto era em todas as operações, na divisão e tudo, mas pouco nada grande. Eram os fatos fundamentais pequeninhos mesmo, tinha alguns probleminhas, tinha aquele “quadro valor de lugar”. Tinha matemática e português todos os dias, tinha que ter.

Isso era cobrado?

Sim era cobrado, e as provinhas não era a gente que fazia não, eu acho que juntavam as professoras todas e faziam uma provinha. Às vezes, para aqueles meninos repententes era uma prova diferente, mas para os pequeninhos da primeira série que estavam aprendendo a ler era a mesma provinha e era feita no mesmo dia para não ter perigo de um ter visto a prova do outro. Os meninos faziam prova e tinha que passar, eram bem avaliadinhos.

Parece que havia umas provas enviadas pela Secretaria do Estado da Educação, você lembra disso?

Não estou lembrando se mandavam... Eu me lembro que para a segunda, terceira e quarta séries vinham as provinhas, mas as de primeira série não estou lembrando, mas eu acho que vinha sim.

Falaram-me que as provas vinham lacradas.

Ah isso, era tudo sigiloso, nossa, era um sigilo, era igual prova de vestibular vinha tudo fechado.

E além das provinhas, a senhora avaliava também no dia a dia?

Sim, todo mês tinha uma provinha.

E essas provinhas a senhora que fazia?

Essas provinhas mensais era a gente que fazia, mas mostrava para a diretora. Tinha que passar pela diretora porque se estivesse muito pesado ela diminuía e se estivesse muito fraquinha ele aumentava. E as notas das provas a gente passava para o boletim. Todo mês a gente fazia provinha e mandava as notas para as mães, e a mãe tinha de assinar. Era muito trabalho, a gente trabalhava muito corrigindo essas provas, e ainda tinha que passar notas para esses boletins. Geralmente a gente levava tudo para casa porque na sala de aula era para trabalhar com os meninos e a gente não podia ficar perdendo tempo ali.

E correção de caderno, levava os cadernos para casa?

Levava e tinha o caderninho de ditado e, às vezes, a gente fazia um, dois ou três ditados e levava para casa para corrigir tudo. A gente levava aquele monte de cadernos, e eu ia a pé para a minha casa, não era muito longe, todo mundo era pobre ninguém tinha carro, andávamos todos a pé.

Mas tinha reprovação?

Às vezes tinha uma ou duas, pois o menino que não sabia ler corretamente ficava. Às vezes ele era até bonzinho em matemática, mas se não leu correntemente ele não vai para a segunda série.

Era muito rigorosa essa avaliação?

Era rigorosa, se sabia ler o menino passava para a segunda série, se não sabia ler não passava.

AUTO AVALIAÇÃO**Como a senhora avalia o trabalho que fez alfabetizando as crianças nesse período?**

Era um trabalho que foi evoluindo assim gradativamente, porque não podia pular etapas, nós seguíamos as etapas certinhas. Se os meninos estão aprendendo a ler agora, eu não vou dar um texto enorme para ele ler, eu tenho de dar na sequência, ir devagar. Eu avalio se foi dado tudo o que tinha que dar, se algum menino não aprendeu, a ler eu avalio se foi porque apresentou muito desinteresse, porque a gente nem pode falar, mas, às vezes, a memória da criança era mais "curtinha", mas foi dado todo conteúdo do começo até o final do ano, porque tinha de dar, às vezes, quando tinha feriado, essas coisas, atrasava a gente, mas aí a gente corria, corria para dar conta, mas, no final das contas, a gente dava conta de tudo.

E foi um bom trabalho?

Muito bom, eu gostei do trabalho. A primeira vez eu pensei: será que eu vou dar conta disso, pois eu não conhecia o método (Global), saí do normal e no mesmo ano que terminei fui trabalhar na escola. E, no Normal, a gente não aprende isso (Método Global), eu aprendi tudo isso com a D. Carmelita. A gente aprendia métodos de relacionamento com os meninos, filosofia com os meninos, mas um método para alfabetizar eu aprendi mesmo foi na escola com a D. Carmelita, eu devo tudo a ela, o que eu aprendi, o que eu passei para os meninos foi ela quem me ensinou, e eu achei que eu desenvolvi tudo direitinho. Tive muitas falhas, ninguém é perfeito, mas eu acho que eu consegui muita coisa.

Se a senhora pudesse escolheria ser alfabetizadora novamente?

Se fosse para trabalhar na área da educação eu gostaria de alfabetizar de novo sim, não queria pegar uma segunda, terceira ou quarta séries, queria mesmo as crianças pequenininhas da primeira. E, hoje, seria maravilhoso porque as crianças já fizeram jardim, o pré, elas já vêm prontinhas e só te entregar para acabar de ensinar e pronto. Eu gostaria, só que hoje, com a minha idade, eu não tenho vontade de voltar para sala de aula, mas se acontecesse alguma na minha vida, eu voltaria.

Por exemplo, se a senhora estivesse começando sua carreira...

Sim, com certeza, pois é muito gratificante, é muito lindo, as crianças são uma graça, e elas se apegam tanto a gente que a gente ama, gosta mesmo. No dia em que faltava uma criança a gente sentia que faltava, aquele pedacinho ali, a gente amava muito as crianças. Hoje nem sei se professor ama algum aluno, sei lá, fica brigando, tem menino muito levado. Na época da gente, falavam que eram uns meninos bobinhos, mas não eram bobinhos nada, eles tinham falta de oportunidade de se desenvolverem, tinha uns que sabiam conversar mais, que sabiam mais da vida. Hoje, você lida com meninos que já sabem mexer no computador, já acha o desenho que ele quer, com dois anos eles escolhem o que eles querem, naquela época nem eu tinha este tipo de oportunidade, ainda mais os meninos.

Tem muitas coisas que foram mudando com o tempo.

Mas os meninos não tinham nada de bobinhos, alguns, às vezes, tinham a inteligência mais "curtinha", mas não era culpa deles, mas o resto faltava só desenvolver e, no final do ano, ficavam aqueles meninos que apresentavam teatro, cantavam, dançavam, desinibiam durante

o tempo, porque a gente trabalhava realmente com eles, os meninos eram diferentes, as pessoas eram diferentes.

E os pais?

E os pais também, os pais apoiavam a gente. Hoje, se o professor cobra mais do menino o pai vai lá e fala: você fez isso, fez aquilo com meu filho. E, os pais compareciam, a gente conversava sobre o probleminha de cada um, às vezes, era um problema de disciplina, aí o pai corrigia em casa. E a gente falava muito: não se bate em criança, a gente passava muita coisa boa para eles, porque, às vezes, eles queriam chegar em casa e bater. E era uma harmonia, era muito bom, gostava da criançada, um trazia uma flor pra gente, outro trazia um doce, era desse jeito, e eles se apegavam a gente também. A Classe do primeiro ano é a que mais se apegava e a gente não esquece, você se lembra da sua primeira série?

Lembro-me sim.

E, é assim, mas agora as crianças tem uma professora no maternal, no pré e outra, quando chega à primeira série, a professora que vai ensinar já é a quarta.

É verdade.

Antigamente era a primeira professora, aquela que me ensinou a pegar no lápis, que me ensinou a escrever a ler, então essa era realmente a primeira professora. E tive uns alunos que hoje são médicos, engenheiros, tem um que trabalha aqui na prefeitura. Tem um médico que é diretor de um hospital lá em Ituiutaba. E eu conheço as mães deles, por isso estou sempre sabendo notícias. Tem um que é engenheiro lá da Eletronorte, lá em Brasília, ele fez aquela rodovia lá e, não faz muito tempo, eu encontrei com a mãe dele e ela falou que ele vinha de lá, me falou que no dia que ele chegasse, ela iria me ligar para eu ir lá ver ele e eu fui. Ele me abraçava, me beijava tanto, e já estava com uns filhos crescidos, com a esposa. Eu fico tão agradecida com umas coisas dessas, é tão bom, muito gratificante. Você vê, ele formou em engenharia e isso teve muitos, de vez em quando eu fico sabendo de um ou outro que foi meu aluno. Esse, que é engenheiro da prefeitura, um dia eu encontrei em um casamento e ele me falou: D. Célia eu tenho um livro que você me deu que eu guardo com aquilo que eu tenho de mais bem guardado. Eu dediquei o livro a ele, e ele disse que guarda esse livro até hoje. E tem uns alunos que a gente lembra bastante, igual aquele dia em que você me mostrou o livro de chamada, as atas de promoção, eu me lembrei de muitos meninos que foram meus alunos, eu lembro até dos rostinhos deles, uns loirinhos, outros moreninhos, os negros, todos, eram de todo jeito. Foi um tempo muito bom, mas eu casei nessa época e fui para São Paulo, depois para Goiânia e, depois que eu voltei para cá, fui trabalhar na Escola Estadual Afonso Arinos, na secretaria, mas eu já via assim os professores e os alunos, que diferença. Eu peguei aquela época do Grupo Escolar Clarimundo Carneiro e peguei um pouco depois, eu vi as duas realidades, uma época um pouco distante da outra. Tem mais alguma pergunta?

Agora nós conseguimos completar a entrevista.

Está igual bateu com as outras (entrevistas das alfabetizadoras)?

É tem coisas que a gente vê que é comum a todas.

Dá pra ver o interesse de todas para alcançar o mesmo objetivo. Tem mais uma coisa, quando a gente estava em sala e mandava as crianças ler um textozinho, a gente falava para eles prestarem muita atenção em tudo que estava acontecendo ali, naquela historinha, para a gente fazer uma interpretação. E na interpretação a gente fazia assim: perguntava para a criança,

qual era o nome da criança da historinha que você leu? O que ela fazia ou o que ela gostava de fazer? No texto falava se ela era bonita ou ela era feia? Então a gente acumulava muitas perguntas em volta daquele texto, pois era uma maneira da criança mostrar que leu e entendeu o que leu. Então aquela era uma interpretação texto, isso era feito muito, era uma coisa muito interessante ver que o menino não estava lendo igual papagaio, ele estava lendo e entendendo o que realmente estava escrito ali. E a gente formulava perguntas sobre aquilo, às vezes, até perguntava alguma coisa meio estranha para ver se eles tinham lido ou não. E eles respondiam, ah tia isso não tem no texto não. Era bom porque a gente sabia que realmente os meninos tinham lido, a interpretação é muito importante até hoje, não é? É muito interessante saber ler e entender o que leu, às vezes, lê rápido sem saber o que está lendo. E um aluno, que está estudando, se não prestar atenção não dá, tem de saber interpretar o que leu. Isso eu tinha me esquecido de falar e é muito importante.

É bom a gente guardar isto mesmo, muito importante!

CONVERSA SOBRE AS FOTOS E MATERIAIS LEVADOS PARA ENTREVISTA

Antes de iniciarmos propriamente a entrevista gostaria de mostrar para senhora umas fotos do acervo do Grupo Escolar Clarimundo Carneiro. Se a senhora se lembrar de alguém ou algum acontecimento retratados nestas fotos, a senhora pode me contar.

Esta aqui na foto é a Edir Lobato, ela era tão boa. Você já entrevistou a Edir.

Entrevistei.

A Edir tem uma carga de conhecimento sobre educação maravilhosa. (Dona Célia observa foto com os cartazes da cartilha As mais Belas Histórias). Nós fazíamos cartazes dos Três Porquinhos. No fim de semana, a gente reunia na casa de uma (das alfabetizadoras) e fazíamos cartazes. Porque essas leituras suplementares era uma coisa essencial na alfabetização daquela época. Então a gente fazia os cartazes. Na minha casa, fazia um monte (de cartazes), também íamos para a casa da Edir, para casa da Ieda e para cada de todas as professoras. E a gente revezava aqueles cartazes, porque se fizéssemos 30 cartazes, só daria para 30 dias. Portanto, nós fazíamos um rodízio dos cartazes. Nós nos reuníamos no final de semana e era até divertido, nós fazíamos um lanche. Nós éramos dedicadas demais à escola. Hoje, professor vai para casa e acabou, não quer mexer com cartaz, não quer mexer com trabalho de escola, não quer mexer com mais nada.

Comentaram comigo que havia dois tipos de sala no grupo, dos novatos e dos repetentes. Em qual tipo de sala a senhora lecionava?

Quando chegávamos à escola a diretora ficava testando a gente. Quando ela via que a gente tinha condições de pegar uma sala melhor, ela já passa para gente. Mas quando a gente entra pega sempre a piorzinha, era para ver o trabalho da gente. Se você conseguiu alguma coisa, já no ano seguinte você pega uma sala melhor. Boa era a sala dos iniciantes. Porque os repetentes já vinham com muito vício, muita coisa que aprenderam mal, parece que a educação vinda de casa era pior, era diferente.

(mudança de local devido ao barulho)

Retomando a conversa sobre as fotos.

Aqui nesta foto está Alice Bessa, Dona Dina, dona Carmelita, essa outra aqui eu não estou lembrando. Tem pessoas que a gente até esquece o nome, mas da pessoa não.

A senhora participou da jornada pedagógica?

Particpei. Olha nesta foto, o Renato de Freitas. Nesta aqui, a escola, agora está bem desmazelado você viu? Dá uma tristeza quando a gente vê assim.

GRUPO

Várias professoras comentaram que o Grupo Escolar Clarimundo Carneiro, quando inaugurou, era uma escola linda!

Todo mundo queria estudar lá, era uma escola bem conceituada. E quando a dona Carmelita era diretora lá, tudo andava perfeito, pois ela era boa demais, mas sabia dosar tudo, na hora de ficar brava, ela ficava, na hora de elogiar, ela elogiava, então tudo ali ia bem. Era uma escola muito bem conceituada.

(ainda olhando as fotos)

Aqui a dona Dina, o Homero Santos. Às vezes, a gente se esquece de alguns nomes, outros a gente não esquece não, a Neide, muito boa diretora também.

Dona Célia, se a senhora lembrar-se de alguma solenidade (nas fotos) a senhora pode me contar. Eu gostaria de perguntar para a senhora é se a senhora estava lá na transição quando deixou de ser Grupo para se tornar Escola Estadual?

Não peguei, eu me casei antes!

Então a senhora saiu antes. A senhora saiu do Grupo Escolar Clarimundo Carneiro em 1970, não foi?

Isso. Quando passou para Escola Estadual?

Em 1973.

Não peguei a transição.

(ainda olhando as fotos)

Você sabe que os meninos liam correntemente. Eu conto isso sempre, chegavam para mim crianças que não sabiam nem pegar um lápis. Hoje, o menino de primeira série já tem uns quase alfabetizados, porque eles passam por jardim I, jardim II, pré, não sei mais o que, então falta pouco para o menino aprender a ler. E a gente pegava o menino, ele não sabia de nada, nem pegar em um lápis.

Era raro ter educação infantil?

Não tinha. E tinha de entrar na escola com sete anos, então eram uns meninos grandes que não sabiam ler, nem pegar um lápis, nem nada. Então era bom demais, a gente começava com o menino “cruzinho” e, no final do ano, a gente entregava os meninos lendo, fazendo redações, nem que fosse de dez linhas, mas redações com sentido, com começo, meio e fim, uma gracinha. Parecia pipoca na panela, a gente preparava aquilo ali, no começo do ano era preparação, coordenação motora, aquilo tudo pra quando chegar em outubro, novembro e dezembro, a primeira pipoca começa a arrebentar, “ploc, ploc, ploc”, aí um dia é um, dois, três, quatro e no final todo mundo está lendo, aí era maravilhoso. Você tinha que ver que beleza, o dia em que você colocava um texto lá na frente e perguntava: - fulano você dá conta de ler aqui? Fulano completa. Continua. E no final todo mundo sabia ler, era lindo! E a gente fazia cartazes bonitos, coloridos, eram lindos nossos cartazes. Eu deixei os meus cartazes na escola para a professora que foi minha sucessora.

O período em que a senhora trabalhou no Grupo Clarimundo Carneiro foi sempre como alfabetizadora?

Só com a primeira série. Eu peguei uma vez uma primeira série em que os meninos já sabiam ler, mas tudo com defeito, com erros demais, não sabiam nem conversar, respondiam tudo errado, escreviam os números espelhados...

Eram repetentes?

Eram. Mas consertar é muito pior do que começar com meninos que não sabem nada. A letra dos meus meninos era igual minha letra, porque olhavam a minha letra, copiavam a minha letra do quadro, observavam como eu fazia a minha letra, então a letra era igualzinha a minha. Quando eu casei, eles fizeram despedidas demais. Cada um escrevia um bilhetinho. Até pouco tempo, eu ainda tinha tudo isto. Eles escreveram uma cartinha falando que iriam sentir falta de mim, que eu era a segunda mãe deles. Nossa eu chorava tanto, mas tudo isto era muito gratificante. (vendo fotos...) Será que vai ter foto minha aqui?

Acredito que sim.

Olha o teatrinho.

A senhora tem fotos daquela época, do Grupo Escolar Clarimundo Carneiro?

Não, não tenho, parece que eu tenho uma que tiramos na porta do Grupo Escolar Clarimundo Carneiro, daquelas que a gente olhava no burquinho você lembra (monóculo), mas eu não sei onde esta não, se eu achar eu mostro.

Parece que a turma de vocês era muito unida...

Era muito unida mesmo, era uma gracinha. E a Dona Carmelita, a gente era tudo para ela. Olha (vendo fotos) este aqui é filho da Neide, é eu acho que ele é filho da Neide. Você falou com a Neide?

Ainda não, mas eu quero conversar com ela.

Aquela lá é um poço de conhecimento

Eu falei coma dona Neusa e ela ficou de entrar em contato com a Neide e a dona Edir ficou de entrar em contato com a Dona Carmelita para saber se elas me concedem uma entrevista.

A Carmelita tem até escola com o nome dela.

Eu não sabia

Tem sim, Escola Estadual Carmelita Vieira dos Santos. (vendo fotos) Olha a Neusa aqui.

E por tudo que eu ouvi de outras professoras tanto a dona Carmelita como a dona Neide foram muito ativas.

A Neide até pouco tempo era diretora do COC. Ela era diretora lá.(vendo fotos) olha, mas que coisa boa, a gente recorda tanta coisa, dessa época. Eu não era nem casada, eu saí quando eu casei.

Então a Senhora nem se aposentou como professora?

Como professora não. Depois eu trabalhei na Escola Estadual Afonso Arinos e lá eu trabalhei na secretaria.

Vou mostrar para a senhora agora as atas dos exames finais de quando a senhora trabalhou no grupo.

(Olhando as atas) Vários desses meninos eram filhos de professoras. Eu quero ver achar se eu acho um aluno chamado Gilmar. Achei o nome dele, Gilmar Borges Rabelo, ele era bom aluno, era paraplégico, não por causa de doença, ele caiu sentado de cima de um lugar, tipo uma faquinha, teve uma lesão e ficou paralítico. Hoje ele é engenheiro da prefeitura e cuida da parte de acessibilidade. De que ano é esta ata.

1966

Eu quero contar para ele que eu vi o nome dele na ata. Eu fiquei até emocionada de ver o nominho dele. A gente olha essa ata e vai lembrando até os nomes dos meninos, é ótimo isto aqui, a gente recorda muita coisa. Eu tive uma aluna, Kátia Sandin, deixa ver se eu acho o nominho dela aqui, ela era uma gracinha. Uma vez caiu uma calda quente nela, quando era pequena. Olha a ata dos exames finais do ano de 1969, depois eu trabalhei só mais um ano. Me deixa ver se tem ela, achei Kátia Maria Vidal Sandin. Esse Ronaldo Borges Dornelas, também me lembro dele, ele é um dos engenheiro lá de Brasília, ele trabalhou lá na rodovia Belém Brasília. Olha esta Célia Alves, lembro-me dela demais, depois eu vou ver isto aqui com muita calma.

MOSTRANDO AS IMAGENS DAS CARTILHAS

Estas cartilhas aqui, todas elas foram cartilhas que foram usadas no período, como eu não consegui a cartilha mesmo, então eu peguei várias imagens.

Da época que você esta falando é de quando trabalhei no Clarimundo (Grupo Escolar Clarimundo Carneiro)?

Não, da época toda, pode ser que tenha alguma cartilha que a senhora reconheça do período em que foi alfabetizada, junto com a imagem tem algumas informações, inclusive o ano da primeira edição.

Deixe-me ver.

A senhora disse que se lembra da cartilha Sodré?

Foi alguma coisa Sodré.

Nesta lista tem a cartilha Sodré, a senhora verá a imagem.

As Mais Belas Histórias, essa aqui foi da época do Clarimundo (Grupo Escolar Clarimundo Carneiro). Olha só, da Lúcia Casasanta, na época ela era viva.

A senhora chegou a fazer algum curso com a Lúcia Casasanta?

Não fiz curso com ela, mas eu sabia que ela era viva.

Houve professores desta época que fizeram cursos com ela.

Não eu não fui. O Livro de Lili eu me lembro dele, era da Anita. Onde está o Patinho. Olha a cartilha Sodré.

ROTEIRO DE ENTREVISTA DIRETORA

DADOS PESSOAIS:

NOME COMPLETO:

Endereço:

DATA DE NASCIMENTO:

ESTADO CIVIL:

NATURALIDADE:

TEMPO E PERÍODO QUE ATUOU COMO Diretora:

Nome da escola:

1) Que recordações você tem do período em que foi alfabetizada? (local, professor, materiais, maneira de ensinar, cartilhas)

2) Antes de ser diretora, você foi professora? Quando começou a dar aulas já tinha feito algum curso (normal, magistério, faculdade). E depois dessa primeira formação, a senhora fez mais algum curso?

3) Como diretora você orientava as alfabetizadoras? (Como?)

4) Como era o ensino de leitura e escrita naquela época? O que era utilizado (Ditados, Treinos ortográfico, Textos, Cartilha) havia planejamento? Como era?

5) Como acompanhava o trabalho dos alfabetizadores?

6) Você lembra das orientações do programa de ensino? Como era? Usava as orientações com os professores de sua escola?

7) Você lembra de como eram as avaliações?

8) Como avalia o trabalho realizado por você com relação as alfabetizadoras da escola e o processo de ensino naquele período?



Universidade Federal de Uberlândia
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação

TERMO DE CESSÃO

Pelo presente documento, eu Carmelita Lívia da Santos,
brasileira, carteira de identidade nº M/279.663-1.P.P.M.G., cede e transfere neste ato,
gratuitamente, em caráter universal e definitivo à Universidade Federal de Uberlândia, a
totalidade dos seus direitos patrimoniais de autor sobre o depoimento oral corrigido prestado a
pesquisadora Vanessa Lepick, portadora do RG nº M6-174.363 SSP/MG.

Fica, pois a Universidade Federal de Uberlândia, plenamente autorizada a utilizar as fotos,
encontradas no Arquivo Público Municipal, no Arquivo da Escola Estadual Clarimundo
Carneiro e o referido depoimento, no todo ou em parte, editado ou integral, inclusive cedendo
seus direitos a terceiros, no Brasil e/ou exterior.

Sendo esta a forma legítima e eficaz que representa legalmente os nossos interesses, assinam o
presente documento em 02 (duas) vias de igual teor e para um só efeito.

Uberlândia, 15 de januário de 2013

Carmelita Lívia da Santos
Assinatura

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
PESQUISA DE MESTRADO
Modos de Alfabetizar no Grupo Escolar Clarimundo Carneiro no Período de 1963 a 1973
Pesquisadora Vanessa Lepick

DADOS PESSOAIS

Nome: Santos.

Data de Nascimento: 25/06/1926

Estado civil: Solteira

Naturalidade: Uberlândia-MG

Eu nasci na Fazenda em Martinésia (Distrito de Uberlândia), e vim para cá com 08(oito) anos. Meu pai faleceu e minha mãe veio com 12 (doze) filhos.

Doze Filhos? Família grande! Agora vou passar às perguntas que eu gostaria de fazer para a senhora.

O que eu puder responder, dentro do meu limite, porque já fazem quase 50(cinquenta) anos, não dá para eu me lembrar de tudo.

RECORDAÇÕES DA ALFABETIZAÇÃO

Eu queria perguntar: Que recordações a senhora têm do período em que foi alfabetizada?

Fui alfabetizada informalmente. Morava na fazenda e em casa tinha uma escola. Naquela época só podia entrar na escola quem tivesse 07 (sete) anos completos, mas, como a escola era em casa, eu me sentava na porta da sala. O professor era bravo e não me deixava entrar, mas, lá da porta eu assistia suas aulas. Foi assim que aprendi a ler!

Mas, a senhora nem frequentou a escola depois?

Não, meu pai faleceu, vim para Uberlândia e fui estudar no Grupo Escolar Bueno Brandão.

Mas, a senhora chegou a frequentar a escola na fazenda?

Só naquela época.

A Senhora chegou a usar alguma cartilha na época?

Lá na fazenda?

Isso.

Não, eu não me lembro de estudar em cartilha nenhuma. Eu me lembro de ficar informalmente assistindo aula. Assim aprendi a ler!

E a escola era aquela multisseriada?

Era. A Cartilha usada era do Método Sintético e da Silabação.

A Senhora se lembra do nome da Cartilha?

Cartilha da Infância. É a do chamado AEIOUY.

Foi muito comum o uso desta cartilha?

Acredito que sim.

Quem foi seu (a) professor (a) no Bueno Brandão?

Minha professora tinha o meu nome Carmelita.

Naquela época tinham muitos professores leigos, a senhora tem noção se sua professora era?

Eu tenho a impressão de que estes professores eram normalistas. Eram todos de Classes sócio econômica melhor. A única coisa que a mulher podia fazer era ser professora.

E o professor da fazenda? Será que era leigo?

Formado eu acho que não, mas, era muito capacitado.

ATUAÇÃO PROFISSIONAL

Qual é o tempo que a senhora atuou como Diretora no Clarimundo Carneiro?

Foi de 1963 até 1966. Em Junho de 1966 fui para a Delegacia Regional de Ensino.

Voltei em 1972. Eu saí em Dezembro de 1971 da Delegacia Regional de Ensino. Era período de férias. Quando as aulas iniciaram, tive que me apresentar ao Grupo Escolar Clarimundo Carneiro, por ser diretora concursada. Fiquei lá até me aposentar em Agosto de 1972.

Antes de ser diretora a Senhora foi professora?

Sim

Então a senhora foi professora quanto tempo e onde mesmo?

Fui por 19 (dezenove) anos, No início em uma escola municipal que se chamava “Nossa Senhora do Carmo”, mais tarde se transformou em Escola Estadual Bom Jesus.

Como professora de que série?

Professora de 4ª série.

A senhora foi alfabetizadora?

A primeira turma para a qual eu dei aula foi de 1ª série. Usei a cartilha de que te falei a Cartilha da Infância.

FORMAÇÃO PARA O MAGISTÉRIO

Quando a senhora começou a dar aulas já era habilitada? Tinha terminado o Curso Normal?

Eu tinha terminado o Curso normal. Fiz aqui no Colégio Nossa Senhora.

Depois desta primeira formação no Curso Normal a senhora fez mais algum curso?

Eu fui para Belo Horizonte. Fiz o Curso de Orientação Educacional e Administração Escolar.

Os cursos tinham que duração?

Dois anos.

E a senhora teve de ficar morando lá?

Sim, já era professora do Estado e recebi bolsa de estudos do Estado.

A Senhora disse que atuou como alfabetizadora trabalhou com algum método?

Sim, Método Silábico.

E era o que se aprendia no Curso Normal?

Era.

Como diretora como a senhora orientava as alfabetizadoras?

Era uma orientação “Tête a tête” (frente a frente). As professoras faziam o plano de trabalho e eu dava aulas de demonstração de como apresentar os cartazes. Tinha que ter muito material.

Elas trabalhavam em equipe. Eu fazia reuniões com professoras de 1ª, 2ª, 3ª e 4ª séries em separado. Eu assistia às aulas e, em separado, comentava os aspectos positivos e negativos. Dava por escrito as orientações para cada uma de como trabalhar o Método.

E, a senhora, quando começou a dar aulas pode contar com este tipo de orientação?

Não, não recebia orientação de jeito nenhum.

A Diretora cuidava mais da parte administrativa?

Sim.

E este modo de trabalhar com as professoras a senhora acha que teve a ver com sua formação em Belo Horizonte?

Sim. Quando eu voltei para Uberlândia, eu falei: se lá foi tão bom agora que estou com uma escola em minhas mãos eu vou trabalhar com o Método Global.

E isto começou onde?

Foi no Grupo Escolar Seis de Junho, por pouco tempo.

Dona Carmelita havia diferença entre as professoras e salas de aulas, até mesmo de alunos?

Sim, Se o aluno chegasse a repetir é porque não tinha completado o processo de alfabetização. Ele continuava o processo por mais um período. Concluído o processo iniciavam-se as atividades da série seguinte.

Disseram-me que para trabalhar o Método Global era preciso ter muita segurança?

Mas eu dava segurança! Eu dava aulas de demonstração à frente aos alunos, para ajudar um pouquinho às professoras. Qualquer dificuldade, elas recorriam a mim e eu estava presente. Foi muito bom. Conseguimos um resultado excelente!

Todas as professoras que entrevistei me disseram que era uma turma muito unida!

Sim, trabalhavam em equipe. Eu via o plano de aula todos os dias e se tivesse alguma atividade inadequada, eu anotava e orientava as professoras.

E como era o acesso a este material? Era o Estado que dava?

A gente comprava, ganhava, fazia campanha, o Estado dava um pouco, mas, as professoras compravam com o dinheiro delas. Eram ótimas. Assumiam realmente que queriam ser educadoras, enquanto eu trabalhei o Corpo docente podia ser melhor de 1ª à 4ª série, tanto diurno quanto noturno.

Uma curiosidade: o período do Grupo foi o período da ditadura militar, isto influenciava em alguma coisa no trabalho?

Se influenciava? Talvez pudesse influenciar, mas a gente não percebia, mas você quer saber como? Medo de mandar professor embora, alguma coisa assim?

Se a senhora, como diretora, tinha que ter uma postura mais rígida? Era muito cobrada?

Não. Não havia estas exigências, tinha era muito pedido político e, até hoje, é assim. Eu não atendia.

Mas a senhora tinha que ter muita segurança para fazer isto, para poder dizer “não”?

Mas eu falava “não”.

Isto era bom porque se não tivesse esta liberdade de se impor seria muito mais difícil não é?

Eu era nomeada, as professoras eram muito dedicadas, muito responsáveis.

PROGRAMA DE ENSINO

E o Programa de Ensino como era?

O Programa de Ensino vinha do Estado, era uma orientação. Você podia trabalhar em cima daquilo, era o básico, vinha uma orientação do que você tinha de dar em cada série.

E a forma de trabalhar, a metodologia?

O Programa de Ensino não determinava uma forma, um método lógico específico. As professoras é quem deveriam ter o conhecimento da metodologia.

Até quando se usou este método de ensino, a senhora tem ideia?

Quando eu saí do Clarimundo Carneiro, este Programa ainda estava em vigor, depois foi mudando, as coisas vão se atualizando ficando mais modernas.

Todo o professor tinha o seu Programa?

Não. Os professores usavam o Programa de ensino da escola.

ENSINO DA LEITURA E ESCRITA NO GRUPO

Dona Carmelita eu quero saber mais especificamente sobre como era o ensino da leitura e da escrita.

Na fase da alfabetização adotou-se o Método Global de Contos. As professoras seguiam rigorosamente as fases do Método. Os meninos faziam o período preparatório antes de começar com o pré-livro, e neste período preparatório de dez dias, quinze ou vinte dias, dependendo da turma a gente ia classificando os meninos. Aplicava-se o teste da figura humana e, de acordo com o resultado, classificavam-se os alunos. O aluno de um nível melhor já com linguagem desenvolvida pronuncia perfeita, capaz de raciocínio lógico, já iniciava o pré-livro. Formavam-se as classes, segundo o desenvolvimento da criança.

E quando se estava trabalhando com o pré-livro, eu orientava diariamente as professoras como se devia dar aulas. Dizia como elas deveriam apresentar o primeiro cartaz, como começar, com que tipo de material, como usar o material suplementar. Eram dois períodos de leitura por dia, depois quando o aluno decorava o cartaz, porque precisa decorar, quando já era capaz de decorar três ou quatro cartazes, a professora já podia entrar na fase da sentencição. Quando a classe era boa, em um dia eles decoram, mas havia classes que levavam até quinze dias para decorar um cartaz, depende do nível de desenvolvimento da criança.

Depois que terminou a sentencição, vinha a porção do sentido, a palavração. Nessa altura, os meninos já são capazes de ler muita coisa, mas tinha que ter muita leitura intermediária, que ocorria entre o final do pré-livro e o primeiro de leitura. Essas leituras intermediárias são historietas bonitinhas, relacionadas ao pré-livro, com o maior número possível de vocabulário para enriquecer o vocabulário.

E este teste era aplicado como?

No começo das aulas mandavam-se os alunos desenharem as famílias deles. Era o teste da figura humana, pelo desenho você ia analisando, observando o desenvolvimento da criança.

E era só este teste ou havia mais que era utilizado?

O Lourenço Filho era muito utilizado na época.

O método Global de Contos era muito trabalhoso? E as condições metodológicas eram oferecidas?

Sim, era trabalhoso, mas, as condições para aplicá-lo eram oferecidas, eu me desdobrava, fazia de tudo para ajudar as professoras. Sempre fui apaixonada pela alfabetização. Tínhamos um vasto material didático, incluindo as leituras suplementares. As técnicas e os materiais didáticos eram aplicados pelas professoras que não mediam esforços e dedicação para executarem o trabalho corretamente.

E como a senhora definia quem iria trabalhar com a sala dos repetentes e com a sala doos novatos. Como que funcionava esta divisão?

Não sei, isso nunca foi pré-concebido. Há professores que têm mais facilidade para trabalhar com um tipo de aluno, parece que a gente tinha intuição.

Qual foi a cartilha utilizada no período, foi “*As Mais Belas Histórias*”

Foi, o pré-livro da Dona Lúcia Casasanta, enquanto eu estava na direção, com exceção de uma professora.

Mas a Dona Geny, por exemplo, diz que aplicou outro método.

Ela aplicou o Método Silábico, a Dona Geny não conseguia trabalhar com o Método Global de Contos.

A leitura suplementar era o que exatamente?

A Leitura suplementar deveria ser explorada diariamente, várias vezes. Era indispensável, pois auxiliava muitíssimo no processo de aprendizagem e consistia em:

- Leitura e escrita de cartaz com historietas referentes a cada cartaz do pré-livro.
- Leitura e escrita de historietas não referentes ao pré-livro, de acordo com o vocabulário da criança.
- Interpretação e/ou leitura de gravuras com sentido completo e incompleto.

O aluno inventa uma história sobre a gravura, você a escreve no quadro, e os meninos a copiam, poderia ainda fazer um, ilustrar e pedir para os alunos lerem a história.

E os treinos ortográficos, como funcionavam?

O treino ortográfico iniciava-se quando os meninos começavam a fase da palavrção.

Depois o aluno tinha de tentar fazer sozinho?

Isto, as professoras escreviam a palavra no quando e a apagava ou, às vezes, passava a ficha relâmpago.

E as composições?

Diariamente dava-se a composição, se o menino escrevesse: “José, hoje é o seu aniversário, parabéns!” Isto é uma composição.

E quando o aluno entrava pela primeira vez na escola, na primeira série. Naquela época era raro uma criança passar pelo Jardim da Infância...

Na escola pública não existiam meninos que passavam pelo Jardim da Infância, todos vinham até sem a coordenação motora desenvolvida.

Como é que se fazia? Como se trabalhava com estas crianças no começo do ano?

Era o período preparatório. Demorava de dez, doze, quinze ou vinte dias, dependendo do nível da classe, neste período o menino tem de desenvolver. Você tem de conversar muito contar muitas histórias, o aluno tem de escrever no caderninho sem pauta, fazer exercícios de coordenação motora, recitar poesia, cantar. São várias atividades que você tem de desenvolver com o menino. Ele deve ter o interesse pela leitura.

Quando se percebia que os alunos estavam aptos, iniciava-se com o pré-livro. Apresentavam-se antes as letras, ou não?

Não, já ia apresentando direto o cartaz, dizia que iam aprender a ler em um livrinho bonitinho, que contava uma história bem interessante. Você vai preparando os alunos para receber o pré-livro.

Falaram-me que vocês faziam a maior festa quando recebiam o pré livro?

Sim. Era festa em todas as salas, os meninos ficavam na maior alegria.

E tinha muita reprovação?

Não.

Como era o planejamento?

Meu ou das professoras?

Se a senhora tinha um planejamento, também quero saber.

O que eu planejava eram as metas que estabelecia. Se não por escrito, pelo menos mentalmente. E as professoras faziam os plano de aulas todos os dias.

A Senhora passava material extra para elas?

Sim, para elas colocarem nos planos de aula, orientação de conteúdo.

Na primeira série, além do tempo dedicado à alfabetização o que mais era ensinado às crianças?

Tinha hora de lazer, de ouvir histórias, Fazia-se excursão para conhecer a escola, vizinhança e em outros lugares. Iniciava-se o ensino de Aritmética, Estudos Sociais, incluindo História e Geografia, Ciências e outras mais.

Mas era predominantemente leitura e escrita?

Tudo o que você tem de fazer é voltado para a leitura e Aritmética.

Vocês aproveitavam outras disciplinas para trabalhar a linguagem escrita e oral?

Sim, Para isto fundamentalmente a criatividade da professora e o uso de um vasto material didático na execução das atividades interligadas às demais disciplinas.

AVALIAÇÕES

Outra coisa importante que quero saber é como funcionava as avaliações dos alunos?

O menino deveria saber ler, escrever um pouquinho, fazer ditado, continhas pequenas de adição e subtração. A nota era dada de um a dez, o aluno que conseguia nota igual ou superior a cinco, era considerado aprovado.

E estas provas quem elaboravam eram as professoras?

Não, era eu. As do fim do ano vinham da Secretaria do Estado da Educação, (SEE), vinham fechadinhas a gente só aplicava.

E tinha fiscalização dessas provas? Me disseram que vinha uma pessoa para fiscalizar a aplicação das provas?

Não vinha, era a própria diretora ou outra professora que ficava na sala.

Disseram-me que era um terror?

Não, vinham as provas de 1ª a 4ª séries, prontinhas da SEE, a gente aplicava e fazia a correção em conjunto.

E tinha fiscalização desta correção?

A diretora dava assistência, agora na 1ª série, o teste de leitura era eu que aplicava.

E como funcionava este teste de leitura?

O menininho lia para mim, leu corretamente, aprovado. O teste de leitura oral era realizado individualmente, aluno por aluno.

As provas mensais eram elaboradas pela senhora?

Não, As professoras as elaboravam e eu as supervisionava.

A senhora avaliava as professoras pelo próprio plano de aula?

Eu não as avaliava dando uma nota, eu conversava apontando os pontos positivos e/ ou negativos de seu trabalho.

Como a senhora avalia o seu trabalho em relação às alfabetizadoras da escola e o processo de ensino naquele período?

O meu trabalho, eu o avalio como ótimo, e o das professoras também. Cada uma trabalhou bem, dentro do seu limite. Tudo aquilo que planejávamos conseguir ,nós conseguimos. O nível de ensino era altíssimo de ótima qualidade, muito bom. Eu o avalio: ótimo.

Se a senhora tivesse de fazer este trabalho novamente a senhora faria?

Faria. Faria pois eu gosto muito da educação. É a única coisa que eu sei fazer.

Foi toda uma vida dedicada à educação!

Foi toda a vida! Me formei novinha com 17(dezessete) anos e com 18(dezoito) anos comecei a lecionar.

O que a senhora se lembra e gostaria de acrescentar sobre o Grupo escolar Clarimundo Carneiro, sobre a formação do Grupo se a senhora participou de alguma maneira disto ou se só foi chamada quando estava começando?

Eu recebi a chave do prédio!

Quando já estava pronto?

Sim, recebi a chave eu e a Marlene Cruz, a vice-diretora e as professoras fizemos as matrículas.

Me disseram que tinham uma reunião com cada turma e uma geral?

Sim, Fazíamos reunião com as turmas separadamente e uma geral por mês. Nessa reunião geral tratava-se de todos os assuntos gerais.

Outro Comentário feito por uma professora era de que a reunião com todas as turmas se justificava porque no ano seguinte... (Dona Carmelita complementa)

A professora podia estar lecionando em outra série. Este era um dos motivos para a realização desta reunião mensal. Vou citar outro motivo: a professora aprendia, acrescentava e/ou alicerçava conhecimento. Isto enriquecia sua bagagem profissional.

Fazia-se também um planejamento no começo do ano?

As professoras?

Sim, Aquele planejamento geral do que seria trabalhado durante o ano?

Começava o ano e cada professora planejava o que fazer. O trabalho era realizado de acordo com as diretrizes contidas no Programa de Ensino , elaborado pela Secretaria do Estado da Educação e adaptado às realidades regionais e locais.

Inclusive porque as provas eram cobradas em cima do Programa de Ensino da Secretaria do Estado da Educação?

Porque, como já foi dito, as provas eram elaboradas segundo o programa de Ensino, que oferecia orientações e diretrizes para a execução das atividades. Você podia ensinar a mais a menos não podia.

Ou seja, obrigatoriamente teria que ser ensinado até o limite determinado no Programa de Ensino, mas este limite podia ser ultrapassado?

Sim, as professoras tinham a liberdade de avançar o aprendizado até onde o amadurecimento da criança permitisse. Isto no Clarimundo Carneiro.

E sobre a disciplina das crianças. Como a senhora auxiliava as professoras para que elas conseguissem manter a disciplina em sala de aula?

As crianças eram disciplinadas, se elas fizessem alguma coisa grave, as professoras as encaminhavam para a sala da diretoria, aí eu conversava com elas mantendo diálogo baseado na confiança e no amor.

Um dos trechos que vi nas atas de reuniões, a senhora, explicava que a professora não podia falar alto com os alunos, devia falar em um tom normal de uma maneira carinhosa...

Várias atitudes e posturas deveriam ser ensinadas aos alunos e, conseqüentemente, vivenciadas no dia a dia de quem ensinava. Dentre elas, nessa reunião, destaquei o “falar baixo” para que a criança sinta bem e a vontade para ouvir a professora.

Porque a senhora saiu do Clarimundo Carneiro?

Eu saí do Clarimundo Carneiro porque fui para a Delegacia Regional de Ensino (DRE).

A senhora foi convidada?

Para a Delegacia Regional de Ensino?

Isto.

Sim, fui convidada para assumir a Delegacia Regional de Ensino.

GRUPO

Como era a estrutura física do Grupo?

A estrutura física do Grupo era enorme, tinha corredores largos, subindo a escada e virando à direita, tinha um saguão com uma área imensa. Tinha vários sanitários lá em cima, com chuveiros e sanitários, separados. Lá no fundo havia uma biblioteca enorme, do lado esquerdo tinha a cantina, também muito grande, do lado direito tinha uma enfermaria. Nessa enfermaria tinha cama e uma farmacinha com remédios de urgência, para cuidar dos meninos, caso adoecessem. Tinha até um gabinete odontológico. Era uma escola nova e muito alegre. Mas com o passar dos anos foram modificando a estrutura da escola para fazer mais salas de aula. Eu sou contra isso, sou contra até hoje! Eu acho que a escola tem de ser um ambiente alegre, de bem-estar. Um local onde você entra e vê alegria, vê luz, vê bem-estar. Não esses lugares abafados, com aqueles biombos, paredes provisórias inadequadas, aquilo não faz parte da estrutura do prédio, por isso eu sou contra!

O nome Clarimundo Carneiro era devido a um fazendeiro que doou as terras...?

Clarimundo Carneiro foi prefeito de Uberlândia pertencia a uma família tradicional desta cidade, a família Carneiro.

Mas a senhora chegou a conhecer ou saber estes trâmites da fundação da Escola?

Não, não conheci.

Disseram-me que ainda existe na escola o documento de doação do terreno para a construção do Clarimundo Carneiro?

Quando nós fomos para lá, início da escola, o terreno já era do estado.

E a senhora se lembra de quando foi isto?

Isto deve ter sido em 1964.

Dona Carmelita, todas as pessoas que falaram sobre a senhora, falaram com muito respeito e carinho.

Mas, toda vida, eu tive muito respeito e carinho pelas minhas colegas. Nunca me julguei superior a nenhuma delas.

Dona Carmelita, eu agradeço muito a sua atenção por me receber e responder às minhas perguntas.

Espero ter ajudado.